

Anais do II Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do curso de  
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí  
13, 14 e 15 de fevereiro de 2023



**II ENCONTRO DO ESTÁGIO CURRICULAR  
SUPERVISIONADO DO CURSO DE  
PEDAGOGIA**



# ANAIS

**II ENCONTRO INTEGRADOR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO  
CURRICULAR DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNESPAR –  
CAMPUS DE PARANAVAÍ**

## **FICHA TÉCNICA**

### **COORDENAÇÃO GERAL**

Dr.<sup>a</sup> Adriana Aparecida Rodrigues  
Me. Fabiana Silva Botta Demizu  
Dr.<sup>a</sup> Lucinéia Maria Lazaretti

### **EDITORAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS ANAIS**

Dr.<sup>a</sup> Adriana Aparecida Rodrigues  
Me. Fabiana Silva Botta Demizu

### **COMISSÃO ORGANIZADORA**

Dr.<sup>a</sup> Adriana Aparecida Rodrigues  
Me. Adriana Oliveira Silva  
Dr.<sup>a</sup> Cássia Regina Dias Pereira  
Dr.<sup>a</sup> Conceição Solange Bution Perin  
Me. Fabiana Silva Botta Demizu  
Dr.<sup>a</sup> Fátima Aparecida De Souza Francioli  
Me. Flávio Fraquetta  
Me. Larissa Izidoro  
Dr.<sup>a</sup> Lucinéia Maria Lazaretti  
Me. Lussuede Luciana Souza Ferro  
Dr.<sup>a</sup> Maria Luisa da Silva Borniotto  
Me. Maria José Máximo  
Dr.<sup>a</sup> Rita de Cássia Pizoli  
Dr.<sup>a</sup> Rosângela Trabuco Malvestio da Silva  
Dr.<sup>a</sup> Viviane Silva Batista  
Dr.<sup>a</sup> Taís Renata Maziero Giraldelli

### **COMISSÃO CIENTÍFICA**

Dr.<sup>a</sup> Adriana Aparecida Rodrigues  
Me. Adriana Oliveira Silva  
Dr.<sup>a</sup> Cássia Regina Dias Pereira  
Dr.<sup>a</sup> Conceição Solange Bution Perin  
Me. Fabiana Silva Botta Demizu  
Dr.<sup>a</sup> Fátima Aparecida De Souza Francioli  
Me. Flávio Fraquetta  
Me. Larissa Izidoro  
Dr.<sup>a</sup> Lucinéia Maria Lazaretti  
Me. Lussuede Luciana Souza Ferro  
Dr.<sup>a</sup> Maria Luisa da Silva Borniotto  
Me. Maria José Máximo  
Dr.<sup>a</sup> Rita de Cássia Pizoli  
Dr.<sup>a</sup> Rosângela Trabuco Malvestio da Silva  
Dr.<sup>a</sup> Viviane Silva Batista  
Dr.<sup>a</sup> Taís Renata Maziero Giraldelli

Anais do II Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do curso de  
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí  
13, 14 e 15 de fevereiro de 2023

Ficha elaborada pela Biblioteca da UNESPAR, Campus de Paranavaí  
Bibliotecária Responsável: Vânia Jacó da Silva, CRB 1544-9

Encontro do Estágio Curricular do Curso de Pedagogia da Unespar, Campus de Paranavaí  
(2.: 2023: Paranavaí, PR)

E56            Anais do 2. Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do Curso de  
Pedagogia da Unespar, 13 a 15 de fevereiro de 2023, Paranavaí / organizado por  
Adriana Aparecida Rodrigues, Fabiana Silva Botta Demizu.– Paranavaí: Unespar,  
2023.  
Caderno digital; pdf: 3,03 mb.

Inclui bibliografia..

Disponível em: <https://paranavai.unespar.edu.br/graduacao/ambiente-de-teste-1/pedagogia/eventos/view>

ISBN: 978-65-00-65943-6

1. Educação. 2. Formação Docente. 3. Prática Pedagógica. 4. Estágio  
Supervisionado. 5. Paranavaí - PR. I. Rodrigues, Adriana Aparecida. II. Demizu, Fabiana  
Silva Botta, III. Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR. IV. Título.

CDD 20. ed. 370.71

## **APRESENTAÇÃO**

O II Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do curso de Pedagogia da Unespar – Campus de Paranavaí é uma atividade específica do Colegiado de Pedagogia da Unespar do Campus de Paranavaí.

O Regulamento do Estágio Curricular Supervisionado em Pedagogia, considera o estágio como um ato educativo, desenvolvido no ambiente de trabalho, sob a orientação e supervisão de docentes, visando à formação profissional e humana, que objetiva propiciar o exercício do aprendizado profissional, comprometido com a realidade sócio, político e econômica do país.

Nesta direção, essa edição reúne trabalhos dos acadêmicos que realizaram Estágio Curricular Supervisionado no ano de 2022. O Estágio Curricular Supervisionado é uma disciplina que compõem o currículo nos cursos de graduação em licenciatura, sendo que no curso de Pedagogia é subdividido em: Ensino e Estágio em Educação Infantil (2º ano); Estágio e Metodologia do Ensino da Alfabetização (3º ano); Ensino e Estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (3º ano); Ensino e Estágio em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Educacional (4º ano).

Deste modo, o II Encontro Integrador do Estágio Curricular Supervisionado do curso de Pedagogia da Unespar – Campus de Paranavaí, socializa experiências de práticas vivenciadas nas diferentes modalidades do estágio, integrando-as e debatendo possibilidades teórico-práticas. Além de assegurar uma articulação entre os acadêmicos de diferentes anos e turnos, possibilitando um momento formativo e de fortalecimento da unidade do curso de Pedagogia.

## SUMÁRIO

<b>ARTIGO .....</b>	<b>08</b>
<b>SEGUNDO ANO .....</b>	<b>09</b>
A IMPORTÂNCIA DE OBSERVAR: O QUE UM PROFESSOR DEVE SABER PARA TRABALHAR COM BEBÊS? .....	10
A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO: RELATOS DE EXPERIÊNCIA NO CAMPO DO ESTÁGIO .....	21
IMPLICAÇÕES DO ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA .....	29
LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ORALIDADE, LEITURA E ESCRITA À LUZ DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL .....	37
O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA .....	49
ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA .....	56
PLANEJAMENTO DIDÁTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES PARA A ORGANIZAÇÃO DO ENSINO NA PRÁTICA DE ESTÁGIO .....	65
REFLEXÃO SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	78
RELATO DAS EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO SOBRE A ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	86
SER PROFESSORA DE BEBÊS: A CONTRIBUIÇÃO DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE .....	94
<b>QUARTO ANO .....</b>	<b>102</b>
A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR .....	103
A SALA DE RECURSO MULTIFUNCIONAL NO AMBIENTE DE ESTÁGIO ..	11
AS CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO E ESTÁGIO EM ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO E GESTÃO ESCOLAR PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES .....	120
AS EXPERIÊNCIAS ADQUIRIDAS NO ENSINO E ESTÁGIO: CONSELHO DE CLASSE .....	128
A PRÁTICA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO ACADÊMICA .....	140
DESCOBRINDO NA DISCIPLINA DE ESTÁGIO A IMPORTÂNCIA DO DIRETOR ESCOLAR .....	150
DESMISTIFICANDO A RELAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM A TEORIA: A CONTRIBUIÇÃO DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO NA	

Anais do II Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do curso de  
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí  
13, 14 e 15 de fevereiro de 2023

FORMAÇÃO DOCENTE .....	157
ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ESTRATÉGIAS E VIVÊNCIAS FORMATIVAS NA GESTÃO ESCOLAR .....	172
ESTUDO E PLANEJAMENTO CONCERNENTE AO NOVO ENSINO MÉDIO: RELATO DE EXPERIÊNCIA .....	181
O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: RELAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA NA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO .....	192
O PAPEL DA SALA DE RECURSO MULTIFUNCIONAL E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) COM FOCO NO DESENVOLVIMENTO DO ALUNO .....	200
O PAPEL DO DIRETOR ESCOLAR E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE PEDAGOGIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA .....	207
PARTICIPAÇÃO EM UMA REUNIÃO DE CONSELHO DE CLASSE POR MEIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM OTPGE .....	216
PARTICIPAÇÃO NAS ATIVIDADES DE CONSELHO DE CLASSE: AÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM OTPGE .....	226
REFLEXÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO COLOBARATIVA JUNTO AO PEDAGOGO: EXPERIÊNCIAS DO ENSINO E ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO E GESTÃO ESCOLAR .....	235
RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO: OBSERVAÇÕES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA .....	243
RELATO DE EXPERIÊNCIA: OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DA PRÁTICA E ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA COM ÊNFASE NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS .....	251
RELATO DE EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NA DISCIPLINA DE ENSINO E ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO E GESTÃO EDUCACIONAL: FOCO AO CONSELHO DE CLASSE .....	260
VISITA E PARTICIPAÇÃO NAS ATIVIDADES DA SALA DE RECURSO MULTIFUNCIONAL: AÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM OTPGE .	267
<b>RESUMO SIMPLES</b> .....	279
<b>SEGUNDO ANO</b> .....	280
A IMPORTÂNCIA DA MUSICALIZAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	281
A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO DOS ESPAÇOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A DOCÊNCIA NA PRÁTICA .....	283
BRINCADEIRA DE MERCADINHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO .....	285
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COM RECURSOS PROMOVENDO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM NO BERÇÁRIO .....	287

ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A EXPERIÊNCIA DO ENSINO NA LINGUAGEM .....	289
EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO: IMPLICAÇÕES PARA A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	290
<b>TERCEIRO ANO</b> .....	291
A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO DOCENTE NA CONSTRUÇÃO DO ENSINO DA ALFABETIZAÇÃO .....	292
A INFLUÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOCENTE .....	294
A TEORIA ACOMPANHA A PRÁTICA .....	295
AS EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO DA ALFABETIZAÇÃO: OS DESAFIOS DO PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA .....	297
DA TEORIA A PRÁTICA: ESTÁGIO NA ALFABETIZAÇÃO .....	299
DESCRIÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DA DISCIPLINA DE METODOLOGIA DO ENSINO DE ALFABETIZAÇÃO .....	300
ESTÁGIO DE ALFABETIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE DOCÊNCIA NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL .....	302
ESTÁGIO NOS ANOS INICIAS: DESAFIOS E FLEXIBILIDADE PARA A FORMAÇÃO DOCENTE .....	304
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO DOS ANOS INICIAS DO ENSINO FUNDAMENTAL .....	305
RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO CURRICULAR NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL .....	307
RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: VIVÊNCIAS E CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DOCENTE .....	309
RELATO DE EXPERIÊNCIA: ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS .....	311
RELATO DOS ESTUDOS REALIZADOS NA DISCIPLINA DE ESTÁGIO E METODOLOGIA DO ENSINO DE ALFABETIZAÇÃO .....	312
VIVÊNCIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL: CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOCENTE .....	314

Anais do II Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do curso de  
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí  
13, 14 e 15 de fevereiro de 2023

## **ARTIGO**



## **SEGUNDO ANO**

## **A IMPORTÂNCIA DE OBSERVAR: O QUE UM PROFESSOR DEVE SABER PARA TRABALHAR COM BEBÊS?**

HENRIQUE, Emily<sup>1</sup>  
SILVA, Talita Aparecida<sup>2</sup>  
LAZARETTI, Lucinéia Maria<sup>3</sup>

**RESUMO:** O artigo relata as experiências vivenciadas no campo de Estágio, com o intuito de refletir sobre as práticas de ensino de um profissional na Educação Infantil em formação. O Estágio permite vivenciarmos e aprender a lidar da melhor maneira nas situações do cotidiano escolar. Assim, o objetivo é discutir sobre o ato de observar no processo formativo do professor, a partir das vivências do estágio curricular supervisionado. Para isso, a metodologia articula estudo bibliográfico com autores da área da educação infantil com relato de experiência das práticas de ensino numa turma de berçário num centro municipal de educação infantil da região noroeste do Paraná. Os dados foram organizados em dois momentos: o relato das observações realizadas em campo de estágio e as reflexões e ponderações quanto à importância das observações no processo formativo do professor. A partir do relato associado aos estudos, compreendemos que o Estágio possibilita compreender a carreira docente, e promove uma visão ampla do que é ser docente, especialmente, da educação infantil.

**Palavras-chave:** Estágio Curricular Supervisionado; Educação Infantil; Observação dos bebês.

### **1 INTRODUÇÃO**

O presente artigo, fruto das experiências de estágio, é parte das discussões ocorridas na disciplina de estágio curricular supervisionado do curso de pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (Campus Paranavaí) e tem como objetivo principal discutir sobre o ato de observar no processo formativo do professor, a partir das vivências do estágio curricular supervisionado. Durante toda a trajetória do Estágio em Educação Infantil no ano de 2022, desenvolvemos diversas etapas que fazem parte do trabalho pedagógico de um professor da educação infantil: o contato com os bebês; a vivência da rotina; o planejamento de aulas; a organização do espaço e as observações e intervenções didáticas com diferentes turmas da

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), e-mail: eh2600491@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), e-mail: talitafranciscodasilva2018@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora em Educação; Professora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), lucylazaretti@gmail.com.

educação infantil. Dentre todas estas, o momento de observação foi onde localizamos um maior aproveitamento para reflexões e considerações, em que pudemos observar mais atentamente a caracterização da escola, do espaço da sala, da turma, da rotina e principalmente, das atividades propostas, das relações entre professor-aluno, aluno-aluno e aluno-ambiente.

A questão norteadora desta pesquisa se deu em torno de como a observação dos bebês é um processo fundamental para que o profissional da educação reflita sobre as práticas da educação infantil e as relações que perpassam o ambiente escolar. Desta forma, procuramos organizar um relato de experiência associados a estudos desenvolvidos no decorrer da disciplina, buscando conciliar as práticas observadas com as referências apontadas na disciplina. Deste modo, a coleta de dados ocorreu conforme as pesquisas de campo e estudos teóricos. A pesquisa de campo se deu por meio de idas à instituição Centro Municipal de Educação Infantil da região Noroeste do Paraná, a partir de um cronograma pré-estabelecido e com o desenvolvimento de diferentes ações no decorrer do ano de 2022.

Para subsidiar nossas reflexões das práticas de estágio, fundamentamo-nos em autores da perspectiva histórico-cultural tais como: Pasqualini (2013); Lazaretti e Magalhães, (2019). Essas autoras explicitam uma concepção de criança como sujeito do processo de aprendizagem, pois defendem uma educação em que as crianças sejam ativas no processo formativo e as situações de ensino devem ser promovidas de modo a permitir ampliar, diversificar a realidade social da criança, visando o seu pleno desenvolvimento.

Para além destes referenciais citados, também utilizamos como pontes para discussões e contemplações os textos: “Quando a creche e a universidade se encontram: histórias de estágio” (BROENING, 2008); “O rei está nú: um debate sobre as funções da pré escola” (ABRAMOVAY e KRAMER, 1984); “Crianças pequenas na escola: contradições e potencialidades” (PASQUALINI; LAZARETTI, 2021); “Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vygotsky: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas” (PASQUALINI, 2013); “O cuidado como elo entre educação e saúde” (MARANHÃO, 2000); e “Como ensinar na educação infantil? Reflexões sobre a didática e o desenvolvimento da criança” (MELLO E LAZARETTI, 2018).

Desta forma, o texto foi organizado em três momentos: os resultados e discussões, divididos em dois tópicos e as considerações finais. O primeiro se refere

ao relato das observações realizadas em campo de estágio, onde buscamos apontar o que avistamos durante esse contato com os bebês e professoras. Já no segundo momento, procuramos expor as reflexões e ponderações quanto a importância das observações no processo formativo do professor, retomando algumas das situações observadas como exemplos para ilustrar encaminhamentos que consideramos adequados. Finalizamos as ideias com as considerações finais sobre a temática, retratando também a importância do estágio para a formação do professor.

## **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **2.1 RELATO DAS OBSERVAÇÕES REALIZADAS EM CAMPO DE ESTÁGIO**

Das diversas ações ocorridas no decorrer do estágio em educação infantil no ano de 2022, daremos destaque às ações de observação no CMEI, na turma denominada berçário I, com 19 bebês que ocorreram nos dias 27 de outubro e 3 de novembro. Para apresentação dos dados observados, sistematizamos em dois eixos: a organização do espaço e as ações da rotina como condutora do trabalho pedagógico.

Nas ações da organização do espaço, nos dias observados, encontramos: em um canto uma pia grande para dar banho nos bebês e logo acima prateleiras com seus pertences de higiene pessoal; em outro canto estavam penduradas as bolsas e toalhas das crianças e ao lado um armário com atividades e produções da professora; a frente deste último estava um espelho grande e uma mesa com alguns pertences das crianças e da professora; por fim, o restante da sala era ocupado majoritariamente por berços enfileirados e paredes com algumas colagens e produções da professora.

Consideramos o berço como limitante das ações e interações dos próprios bebês, que ficam restringidos aquele pequeno espaço. Uma outra questão, são os “materiais de ensino” produzidos pela própria professora, expostos nas paredes da sala de aula e utilizados esporadicamente como recurso visual do conteúdo para as crianças. Magalhães e Lazaretti (2019) apontam:

[...] o espaço, como componente de ensino, não é um simples lugar de passagem, de decoração, de simples exposição de materiais produzidos pelos professores, de anexar tarefas executadas pelas crianças, muitas vezes, padronizadas e estereotipadas, mas, sim, um

revelador de quais conteúdos estão sendo contemplados e como estão sendo explorados.

No que se refere a rotina dos bebês, estão demarcadas ações para cada dia da semana, as quais se repetem todos os dias: recepção das crianças e direcionamento a sala (7:30 às 8:10), o momento de entrega das mamadeiras (8:10 às 8:40), logo em seguida o momento da “atividade do dia” (8:40 às 10:00) e posteriormente encerrando as ações matutinas o almoço e hora do sono (10:00 às 11:00 o almoço e das 11:00 até 13:00 o sono). A atividade muda conforme o dia da semana, mas devido a organização do estágio frequentamos somente as aulas das quintas-feiras, no qual a atividade é titulada como “dia do vídeo”. Observamos que as crianças ficam dentro dos berços durante essa ação e os vídeos exibidos na televisão eram sempre os mesmos, usados também no momento da recepção para acalmar os bebês. Colocamos que essa “ação” pouco contribui para o desenvolvimento das crianças, as mantém subordinadas e sem ação diante do que está sendo feito. Mello (2014, p.46) nos diz que na educação infantil deve se fazer presente um duplo protagonismo: “[...] do educador, como criador de situações e ambientes que favorecem a experimentação e a comunicação emocional com os bebês, e o protagonismo dos próprios bebês, necessário a sua aprendizagem, desenvolvimento cultural e psíquico”.

Não conseguimos identificar com esse momento proposto, o protagonismo tanto dos professores, como dos bebês, que ficaram à mercê do vídeo, separados em seus berços e impossibilitados de interagir no espaço. Observamos que existe uma preocupação muito grande ao cuidado, no que se refere à integridade física e saúde dos bebês, o que também é um fator que impede as profissionais de realizarem ações diversas com as crianças, já que a preocupação excessiva com a segurança e saúde dos bebês as afligem. O cuidado com a saúde é necessário e deve ser planejado e operacionalizado na escola, mas a educação infantil não se resume ao cuidado com a saúde, higiene e compensabilidade. Entendemos que a concepção de desenvolvimento infantil das professoras é diferente da nossa e isso se dá pelo processo formativo e das condições reais de vida que nos constituem, portanto, procuramos respeitar a todo momento as ações que dirigiam as crianças e refletir sobre nosso processo formativo.

Uma situação que nos chamou atenção foi no momento do sono: alguns bebês estavam chorando muito porque não queriam ser colocados nos berços. As

professoras solicitaram nosso auxílio, sugerindo que levassem as crianças aos berços. Seguindo a orientação da professora, auxiliamos, porém, com cada bebê que estava chorando, procuramos estabelecer um diálogo e uma interação, conforme o relato abaixo:

*Estagiária: Encaminhei-me com o bebê no colo para o berço. Ele, compreendendo o que aquele trajeto significava, começou a choramingar e dizer “não” repetidas vezes. Decidi que não o deixaria no berço e partiria para o próximo bebê, mas tentaria distraí-lo. Assim, passeamos pela sala e, conversando com ele, apontei para ele todos os outros coleguinhas que já haviam dormido, e ele começou a apontar comigo. Enquanto conversava com ele, me direcionei novamente ao berço vazio, apontei para o berço e perguntei porque aquele estava sem nenhum bebê. O bebê retribuiu apontando para o berço, então eu perguntei se tudo bem colocá-lo no berço e ficar ao lado dele. O bebê não chorou, nem pareceu insatisfeito por estar ali.*

A ação citada ocorreu em menos de dez minutos e a consideramos importantíssima para o entendimento de que estabelecer um diálogo com a criança, antecipando as ações que serão direcionadas a ela faz a diferença em como a criança interpreta essas ações, como elas a afetam e como se dá o relacionamento entre bebê e educador. Direcionamos nossas ações com os bebês nesse sentido, respeitando-os como sujeitos em desenvolvimento, tal como Mello (2014, p. 48) explica:

As crianças aprendem desde que nascem, mas aprendem de um jeito próprio em cada idade. Quando nos preocupamos em perceber aquilo que o bebê é capaz de fazer desde pequenininho – em vez de olhar apenas aquilo que ele ainda não consegue fazer –, percebemos como o bebê se relaciona com o mundo que o rodeia por meio do olhar, do gesto, do movimento, por meio daquilo que vê, pega, leva à boca, explora. É esse o sentido do aprender quando a criança é pequenininha. Como afirma Vygotsky, no primeiro ano de vida, o bebê vive uma grande contradição: ele é absolutamente dependente da pessoa adulta e sua possibilidade de comunicação é mínima (ao menos quando se pensa na forma mais comum de comunicação que é a fala). Isso cria no bebê uma necessidade de comunicação, mas ele não sabe ainda tomar a iniciativa de criá-la com a pessoa adulta. Por isso, na creche, essa comunicação deve ser criada e mantida pela pessoa adulta que cuida e educa o bebê, uma vez que ele está ainda formando sua capacidade de atenção e de concentração necessárias para manter essa comunicação. Isso significa que a intenção da educadora ou do educador deve estar voltada para promover essa relação e fazer um esforço para estabelecer e manter a comunicação com o bebê em todos os momentos de cuidado.

Os momentos inflexíveis que fazem parte da rotina diária (alimentação, troca de fraldas e banho) são aqueles que mais demandam tempo no cotidiano escolar. Nos dias de observação, identificamos uma ação dirigida: a professora levou as crianças para o pátio do Cmei para que pudessem brincar com bolinhas coloridas. Notamos que as professoras cercavam os bebês, tomando cuidado para que não ultrapassassem os limites de uma área delimitada no pátio. Neste momento, escolhemos intervir e participar da brincadeira, instigando os bebês a lançar e chutar as bolas. Alguns hesitaram, não sabendo muito bem o que fazer com a bola, mas assim que demonstramos e comemoramos os saltos da bola, os bebês repetiram a ação. Quando apontamos e pedimos para que os bebês buscassem a bola, eles o fizeram, nos fazendo perceber assim, que os bebês estão em atividade e que a linguagem é fundamental para direcionar as ações educativas neste período de desenvolvimento.

Diante do relato, sistematizamos que, embora tenhamos observado momentos de interação professora-bebês e proposição de algumas ações de ensino, percebemos que são pouco favoráveis às aprendizagens infantis, já são ações que se repetem, de modo rotineiro, sem intencionalidade. Percebemos que nos momentos de brincadeiras espontâneas, tais como a brincadeira com as bolas coloridas e a brincadeira com os brinquedos espalhados pelo chão da sala, são os momentos oportunos para atuar com eles, interagir e inserir novos interesses em manipular e explorar, assim como também, os momentos de cuidado como situações formativas a depender a intencionalidade e da qualidade das interações entre professor-bebê.

## 2.2 ANÁLISE E REFLEXÕES: A ESPECIFICIDADE EM SER PROFESSOR DE BEBÊS

Ao contrário do que muitos pensam, ser um professor ou professora de uma turma de bebês não é uma tarefa simples. A inserção na educação escolar começa na Educação Infantil e deve possibilitar o primeiro contato e imersão na cultura humana de maneira sistematizada. Mello (2013, p.48) coloca que o trabalho do educador infantil é um dos mais importantes da sociedade:

[...] uma vez que é responsável pela formação da inteligência e da personalidade de cada criança e, portanto, das novas gerações. Esse

processo de formação da inteligência e da personalidade não acaba na pequena infância, mas começa aí e precisamos organizar as experiências que as crianças vivem na creche para promover essa formação em suas máximas possibilidades.

O foco do trabalho pedagógico deve ser o aluno. Parece uma coisa óbvia a se dizer, mas ainda se encontram nas escolas práticas direcionadas ao contentamento dos pais, responsáveis, e até mesmo à própria gestão escolar. Um exemplo disso são as decorações de sala confeccionadas pelos professores. De que forma essas decorações, muita das vezes com imagens estereotipadas e de nenhum acesso às crianças, podem promover o desenvolvimento delas? Não seria mais correto investir o tempo gasto com essa produção, para selecionar e adquirir objetos de manipulação para os bebês? Objetos diversificados, com diferentes funcionalidades, que devem ser, segundo Mello (2013, p. 52)

[...] objetos atraentes e provocadores de sua ação e experimentação; objetos com cores, formas, tamanhos, texturas diversificadas (retalhos de tecidos, objetos de pano, de madeira, de plástico, de metal, de papelão, coisas para pegar, rolar, encaixar, empilhar, objetos que fazem barulho, objetos grandes como caixas de papelão para entrar, passar por dentro, almofadas).

É necessário que o professor sempre se volte às suas ações com um olhar atento, questionando-se: Por que faço isso? O que eu penso sobre isso que estou fazendo? De que forma estou ensinando os meus alunos? Para que assim possa ter um olhar novo sobre a prática, um olhar transformado e inquietante, buscando sempre novas possibilidades e potencialidades. Às vezes o professor pode não ter consciência de que é possível realizar seu trabalho de outra maneira, por isso é importante repensar a prática pedagógica, apoiando-se em uma formação continuada, estudando novas formas de ensinar e observando o desenvolvimento da turma.

Durante as observações, notamos a existência de um quadro de “rotina”, onde as “ações de ensino” eram colocadas em meio às ações de alimentação e troca, intituladas como “dia do vídeo”, “dia da música”, “dia do brinquedo”, “dia do parquinho” e “dia da caixa de areia”, cada uma para cada dia da semana. Essas ações foram muitas vezes improvisadas, como se servissem apenas para preencher o tempo entre os momentos da alimentação e a troca dos bebês. É necessário que haja *intencionalidade* no ensino, de modo que até as ações consideradas como fixas



na rotina de todos os dias, sejam vistas como momentos de potencial aprendizagem. Enquanto a escola continuar a ser enxergada como assistencialista, essas práticas que pouco contribuem com o desenvolvimento dos bebês ainda estarão presentes.

Uma outra consideração a ser feita é sobre os momentos de alimentação e de troca. “Quando a criança não é capaz de prever o que vai acontecer, ela se torna refém da ação da pessoa adulta sobre seu corpo” (MELLO, 2013, p.50). Então, ao invés de ser um momento desgastante e desconfortável para o bebê e professor, são momentos onde o professor pode conversar com o bebê, estabelecer uma relação de afeto e respeito com ele, criar a necessidade da comunicação e de fala. As crianças a que se destinam a ação de ensino estão em um período da vida no qual existe uma atividade que guia esse desenvolvimento.

A atividade é um conjunto de várias ações e operações que são dirigidas por um motivo e necessidade, que reorganiza e aperfeiçoa os processos psíquicos e da personalidade, acarretando em novas formações e aprendizagens. “A atividade é então o elo que liga o sujeito e o mundo” (PASQUALINI, 2013, p.77), e em cada período do desenvolvimento existe uma atividade principal. Como estamos tratando de bebês de 6 meses a 1 ano e 6 meses, a atividade dominante deste período é a “comunicação emocional direta com o adulto”. Significa que, durante esse momento da vida, o bebê comunica através de balbucios, choramingos e expressões as suas necessidades, e estas são atendidas pelo adulto. Por isso, é fundamental que as interações entre professor-bebê sejam ricas em linguagem, gestos, expressões que possibilitem ampliar as formas comunicativas do bebê com o mundo. A relação bebe e adulto é de suma importância pois, segundo Pasqualini (2013):

As ações do adulto vão introduzindo a criança em uma esfera de novas inter-relações, em que ela se converte em sujeito de uma relação. O adulto atrai a criança à comunicação e engendra a necessidade de comunicar-se, inexistente como tal nas primeiras semanas de vida [...] Temos aqui a formação das premissas mais fundamentais da atividade social humana.

Como Magalhães e Lazaretti (2019) pontuam, a partir de Elkonin, que em cada período da infância a criança se encontrava dada a uma atividade principal, de maneira que algumas funções psíquicas (pensamento, linguagem, imaginação, memória, sensações, percepção, emoções e atenção) se sobressaem em determinados períodos. As autoras Magalhães e Lazaretti (2019, p.151) acrescentam

No primeiro ano de vida, a comunicação emocional direta com o adulto é a atividade dominante. O primeiro ano de vida é marcado pela relação emocional e afetiva que a criança estabelece com o adulto. As ações de cuidado e de atenção provocam comunicação e medeiam a relação do bebê com o adulto pela atividade conjunta, que origina aprendizagens cada vez mais complexas.

Concebemos que a comunicação emocional direta com o adulto é fundamental para o bebê, porque ele conhece o mundo através do outro, do adulto. Se não há comunicação e cooperação entre bebê e educador, de que maneira o bebê sentirá confiança para realizar ações por si só? Como perceberá o mundo a sua volta e o que são as coisas? É experimentando que o bebê aprende. É quando ele examina os objetos, apalpa-os, amassa-os, arremessa-os, chacoalha-os, agarra-os que as ações de aprendizagens se manifestam (MAGALHÃES E LAZARETTI, 2017), assim como é quando o educador conversa com o bebê cria nele a necessidade da fala. O educador, portanto, não deve fazer as coisas *pelos* bebês ou *para* os bebês, mas *com* os bebês, permitindo assim que estes sejam ativos, respeitados e inseridos no processo.

Essas reflexões sobre o trabalho pedagógico com os bebês são basilares para a formação do professor de educação infantil e o estágio teve um papel essencial na fundamentação teórico-prática para essa especificidade da prática pedagógica no berçário.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato e a troca entre estágio e escola é o momento onde há o encontro com o novo, contribui para a formação do professor de educação infantil, visto que propicia reflexão sobre as práticas pedagógicas que podem ser ou que estão presentes na instituição. Desde o momento de participação nas aulas, observando a turma e sua rotina, elencamos suas características, analisamos pontos que poderiam ser discutidos e então traçamos nossa pesquisa de acordo com concepção de Educação Infantil que defendemos.

Reconhecemos a importância da observação dos momentos que nos fizeram refletir sobre as práticas educativas que ainda são muito empregadas em CMEIs pelos professores, e que precisam ser estudadas e compreendidas, para que assim

mudanças possam ser efetivadas. A forma como cada indivíduo pertencente a equipe pedagógica da instituição enxerga a Educação Infantil e suas especificidades; a própria criança e as relações entre/com elas estabelecidas, interfere no trabalho feito na escola, implicando num direcionamento pautado de acordo com as concepções que se têm de ensino, aprendizagem e desenvolvimento.

Buscamos salientar que é possível trabalhar de uma maneira diferente, que tornam as crianças ativas neste processo formativo, e que quando as necessidades da criança (dispostas na atividade dominante) coincidem com os motivos e objetivos da aula (ações de ensino planejadas) todo este movimento se torna mais interessante, e intensifica e qualifica o ensino, a aprendizagem, e o desenvolvimento.

Colocamos ainda que, não somente os profissionais da educação se beneficiam dessa relação entre a escola e a universidade, afinal, se trata de uma dupla relação, onde nós, estudantes universitários, precisamos de campo de estágio, para enxergar na prática a teoria que estudamos e defendemos em sala. Podemos perceber diferentes profissionais com diferentes concepções sobre a educação e diferentes práticas de ensino, o que também contribui para o nosso desenvolvimento, enquanto professoras em formação.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; KRAMER, S. O rei está nú: um debate sobre as funções da pré-escola. **Cadernos Cedes**, v. 1, n. 9, p. 27-38, 1984.

LAZARETTI, L. M.; MAGALHÃES, C. Acolher, Explorar, Brincar e Conhecer: Reflexões sobre o Espaço Como Potencializador das Aprendizagens de Bebês e Crianças na Educação Infantil. *In*: Cassiana Magalhães; Nadia Mara Eidt. (Org.). **Apropriações Teóricas e suas Implicações na Educação Infantil**. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2019, p. 1-274.

LAZARETTI, L. M.; MELLO, M. A. Como ensinar na educação infantil? Reflexões sobre a didática e o desenvolvimento da criança. *In*: Juliana Campregher Pasqualini e Lucas André Teixeira Marcela de Moraes Agudo (Org.). **Pedagogia Histórico-Crítica: Legado e Perspectivas**. 1 ed. Uberlândia: Navegando, 2011.

MARANHÃO, D. O cuidado como elo entre educação e saúde. **Cadernos de Pesquisa**, n. 111, dez. 2000.

MELLO, S. Os bebês como sujeitos no cuidado e na educação infantil. **Revista Magistério**, São Paulo – SME/DOT, n. 3, p. 46-53, 2014.

PASQUALINI, J.; LAZARETTI, L. Crianças pequenas na escola: contradições e potencialidades. **Revista Polyphonia**, Goiânia, v. 32, n. 2, p. 112–129, 2021.  
Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/70895>. Acesso em: 30 mar. 2022.

PASQUALINI, J. C. Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas. In: MARSIGLIA, Ana C. G. (Org.). **Infância e pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores associados, 2013. p. 71-97.

## **A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO: RELATOS DE EXPERIÊNCIA NO CAMPO DO ESTÁGIO**

SILVA, Larissa Rodrigues<sup>4</sup>  
DOMINGOS, Milena de Freitas<sup>5</sup>  
FERRO, Lussuede Luciana de Sousa<sup>6</sup>

**RESUMO:** A elaboração deste artigo está associada à disciplina Ensino e Estágio em Educação Infantil, referente ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná-Campus de Paranavaí. A realização da prática do estágio proporciona uma experiência direta com as crianças, ação que enriquece o processo de formação docente, transformando-a em um campo contínuo de produção de conhecimentos. As experiências vivenciadas, instigou-nos a aprofundar os estudos acerca da organização do espaço na educação infantil. Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo revelar os espaços de ensino e de aprendizagem na educação infantil, como uma importante ferramenta de desenvolvimento das funções psíquicas das crianças. Fundamentadas nos princípios da Teoria Histórico-Cultural, desenvolvemos as ações de ensino e de aprendizagem com crianças de 0 a 5 anos, em um Centro de Educação Infantil, localizado no interior do Estado do Paraná. Para refletirmos a organização do ensino nesse ambiente, discutimos o espaço como uma importante ferramenta de aprendizagem e de desenvolvimento das crianças; relatamos as observações e as percepções dos espaços de ensino da instituição e revelamos algumas possibilidades de resignificação das ações desenvolvidas na educação infantil, na direção do desenvolvimento das máximas potencialidades das funções psíquicas das crianças. Os resultados revelam que os espaços contribuem para o desenvolvimento integral das crianças, se as ações propostas forem intencionalmente sistematizadas pelo professor.

**Palavras-chave:** Educação infantil. Organização do Espaço. Desenvolvimento das funções psíquicas superiores.

### **1 INTRODUÇÃO**

A organização do espaço vem sendo cada vez mais estudada e reconhecida como fator imprescindível para o processo educativo e de desenvolvimento das crianças na educação infantil. Frequentemente nos deparamos com salas de aula enfeitadas pelos professores, priorizando a estética decorativa que pouco contribui com a aprendizagem das crianças, divergindo-se do principal papel da escola que é

---

<sup>4</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), e-mail: larissilva0@gmail.com.

<sup>5</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), e-mail: milla.fdomingos@gmail.com.

<sup>6</sup> Mestre; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), luciana.sferro@gmail.com.

ensinar os conhecimentos da cultura humana.

O espaço deve ser pensado e organizado de modo que possibilite à criança se movimentar fisicamente, expressar as suas manifestações, interagir com o outro, com o ambiente, os objetos e os recursos didáticos, mediados pelo professor. Nesse processo de ensino e de aprendizagem, em colaboração com os seus pares mais experientes, a criança caminhará na direção do desenvolvimento de suas funções psíquicas de sensação, percepção, atenção, memória, pensamento, linguagem, imaginação, emoção e sentimento, considerando o seu período de desenvolvimento. Frente a essas considerações, este estudo tem como objetivo revelar os espaços de ensino e de aprendizagem na educação infantil, como uma importante ferramenta de desenvolvimento das funções psíquicas das crianças.

Pensando nisso, como organizar os espaços na educação infantil, de modo que as crianças aprendam e desenvolvam as potencialidades máximas do seu psiquismo? Fundamentadas nos princípios da Teoria Histórico-Cultural, em especial, as pesquisas de Elkonin (1987), Lazaretti e Magalhães (2019) e Pasqualini (2013), focamos neste estudo as ações de ensino e de aprendizagem desenvolvidas na prática de estágio curricular supervisionado com crianças de 0 a 5 anos, em um Centro de Educação Infantil, localizado no interior do Estado do Paraná.

Para refletirmos a organização do ensino nesse ambiente, discutimos o espaço como uma importante ferramenta de aprendizagem e de desenvolvimento das crianças; relatamos as observações e as percepções dos espaços de ensino da instituição e revelamos algumas possibilidades de resignificação das ações desenvolvidas na educação infantil, na direção do desenvolvimento das máximas potencialidades do psiquismo das crianças.

Esperamos com esta pesquisa, ampliar os debates em torno da organização dos espaços na educação infantil, como um instrumento mobilizador da aprendizagem e do desenvolvimento das crianças de 0 a 5 anos.

## **2 A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA PRÁTICA**

O debate sobre a organização do espaço escolar tem se tornado cada vez mais recorrente nos estudos acadêmicos de formação docente, pois, em muitas

escolas de educação infantil, prioriza-se a exposição de objetos, registros das crianças, brinquedos ou painéis ilustrativos, com mera intenção decorativa. Lazaretti e Magalhães (2019, p. 150) defendem que os espaços nas instituições escolares devem ser pensados para o desenvolvimento integral da criança. Para as autoras,

[...] o espaço, como componente do ensino, não é um simples lugar de passagem, de decoração, de simples exposição de materiais produzidos pelos professores, de anexar tarefas executadas pelas crianças, muitas vezes, padronizadas e estereotipadas, mas, sim, um revelador de quais conteúdos estão sendo contemplados e como estão sendo explorados.

Constatamos no decorrer da prática de estágio, que o espaço tem um importante papel no desenvolvimento infantil e sua organização contribui efetivamente no desenvolvimento das crianças, se forem intencionalmente organizados pelo professor. Para isso, é preciso repensar a sala de aula considerando o papel do professor, a criança, o que ela precisa aprender e como organizar as ações de ensino e de aprendizagem para que a criança aprenda e se desenvolva.

Ao observarmos os espaços em um Centro de Educação Infantil, localizado no interior do Estado do Paraná, constatamos que a instituição é um prédio antigo com salas pequenas e pouca iluminação externa. Entre as salas que observamos, destacamos a sala da turma de infantil infantil 4 (crianças de quatro de anos de idade). Nesse espaço, onde as crianças passam a maior parte do tempo, há mesas e cadeiras organizadas em fileiras, juntamente com a mesa da professora, que fica posicionada de frente para as crianças e à frente de um grande espelho. A sala tem pouco espaço para as crianças e a professora se locomoverem, interagirem entre si e realizarem as tarefas propostas.

Dentro dessa sala, também há dois armários e uma estante que ocupam a parede do fundo. Ao lado da estante há uma mesa onde ficam as garrafas de água das crianças, bem como um cesto com brinquedos. Logo na entrada da sala, posicionada ao lado da porta, há outra mesa com alguns livros, denominada de “Cantinho da Leitura”. Na parede de frente para as mesas e cadeiras das crianças, fica o quadro branco.

Espalhadas nas paredes da sala, as decorações em E.V.A, as colagens e demais registros realizados pelas crianças ganham destaque decorativo. Percebemos que grande parte dos materiais impressos nas paredes foram

confeccionados pela professora e tinham como finalidade decorar o ambiente, sem articulação com as ações de ensino e de aprendizagem desenvolvidas no cotidiano das crianças.

Práticas como essas, desconsideram as especificidades de aprendizagem e de desenvolvimento da criança e a formação das máximas potencialidades do pensamento infantil. Por isso, uma das ações de ensino realizadas na prática de regência, foi planejar o espaço e as ações de aprendizagem nele desenvolvidas com as crianças de 0 a 5 anos, porém, com novos sentidos e significados.

Lazaretti e Magalhães (2019), ressaltam que a construção dos espaços na educação infantil, precisa ser intencionalmente planejada. Os objetos, ilustrações e registros das crianças que compõem os espaços, a forma como estão organizados, o modo como o professor orienta as relações das crianças nesse ambiente, contribuem para o desenvolvimento delas, se na sua organização forem consideradas as necessidades das crianças e os motivos que potencializam as suas aprendizagens. O uso de decorações e o excesso de registros sem sentido, amplamente expostos nas paredes das salas, não contribui para o desenvolvimento das crianças.

[...] as paredes da sala podem registrar os percursos de aprendizagem das crianças, sem a necessidade de preocupação com a decoração. À medida que houver projetos investigativos, curiosidades trazidas pela professora, imagens, textos coletivos, reportagens, materiais enviados pela família e outros, o espaço será gradativamente composto. (LAZARETTI; MAGALHÃES, 2019, p. 159-160).

É importante realizar esse movimento de organização do espaço com as crianças como fonte de ensino, aprendizagem e desenvolvimento. O ambiente faz parte da identidade do grupo e, por isso, precisa ser pensado de forma colaborativa e compartilhada por todos, criando nas crianças um sentimento de pertencimento. Fundamentadas nesses princípios, planejamos as ações de ensino e de aprendizagem na prática de regência, ressignificando os espaços na escola.

Assim, o pátio da instituição usado para correr no recreio, transformou-se em um lugar de investigação e brincadeiras de rodas. Já no interior da sala, por se tratar de um ambiente pequeno, retiramos as mesas e as cadeiras, ampliando o ambiente para a formação de roda de conversa com as crianças. Nesse momento, planejamos sentar com as crianças em círculo no chão, porém, como de costume, quando elas



chegaram foram direto para as mesas e cadeiras, mesmo estando todas alocadas no fundo da sala. No decorrer das ações propostas, as crianças começaram a sentar no chão, igualmente como faziam as professoras estagiárias.

Percebemos que as crianças não se sentiram à vontade para explorar a sala diante do primeiro sinal de mudança; não haviam se apropriado desse ambiente como um espaço de inúmeras possibilidades para se movimentar, expressar as ideias, dialogar, interagir com o professor, os seus pares de mesma idade e os objetos. Diante disso, a resignificação do espaço, até então, vivenciado pelas crianças como um lugar onde a maioria das ações limitam-se em tarefas de registro realizadas por elas sentadas à mesa, deve ser construída paulatinamente com a participação ativa de todas elas. Importante ressaltar que, nesse espaço, “[...] deve permanecer na sala apenas aquilo que faz sentido para o grupo e manifesta a ideia de pertencimento” (LAZARETTI; MAGALHÃES, 2019, p. 159).

Sendo assim, nossa proposta consistiu em trabalhar os cinco sentidos com todas as crianças da instituição. Para isso, organizamos cinco espaços denominados de estações: a) na estação *olfato*, colocamos varal com garrafas que continham substâncias com cheiros específicos como café, chá, sabonete, álcool e vinagre; b) na estação *paladar*, com venda nos olhos, as crianças tinham que experimentar os alimentos sal, açúcar, limão e bala, sentirem e perceberem o sabor; c) na estação *tato*, elaboramos uma caixa sensorial com alguns objetos para as crianças manusearem, sentirem, perceberem as suas formas e nomeá-los; d) na estação *audição*, colocamos um tapete com alguns instrumentos musicais para que as crianças pudessem tocá-los, ouvi-los e perceberem novos sons e diferentes maneiras de produzi-los; e) na estação *visão*, montamos uma barraca de camping, onde as crianças brincaram com sombras, por meio da projeção de diversos objetos, usando lanternas.

Ao observarmos as manifestações das crianças em cada período de desenvolvimento<sup>7</sup>, constatamos que, as crianças do período *primeiro ano (0-1 ano)*, chegaram ao espaço tanto inseguras, já que pouco saíam de suas salas. Algumas

---

<sup>7</sup> Elkonin (1987) explica que as idades cronológicas são referências para identificar os períodos de desenvolvimento: primeiro ano, primeira infância, idade pré-escolar, idade escolar, idade escolar primária, idade escolar secundária e idade escolar juvenil. Esses períodos marcam o lugar que cada sujeito ocupa nas relações sócias e são guiados por certas atividades principais denominadas de comunicação emocional direta (0-1); atividade objetual-manipulatória (1-3); jogo de papéis (3-7); atividade de estudo (7-11/12); comunicação íntima pessoal (11/12-15) e atividade profissional de estudo (15-17/18).

crianças choraram e buscaram apoio em suas professoras e, ao se dirigem ao espaços para brincar, deram preferência para a estação da audição, onde manipularam os instrumentos e imitaram as expressões corporais e faciais das professoras estagiárias. Ainda no período do *primeiro ano*, as crianças entre dois e três, percorreram todos os espaços em busca de objetos manipuláveis, dando preferência para a estação sensorial. Já as crianças do período idade pré-escolar (4-5 anos), também percorreram todos os espaços, mas, em busca de possíveis brincadeiras dialogadas e compartilhadas.

A partir dessas ações, foi possível analisar que as crianças buscaram as estações, manipularam os objetos, interagiram com os seus pares, comunicaram entre si e com as professoras, expressaram as suas ideias e opiniões, a partir dos motivos que a impulsionaram a experienciar as diferentes possibilidades de sentir e perceber o ambiente a sua volta, ou seja, as crianças tinham motivos em comum: *brincar*. Diante das necessidades específicas que se constituem em cada período do desenvolvimento, cada grupo percebeu e sentiu de modo distinto os espaços, apresentando, além de apresentar diferentes formas de manifestar as suas aprendizagens ou o que precisa aprender (PASQUALINI, 2013), em condições favoráveis ao seu desenvolvimento.

Exemplo disso, foram as manifestações das crianças no espaço visão, onde elas foram instigadas a entrar na barraca e manusear cones com diversas figuras que tinham suas sombras projetadas, por meio de uma lanterna. As crianças do período da primeira infância (0-2 anos) assim o fizeram, porém, as crianças em idade pré-escolar (3-5 anos), deram outro sentido aos objetos e seu uso, como fazer de conta que estavam acampando na floresta e, de repente, começou a chover e todos precisaram se abrigar na barraca. O uso das lanternas determinou que estava uma noite muito escura no acampamento e, os sons produzidos pelas crianças que estavam do lado de fora da barraca, transformam-se em sons de animais, que poderiam ser inofensivos ou estarem caçando presas fáceis para satisfazer a fome.

Corroboramos Lazaretti e Magalhães (2019, p. 157-158):

[...] Essa transição do brincar com os objetos para a brincadeira de papéis sociais é caracterizada por uma contradição: a criança possuía e continua possuindo os mesmos brinquedos [...] e as próprias ações nada se alteram [...] O que aconteceu, então? Esses objetos e atos realizados com eles estão agora inseridos em um novo sistema de relações da criança com a realidade, adquiriram

objetivamente um 'novo sentido social' [...].

A transformação das brincadeiras no decorrer da intervenção didática, ainda que os espaços e objetos disponibilizados fossem os mesmos, em cada período do desenvolvimento, a atividade principal orientou as percepções e as manifestações das crianças, não de modo natural e, sim, mobilizadas pelas intervenções das professoras estagiárias que as orientavam em suas ações com os objetos e nas relações com o outras crianças e professoras.

Intervenções como essa podem ser desenvolvidas pelas professoras da escola no decorrer do ano. Com as crianças que apresentam uma linguagem mais desenvolvida, é possível que as intervenções sejam discutidas e organizadas com a participação de todos.

Nessa direção, várias estratégias podem ser desenvolvidas. Se esse for o interesse do grupo, inicia-se uma conversa com sugestões de nomes possíveis para o desenvolvimento de um projeto (que pode seguir as etapas de qualquer outro projeto). As crianças podem fazer uma eleição, defender o nome que desejam, explicar os motivos, podem ser construídos gráficos e, durante o projeto, a turma verificará se aquele nome, de fato, representa-os. Além disso, com a intervenção da professora, escolherão uma imagem, o que almejam fazer para que ela permaneça na sala, o que julgam importante (chamada, aniversariantes, ajudante) [...] (LAZARETTI; MAGALHÃES, 2019, p. 159).

Vale ressaltar, que ações de ensino e de aprendizagem como essas podem ser planejadas para a construção de diferentes espaços de ensino na escola, como no parque, pátios, gramados, biblioteca, entre outros ambientes abertos ou fechados da instituição. Não há limites para propostas de ensino que objetivam a formação integral da criança e, sim, ações que podem mudar o curso do seu desenvolvimento para direções mais ricas em possibilidades que integram, ampliam, qualificam, ou seja, humanizam as crianças.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os estudos acadêmicos articulados às experiências de observação e prática de regência que vivenciamos no campo de estágio, contribuíram para compreendermos que os espaços de ensino e de aprendizagem que a criança está inserida, contribui para o seu desenvolvimento, se as ações propostas forem

intencionalmente sistematizadas pelo professor.

Nesses espaços, defendemos que a sua organização; dos objetos e seu uso; as ações propostas e as intervenções do professor, precisam ser pensadas, planejadas e ou ressignificadas, considerando a criança (o lugar que ela ocupa nas relações sociais), o que ela precisa aprender (cultura humana) e as formas de ensinar que mobilizam as suas aprendizagens.

É papel do professor tornar os espaços na escola potencializadores do desenvolvimento infantil, desenvolvendo, por exemplo, ações interventivas mensais ou bimestrais. As crianças precisam estar envolvidas nessa organização, de modo que as ações desenvolvidas tenham sentido para elas e para os professores.

Sendo assim, fica evidente que os espaços ricos em possibilidades para ensinar, aprender e se desenvolver, são aqueles em que as crianças se movimentam, interagem, comunicam ideias, experimentam, colaboram, compartilham opiniões, ouvem, perguntam, expressam os sentimentos e as emoções, gesticulam, sentem, percebem e imaginam o mundo a sua volta. São nessas relações, orientadas pelo professor, que se constituem os processos mais elaborados de desenvolvimento das funções psíquicas da criança, logo, de sua humanização.

## REFERÊNCIAS

ELKONIN, D. B. Sobre el problema de la periodización del desarrollo psíquico en la infancia. In: DAVÍDOV, V.; SHUARE, M. (Org.). **La psicología evolutiva y pedagogia em la URSS**: (antologia). Moscú: Editorial Progreso, 1987. p. 250-273.

MAGALHÃES, C. LAZARETTI, L. Acolher, Explorar, Brincar e Conhecer: reflexões sobre o espaço como potencializador das aprendizagens de bebês e crianças na educação infantil. In: MAGALHÃES, C.; EIDT, M. (org.). **Apropriações Teóricas e suas implicações na Educação Infantil**. Curitiba: CRV, 2019.

PASQUALINI, J. C. Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas. In: MARSIGLIA, A. C. G. (org.). **Infância e pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores associados, 2013. p. 71-97.

## IMPLICAÇÕES DO ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

CARVALHO, Andressa Constantino<sup>8</sup>

LIMA, Luana Prado dos Santos

LAZARETTI, Lucinéia Maria<sup>9</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como tema o Espaço na Educação Infantil e suas implicações no desenvolvimento da criança. É resultado das práticas de um compilado de informações a partir das experiências da disciplina Ensino e Estágio na Educação Infantil, do segundo ano de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná, campus de Paranavaí-PR, do ano de 2022. É objetivo deste relato socializar as experiências de estágio, discutindo as relações entre organização do espaço na educação infantil e o desenvolvimento da criança. Para isso, partimos dos estudos e leituras ocorridas no decorrer do ano, associados às práticas de ensino observadas e propostas durante do estágio em educação infantil. Os resultados indicam que o espaço é um elemento fundamental na prática de ensino da educação infantil e pode resultar em implicações no desenvolvimento da criança, a medida em que ela interage, participa e age no ambiente intencionalmente proposto pelo professor. Assim, consideramos que o estágio supervisionado oportunizou observar, participar e discutir sobre o que ocorre em sala de aula, no espaço e os estudos e experiências aprimoraram nosso entendimento sobre a docência na educação infantil que

**Palavras-chave:** Espaço, Estágio Supervisionado; Criança e desenvolvimento.

### 1 INTRODUÇÃO

Este artigo refere-se as práticas de estágio ocorridas ao longo do 2º ano de Pedagogia na Universidade Estadual do Paraná, campus de Paranavaí-PR, na disciplina Ensino e Estágio na Educação Infantil. A partir do estágio supervisionado no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) num município da região Noroeste do Paraná, relatamos as experiências ocorridas de umas das ações desenvolvidas numa turma de Infantil 2 turma A.

Consideramos que nosso estágio supervisionado foi amplo, pois podemos observar, participar e discutir sobre o que ocorre em sala de aula, as professoras

---

<sup>8</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), andressacarvalho1234@gmail.com.

Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), luanapradodossantos@gmail.com.

<sup>9</sup> Mestre; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), luciana.sferro@gmail.com.

da sala de aula em que estivemos foram solícitas, apesar de algumas limitações teóricas, elas compreendem as crianças como sujeitos a serem respeitados e não limitam nosso trabalho, muito pelo contrário, elas mantiveram uma excelente comunicação conosco. Com o estágio, podemos acompanhar a realidade de uma sala de aula, a rotina dos alunos, a organização do espaço, como elementos para compreender a docência, o professor como sujeito que deve ter conhecimento para poder acompanhar e intervir no desenvolvimento da criança.

É inegável o quanto o estágio é enriquecedor, lemos diversos livros e artigos que apontam a necessidade do estágio supervisionado, mas só entendemos a necessidade dele quando vivemos ele. Cada vez mais percebemos uma evolução em nós acadêmicas, com essa modalidade de ler, ir para a prática, discutir e refletir. Certamente as pesquisas na área, bem como as reflexões acerca do estágio, tanto da universidade quanto das instituições, tem contribuído para a realização de alterações e ajustes ao longo do tempo. Acreditamos no estágio, como já apontado por Ostetto (2000, p. 15), como "um momento de encontro entre educadores em formação e educadores que já estão atuando na educação infantil e que, no processo, experimentam uma verdadeira formação em serviço".

Estamos aprendendo a não separar da prática da teoria, onde há o conhecimento e seu lugar de expansão, onde um complementa o outro, e sem um desses o outro fica defasado.

O estágio deve ser visto não apenas como um campo de aplicação de conhecimentos, mas também como um campo de produção de conhecimentos. (OSTETTO, 2000).

Neste relato daremos destaque ao tema espaço, como um conteúdo discutido e abordado no decorrer das práticas de estágio. Quando tratamos a organização do espaço, estamos pensando tanto no ambiente quanto na organização dele e de tudo que o acompanha para uma boa aula. O espaço <sup>10</sup> é um local destinado a certas atividades, com isso entendemos que o espaço deve acompanhar as diretrizes do contexto. Outras definições remetem o espaço e a relações humanas, dotados de significados particulares onde é possível que a pessoa se comunique com o mesmo.

Essa é a problemática deste artigo, ou seja, o ambiente em que o aluno está tem um reflexo tão grande em sua formação, enquanto um lugar que reconhece a

---

<sup>10</sup> Definição encontrada no site: <https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/eaja/conceito-de-lugar-na-perspectiva-geografica/>.

dimensão do cuidado, das interações e dos processos de aprendizagem, enquanto elementos para uma prática de ensino favorável ao desenvolvimento. Esse artigo tem a finalidade de compreender e discutir a relevância da organização do espaço e suas implicações no desenvolvimento da criança.

Para isso, este artigo se fundamenta em Pasqualini e Lazaretti (2021); Abramovay e Kramer (1984), Broering (2008), Magalhães e Lazaretti (2019) que discutem a relação do espaço na educação infantil, a partir de uma experiência ocorrida nas práticas de estágio, envolvendo uma turma de Infantil 2 turma A, em um Centro Municipal de Educação Infantil na região Noroeste do Paraná.

## **2 RELATO DE EXPERIÊNCIA: O ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

O espaço na educação infantil é assunto de discussão há muito tempo, dúvidas de como planejar e organizar este ambiente para a criança são muito recorrentes, pois ele é um elemento significativo na formação do indivíduo, é ele que vai limitar ou expandir as possibilidades de aprendizagem. Além das oportunidades cognitivas, o aluno poderá sentir o acolhimento mediante a um lugar preparado e pensado para que ela realize suas interações e brincadeiras. Essa integração da criança no ambiente se torna um potencializador para o ensino e propicia a participação e aprendizagens. Segundo a própria Base Nacional Comum Curricular (2017) a diversidade do espaço é um direito da criança, logo, pensá-lo e considerá-lo ao preparar uma aula é assegurar o direito dos nossos alunos.

Realizamos nossa atividade de intervenção no CMEI, durante o ano de 2022, no qual uma das ações foi destinada a realização de uma prática de ensino voltada para uma turma de maternal 1, com aproximadamente 19 crianças, no qual o conteúdo envolveu o campo de experiência Corpo, gestos e movimentos. A partir dos estudos realizados, procuramos planejar um espaço que possibilitasse que as crianças participassem da brincadeira de maneira interativa e de exploração dos objetos propostos. Quando trabalhamos o corpo humano com as crianças, precisávamos estar em um lugar que poderíamos movimentá-lo, um espaço onde pudessem manusear os recursos, como; água, bonecos, buchas e bacias. Em meio a brincadeira, estratégia, organização no plano de aula e em sua execução percebemos que o ambiente pensado permitiu que a brincadeira fluísse juntamente com o conhecimento. As crianças tiveram a liberdade de ir e vir, aproveitar o

território destinado a aula planejada. No caso como o conteúdo abordado foi corpo humano, e como estratégia, desenvolvemos no espaço externo, por meio de ações que envolveram dar banho em bonecos, , lavar as partes do corpo, enxaguar, secar, vestir e essas ações foram repetidas várias vezes e no decorrer das ações, verbalizamos sobre as ações realizadas.

**FIGURA 01: SECANDO O CORPO**



FONTE: Acervo das autoras.

Os alunos aproveitaram o espaço e o sol para estender toalhas e colocar seus bonecos para secar, a fim de finalizar a higienização e vestir-se.

**FIGURA 02: BRINCANDO COM A ÁGUA**



FONTE: Acervo das autoras.



As crianças aproveitam o espaço e a liberdade de brincar para se divertirem, o medo de molhar o chão da sala, estragar algum material não pertence a este momento, elas podem brincar livremente e explorar a atividade.

Diante dessa prática de estágio, percebemos que o ambiente possibilita essa movimentação, que foi crucial em nossa ação de ensino. Enquanto estudantes do curso de pedagogia compreendemos que é indispensável não limitar a criança no espaço e é preciso criar condições para que ela possa se movimentar, locomover, explorar, manipular, com direção e intencionalidade do professor. Durante nossas práticas de estágio, questionamos: como uma criança aprende a andar se ela só fica no berço? ela precisa do chão para desbravar o espaço e vencer barreiras como equilíbrio, força, mas isso só é possível com essa oportunidade, o espaço é uma dessas oportunidades, desde que o professor tenha clareza das implicações desse espaço no desenvolvimento da criança.

O estudo para desenvolver o planejamento da aula foi fundamental para percebermos a importância do planejar e conhecer sobre os processos de aprendizagem da criança. Os dados que norteiam nossos caminhos, nos mostraram uma orientação para a execução dessa aula, execução que consideramos favorável as aprendizagens das crianças. Ao pensar em um recinto arejado, espaçoso e divertido, conseguimos englobar todas as crianças na atividade. Com isso, pensamos no todo, o espaço para executar a atividade, a liberdade para explorar horizontes, a motivação em um ambiente novo, já que a realidade é que os alunos saem pouquíssimas vezes da sala de aula, tudo isso considerando a relevância do planejamento e no cenário que aplicamos a aula. Quanto ao espaço, também consideramos ter sido adequado, pois seguimos a orientação do currículo de Bauru onde diz que o espaço deve ser intencional e planejado, e assim foi, escolhemos um ambiente com espaço ideal para a execução da atividade, onde poderiam se molhar sem esbarrar em nada e sem estragar, onde pudessem se sentir livres e vontade para ampliar seus gestos e movimentos.

“Vale mencionar, que a organização do espaço não pode ser improvisada, mas ser planejada de maneira intencional, para que possibilite saltos qualitativos no desenvolvimento” (BAURU, 2022, p. 34). É de suma importância que o ambiente seja organizado e planejado para as crianças, e não para os educadores como é notado em diversos lugares que observamos na atuação na educação infantil. Que seja um lugar que tenha atividades desenvolvidas por eles, que os materiais

disponíveis estejam em seu alcance e a organização seja pensada neles, e o papel do educador é planejar este espaço e lhe proporcionar ações intencionais para que o aluno tenha pleno desenvolvimento.

E no espaço planejado que a criança vai demonstrar interesse sobre os objetos ali presentes, onde ela vai estar grande parte do tempo, então se faz necessário que este ambiente seja confortável, estimulador e seguro dando oportunidade da criança de explorar. É nele onde o indivíduo vai se desenvolver e pode formar conhecimentos sobre si, o outro e o seu redor.

Por isso o espaço, como componente do ensino, não é um simples lugar de passagem, de decoração, de simples exposição de materiais produzidos pelos professores, de anexar tarefas executadas pelas crianças, muitas vezes, padronizadas e estereotipadas, mas sim, um revelador de quais conteúdos estão sendo contemplados e como eles estão sendo explorados. (MAGALHÃES; LAZARETTI, 2019, p. 150)

Como diz a citação acima não é apenas lugar de decoração, mas um lugar revelador onde trata sobre o que está sendo trabalhado e aprofundado no presente momento, além de ser um ótimo reforço do que foi trabalhado. E no espaço que a criança mostra o que aprendeu e reproduz o que lhe foi passado.

[...] o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque como sujeito e permanecendo como sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico. (BAKHTIN, 2003, p. 400).

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estágio supervisionado nos proporcionou articular os conteúdos adquiridos com vivências significativas ao longo do ano. Diante da prática podemos uni-la com a teoria da sala de aula, dos livros e dos artigos científicos, podemos constatar o que a teoria disse, e criar novos pontos de partida que flexibilizam nosso conhecimento. Não ficamos refém de apenas uma teoria, ou um único(a) autor(a). Cada aluno tem sua particularidade, e seus contextos variáveis, vimos que além de educadoras, pessoas que transmitirem conhecimento a essas crianças, somos a possibilidade de mudar ou a menos melhorar sua realidade. Com o estágio podemos ver nossos erros, o quanto precisamos nos aprofundar e fundamentar nossas práticas, concluímos que essas ações não se dissipam, muito pelo contrário uma precisa da

outra. “O ato de ensinar, como processo intencional, sistemático e organizado, com finalidades e objetivos previamente traçados, na direção de seleção e apropriação de conteúdos com meios e metodologias adequados.” (LAZARETTI; MELLO, 2018, p. 118).

O espaço e o desenvolvimento da criança foi tema central deste artigo, pois constatamos a necessidade desse elemento tanto no planejamento da aula, quanto na prática, o quão significativo se torna o momento de estudar quando pensamos na adaptação e interação dos pequenos.

O espaço escolar deve ser cuidado como ambiente que proporciona (ou limita) possibilidades de desenvolvimento e, por isso, os adultos observam e registram as relações ali estabelecidas e intervêm intencionalmente para proporcionar a apropriação destes objetos de conhecimento - este é papel da escola é tarefa do professor infantil.(GAMBA, 2016 *apud* LAZARETTI; MELLO, 2019, p. 155).

Concluimos que é imprescindível a necessidade em fundamentar as ações, mas também usar dessas ações para aperfeiçoar os conhecimentos da teoria. Ao trabalhar o tema central desse artigo notamos isso, pois sem um espaço planejado e estudado não seria possível o resultado que obtivemos.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M.; KRAMER, S. **O rei está nú**: um debate sobre as funções da pré-escola. Cadernos Cedes, v. 1, n. 9, p. 27-38, 1984.
- BAURU. Secretaria Municipal de Educação. Sistema Municipal de Ensino. **Currículo Comum**: Educação Infantil. Brasília, 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Brasília, 2017.
- BROERING, A. Quando a creche e a universidade se encontram: histórias de estágio. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Educação infantil**: saberes e fazeres da formação de professores. Campinas: Papirus, 2008. p. 107-126.
- MARANHÃO, D. O cuidado como elo entre educação e saúde. **Cadernos de Pesquisa**, n 111, dez. 2000.
- PASQUALINI, J. C. Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas. In: MARSIGLIA, Ana C. G. (org.). **Infância e pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores associados, 2013. p. 71-97.

Anais do II Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do curso de  
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí  
13, 14 e 15 de fevereiro de 2023

PASQUALINI, J.; LAZARETTI, L. Crianças pequenas na escola: contradições e potencialidades. **Revista Polyphonia**, Goiânia, v. 32, n. 2, p. 112–129, 2021.

## LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ORALIDADE, LEITURA E ESCRITA À LUZ DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

PEREIRA, Érica Cristina de Oliveira<sup>11</sup>  
PIZOLI, Rita de Cássia<sup>12</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo relatar as experiências do Estágio Supervisionado em Educação Infantil desenvolvido no CMEI Tia Irene Martos Rocha. O estágio contou com três etapas ao longo do ano letivo onde foi possível analisar a rotina de diferentes turmas. Em todas essas etapas fizemos o percurso da observação e participação nas aulas, estudo acerca do desenvolvimento infantil e o processo de ensino e aprendizagem da criança de 0 até 5 anos de idade baseando-se na perspectiva Histórico-Cultural e, por fim, a atividade de intervenção. Este texto narra, em especial, a última etapa do estágio, onde objetivou-se compreender o trabalho com a linguagem na Educação Infantil contemplando seus eixos oralidade, leitura e escrita. Em um primeiro momento discute-se sobre a importância do trabalho com a linguagem nesta etapa da educação escolar fundamentando-se em autores que estudam a Teoria Histórico-Cultural e nos documentos oficiais. Posteriormente, apresentam-se alguns elementos analisados durante a observação e, por fim, a atividade de intervenção no maternal I.

**Palavras-chave:** Linguagem; Educação Infantil; Teoria Histórico-Cultural.

### 1 INTRODUÇÃO

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Neste diálogo, o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal (BAKHTIN apud CORRÊA e DANGIÓ, 2016, p. 179).

A epígrafe que abre este texto nos faz refletir sobre a importância da linguagem para o ser humano haja vista a necessidade constante de comunicação que a vida em sociedade exige. Mas não basta o ato de falar, mas sim o saber falar como atividade social humana, como um instrumento de inserção social e de transformação a medida em que possibilita a expressão de ideias, pensamentos e necessidades. A comunicação está presente em nossas vidas desde a mais tenra idade, os primeiros balbucios e o choro do bebê já indicam uma tentativa de

---

<sup>11</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), e-mail: ericacristinapereira37@gmail.com.

<sup>12</sup> Professora Doutora em Educação/UEM; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), rita.pizoli@ies.unespar.edu.br.

comunicação, este é o primeiro passo rumo à inserção na cultura falante.

Ao adentrar a esta cultura a criança se apropria de um repertório proveniente do contexto familiar, muitas vezes uma fala ainda descontextualizada e desorganizada, e é com esse repertório que chega à escola. Neste contexto, entra em ação o papel da escola, em especial da educação infantil, onde a atuação do professor deve assegurar o desenvolvimento da linguagem como um instrumento responsável por organizar o pensamento da criança, possibilitando a aquisição de uma fala contextualizada e os primeiros contatos com a leitura e a escrita. Mas como deve ser esse trabalho com bebês e crianças pequenas?

Para responder a essa questão recorreremos aos pressupostos teóricos desenvolvidos por teorias críticas da educação e pela psicologia russa. Desse modo, o presente trabalho tem sua fundamentação sob à égide de documentos como a "Proposta pedagógica para a Educação Infantil do Sistema Municipal de Ensino de Bauru/SP" e autores que compreendem a educação como instrumento de humanização, responsável por promover mudanças qualitativas no psiquismo infantil e a escola como espaço para a socialização dos conhecimentos historicamente produzidos.

Nesse sentido, tendo como respaldo teórico a Teoria Histórico-Cultural, desenvolvida por estudiosos russos, o trabalho com a linguagem na educação infantil deve considerá-la como resultado da apropriação do legado humano através do convívio social. Nesta perspectiva, o professor deve buscar compreender esse processo de apropriação com o intuito de proporcionar as mediações necessárias para o desenvolvimento da linguagem, trabalhando oralidade, leitura e escrita de forma integrada e possibilitando que a criança compreenda a linguagem como criação do homem para saciar suas necessidades.

Portanto, para a criança se apropriar da língua materna é necessário que ela esteja inserida na cultura falante, para que por meio da imitação a criança passe a reproduzir a fala dos adultos ao seu redor desde as primeiras palavras e avance para níveis mais elevados no ambiente escolar. Além disso, é fundamental que o ensino esteja vinculado à periodização do desenvolvimento infantil (ELKONIN apud PASQUALINI, 2006) para que as mediações na linguagem estejam de acordo com as especificidades de cada etapa, ou seja, relacionadas às atividades- guia do desenvolvimento infantil.

## **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Ao tomar como base os princípios da Teoria Histórico-Cultural, concebemos a educação como instrumento de humanização, portanto, para que a linguagem seja compreendida como função psíquica especificamente humana torna-se indispensável que a escola propicie as condições necessárias para a aquisição desse instrumento de comunicação desde a creche, primeira etapa da educação escolar. O que muitas vezes acontece, devido à atribuição que a sociedade emprega na creche como espaço assistencialista, fruto de sua construção histórica, é uma atenção reduzida aos aspectos pedagógicos, onde o foco acaba sendo maior nos cuidados diários ao invés da articulação entre cuidar e educar (KUHLMANN, 1998).

Outro aspecto muito comum é em relação às dúvidas que surgem no ensino de bebês e crianças pequenas: Como trabalhar a linguagem com bebês que ainda nem falam? Provavelmente eles nem vão entender a história que o professor contar, então porquê contar? Esse tipo de pensamento é muito recorrente na educação infantil, o ensino é desvinculado dos cuidados, são divididos em mundos opostos e as atividades "muito elaboradas" podem tomar muito tempo, atrapalhando a rotina já estabelecida na sala.

Foi a tentativa de compreender a melhor forma de viabilizar esta aprendizagem com dos bebês e com crianças pequenas que nos impulsionou durante a última etapa do estágio supervisionado e, motivadas pela compreensão da melhor maneira de mediar esse trabalho, buscamos respostas em concepções teóricas críticas.

Partimos da ideia de que a criança necessita estar em meio a cultura falante para se apropriar da língua e de que o trabalho com a linguagem deve estar atrelado à atividade guia do desenvolvimento infantil, sendo essa atividade, a atividade principal que se dá em cada etapa da periodização do desenvolvimento da criança, começando pela primeira, denominada comunicação emocional direta, depois, a atividade manipulatória objetual e, em seguida, a brincadeira de papéis (LEONTIEV apud PASQUALINI, 2013).

Quando falamos em atividades guia estamos nos referindo às possibilidades de ação da criança em um dado período. A partir de crises uma atividade guia é superada fazendo com que a criança tenha um salto qualitativo em seu desenvolvimento passando para a próxima etapa caso receba as mediações

necessárias. É importante considerar que a forma de pensar essas etapas leva em conta as características da dialética, ou seja, não são etapas estanques aos quais a criança vai avançando automaticamente, mas são características gestadas no interior de uma etapa, transformando-se em outras características, num processo microscópico, impulsionado pela intervenção do adulto, principalmente.

É justamente a mudança de atividade dominante ou atividade-guia que marca a transição a um novo período do desenvolvimento. No interior de um determinado período, assistimos a reconstrução das ações e operações da criança (“mudanças microscópicas”), que cria condições para a mudança de atividade-guia (salto qualitativo) que caracterizará a transição para um novo período. (PASQUALINI, 2013, p. 77).

No caso dos bebês, a atividade guia dominante é a comunicação emocional direta, como o próprio nome sugere, é a comunicação com o adulto que cuida, ato responsável pela relação que a criança estabelece com o mundo à sua volta, mesmo sendo esta ainda muito limitada (PASQUALINI, 2013). Desta maneira, o trabalho do professor com vistas ao desenvolvimento da linguagem deve voltar-se para o constante diálogo com os bebês durante os cuidados, troca de fraldas, banho e alimentação, por exemplo. Se estes cuidados caem na rotina e o professor age passivamente com o bebê, este dependente da conduta ativa do adulto não irá desenvolver o princípio da comunicação.

Vale ressaltar que essa comunicação, segundo Pasqualini (2013) não está apenas naquilo que o adulto apresenta ao bebê, mas sim nas trocas afetivas que acontecem entre ambos. Portanto, torna-se imprescindível que o professor tenha uma base teórica consistente capaz de fazê-lo entender a relação cuidar-educar com foco no desenvolvimento da linguagem da criança, para que esta não seja empobrecida.

[...] na creche, essa comunicação deve ser criada e mantida pela pessoa adulta que cuida e educa o bebê, uma vez que ele está ainda formando sua capacidade de atenção e de concentração necessárias para manter essa comunicação. Isso significa que a intenção da educadora ou do educador deve estar voltada para promover essa relação e fazer um esforço para estabelecer e manter a comunicação com o bebê em todos os momentos do cuidado (MELLO, 2014, p. 49).

Apesar do bebê não falar nos primeiros meses de vida ele apresenta o aparato sensorial muito desenvolvido, habilidade que os permite escutar e observar



atentamente a realidade, assim como o choro e os gestos também exprimem ações importantes que merecem atenção por parte do professor do berçário como caminho para o desenvolvimento da linguagem.

É preciso atentar-se às possibilidades de comunicação que se estabelecem nesse período do primeiro ano de vida por meio de gestos, atitudes, olhares, choro, balbúcio e percepções das mudanças de comportamento do bebê em relação ao adulto e vice-versa, sem prescindir da fala. Ainda que para o adulto pareça um monólogo, é na fala que se estimula a criança para a comunicação, criando nela essa necessidade. Essas práticas educativas colaboram com a aquisição da fala e das demais funções psíquicas superiores, visto que a criança encontra-se num momento de comunicação emocional direta com o adulto, cuja atividade guia é a relação com o outro (CORRÊA; DANGIÓ, 2016, p. 184).

Para uma organização do ensino seguindo os aspectos apresentados até aqui, o Currículo de Bauru (2016) apresenta as possibilidades que podem ser exploradas com crianças da Educação Infantil para promover o desenvolvimento da linguagem. O documento orienta que tal trabalho deve ser voltado para a ampliação do vocabulário infantil, indo além da fala cotidiana apresentada no contexto familiar, para que aprenda também a escutar e falar, partindo progressivamente para o domínio da língua e ordenação do pensamento. Mas para que esses objetivos sejam postos em prática cabe ao professor, de modo intencional, promover a interação na sala de aula com atividades como a contação de histórias, teatro, música, cantigas, rodas de conversa, entre outras possibilidades, de modo que a criança sinta a necessidade de participar do diálogo e se coloque em atividade de aprendizagem.

Destaca-se desse modo o trabalho sistematizado e intencional, desenvolvido pelo professor, por meio de atividades que instiguem e potencializem as situações comunicativas das crianças, possibilitando progressiva autonomia para expressar suas ideias e sentimentos, interagindo nas diversas situações do dia-a-dia (CORRÊA; DANGIÓ, 2016, p. 185).

Tais possibilidades de intervenção se estendem para as crianças que estão na fase manipulatória objetual, porém, considerando sua atividade guia, é essencial que tais atividades venham acompanhadas de objetos que ilustrem a história narrada ou as cantigas cantadas. Esta segunda etapa de acordo Pasqualini (2013) caracteriza-se pela passagem da relação criança-adulto social para a relação criança-objeto social, nesta relação a criança passa a compreender a real função dos objetos a

partir da imitação dos adultos. Nesse sentido, se anteriormente ela usava a colher para fazer sons, agora ela utiliza de acordo com sua finalidade, ou seja, para se alimentar. Posteriormente, com as mediações corretas, a criança utiliza a colher para "preparar refeições", alimentar bonecas ou até mesmo substitui o objeto por outro lhe aplicando a mesma função, tais ações dão início à passagem para uma nova etapa, a brincadeira de papéis, onde prevalece a ação lúdica (PASQUALINI, 2013).

As ações presentes nessas etapas de desenvolvimento sustentam um conjunto de possibilidades para o trabalho com a linguagem, contação de histórias e cantigas utilizando objetos são excelentes estratégias de ensino. A contação de histórias contribui significativamente com o desenvolvimento da oralidade e leitura na educação infantil, porém, não apenas o contar a história como uma leitura qualquer, mas a contação, no sentido de narrar a história com a entonação de voz dos diferentes personagens, utilizando recursos como fantoches, objetos, caixa surpresa, mala de histórias, avental literário, livros musicais e com texturas, máscaras e fantasias que tornem a atividade mais atrativa à criança. Além disso, faz-se necessário retomar elementos da história como forma de permitir a oralidade das crianças, elas gostam de falar sobre seus desejos e experiências, isso foi evidenciado em nosso estágio.

Contudo, em certos momentos as crianças são repreendidas ao se comunicarem em nome da disciplina na sala. Durante nossa atividade de observação foi possível presenciar vários aspectos da comunicação das crianças do maternal I, nesta turma a maioria das crianças já se comunica, entretanto, não fazem isso com tanta frequência e não há atividades que instiguem essa comunicação tão importante.

Em uma das manhãs notei que uma das crianças manipulava curiosamente um livro de tecido no momento do acolhimento, até que outras crianças começaram a chegar e também tiveram interesse pelo livro, foi quando a professora entrevistou dizendo que seria melhor guardar o livro para evitar brigas mesmo porque esses livros ficavam escondidos para que eles não estragassem. Mas ora, se os livros são adquiridos para as crianças porque não podem ser explorados por elas? Infelizmente essa é a realidade de muitas escolas em nosso país, há recursos para um ensino significativo mas há também um pensamento equivocado sobre o uso dos materiais.

Em nossas pesquisas e observações em Escolas de Educação Infantil, constatamos que: a) objetos de manipulação estavam em condições precárias, quebrados, sujos e geralmente advindos de sucatas; b) brinquedos novos e de boa qualidade ficavam guardados em almoxarifados, com a justificativa de "não quebrar ou estragar nas mãos das crianças"; c) prevalecem recursos confeccionados com materiais descartáveis (LAZARETTI; MELLO, 2018, p. 125).

Notamos também que em grande parte do tempo as crianças não têm ocupação nenhuma e esse tempo é preenchido com a TV, ou em brincadeiras espontâneas que ainda são vistas pelas professoras como "bagunça e indisciplina" em muitas circunstâncias. Entretanto, a tal "bagunça" na realidade é a expressão da necessidade que possuem, necessidades estas provenientes da fase em que estão em seu desenvolvimento e que não estavam sendo saciadas. As crianças tinham muitas perguntas, muitas curiosidades, sempre vinham até nós para conversar e fazer questionamentos sobre diversos assuntos, em certo momento uma das alunas me fez várias perguntas, até que sua atitude rendeu uma pequena roda de conversa no primeiro dia de observação, na ocasião me sentei no chão para conversar com ela e, logo uma roda de meninas estava formada ao ouvirem nossa conversa. Questionei sobre o que gostavam de brincar e elas falavam de suas bonecas preferidas, dos animais que tinham em casa, dos acontecimentos de casa.

Há diversas oportunidades para trabalhar a linguagem na educação infantil, sendo possível conciliar este trabalho com a rotina das crianças, o que facilita o processo, desse modo, o professor pode introduzir atividades de linguagem por meio de brincadeiras, jogos verbais, contação de histórias e uso de recursos. Mas o que acontece geralmente na creche é a aplicação de atividades no sulfite, acarretando muitas vezes uma antecipação da alfabetização ao invés do trabalho com a oralidade, por exemplo, desse modo cobra-se que a criança reconheça letras sem nem mesmo possibilitar que ela verbalize palavras ou que ouça palavras diversificadas para ampliação de seu vocabulário na primeira etapa de sua educação escolar.

Na ausência de direção, ou diante de uma direção indefinida, em que vale tudo, recai sobre a educação infantil uma forma de ensinar frágil e suscetível com práticas pedagógicas em que prevalecem ações que oscilam entre higiene, sono-vigília, segurança e alimentação ou antecipação mecânica da alfabetização, com exercícios prontos e instrucionais (LAZARETTI apud LAZARETTI; MELLO, 2018, p. 118).

Esta prática de ensino por meio de atividades impressas pôde ser observada no estágio supervisionado, em todas as manhãs que participamos esse foi o trabalho desenvolvido. A primeira atividade proposta foi sobre a primavera, a qual as crianças tiveram que pintar uma rosa com as mesmas características da flor pintada pela professora. A introdução da atividade se deu com uma breve e superficial explicação sobre a primavera conceituada pela professora como "a estação das flores", observamos que as crianças não interagiram com ela naquele momento e na hora da pintura muitas crianças não conseguiram pintar da mesma forma que ela, utilizando cores diferentes em pétalas diferentes, ao terminarem levavam à atividade à professora e eram repreendidos pelo "erro". Nota-se que o tema da aula não é contemplado nos currículos na forma como a professora empregou, o conteúdo correto são plantas, e foi abordado pela professora baseando-se em conhecimentos do senso comum e não no âmbito científico.

[...] a partir da área de conhecimento - ciências da natureza -, ao trabalhar o conteúdo plantas, para além de classificar, pintar e observar, é possível enriquecer a forma de ensinar com a preparação e manuseio da terra, com as mãos e com os instrumentos próprios, manusear sementes, raízes, folhas, frutos; selecionar quais plantas podem ser plantadas, o que precisarão para crescer e de desenvolver, propor experiências, instigar a curiosidade das crianças por meio de perguntas desencadeadoras que impulsionem o levantamento de hipóteses e movimentem seu pensamento na ação com os recursos que estão sendo disponibilizados e, intencionalmente, provocadas a manipular (LAZARETTI; MELLO, 2018, p. 126).

Além disso, a partir das observações da turma pontua-se a ausência de um controle maior sobre o tempo em que as crianças passam "robotizadas" em frente à TV, entre acolhimento e café a TV está presente. Enquanto acontece a retirada do café e limpeza da sala, o aparelho é utilizado como distração, depois da atividade até a hora do almoço, a TV entra em cena novamente, e quando voltam a sala para dormir, a TV está mais uma vez desempenhando parte do trabalho do professor. Ou seja, o tempo que as crianças passam em frente ao recurso eletrônico poderia estar sendo preenchido com atividades que promoveriam seu desenvolvimento em vários aspectos, mais precisamente na linguagem. Em muitas circunstâncias as crianças cantavam as músicas que tocavam na TV ou imitavam os movimentos corporais dos desenhos, entretanto, isso não pode substituir a figura do professor e seu papel de mediação na aprendizagem, pois é importante cantar junto, fazer os movimentos

com as crianças, retomar a história contada para relembrar fatos principais, ter um repertório amplo de músicas para apresentar às crianças e estimular para que cantem também, é preciso entrar no ritmo e envolver as crianças nesse movimento.

Tendo em vista a importância da linguagem no desenvolvimento humano haja vista seu papel no convívio social, é indispensável,

[...] a escola apresentar a diversidade de gêneros do discurso aliada à mediação do professor no intuito de tornar mais complexa a linguagem do aluno, caso contrário, este ficará a mercê dos padrões estereotipados da mídia, os quais poderão atuar como modelos (CORRÊA; DANGIÓ, 2016, p. 182).

Após três dias de observação e ancoradas nos estudos acerca do tema, foi o momento de intervir na turma, todo nosso trabalho foi articulado com a rotina que as crianças já tinham organizada. Iniciamos o acolhimento das crianças às 7:30 da manhã, assim que boa parte das crianças chegaram e tomaram o café da manhã foi hora de darmos início à nossa intervenção. Montamos a nossa roda de conversa com as crianças e apresentamos o sapo Geléia, o fantoche que acompanhou nossa aula e fez a alegria das crianças durante a manhã. Foi notável o interesse das crianças pelo recurso ao longo da aula, conversaram com o fantoche, faziam perguntas e respondiam as perguntas que "ele" fazia. Algumas crianças perguntavam "Por quê você não lava o pé, Geléia?" ou "Era o bolo do seu aniversário Geléia?" referindo-se à história que contamos. Nesse sentido, podemos notar como um simples recurso levado à sala de aula provocou nas crianças a vontade de falar, de dialogar sobre uma história e interrogar o então "sapo".

Durante o acolhimento cantamos algumas cantigas e quando questionamos se eles conheciam a música do sapo algumas crianças de imediato já iniciaram a música demonstrando que conheciam, tivemos que cantar três vezes a mesma canção para que eles pudessem repetir nossos movimentos corporais e esboçar um tímido momento cantando. Após esse período, foi o momento da contação de história com nossos recursos. Durante a história "A boca do sapo" todos ficaram curiosos pelos recursos que utilizamos, queriam tocar e descobrir o que havia atrás da boca do sapo. Prestaram atenção na história e participaram do diálogo no final da contação, quando perguntamos "Por quê o sapo comeu o bolo sozinho?" eles respondiam coisas como "Porque era aniversário dele tia" ou "Porque ele estava com fome", nós intervimos relembrando as partes da história. Esse diálogo após a

história, permite que a criança participe ativamente da contação de histórias ao invés de ver o professor como detentor único da história, pois, a criança tem a possibilidade de contar do seu jeito, relembrar fatos que chamaram sua atenção. Dessa forma podemos trabalhar a memória e a criatividade ao relacionar a história à fatos vivenciados ou imaginados por ela.

Após a história apresentamos imagens de animais às crianças e perguntávamosse eles sabiam os sons que esses animais produziam, se já tinham visto de perto, e fomos muito bem correspondidas. Eles diziam o nome dos animais, imitava-os e relacionavam aos conhecimentos que já tinham desses animais, durante esse período pós contação de história, o maternal I fez barulho, mas um barulho positivo rumo ao desenvolvimento da linguagem, da comunicação e da interação. Nesse sentido, notamos na prática como a metodologia e os recursos podem influenciar significativamente na aprendizagem da criança desde que

[...] tenham como direção: desenvolver expressões gestuais e sonoras; ampliar a mobilidade espacial, que aperfeiçoa seus movimentos; promover formas de comunicação; enriquecer os sistemas sensoriais preênses e de manipulação. Abre-se aí espaço para introduzir metodologias primorosas como procedimentos auxiliares desse movimento de estar e agir no mundo, por meio de músicas, da literatura, de imagens, de objetos, de espaços, de alimentos da natureza, de tudo que for acessível e desafiador (LAZARETTI; MELLO, 2018, p. 123).

Para o trabalho com a escrita optamos pela confecção de um sapinho utilizando rolinhos de papel higiênico, nessa atividade além de marcar a história contada, ao fazer um dos personagens, também trabalhamos aspectos do desenvolvimento motor das crianças com a colagem. Algumas crianças levaram o sapinho para o almoço, outras dormiram com o personagem e a todo tempo tentavam puxar assunto com o "Geléia", tudo era motivo para puxar assunto com o fantoche, queriam saber até mesmo onde ele morava e quando o "sapo" perguntava a eles onde moravam, uma das alunas respondeu "Eu moro lá no Sumaré, bem longe Geléia. E você mora na lagoa mesmo?". Foi um momento muito satisfatório ver a interação das crianças com o fantoche, um recurso tão simples que pode ser implantado na educação infantil ao longo das aulas e tirar o foco dos aparelhos eletrônicos ou do silêncio excessivo que limita a comunicação das crianças.

A nossa última intervenção possibilitou uma ampla visão sobre a necessidade de planejar e agir intencionalmente no desenvolvimento da linguagem na educação

infantil. Sendo esta a etapa base, responsável por introduzir a criança no ambiente escolar na qual é novo para ela, esta deve agir de modo a permitir que a criança fale, que se comunique e interaja com os seus pares. Se desde o início a criança for silenciada ela crescerá reproduzindo esse silêncio, empobrecendo seu desenvolvimento, uma vez que a linguagem está intimamente ligada à outros aspectos humanos sendo responsável por organizar nosso pensamento e, conseqüentemente, nossa atuação na sociedade. É claro que há momentos em que se deve prezar pelo silêncio em sala, como nos momentos de explicação da atividade ou brincadeira e na contação de histórias por exemplo, mas falamos do silêncio opressor que limita o desenvolvimento da criança, aquele que impõe limites a sua expressividade, esse tipo de silêncio onde é proibido rir, chorar, imitar e perguntar deve ser afastado do ambiente escolar. O professor de educação infantil deve ter base teórica para intervir corretamente na comunicação das crianças, buscando compreender a necessidade de fala das crianças e incentivar tal função psíquica, para que futuramente esta criança ocupe seu lugar de fala e saiba intervir dialogando em sociedade para transformar sua realidade.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nota-se que o trabalho com a linguagem na educação infantil visa consolidar as bases da cultura falante e escrita para que a criança se aproprie da cultura humana e seja capaz de intervir na sociedade ao qual pertence de forma coerente portando a linguagem como instrumento. Nesse sentido, podemos constatar como se faz necessário cultivar o desejo pela fala que as crianças demonstram nessa fase, e fundamental que o professor tenha aporte teórico suficiente para compreender a fala do bebê até mesmo quando ele ainda não verbaliza necessariamente palavras.

A vivência no estágio possibilitou uma ampla experiência sobre o desenvolvimento da linguagem em bebês e crianças pequenas, nos permitindo entender a importância de se pensar nesse desenvolvimento desde as primeiras tentativas de comunicação, e que esse trabalho de estímulo à linguagem contemplando seus três eixos continue por toda a educação infantil, possibilitando o acesso aos gêneros discursivos e textuais presentes no nosso dia-a-dia como resultado da atuação humana.

Portanto, é papel da educação infantil introduzir metodologias que eliminem a

cultura do silêncio e levem a cultura da comunicação, formando um cidadão capaz de falar e escrever bem para além da comunicação cotidiana, para desenvolver tal sujeito o trabalho começa desde o primeiro contato com a língua materna.

## REFERÊNCIAS

CORRÊA, Marta de Castro Alves; DANGIÓ, Meire Cristina dos Santos. Língua Portuguesa. In: Juliana Campregher Pasqualini, Yaeko Nakadakari Tsuhako (Orgs). **Proposta pedagógica para a Educação Infantil do Sistema Municipal de Ensino de Bauru/SP**. Bauru : Secretaria Municipal de Educação, 2016.

KUHLMANN, Moysés Jr. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LAZARETTI, L. M.; MELLO, M. A. Como ensinar na educação infantil? Reflexões sobre a didática e o desenvolvimento da criança. In: Juliana Campregher Pasqualini e Lucas André Teixeira Marcela de Moraes Agudo. (Org.). **Pedagogia Histórico-Crítica: Legado e Perspectivas**. 1 ed. Uberlândia: Navegando, 2018, v. 1, p. 1-274.

MELLO, S. Os bebês como sujeitos no cuidado e na educação infantil. **Revista Magistério**, São Paulo – SME/DOT, n. 3, p. 46-53, 2014.

PASQUALINI, J. C. **Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a educação escolar de crianças de 0 a 6 anos**: desenvolvimento infantil e ensino em Vigotski, Leontiev e Elkonin. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

PASQUALINI, J. C. **Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas**. In: MARSIGLIA, Ana C. G. (org.). **Infância e pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores associados, 2013. p. 71-97.



## **O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA**

BRANDÃO, Ana Júlia<sup>13</sup>

SANTOS, Poliana<sup>14</sup>

FERRO, Lussuede Luciana de Sousa<sup>15</sup>

**RESUMO:** Considerando o estágio como meio de relacionar os estudos acadêmicos com a prática docente, o presente trabalho tem como objetivo apresentar e compartilhar as vivências do estágio curricular supervisionado na educação infantil, como uma importante via de estudo da relação entre teoria e prática. A prática de estágio ocorreu em uma instituição de educação infantil, localizada em município do interior do Estado do Paraná. Nesse espaço, observamos e fizemos intervenções com crianças de quatro anos de idade. Fundamentados nos princípios da Teoria Histórico-Cultural, os estudos bibliográficos levaram em consideração como ocorrem os processos de desenvolvimento da criança, em situações sistematicamente organizadas pelo professor. Para compreendermos esses processos, organizamos esta pesquisa em três etapas: as observações das crianças em situações dirigidas pelo professor; o ato de planejar as ações de ensino e de aprendizagem e o desenvolvimento dessas ações com as crianças na prática da regência. Com essa experiência, compreendemos que a prática de estágio e o espaço onde as ações ocorrem, devem ser pensados como parte intrínseca do desenvolvimento dos acadêmicos e das crianças, ou seja, não se refere somente ao ambiente físico, tampouco aos estudos teóricos, mas, também, às situações de ensino e de aprendizagem que são desenvolvidas nos diferentes espaços que compõem a instituição de ensino. Os resultados sinalizam que a organização do espaço vai além do espaço escolar, é necessário conduzir as crianças ao encontro da cultura, abrir os portões da escola e explorar o mundo da cultura humana.

**Palavras-chave:** Estágio Curricular Supervisionado. Educação Infantil. Teoria e prática.

### **1 INTRODUÇÃO**

O presente trabalho está relacionado à disciplina de Ensino e Estágio em Educação Infantil e às experiências de estágio que vivenciamos em uma escola de educação infantil, localizada em um município na região noroeste do Estado do Paraná. Nessa instituição, observamos o trabalho da professora e a participação

---

<sup>13</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), anajuliapvai@gmail.com.

<sup>14</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), polianasantos2412@gmail.com.

<sup>15</sup> Mestre; Professora Orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), luciana.sferro@gmail.com.

das crianças nas tarefas propostas pela docente, em uma turma do infantil 4 (crianças de quatro anos de idade). A partir disso, objetivamos com essa pesquisa, apresentar e compartilhar as vivências do estágio curricular supervisionado na educação infantil, como uma importante via de estudo da relação entre teoria e prática.

De acordo com Broering (2008, p. 112) “há muito o que desvendar no trabalho com crianças pequenas, e o estágio representa uma oportunidade ímpar para construir caminhos de conhecimento sobre a infância e as crianças com as quais convivemos, educando e cuidando.” Com isso, compreendemos que o estágio é fundamental para a formação do futuro professor.

Conforme ressalta a autora supracitada, o estágio precisa ser um campo de produção de conhecimentos e não apenas como campo de aplicação de ações didáticas. O estágio é importante para o processo de formação docente dos acadêmicos do curso de pedagogia, assim como para a própria instituição que os acolhe, pois “a instituição, quando acolhe o estágio abre-se de certa forma para o encontro com o novo, disposta a ensinar e aprender” (BROERING, 2008, p.108).

No processo de desenvolvimento do estágio, participamos ativamente das três etapas propostas pelas professoras da disciplina, as quais também abordamos no decorrer deste estudo: a) observação e participação da prática docente com crianças de educação infantil, momento em que acompanhamos as ações da professora e constatamos as manifestações das crianças; b) planejamento elaborado ao longo da disciplina, em que analisamos a forma mais adequada de realizar as intervenções com as crianças; c) desenvolvimento das intervenções da prática da regência, momento em que atuamos como professoras.

Nossos estudos pautaram-se, em especial, nas pesquisas de Lazaretti e Magalhães (2019), Pasqualini (2013) e Abromovay (1984). Dessa forma, compartilhar as vivências do estágio curricular supervisionado, nesta pesquisa, na educação infantil, contribui para compreendermos a relação interdependente entre os estudos teóricos realizados na universidade e a prática pedagógica desenvolvida nas instituições escolares.

## **2 AS OBSERVAÇÕES EM SALA**

Ao chegarmos na escola, conhecemos a turma do infantil 4, com 19 crianças, na qual faríamos o estágio. A professora nos acolheu e nos apresentou à turma. Os encontros aconteceram uma vez por semana, no decorrer de todo um bimestre, momentos em que participamos da rotina da turma. Quando as crianças chegaram à escola, foram encaminhadas para uma sala com vários tatames no chão e, neste local, ficaram em fila até que a professora chegasse.

Após a acolhida, as crianças, acompanhadas da professora, tomaram o café da manhã e, na sequência, participaram da aula de capoeira (a qual ocorreu nos dias em que aconteceram o estágio), retornando para a sala ao término da aula. Já em sala, observamos diversos fatores e situações que nos chamaram atenção como, a oralidade bem desenvolvida da maioria das crianças, permitindo que elas se comunicassem com as professoras estagiárias e entre elas, de forma fluente e articulada. Sobre isso, Corrêa *et al* (2016, p. 183-184) afirmam:

[...] o mundo das ideias e o mundo das palavras, às vezes conectados com tanta evidência para o adulto, é, para a criança, um mundo a ser construído, elaborado, reelaborado, mediado pelos signos disponibilizados pelo professor, para atender à razão de ser das próprias ideias e palavras: a comunicação humana.

É importante que sejam realizadas atividades voltadas para o desenvolvimento da comunicação a partir do primeiro ano de vida, pois para falar a criança precisa estar inserida no universo do falante. A linguagem tem papel significativo na aprendizagem em qualquer área do conhecimento. Essa relação da criança com a linguagem supõe uma relação com o outro, na educação infantil é o professor que representa esse outro meio da língua.

Essa nova relação com a linguagem deve ter como objetivo não apenas a função de comunicação, mas, também, a aquisição de novos meios e formas linguísticas. É de responsabilidade do professor de educação infantil, promover a aprendizagem da língua materna, a partir da inserção da criança na comunidade adulta, em que prevalece a diversidade dos gêneros discursivos, possibilitando o acesso da criança aos gêneros secundários (CORRÊA *et al*, 2016).

Após a professora concluir a atividade pedagógica com a turma, resolvemos interagir com as crianças por meio de uma dinâmica. Escrevemos letras no quadro e as crianças falaram palavras correspondentes. Após um tempo, um aluno que possui a letra “T”, como inicial de seu nome, pediu para as professoras estagiárias

que a escrevessem no quadro também. Nesse momento, questionamos a turma: *Com qual letra escrevemos o nome do T?* Duas crianças com linguagem pouco desenvolvida, trocaram o som da letra “T” por “D”, não sendo compreendidas pelos demais colegas da sala.

Com isso, as duas crianças ficaram irritadas com a situação, pois tinham certeza de que estavam se referindo a letra certa (T) e, realmente estavam, já que apontaram para a letra correta, mas pronunciaram o seu som de forma errônea. Após alguns minutos, chamamos as duas crianças à frente do quadro e pedimos para que elas escrevessem a letra que inicial do nome do colega e, então, ambas escreveram a letra “T” corretamente. Essa constatação revela o quanto é importante o professor trabalhar com poesias, contos, travas-línguas de forma lúdica com as crianças, possibilitando a produção de diferentes sons por meio da oralidade, em atividades colaborativas e compartilhadas.

### **3 PLANEJAMENTO E INTERVENÇÃO**

De acordo com Ostetto (2008) o planejamento pedagógico é uma atitude crítica do educador, por isso deve ser flexível, permitindo ao educador repensar e revisar buscando novos significados para a prática pedagógica. O planejamento é um instrumento orientador do trabalho docente, que deve marcar a intencionalidade do processo educativo, mas não basta somente imaginar. Ostetto (2008, p. 177) ressalta que “planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para/com o grupo de crianças”.

Pensando nisso, realizamos o nosso planejamento procurando a melhor forma de transmitir conhecimento às crianças. Ao longo do processo identificamos em diversos alunos a necessidade de trabalhar a oralidade, pois apresentaram fala pouco desenvolvida, por isso, selecionamos como conteúdo as aprendizagens previstas no eixo previsto na BNCC “Escuta, fala, pensamento e imaginação”. No documento, ressalta-se

Desde o nascimento, as crianças participam de situações comunicativas cotidianas com as pessoas com as quais interagem. As primeiras formas de interação do bebê são os movimentos do seu corpo, o olhar, a postura corporal, o sorriso, o choro e outros recursos vocais, que ganham sentido com a interpretação do outro.

Progressivamente, as crianças vão ampliando e enriquecendo seu vocabulário e demais recursos de expressão e de compreensão, apropriando-se da língua materna – que se torna, pouco a pouco, seu veículo privilegiado de interação. Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (BRASIL, 2017, p. 42).

A partir dessa ideia, trabalhamos com o tema oralidade, tendo como objetivo central promover com a criança a relação dela com a língua materna, na interação com o outro, de modo a ampliar o seu repertório vocabular. A atividade proposta consistiu em brincar de dramatizar a história *O grande rabanete*, de Tatiana Belinky (2002). Primeiro, dividimos a turma em dois grupos e colocamos a história para as crianças ouvirem duas vezes. Depois, discutimos sobre a história e disponibilizamos caixas com acessórios para que as crianças dramatizassem a história.

Enquanto as crianças ouviam a história, demonstraram interesse em saber qual seria a finalidade do que ouviam e ficaram tão empolgados que já queriam ir para o momento de escolher os acessórios para brincar com o enredo e apresentar suas próprias ideias ao grupo.

A intervenção não saiu exatamente como planejamos, pois, ao verem os recursos que seriam utilizados, as crianças se empolgaram e ficaram agitadas, querendo pular etapas. Porém, podemos dizer que o objetivo foi alcançado, do ponto de vista que os alunos conversaram e interagiram conosco e entre si. Percebemos ainda que as crianças criaram diálogos e se expressaram, por meio do corpo e da fala, como sujeitos presentes nas ações de ensino e de aprendizagem.

O espaço foi pensado levando em consideração quem é a criança e com quem ela se relaciona nesse processo de aprendizagem. De acordo com Lazaretti e Magalhães (2019, p. 150) o princípio orientador para organizar o espaço onde será realizada a atividade lúdica

[...] é compreender essa criança como um sujeito ativo, ou seja, no processo de aprendizagem, na execução de qualquer operação, ela coloca em movimento todas as capacidades em ação, movimenta suas funções psíquicas, e dessa forma, é em atividade que essa criança pode aprender e se desenvolver.

Ao planejarmos a regência nos atentamos para a importância de escolher bem o espaço, porém, um imprevisto fez com que trocássemos o lugar, que infelizmente, não foi totalmente adequado, pois ficamos muito próximos do parquinho, causando certa distração das crianças. A mudança de ambiente após a contação de história e roda de conversa, fez com que as crianças perdessem o foco, foi nesse momento que tivemos nossos pequenos conflitos para finalizar as ações teatrais. Porém, retomamos a atenção das crianças aos nossos propósitos, trazendo-as de volta ao foco principal: dramatizar história ouvida no início da proposta.

Com isso, percebemos a importância de pensar e planejar o espaço, considerando os fatores que possam tirar o foco das crianças, e ter sempre uma segunda opção, para casos de imprevistos. Contudo, foi possível notar que as crianças se empenharam em desenvolver suas próprias versões da história: riam, brincavam e escolhiam seus personagens, interagiram entre si, dialogaram, discutiram possibilidades, mantiveram a atenção e se expressaram oralmente, com as nossas intervenções, instigando-as a buscarem soluções, reproduzir falas dos personagens etc.

Destacamos que o espaço de ludicidade deve ser para acolher, explorar, brincar e conhecer e não ficar restrito aos muros da escola. É necessário levar as crianças ao encontro da cultura, o que implica na possibilidade de abriremos o portão da escola e explorarmos para além dele mesmo (LAZARETTI; MAGALHAES, 2019).

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estágio nos proporcionou diversas experiências importantes para nossa formação e trabalho como futuras professoras de educação infantil. Até mesmo no momento em que as coisas não saíram como o esperado, aprendemos com nossos erros, e foi possível relacionar os conceitos de oralidade estudados em sala com a prática de regência, sistematicamente planejada para alcançar esse objetivo.

A comunicação é um dos aspectos principais para inserir as crianças na cultura humana e, essa, nela internalizada, e o estágio deixou esses ensinamentos aprimorados (OSTETTO, 2008). Nossas propostas tinham como objetivo instigar a oralidade, momento em que trabalhamos com as crianças a comunicação com o outro, a expressão de ideias e pensamento. Quanto isso, as intervenções se

mostraram satisfatórias e as formas de ensinar e aprender foram atingidas, uma vez que as crianças participaram ativamente como falantes.

Destacamos que a nossa profissão vai muito além de planejar e ensinar; vai além da sala de aula. Os estudos acadêmicos fundamentaram nossas práticas de estágio, bem como nossas ações caminharam na direção de revelar os princípios teóricos, em especial, a oralidade das crianças e as diferentes formas de expressão do pensamento. Os estudos realizaram ajudaram a pôr em prática as ações executadas, trazendo-nos mais segurança teórica e prática para desenvolver as ações de ensino e de aprendizagem com as crianças.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; KRAMER, S. O rei está nú: um debate sobre as funções da pré-escola. **Cadernos Cedes**, v. 1, n. 9, p. 27-38, 1984.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Brasília: MEC, 2017.

BROERING, A. Quando a creche e a universidade se encontram: histórias de estágio. In: OSTETTO, L. E. (org.). **Educação infantil**: saberes e fazeres da formação de professores. Campinas: Papirus, 2008, p. 107-126.

CORRÊA, M. de C. A. Língua Portuguesa. In: PASQUALINI, J. C.; TSUHAKO, Y. N. (Org.). **Proposta pedagógica para a Educação Infantil do Sistema Municipal de Ensino de Bauru**. Bauru: Secretaria Municipal de Educação, 2016. p. 177-206.

LAZARETTI, L. M.; MAGALHAES, C. Acolher, Explorar, Brincar e Conhecer: Reflexões sobre o espaço como potencializador das aprendizagens de bebês e crianças na educação infantil. In: MAGALHÃES, C.; EIDT, N. M. (Org.). **Apropriações teóricas e suas implicações na educação infantil**. Curitiba: Editora CRV, 2019.

OSTETTO, L. E. (org.). **Educação infantil**: saberes e fazeres da formação de professores. Campinas: Papirus, 2008.

PASQUALINI, J. C. Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas. In: MARSIGLIA, A. C. G. (org.). **Infância e pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores associados, 2013. p. 71-97.

PASQUALINI, J. C.; LAZARETTI, L. M. Crianças pequenas na escola: contradições e potencialidades. **Revista Polyphonia**, Goiânia, v. 32, n. 2, p. 112-129, 2021.

## **ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA**

FELTRIN, Maisa<sup>16</sup>  
ALBARELLO, Renata<sup>17</sup>  
FERRO, Luciana<sup>18</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa se justifica pela necessidade de relacionarmos os estudos teóricos realizados na instituição formadora para a docência com a prática de estágio na escola de educação infantil, focando a organização dos espaços e a forma como as ações pedagógicas neles são desenvolvidas. Diante disso, temos como objetivo neste estudo refletir a organização dos espaços de brincadeiras na educação infantil, como condição para o desenvolvimento integral da criança. Pautados nos princípios da Teoria Histórico-Cultural, os estudos bibliográficos focaram a organização do espaço em um Centro de Educação Infantil (CMEI), de um município localizado no noroeste paranaense. Para sistematizar as discussões, tecemos algumas reflexões sobre o espaço na educação infantil e suas implicações nos processos de ensino e de aprendizagem das crianças de 0 a 5 anos de idade e abordamos a importância do brincar nesses espaços para o desenvolvimento integral da criança, a partir de ações desenvolvidas na prática de regência. Esperamos que os estudos contribuam com a sistematização de espaços de ensino que priorizem o direito de brincar da criança, para o seu desenvolvimento integral.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Organização do espaço. Brincar. Aprendizagem e desenvolvimento.

### **1 INTRODUÇÃO**

Partindo do princípio de que a Educação é um direito de todo cidadão brasileiro como versa o Art. 205 da Constituição Federativa do Brasil “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, e preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988), compreendemos que o acesso e a permanência ao ensino escolar e de qualidade, deve ser condição para o desenvolvimento humano desde tenra idade da criança na escola ao ensino superior.

---

<sup>16</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), maisaalvesdasilvafeltrin@gmail.com

<sup>17</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), renataalbarello266@gmail.com

<sup>18</sup> Mestre; Professor orientador e/ou supervisor do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), luciana.sferro@gmail.com



Garantir uma educação de qualidade demanda pensar em vários aspectos que envolvem as ações pedagógicas sendo, a organização dos espaços, um desses aspectos. Os espaços se configuram no lugar onde os professores organizam as suas ações de ensino e as ações de aprendizagem das crianças. Nesse sentido, devemos considerar tanto os espaços físicos, quanto a forma de organizá-los, como um importante componente curricular que possibilita o desenvolvimento das crianças (BRASIL, 1998).

Nesse sentido, esta pesquisa se justifica pela necessidade de relacionarmos os estudos teóricos realizados na instituição formadora para a docência com a prática de estágio na escola de educação infantil, focando a organização dos espaços e a forma como as ações pedagógicas neles são desenvolvidas, então, questionamos: como organizar os espaços de brincadeiras na educação infantil, de modo que contribua para o desenvolvimento integral da criança? Diante disso, temos como objetivo neste estudo refletir a organização dos espaços de brincadeiras na educação infantil, como condição para o desenvolvimento integral da criança.

Pautados nos princípios da Teoria Histórico-Cultural, os estudos bibliográficos focaram a organização do espaço em um Centro de Educação Infantil (CMEI), de um município localizado no noroeste paranaense. Para sistematizarmos as discussões, primeiro tecemos algumas reflexões sobre o espaço na educação infantil e suas implicações nos processos de ensino e de aprendizagem das crianças de 0 a 5 anos de idade e, segundo, abordamos a importância do brincar nesses espaços para o desenvolvimento integral da criança, a partir de ações desenvolvidas na prática de regência.

Para o desenvolvimento dessas ações de ensino e de aprendizagem, organizamos as intervenções considerando a criança, o conteúdo a ser ensinado e a forma de ensiná-los, de modo que fosse significativo para as professoras estagiárias, para as crianças e para as professoras regentes que acompanharam a prática de estágio. Com isso, compreendemos que o estágio vai além das exigências burocráticas acadêmica, pois se configura como uma possibilidade de construção do conhecimento e de aproximações com diferentes formas de organizar o ensino, em especial na educação infantil, na direção da aprendizagem e do desenvolvimento das crianças e dos acadêmicos e acadêmicas.

## **2 O ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ALGUMAS REFLEXÕES**

Todos nós um dia já fomos crianças e brincamos nos mais diversos espaços e contextos. Embora essa atividade não faça mais parte do nosso cotidiano adulto, na escola não podemos negligenciar o território do brincar das crianças e, sim, permitir e organizar nesse território situações de ensino que possibilitem a constituição de regras, situações imaginárias, resoluções de conflitos e tempo para a realização de diferentes brincadeiras e situações que sejam desafiadoras para as crianças.

A sistematização dos espaços para crianças do CMEI, foram pensados de uma maneira em que o lugar escolhido, os objetos selecionados e as intervenções planejadas, atendessem às necessidades de brincar dos participantes envolvidos: crianças de 0 a 5 anos de idade. Sobre isso, Lazaretti e Magalhães (2019, p. 150) ressaltam:

O espaço, portanto, deve ser pensado considerando quem é a criança e com quem ela se relaciona nesse processo de aprendizagem. O princípio orientador é compreender essa criança como um sujeito ativo, ou seja, no processo de aprendizagem, na execução de qualquer operação [...].

Ao pensarmos no espaço como componente curricular, temos que entender sobre a periodização do desenvolvimento infantil, e saber que cada período está relacionado às características gerais e particulares do desenvolvimento humano, ou seja, pensar a criança como um sujeito constituída historicamente (ser da espécie humana) e determinada socialmente (lugar que ocupa nas relações sociais), o que significa que são as condições objetivas de vida que determinam quem é a criança e o que ela deverá vir a ser (ELKONIN, 1987).

Por isso, o espaço é um lugar que deve ser organizado pelo professor e explorado com as crianças, como prática de ensino (professor), de aprendizagem (crianças) e desenvolvimento (professor e criança). Assim, não basta apenas colocar as crianças em um ambiente com vários recursos sem ter uma finalidade e um motivo que as orientem para o objetivo a ser alcançado, isto é, a ação de ensinar e aprender tem que ter um objetivo a ser atingido e princípios orientadores que os persigam. O espaço não é apenas um lugar simples, o mesmo tem vários significados que podem ser abordados diante das diferentes possibilidades de usar e explorar os lugares e materiais. Não é apenas para ser anexado às atividades do professor e do aluno, deve ser entendido como um espaço de extrema importância para o discente, possibilitando o desenvolvimento do aluno, pois ele é um ser ativo deixando o mesmo

livre para certas reflexões e atividades. (LAZARETTI; MAGALHÃES; 2019, p. 150).

De acordo com as autoras, o espaço é uma peça fundamental para o desenvolvimento infantil e essencial no processo educativo. Por isso, a escolha do espaço, dos recursos didáticos e das intervenções devem contribuir efetivamente no desenvolvimento integral da criança e explorar ao máximo as suas potencialidades.

Para isso, devemos considerar o período de desenvolvimento infantil, o conteúdo a ser ensinado (o que a criança precisa aprender) e a forma mais adequada de ensinar para que ela aprenda. Pensando sobre cada período do desenvolvimento infantil e nas aprendizagens das crianças, na sequência abordaremos algumas possibilidades de organização do espaço com as crianças de 0 a 5 anos de idade e as intervenções realizadas na prática de regência, em um espaço organizado por meio da brincadeira.

### **3 ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO DE ENSINO E APRENDIZAGEM PARA AS CRIANÇAS DE 0 A 5 ANOS DE IDADE**

Logo no início das discussões, uma questão nos inquieta: como o espaço pode satisfazer as necessidades da criança para o seu pleno desenvolvimento? Recorremos à Lazaretti e Magalhães (2019, p. 151, grifo das autoras) para compreendermos:

O primeiro ano de vida é marcado pela relação emocional e afetiva que a criança estabelece com o adulto. As ações de cuidado e atenção provocam comunicação e medeiam a relação do bebê com o adulto pela *atividade conjunta*, que origina aprendizagens cada vez mais complexas.

Nesse período do desenvolvimento, o bebê (zero a um ano de idade) necessita que um adulto crie potencialmente condições para que ele experimente ações sociais e, por meio dessas ações, o bebê possa se desenvolver. Para isso, a organização do espaço para bebês tem que conter materiais manipuláveis com livre acesso, espaço amplo e de livre circulação, ambiente que permita a exploração com degraus para subir e descer; a manipulação de objetos que possa levar à boca; empilhar; empurrar; retirar; puxar; obstáculos que possibilitem ao bebê passar por baixo ou por cima; ficar dentro ou fora etc.

É importante também instigar as crianças com recursos didáticos confeccionados com madeira, metal e tecidos; explorar e se apropriar de materiais estruturados (adquiridos em lojas comerciais e que sejam ricos em possibilidades de trabalho na escola) e materiais não estruturados (utilizados no cotidiano) como, por exemplo, colheres, lenços coloridos, novelos de lã, panelas; ou ainda, elementos da natureza como, areia, pedras, algodão, folhas, etc. Enfatizamos que todas as ações da criança com os objetos devem ser orientadas pelo professor.

Esses objetos e materiais podem ser trabalhados com as crianças de diferentes formas e em variados contextos, exemplo disso, é o cesto do tesouro (cesto ou caixa com objetos variados, de cores, tamanhos, formatos e texturas diferentes), a cama de gato (construídas em ambientes amplos como no pátio ou restritos como caixas de sapato para manuseio com as mãos), garrafas sensoriais (garrafas pet com sementes, líquidos coloridos etc.), varal com retalhos de tecidos ou papel macio para serem atravessados de um lado ao outro; caixas com fitas coloridas para serem balançadas, enroladas etc., entre outras possibilidades de organização de espaços, seleção de recursos e ações a serem desenvolvidas com as crianças no seu primeiro ano de vida. Ações de ensino como estas atuam de modo concomitante

[...] nas funções psíquicas, como sensações, percepção visual, pensamento, linguagem, entre outras. No bebê, ações de aprendizagem também se manifestam quando ele examina os objetos, apalpa-os, amassa-os, arremessa-os, chacoalha-os, agarra-os; [...]. (LAZARETTI; MAGALHÃES; 2019, p. 153).

Assim, sistematizando as ações nas intervenções, ocorrerá significativa conquista no final do primeiro ano de vida das crianças. A interação com o adulto durante as ações pedagógicas incentivará o bebê a falar suas primeiras palavras e, a organização do espaço com recursos mais adequados, promoverá o desenvolvimento físico, biológico, psicológico e social.

Para planejarmos o espaço de aprendizagem voltado para as crianças de um a três anos de idade, precisamos considerar que, nesse período do desenvolvimento, a comunicação da criança com o adulto se amplia por meio da fala; com vocabulário mais amplo; assim como as ações delas com os objetos vão se tornando cada vez mais sofisticadas, logo, complexifica, também, o modo como o professor se comunica com as crianças e propõe as ações de ensino. Diante disso,

brincadeiras e demais situações problematizadoras como trabalhar com tintas, pincéis, livros, massa de modelar, papéis e demais objetos e materiais estruturados e não estruturados, conforme discutimos anteriormente.

Nessa brincadeira e, em tantas outras possíveis, o professor ensina para as crianças os nomes dos objetos e como usá-los, assim, a criança reproduz na brincadeira, as ações da vida adulta, imitando o que lhe foi ensinado pelos pares mais experientes. Ao imitar os adultos, a criança aprende a fazer as coisas e resolver problemas da vida cotidiana, como eles fazem.

Para isso, a participação do professor não se restringe a manter o controle de comportamento e evitar disputas; sua atuação deve ser a de um observador atento sobre como as crianças se relacionam, escolhem, movimentam-se nos espaços, e disso extrair indícios importantes para pensar sobre o grupo e suas aprendizagens coletivas, além de participar e compartilhar desses momentos juntamente com as crianças. (LAZARETTI; MAGALHÃES; 2019, p. 156).

Os espaços devem ser lugares a serem explorados com situações enriquecedoras de aprendizagem e desenvolvimento como, por exemplo, a criança usar água e terra para brincar de fazer “comidinha”, situações que ela vivencia no cotidiano, observando ou participando em casa com a mãe ou o pai na preparação dos alimentos.

Por meio dessas ações, o professor motiva na criança a curiosidade, a linguagem, a imaginação, o pensamento, as emoções e os sentimentos, quando a ensina sobre a função social dos objetos; sobre a transformação da natureza pelos homens presente no modo como armazenamos e preparamos os alimentos; como nos alimentamos e usamos os objetos para ingerir os alimentos etc.

Dessa maneira, os espaços, os recursos e as intervenções devem ser pensados e planejados na intenção de provocar a curiosidade, a manipulação e as possibilidades de relações estabelecidas da criança com o mundo, desencadeando nela novas aprendizagens. Na continuidade dessas ações, as brincadeiras de papel são um importante via de apropriação da cultura humana pelas crianças de três a cinco anos de idade. A organização do espaço pensado para esse período do desenvolvimento baseia-se na ação de organizar um ambiente, em que a criança possa brincar de papéis sociais como, por exemplo, fazer de conta que é professor(a), confeito(a), mãe, pai, atleta, personagem de desenho animado, motorista, médico(a), dentista, vendedor(a), faxineiro(a), cozinheiro(a) etc. Para isso,

o professor precisa criar nas crianças a necessidade de resolver, por meio da brincadeira, diferentes situações problemas da vida adulta. De acordo com Vigotski (Diaphora 10.2 (2021): 9-14.), “ao brincar de representar o adulto, a criança coloca-se em uma condição totalmente peculiar, ou seja, subordina sua conduta de acordo com as regras implícitas que o papel assumido na brincadeira exige [...]”.

O autor afirma que as brincadeiras de “faz de conta” como atividade “criativa” e “criadora de algo novo”, combina e cria imagens e ações. A análise das brincadeiras aqui proferidas, parte da ideia de Vigotski (Diaphora 10.2 (2021): 9-14.):

Os jogos das crianças não são simples recordações de experiências vividas, mas uma reelaboração criativa dessas experiências, combinando-as e construindo novas realidades segundo seus interesses e necessidades. A vontade das crianças de fantasiar as coisas é o resultado da sua atividade imaginativa, tal como acontece na sua atividade lúdica.

Apoiadas nesses princípios teóricos-metodológicos, no planejamento da regência, desenvolvemos as ações de ensino e de aprendizagem com as crianças do infantil 3 (três anos de idade): a) escolhemos o ambiente externo como o espaço físico; b) definimos o conteúdo; c) selecionamos os objetos; d) sistematizamos as intervenções, criando um espaço rico em ações de ensino e de aprendizagem denominado de: “Brincando de vestir”.

Nesse espaço, brincamos com as crianças de vestir (saias, vestidos, bermudas, fantasias, blusas etc.), calçar (sapatos, chinelos, tênis etc.) e ornamentar com acessórios (pulseiras, relógio, colares, lenços, plumas, chapéu etc.). Nessa ação de ensino, percebemos como cada criança se relacionou com as professoras estagiárias e com os seus pares de mesma idade; representou os papéis da vida adulta; estabeleceram as regras da brincadeira; usaram os objetos e determinaram o tempo de início e término da brincadeira.

Observamos as crianças livres em um ambiente externo à sala, analisando como elas lidavam com os conflitos e como compartilhavam as experiências na troca de papéis e suas releituras da vida dos adultos que elas convivem, espontaneamente, no dia-a-dia. Como exemplo, a aluna A.<sup>19</sup>, a qual estava sentada em uma tentativa de calçar um sapatinho de boneca, então, questionamos: “*Esse sapato não cabe nos seus pés!*” Mesmo assim, A. insistiu em calçá-lo e respondeu que o calçado cabia sim, pois, em casa, a sua mãe fazia o mesmo com ela todos os

---

<sup>19</sup> A criança está identificada com a letra inicial do próprio nome para preservação de sua identidade.

dias, quando a arrumava para ir à escola. Por isso, estava calçando da mesma forma que aprendeu com um adulto de seu convívio diário e, para ela, daria certo do jeito que a sua mãe fazia.

Essa cena nos revela que, ao organizarmos intencionalmente o espaço para a realização da brincadeira de papéis, a criança vivencia no faz de conta os modos humanos de pensar e sentir o mundo. Isso porque na idade pré-escolar, as crianças

[...] tem necessidade de vivenciar situações, de explorar os modos de ação; com isso, a atividade dominante do período pré-escolar (das crianças de quatro e de cinco anos de idade aproximadamente) é a brincadeira de papéis. A criança quer apropriar-se do mundo humano, das relações humanas, já que ela faz parte dele e move-se no sentido de, cada vez mais, conhecer para melhor integrar esse mundo. O interesse dela recai sobre o sentido social das ações com os objetos, como eles são utilizados pelos adultos no interior das relações sociais. Fazer o que o adulto faz é o que caracteriza a atividade-guia desse período [...] (LAZARETTI; MAGALHÃES, 2019, p. 157).

Por meio da brincadeira, a manipulação de objetos e as relações que a criança estabelece com o mundo ganha significado social, pois, ao imitar os pares mais experientes, ela assume, na brincadeira, papéis sociais da vida adulta. Nesse movimento, ela se esforça para usar os objetos e resolver situações do cotidiano, como fazem os adultos. Para isso,

Os espaços da sala de aula e de fora dela precisam contemplar momentos que permitam à criança brincar de representar. Mesmo que não haja espaço para fantasias, é importante que, ao menos, tenha uma caixa de roupas, com acessórios, com utensílios, com espelho. Mas importante que os materiais é o tempo que se destina a brincadeira de faz de conta. (LAZARETTI; MAGALHÃES, 2019, p. 159).

Dessa forma, organizar o espaço por meio da brincadeira de papéis potencializa as construções sociais e singulares da criança, uma vez que, são nas relações coletivas que suas particularidades são constituídas. Aprender com o outro, em condições favoráveis, é um dos direitos que deveria ser garantido a todas as crianças e, brincar, é o principal deles.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Constatamos com os estudos que o brincar como componente curricular da

educação infantil, orienta a prática do professor para a organização de espaços em que as brincadeiras ganham sentido social e se tornam principal via para o desenvolvimento das crianças. Brincar é inerente à cultura da infância e sua importância na educação infantil está relacionada ao favorecimento do desenvolvimento físico, biológico, psicológico e social das crianças.

Garantir um espaço de brincadeira na instituição de educação infantil, requer pensar e desenvolver os processos de ensino e de aprendizagem para as crianças de 0 a 5 anos de idade, pautados na socialização, no compartilhamento de ideias e opiniões; nas relações com o outro; na imaginação e na apropriação da cultura humana. Para isso, é preciso que a criança seja partícipe ativa das ações desenvolvidas pelo professor, o qual planeja, observa, orienta, ensina, seleciona os materiais e faz as intervenções, mediando as interações das crianças com os objetos, com seus pares e os diferentes fenômenos.

Portanto, quando os espaços são organizados intencionalmente pelo professor, promove o desenvolvimento integral da criança, potencializando e qualificando as suas funções psíquicas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular para a Educação Infantil**. V. 2. Brasília: MEC, 1998. Disponível em: [www.mec.org.br](http://www.mec.org.br). Acesso em: 30 jan 2022.

ELKONIN, D. B. Sobre el problema de la periodización del desarrollo psíquico en la infancia. In: DAVÍDOV, V.; SHUARE, M. (Org.). **La psicología evolutiva y pedagogia em la URSS**: (antologia). Moscú: Editorial Progreso, 1987. p. 250-273.

LAZARETTI, L. M.; MAGALHÃES, C. Acolher, Explorar, Brincar e Conhecer: Reflexões sobre o Espaço Como Potencializador das Aprendizagens de Bebês e Crianças na Educação Infantil. In: Cassiana Magalhães; Nadia Mara Eidt. (Org.). **Apropriações teóricas e suas implicações na educação infantil**. Curitiba: Editora CRV, 2019.

SILVA, Cleber Melo. **Desenvolvimento da criatividade na infância na abordagem histórico-cultural de Vigotski**. Diaphora, v. 10, n. 2, p. 9-14, 2021.



## **PLANEJAMENTO DIDÁTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES PARA A ORGANIZAÇÃO DO ENSINO NA PRÁTICA DE ESTÁGIO**

VICENTE, Andressa Bono<sup>20</sup>  
SILVA, Maria Eduarda Nepomuceno<sup>21</sup>  
FERRO, Lussuede Luciana de Sousa<sup>22</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa tem como objetivo refletir a importância do planejamento das intervenções didáticas, a partir das experiências vivenciadas no estágio supervisionado na educação infantil, conforme cronograma de estudos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná-Campus de Paranavaí. O objeto de estudo tem como foco o ato de planejar, pensado a partir da necessidade de organizar com intencionalidade as ações de ensino e de aprendizagem nas instituições escolares. A pesquisa tem como aporte metodológico, estudos bibliográficos realizados a partir de textos, artigos e documentos oficiais, em especial, a Proposta Pedagógica da Educação infantil do sistema municipal de ensino de Bauru-SP (2019). Pautadas nos princípios da Teoria Histórico-Cultural, consideramos nesta pesquisa a elaboração dos planejamentos e as análises das intervenções didáticas, desenvolvidas com as crianças de dois e quatro anos de idade. Diante dos estudos realizados, destacamos que o planejamento é uma importante ferramenta que orienta as ações docentes nas instituições escolares, na direção de um ensino que promova toda a riqueza social, filosófica, científica e artística, para a formação docente, o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças.

**Palavras-chave:** Planejamento. Prática de estágio. Educação Infantil. Aprendizagem e desenvolvimento.

### **1 INTRODUÇÃO**

No decorrer da experiência com o estágio supervisionado na educação infantil, parte intrínseca do processo de formação docente no curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Paraná-Campus de Paranavaí, foi possível tecer reflexões e apontamos acerca do planejamento escolar e o ato de planejar, como princípio essencial para nos tornarmos professoras comprometidas com a educação escolar das crianças. Assim, o ato de planejar se revela em “como ensinar”, a partir da

---

<sup>20</sup> Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), andressabono244@gmail.com.

<sup>21</sup> Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), mariaeduarda.nepomuceno1234@gmail.com.

<sup>22</sup> Mestre em Educação; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná(UNESPAR/Pvaí), luciana.sferro@gmail.com.

necessidade de elaborarmos princípios didáticos que compreendam essa importante ação de ensino, como um processo promotor de aprendizagens e de desenvolvimento infantil (LAZARETTI; MELLO, 2018) e, também, dos professores.

Portanto, uma das aprendizagens que amadurecemos ao longo dessa experiência e que pretendemos trazer como foco central deste artigo, é quanto ao planejamento, o qual elaboramos e o colocamos em prática na regência com as crianças de educação infantil, fazendo-nos questionar: toda forma de planejar as ações de ensino e de aprendizagem promove o desenvolvimento dos professores e das crianças? Pensando nessa questão e em seus desdobramentos na prática de estágio, esta pesquisa tem como objetivo refletir a importância do planejamento das intervenções didáticas, a partir das experiências vivenciadas no estágio supervisionado na educação infantil, conforme cronograma de estudos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná-Campus de Paranavaí.

Para alcançar o objetivo proposto, realizamos estudos bibliográficos realizados em textos, artigos e documentos oficiais, em especial, a Proposta Pedagógica da Educação infantil do sistema municipal de ensino de Bauru-SP (2019). O estudo de textos e documentos foi essencial no processo de pensar o planejamento como uma ação que, para Saviani (1991, p. 13), deve “[...] produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”.

Pautadas nos princípios da Teoria Histórico-Cultural, primeiro apontamos a importância do planejamento escolar para a educação infantil e para a formação docente. Em seguida, evidenciamos os dados obtidos ao longo das experiências no campo de estágio com crianças de dois e quatro anos de idade. Por fim, tecemos algumas considerações acerca da experiência do Estágio Supervisionado na Educação Infantil.

Desta forma, o planejamento é uma ferramenta fundamental para a realização do trabalho docente. Na educação infantil, o professor é muito mais que um observador ou mero auxiliador dos cuidados; o educador tem a função de planejar e atuar de maneira intencional buscando o desenvolvimento integral da criança (MARINGÁ, 2019). Por isso, o ato de planejar deve ter sentido e significado para os professores e para as crianças.

## **2 PLANEJAMENTO: PARA QUE PLANEJAR?**

O planejamento escolar surge da necessidade de imprimir intencionalidade às ações de ensino e de aprendizagem desenvolvidas na escola, nesta pesquisa, focamos a educação infantil. Compreendendo a educação infantil como primeira etapa da educação básica, percebemos que as ações desenvolvidas nessa etapa escolar devem ser organizadas de modo que: cumpram os objetivos propostos pelas legislações; assegurem o direito a educação infantil de qualidade; e garantam o desenvolvimento integral da criança, considerando os aspectos físico, biológico, psicológico e social.

Nesse sentido, o planejamento é uma importante ferramenta que orienta as ações docentes nas instituições escolares, na direção de um ensino que promova toda a riqueza social filosófica, científica e artística, para a formação docente, o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças. O ato de planejar, pode ser definido por Libâneo (1994, p. 2) como “um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”. Ao planejar, o professor organiza antecipadamente as suas ações de ensino e as ações de aprendizagem das crianças.

Dessa forma, o planejamento tem como meta delinear um roteiro de interações e experiências que ainda irão acontecer, por isso, o planejamento deve ser flexível e contemplar as necessidades dos educandos, logo, para planejar, o professor deve considerar a criança, o que ela precisa aprender e como ensiná-la. Pautadas em Saviani (1987, p. 28), é papel do professor pensar, analisar, refletir e ressignificar as suas ações e das crianças, uma vez que, “[...] refletir é o ato de retomar, reconsiderar os dados disponíveis, revisar, vasculhar numa busca constante de significado. É examinar detidamente, prestar atenção, analisar com cuidado. E é isto o filosofar”.

Os estudos acadêmicos realizados no decorrer do curso de Pedagogia, acerca da ação de elaborar o planejamento, sob as orientações e intervenções diretas das professoras da disciplina de Ensino e Estágio na Educação Infantil, fez-se importante, pois contribuiu efetivamente para a nossa formação crítica, diante da nossa atuação como docentes no futuro. As ações de ensino das professoras na universidade, sinalizaram, por meio das orientações, a importância de apresentarmos coesão teórica, intencionalidade nas ações desenvolvidas, propostas

efetivas e adequadas para o período de desenvolvimento em que fizemos as observações e intervenções.

Com isso, compreendemos que são as bases teóricas que sustentam e orientam a prática docente, os processos de desenvolvimento infantil, o papel do professor e as formas mais propícias de ensinar, à luz da formação integral das crianças de 0 a 5 anos de idade. Além desses estudos, também consultamos e analisamos os documentos Currículo de Bauru, para a educação Infantil (2019), e a Base Nacional Comum Curricular (2018), em que pudemos identificar os conteúdos escolares propostos para as crianças da educação infantil e os objetivos a serem alcançados neste período de desenvolvimento pelas crianças.

A partir dessas constatações, realizamos observações e elaboramos o planejamento das ações que desenvolvemos especificamente para e com as crianças de quatro e a partir de um ano e três meses até os dois anos de idade, considerando o período de desenvolvimento, as aprendizagens a serem adquiridas pelas crianças e as formas de ensinar os conteúdos, na direção do desenvolvimento integral de todas elas.

Na sequência, apresentamos as propostas desenvolvidas: fundamentação teórica; resultado da pesquisa e reflexões sobre cada uma das experiências como professoras regentes.

## 2.1 PLANEJAMENTO DAS AÇÕES DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM COM AS CRIANÇAS DE 4 ANOS DE IDADE

No primeiro contato com o planejamento e sua produção, tivemos dificuldade em identificar qual seria o conteúdo a ser ensinado, a partir do objetivo apresentado pela professora de estágio, voltado para e com as crianças de quatro anos de idade, envolvendo os conceitos matemáticos **grandezas e medidas**. Diante disso, recorremos ao Currículo de Bauru para a Educação Infantil (2019) e à Base Nacional Comum Curricular (2018), documentos que fomentaram nossos estudos acerca dos conceitos a serem ensinados e para que são ensinados, momento em que definimos os objetivos a serem alcançados pelas crianças: relacionar os objetos, observando e comparando as suas propriedades.

A partir dos estudos de Moya (2015), a qual pautou sua pesquisa na Teoria

Histórico-Cultural<sup>23</sup> e na Atividade Orientadora de Ensino<sup>24</sup>, compreendemos os princípios da organização do ensino de matemática, ressaltados pela autora. **Conteúdo** definido e **objetivos** delineados, debruçamos nossa atenção na **forma** de ensinar, ou seja, nas ações que poderíamos planejar para que as crianças desenvolvessem o conceito abordado, neste caso, grandezas e medidas, considerando como aspecto principal as práticas sociais presentes no cotidiano das crianças e que possibilitassem o seu desenvolvimento.

Pensando na relação teoria e prática, apoiamos o planejamento de nossas ações na pesquisa de Moya (2015), em que a autora desenvolve com uma turma do 1º ano dos anos iniciais do ensino fundamental, uma situação desencadeadora de aprendizagem envolvendo a receita de um bolo. Corroboramos Moya (2015) de que a preparação de receitas culinárias é uma das vias que possibilita trabalhar os conceitos matemáticos, pois, considera as vivências das crianças e se relaciona a uma prática social formadora presente nas relações humanas, que é o ato de cozinhar.

Dessa forma, primeiro organizamos em uma mesa os objetos e os ingredientes que seriam utilizados na preparação da receita de um bolo, de modo que elas tivessem acesso e pudessem manipular os objetos, a partir das intervenções das professoras estagiárias. Depois, propomos às crianças a seguinte situação problematizadora, envolvendo as próprias professoras estagiárias: “Maria Eduarda pediu a receita de um bolo para a amiga Andressa, a qual a enviou juntamente com uma foto do bolo depois de pronto.

Seguindo as orientações da receita para preparar o bolo, Maria Eduarda separou os objetos e os ingredientes que iria utilizar: xícara, colher, açúcar, farinha etc. Depois de terminar de preparar o bolo, Maria Eduarda o colocou no forno para assar, porém, quando retirou a forma, teve uma grande surpresa, o bolo não havia ficado com sabor e aparência igual o bolo da sua amiga Andressa. Maria Eduarda seguiu corretamente as orientações da receita enviada pela a sua amiga Andressa, então, o que será que deu errado? Como ela não conseguiu descobrir a razão, veio

---

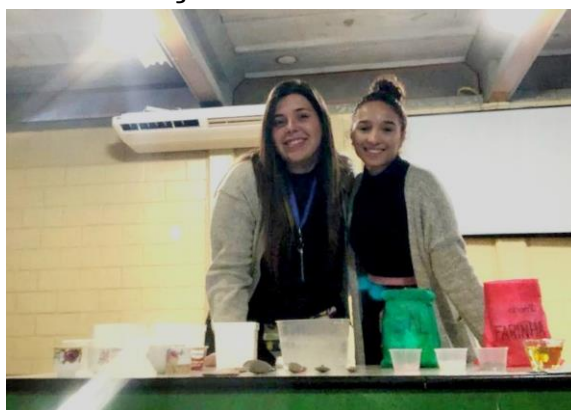
<sup>23</sup> Para melhor compreender os princípios da Teoria Histórico-Cultural, ler: VIGOTSKI, Levi Semionovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. Martins Fontes, 2000.

<sup>24</sup> Para melhor compreender os princípios da Atividade Orientadora de Ensino, ler: MOURA, Manoel Oriosvaldo de; ARAUJO, Elaine Sampaio; SERRÃO, Maria Isabel Batista. Atividade Orientadora de Ensino: fundamentos. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 24, Ahead of print, p. 411-430, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/19817/20627>. Acesso em: 24 jan 2023.

pedir a ajuda de vocês para encontrar o erro e fazer o bolo corretamente.

A partir dessa situação problematizadora, dividimos as crianças em grupos para que, juntas e mediadas pelas professoras estagiárias, chegassem a um consenso de solução. Nessa ação, as crianças foram motivadas a perceberem que o problema estava relacionado à unidade de medida utilizada, uma vez, que Maria Eduarda usou xícaras e colheres de tamanhos e capacidades diferentes que de Andressa. Nesse processo, as crianças falaram, ouviram, discutiram, argumentaram, apresentaram vivências do ambiente familiar, sugeriram, analisaram e compararam o tamanho dos objetos e suas capacidades de volume e massa, enfim, participaram de modo dinâmico da tarefa proposta.

### **FIGURA 1: ORGANIZAÇÃO DOS RECURSOS DIDÁTICO**



Fonte: As autoras (2022).

Um dos pontos que enfatizamos durante o planejamento da aula é em relação à organização do espaço, que deve ser considerada, segundo Lazaretti e Magalhães (2019), como um componente da organização do ensino, à vista de uma perspectiva que contribua com a aprendizagem da criança.

A partir disso, organizamos o espaço de aprendizagem, de modo que as crianças tivessem acesso aos materiais disponibilizados para a preparação da receita do bolo. Mediadas pelas professoras estagiárias, as crianças manipularam os objetos de medidas não convencionais (xícaras, colheres, potes etc.) e os ingredientes (farinha, açúcar, óleo etc.), participando ativamente do processo de ensino e de aprendizagem, conforme mostram as figuras 2 e 3.

**FIGURA 2: CRIANÇAS MANIPULANDO OS OBJETOS E OS INGREDIENTES**



Fonte: As autoras (2022).

**FIGURA 3: INTERVENÇÕES DAS PROFESSORAS ESTAGIÁRIAS COM AS CRIANÇAS**



Fonte: As autoras (2022).

Diante da prática desenvolvida, percebemos pontos positivos na organização dos estudos em dupla, por ser nosso primeiro contato com atividades de docência, ficamos mais confiantes em desenvolver o trabalho, pois nós apoiamos ao longo de todo o processo e dividimos melhor a atenção com as crianças.

Em relação aos pontos que merecem maior atenção, destacamos a divisão de tarefas e funções entre a dupla, que precisa ocorrer em sintonia e parceria, para que uma colega não sobreponha o seu trabalho em detrimento da outra ou se sobrecarregue com as tarefas que são desenvolvidas. Porém, superamos estes momentos: criando vínculo de amizade estabelecido ao longo do ano letivo; dialogando nos momentos de observação da turma; compartilhando ideias e desafios, respeitando e ouvindo uma à outra.

Analisamos que, a forma como organizamos as ações de ensino e de aprendizagem foram adequadas, do ponto de vista de que motivamos as crianças a

realizarem as tarefas propostas e a solucionarem, coletivamente, o problema que as desafiaram. Vale ressaltar que, nesse dia, trabalhamos com um número reduzido de crianças, o que favoreceu ainda mais os processos interventivos das professoras estagiárias com a turma. Isso demonstra a necessidade de se repensar as turmas numerosas na educação infantil, dificultando o trabalho do professor, discussões políticas e sociais que não abordaremos nessa pesquisa, mas vale a pena ressaltar.

Percebemos ainda que, a forma como o conteúdo foi introduzido, a partir de uma situação problematizadora, mobilizou as crianças a buscarem em suas experiências da vida cotidiana, o que já sabiam sobre o assunto como, por exemplo, o uso de xícaras e colheres e a quantidade de ingredientes utilizados na preparação de um bolo, feito em casa pela mãe ou avó.

A partir dos conhecimentos que as crianças já tinham internalizado, ampliamos as discussões e aprimoramos a ideia que elas tinham a respeito das medidas não convencionais, do uso dos objetos, da linguagem utilizada concomitante às ações motoras e mentais, das ações dos adultos, entre outras relações que foram estabelecidas com o fenômeno em estudo.

Desse modo, compreendemos que as professoras estagiárias e as crianças estiveram em movimento do pensamento: a) as professoras estagiárias nas ações de ensino que envolveram: compreender os processos de desenvolvimento infantil; selecionar o conteúdo, definir os objetivos, planejar as ações interventivas e colocá-las em prática, sem perder de vista os princípios teóricos que as fundamentam e; b) as crianças, nas ações de aprendizagem que possibilitaram a elas: compreender a situação problema; buscar a solução para o problema manipulando e usando os instrumentos de medidas; comparar quantidades e tamanhos; responder as perguntas das professoras estagiárias e resolver o problema no coletivo.

Refletimos de maneira crítica acerca da nossa atuação docente e como promotoras de ações que potencializem o desenvolvimento das crianças. Mesmo buscando mediar e intervir para que os alunos fossem partícipes ativos de todo o processo pedagógico, por vezes, deixamos de executar alguma ação planejada, o que pode ser esperado, já que, o processo de formação docente é marcado por conquistas e desafios, os quais podem ser superados com leitura, estudos teóricos e práticos das vivências realizadas na prática docente, como professoras estagiárias e futuras professoras regentes.



## 2.2 PLANEJAMENTO DAS AÇÕES DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM COM AS CRIANÇAS DE 2 ANOS DE IDADE

Diferente das intervenções realizadas com as crianças de quatro anos de idade, em que tivemos dificuldade para identificar o conteúdo, dessa vez, sabíamos qual documento consultar e analisar, tornando esta ação, mais eficaz e compreensível. Assim, mais uma vez, recorremos ao currículo de Bauru (2016) e escolhemos como conteúdo a **expressão da gestualidade**, definido por Mukhina (1995), como as aprendizagens decorrentes das ações correlativas e das ações instrumentais.

As ações correlativas se referem ao estabelecimento de relações entre dois ou mais objetos e, as ações instrumentais, são fundamentadas no agir sobre outro objeto, como as ações objetual-manipulatória, no qual as crianças começam a reconhecer as funções dos objetos, nas interações de comunicação com os adultos (MUKHINA, 1995). Portanto, ações correlativas e ações instrumentais, são as relações que as crianças estabelecem com os diferentes objetos, mediadas pelos adultos.

Contribuindo com essa ideia, Pasqualini (2013) ressalta que a atividade objetual manipulatória se refere à apropriação da função social de um objeto em que a criança, no primeiro momento, faz uso de ações as quais domina e, posteriormente, passa a reproduzir as ações e operações apresentadas pelo adulto, por meio da imitação e do ensino, conforme mostram as figuras 5 e 6.

Na ação de ensino proposta, utilizamos como recurso didático massa de modelar e variados brinquedos de utensílios de cozinha. Objetivamos com essa ação, que as crianças, por meio da gestualidade, da manipulação dos objetos, da relação com o outro e com as professoras, brincassem com eles, sentindo, percebendo, visualizando, atentando-se e verbalizando os seus nomes e modos de usá-los, assim como fazem os adultos.

Contamos também com a Base Nacional Comum Curricular (2018), no que se refere ao objetivo e, consideramos pertinente, diante do que propúnhamos para as crianças, que elas realizassem a observação sensível do mundo. Assim, por meio dos sentidos, as crianças sentiram, perceberam e amassaram a massa de modelar; manipularam as panelas, colheres, pratos e demais itens do mundo adulto, em forma de brinquedo, reproduzindo com eles as ações sociais realizadas pelos adultos e

que tanto inspiram as crianças (BAURU, 2016), conforme mostram a Figura 5.

**FIGURA 5: CRIANÇA MANIPULANDO OS OBJETOS**



Fonte: As autoras (2022).

Do mesmo modo, o uso de chocalhos com grãos diversificados, possibilitou às crianças perceberem os diferentes sons produzidos, o manejo e o movimento de chocalhar para produzir o som; a desenvolver a fala ou aprender palavras novas, ao cantarem junto com as professoras estagiárias, além dos movimentos motores amplos quando “dançavam” ao som dos instrumentos tocados por elas (Figura 6).

**FIGURA 6: CRIANÇAS BRINCANDO COM CHOCALHOS FEITOS DE GRÃOS E GARRAFA PET**



Fonte: As autoras (2022).

Consideramos que a parte mais importante das intervenções desenvolvidas com as crianças de dois anos de idade, foi a comunicação emocional e direta que estabelecemos elas, construídas ao longo das observações em que percebemos o modo como elas se comunicavam (oralmente e com gestos); ficamos atentas às necessidades delas e nós mostramos disponíveis e interessadas pelas

manifestações do que elas já sabiam fazer, auxiliando em outras situações que ainda estavam aprendendo. Todos os dados que coletamos nas observações, contribuiu na elaboração do planejamento, tendo em vista que, na relação com os objetos, as crianças eram mediadas pelas ações docentes.

Com a ampliação das leituras e aprofundamento dos estudos acadêmicos, ficamos mais seguras diante das ações que planejamos e desenvolvemos com a turma. Também fomos mais flexíveis e confiantes para conduzir a sala e orientar as crianças, conforme as demandas foram surgindo, tornando as ações de ensino e de aprendizagem e as relações das professoras estagiárias com as crianças e, entre as crianças, mais dinâmica e fluída.

Libâneo (1990, p. 19) afirma que “a prática escolar, assim, tem atrás de si, condicionantes sociopolíticos que configuram diferentes concepções de homem e sociedade”, deste modo, foi importante considerarmos o contexto social, no qual as crianças estavam inseridas e, só então, definir ações que suprissem as necessidades sociais, culturais e educacionais delas, de modo que participassem ativamente do seu processo de humanização.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência de realizar o estágio na educação infantil em dupla, contribuiu para compartilharmos conhecimentos, vivências, experiências e analisarmos diferentes pontos de vista, acerca das situações de ensino e de aprendizagem que participamos como acadêmicas e como professoras estagiárias. Essas vivências de estudo possibilitaram ampliar e aprofundar nossos conhecimentos, tornando nossas ações de observar, analisar, planejar e intervir, mais significativas ao longo do ano letivo.

Diante disso, defendemos que planejar as ações de ensino e de aprendizagem de modo intencional, é condição tanto para os acadêmicos se apropriarem das formas mais sofisticadas do fazer docente, quanto para as crianças aprenderem os conteúdos da cultura humana, isto é, os conhecimentos científicos.

No que se refere ao planejamento, planejar é refletir, avaliar e buscar formas sistematizadas de uma educação escolar de qualidade, que forme as crianças e os professores para se tornarem sujeitos críticos, atuantes e transformadores da realidade circundante.

Nessa perspectiva, devemos planejar o ensino dos conteúdos científicos considerando: a criança, os conhecimentos que ela precisa aprender e as formas de ensinar para que ela se aproprie dos modos humanos de pensar e sentir o mundo, assim como fazem seus pares mais experientes.

Ao longo da trajetória de estudos realizados na disciplina de Ensino e Estágio na Educação Infantil, compreendemos que é papel do professor promover ações de ensino, aprendizagem, afeto, acolhimento, reconhecimento pessoal e cultural e pensar na educação como promotora da formação humana. Nesse sentido, a educação escolar, por meio do ensino intencionalmente organizado pelo professor, tem o poder de transformar vidas, **se**, emitir sentido e significado no fazer docente e nos processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança.

## REFERÊNCIAS

ABRANTES, Angelo Antonio. Arte Literária. In: PASQUALINI; Juliana Campregher; TSUHAKO, Yaeko Nakadakari. (Org.) **Proposta pedagógica da educação infantil do sistema municipal de ensino de Bauru/SP**. p. 539-561. Bauru: Secretaria Municipal de Educação, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

LAZARETTI, Lucineia Maria; MELLO, Maria Aparecida. Como ensinar na educação infantil? Reflexões sobre a didática e o desenvolvimento da criança. In: PASQUALINI, Juliana Campregher; TEIXEIRA, Lucas André; AGUDO, Marcela de Moraes (Org.). **Pedagogia Histórico-Crítica: Legado e Perspectivas**. Uberlândia: Navegando, 2018. p. 117-131.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1990.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MARINGÁ, Secretaria Municipal de Educação. **Currículo da Educação Municipal de Maringá: Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Maringá: SEDUC, 2019.

MOYA, Paula Tamyrís. **Princípios para a organização do ensino de matemática no primeiro ano do ensino fundamental**. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2015.

PASQUALINI, Juliana.; LAZARETTI, Lucineia. Crianças pequenas na escola: contradições e potencialidades. **Revista Polyphonia**, Goiânia, v. 32, n. 2, p. 112–129, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/70895>. Acesso em: 30 mar. 2022.

Anais do II Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do curso de  
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí  
13, 14 e 15 de fevereiro de 2023

SAVIANI, Demerval. **Educação:** do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1987.

## REFLEXÃO SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

GARCIA, Maria Eduarda<sup>25</sup>  
PIZOLI, Rita de Cássia<sup>26</sup>

**RESUMO:** Este trabalho objetiva apresentar a intervenção realizada no CMEI Tia Irene, durante o estágio supervisionado, dando ênfase na intervenção a partir das reflexões sobre a organização do espaço como potencializador da aprendizagem de bebês e crianças na educação infantil. Partimos do pressuposto que o espaço é um componente fundamental para se desenvolver as funções psíquicas das crianças. Desta forma, organizamos várias atividades concomitantes no CMEI a fim de oportunizar a escolha das crianças. Este trabalho dará ênfase à atividade de contação de histórias, com o recurso de teatro de sombras, ambiente decorado com uma tenda, tapetes e objetos adequados para a participação das crianças do Berçário I e II, Maternal e Infantil IV.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado. Organização do espaço. Contação de Histórias. Educação Infantil.

### 1 INTRODUÇÃO

O espaço na Educação infantil é um componente fundamental da organização do ensino, pois, tal elemento pode contribuir ou prejudicar o desenvolvimento dos alunos. Portanto, a palavra espaço na Educação inicial não se refere apenas a sala de aula em si, mas sim do ambiente escolar como um todo, os ambientes e locais que podem ser explorados pelos os alunos. Assim, o espaço tem que ser organizado para se formar sujeitos desenvolvidos culturalmente, que dependem de uma adequada organização do ensino.

[...] O espaço, portanto, deve ser pensado considerando quem é a criança e com quem ela se relaciona nesse processo de aprendizagem. O princípio orientador é compreender essa criança como um sujeito ativo, ou seja, no processo de aprendizagem, na execução de qualquer operação, ela coloca em movimento todas as capacidades em ação movimenta suas funções psíquicas e, dessa forma, é em atividade que essa criança pode aprender e desenvolver (MAGALHÃES, LAZARETTI, 2013, p.150).

---

<sup>25</sup> Acadêmica graduanda de Pedagogia, Unespar Campus Paranavaí, email: mariaeduardagarcia522@gmail.com.

<sup>26</sup> Professora Orientadora Dra. Rita De Cássia Pizoli Oliveira, email: rita.pizoli@ies.unespar.edu.br.

O principal elemento que favorece às crianças desenvolverem suas funções psíquicas, refere-se às atividades didáticas bem desenvolvidas, para isso, devemos considerar vários fatores que se entrelaçam, um deles é o espaço, onde o aluno está inserido, sabemos que o espaço é um fator fundamental para a criança desde a mais tenra idade, por isso, Magalhães e Lazaretti (2013) destacam que: “[...] o espaço, como componente de ensino não é um simples lugar de passagem, de decoração” (MAGALHÃES; LAZARETTI, 2013, p.150).

Segundo Magalhães e Lazaretti (2013) o espaço deve ser organizado de acordo com a faixa etária da criança, pois cada uma tem suas características e necessidades particulares. Desse modo, o espaço tem que ser o local que irá propor desafios cognitivos e motores à criança, a fim de proporcionarem avanços no desenvolvimento de suas potencialidades.

Durante o Estágio Supervisionado no CMEI, percebemos que a escola possui um ambiente bem planejado, a estrutura física foi desenhada para que todas as salas se voltassem para o centro da escola. As crianças se veem constantemente ao se moverem para o banheiro, refeitório, sala de brinquedos ou parque. As salas também contam com um solário voltado para a parte externa onde podem ser realizadas atividades motoras, brincadeiras e contação de histórias. Portanto, no dia da intervenção, as estagiárias propuseram utilizar todos os espaços disponíveis para promover interação entre as turmas, para que as crianças circulassem mais livremente pela escola, escolhendo o espaço e a atividade mais desafiadora. Foram organizados dez espaços com atividades e as crianças foram divididas, de acordo com a idade, para brincarem em todas as atividades propostas.

Neste trabalho apresentaremos algumas reflexões sobre os encaminhamentos realizados pela minha dupla de estágio que ficou responsável pelo espaço de contação de histórias. Nosso objetivo foi planejar duas atividades diferentes no mesmo espaço, em consonância com a idade das crianças que estavam participando, uma voltada para o Berçário I e II e outra para o Maternal e Infantil IV. No primeiro momento explicaremos o processo de planejamento e, depois, as principais observações realizadas durante a participação das crianças.

## **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Com o auxílio da minha colega de estágio, organizamos o plano de aula para o dia da intervenção, com base na fase de periodização em que as crianças estavam. “A periodização do desenvolvimento infantil fornece indicadores importantes para refletirmos sobre a organização do espaço nos centros de Educação infantil” (MAGALHÃES; LAZARETTI, 2019, p. 160). A partir dessa necessidade, focamos nas características das crianças que iríamos atender, crianças que estão no período emocional direto, no período objetal manipulatório e, as maiores, no período de brincadeira de papéis.

O principal objetivo da atividade pensada é desenvolver as potencialidades das crianças através da contação de história com musicalização, “[...] Essas ações de aprendizagem permitem conquistas qualitativamente novas, em termos de funções psíquicas, como sensação, percepção, memória, entre outros” (MAGALHÃES; LAZARETTI, 2013, p. 156). Então, iniciamos uma pesquisa para encontrar as histórias e recursos adequados para realizar a atividade voltada para cada grupo de crianças.

Portanto, logo depois de estudar a fundamentação teórica, organizamos o plano de aula e começamos a preparar os materiais para o dia da intervenção. Escolhemos como recursos o teatro de sombras, fizemos uma caixa colorida, e, como escolhemos uma história que permitisse a imitação dos sons dos bichos, fizemos também todos os animais em e.v.a de cor preta. Para a outra história com o tema de fada e bruxa, confeccionamos mini varinhas de condão e adereços para os personagens principais. Além disso, preparamos também uma mini cabana de t.n.t para colocar no local que iríamos realizar a atividade.

A intervenção ocorreu no dia 25/08 no CMEI. se iniciando às 9:00 horas, porém, nós estagiárias junto com as professoras chegamos na escola às 8:00 horas, pois, iríamos organizar o local que ocorreria a atividades, cada acadêmica ficou responsável pela organização do seu espaço, porém, fomos nos ajudando, podemos dizer que foi um trabalho em conjunto, composto pelas estagiárias e as professoras. Acreditamos que é importante organizar bem o espaço, pois, não era apenas brincadeiras sem direcionamento, o nosso objetivo era desenvolver as potencialidades das crianças.

As autoras Magalhães e Lazaretti (2013) evidenciam que “Todas essas ações de ensino estão permeadas por conhecimento científico que explicam a relação da criança com o espaço. Ele é apresentado pelo professor que cria, na criança, a



necessidade de aprender” (MAGALHÃES; LAZARETTI, 2019, p.160). Dessa forma compreendemos, que essa relação da criança com o espaço fornece vários benefícios, pois, desperta a necessidade de aprender.

Na parte da manhã iniciamos a nossa intervenção com os Berçários 1 e 2 e aplicamos o teatro das sombras dos animais, onde, levamos os animais e os sons dos animais para os bebês irem identificando. Desse modo iniciamos com o Berçário 1, com 7 bebês. Colocamos os bebês no tapete para ouvir a história, porém, quando eles sentaram, percebemos que os animais chamaram sua atenção, por isso, antes de iniciarmos a contação, entregamos os animais para eles segurarem e explorarem. Sabemos que essa é uma fase importante para o desenvolvimento do bebê, onde ele se torna um sujeito ativo da situação querendo explorar os objetos e o ambiente, entendem que essa manipulação dos objetos ajuda no seu desenvolvimento. Segundo a autora Mello (2014):

À medida que vai ampliando sua atividade, o bebê também vai organizando seus processos de pensamento, pois nessa idade a criança pensa por meio das ações que realiza. Então, ao manipular os objetos que a educadora ou o educador dispõe no ambiente a seu alcance, a criança vai formando as funções que usamos para pensar. (MELLO, 2014, p. 50)

Assim, como eles gostavam de ficarem com as varetas dos animais, iniciamos a história com eles segurando as imagens. Além disso, estávamos em duas estagiárias, portanto, enquanto uma fazia a sombra do bicho, a outra ficava interagindo com as crianças. Desse modo, mostramos o animal e perguntamos qual era o som que aquele bicho fazia, logo em seguida colocávamos o som e falávamos para eles repetirem. Enquanto contávamos a história, observei que os bebês estavam encantados, assim, quando via a sombra dos animais, eles queriam tocá-las, ou seja, eles necessitavam explorar o objeto.

Além disso, observei que ver os animais através daquela sombra despertou neles outra curiosidade, por isso, eles levantavam e iam ver o que tinha atrás da caixa. É bem interessante a maneira que o bebê se relaciona com o ambiente e os objetos ao seu redor. Conforme ele vai se relacionando com o mundo, ele também vai se desenvolvendo, ou seja, vai aprendendo. A partir do texto “Os bebês como sujeitos no cuidado e na educação na escola infantil”, compreendemos que:

Quando nos preocupamos em perceber aquilo que o bebê é capaz de fazer desde pequenininho – em vez de olhar apenas aquilo que

ele ainda não consegue fazer -, percebemos como o bebê se relaciona com o mundo que o rodeia por meio do olhar, do gesto, do movimento, por meio daquilo que vê, pega, leva à boca, explora. É esse o sentido do aprender quando a criança é pequenininha. (MELLO, 2014, p. 50).

Dando continuidade, no período da tarde nos dedicamos ao Maternal 1. Percebemos que, da mesma forma que os bebês tiveram a necessidade de explorar o ambiente e os objetos, eles também, ao sentarem no tapete, já começaram a explorar o espaço e as varetas dos animais, mesmo antes de começar a história, eles já estavam dizendo os nomes dos animais e interagindo conosco e com os colegas.

Assim que começamos, mostramos os animais na sombra e pedíamos para eles imitarem o som, e eles imitavam imediatamente, alguns alunos pediram para colocar os animais nas sombras de novo, outro pediram para fazer os sons dos animais novamente, e alguns até dançaram quando colocamos os sons dos bichinhos.

Além disso, eles também ficaram curiosos para saber o que tinha atrás da caixa, entendendo que eles queriam descobrir como que o animal ficava lá atrás. Podemos dizer que as crianças do maternal 1, foram as que mais interagiram com essa atividade. Assim, percebemos o quanto esse tipo de atividade ajuda no desenvolvimento das potencialidades das crianças, pois elas são o centro das atividades, o sujeito principal do espaço. Segundo a autora:

É importante enfatizar que o desenvolvimento da inteligência e da personalidade, seja do bebê, seja da criança maior, sempre acontece por meio da atividade da criança: não enquanto ela espera, nem enquanto observa a educadora ou educador, ou mesmo as outras crianças fazendo coisas, nem apenas ouvindo as explicações dos adultos, ou recebendo o banho, sendo trocada passivamente ou recebendo a alimentação. A criança aprende quando é sujeito da atividade que a envolve e, por isso, o desafio que se apresenta ao trabalho da educadora e do educador é organizar situações e ambientes em que a criança possa, em tempo integral, e desde pequenininha, ser sujeito de atividades que provoquem e possibilitem seu desenvolvimento (MELLO, 2014, p. 52).

Compreendemos, portanto, a importância de atividades em que as crianças se movimentam, explorem, e interagem, ou seja, atividades pedagógicas bem elaboradas e direcionadas, com o objetivo de desenvolver a criança, onde, ela será

a protagonista da atividade, por isso, se faz necessário esse tipo de atividade desde da mais tenra idade.

Finalizamos a nossa intervenção no período da tarde com o infantil 4 e o maternal 2, quando eles chegaram no local em que iria acontecer a contação de história, ficaram um pouco desconfiados, porém, ao nos apresentarmos para eles falamos o nosso nome e explicamos que iríamos contar uma história.

Desse modo, iniciamos a história perguntando quem gostava de fadas e bruxas, poucos falaram que gostavam de bruxas, portanto, explicamos que a bruxa da nossa historinha não se tratava de uma bruxa má. Logo depois, entregamos a eles uma varinha de fada e uma varinha de bruxa, além disso, tínhamos um chapéu de bruxa. Enquanto estávamos contando a história eles ficavam com esses objetos, entendemos que [...] quanto mais variados objetos estiverem ao seu alcance das tuas mãos, maiores serão as chances de aprendizagem (MAGALHÃES; LAZARETTI, 2019, p.155).

Observei também, que as crianças ficaram atentas a história, porém, do meio por fim eles já queriam explorar o mundo ao seu redor, pois estavam admirados com as outras brincadeiras. Nesse momento percebemos que teríamos que encurtar um pouco a história, pois, o nosso objetivo era deixá-los livres, para realmente explorar tudo aquilo que estava sendo proposto, desse modo, entendemos que segundo a autora Mello (2014) é função dos educadores “[...] organizar o ambiente para que as próprias crianças explorem o mundo ao seu redor e realizem livremente seus próprios movimentos” (MELLO, 2014, p. 52). Do meio pro fim da história, criamos a necessidade de as crianças fazerem parte da história, deixando-a mais interessante, assim, colocamos a risada da bruxa, e outros sons, assim produzindo interesses nas crianças. As autoras Magalhães, Lazaretti (2019), destacam que “[...] quanto mais o professor criar a necessidade de contar histórias, de apresentar novos personagens e músicas, maiores serão as chances de produzir interesses nas crianças”. (MAGALHÃES; LAZARETTI, 2019, p.155-156).

Desse modo, finalizamos a história com algumas perguntas, como: Quem queria ser a bruxa? Quem queria ser a fada, na história contada; vocês conhecem outras histórias de bruxa e fada? A Fada conseguiu ser bruxa, a bruxa conseguiu ser fada? Assim, podemos dizer que as crianças responderam as perguntas, e todos falaram que gostaram da história. Entendemos que esse é um momento das perguntas importante para as crianças desenvolver seu pensamento, “[...] além

disso, é possível propor experiências, instigar a curiosidade das crianças por meio de perguntas desencadeadoras que impulsionam o levantamento de hipótese e movimentam em seu pensamento na ação com os recursos que estão sendo disponibilizados” (MAGALHÃES; LAZARETTI, 2019, p.156).

Em vista de todos os apontamentos feitos até aqui, posso afirmar, que o estágio supervisionado contribuiu qualitativamente para minha formação acadêmica, em especial a intervenção relatada acima, pois, através desta atividade pude observar praticamente todos os alunos ao mesmo tempo, em diversas atividades propostas, assim, enquanto aplicamos a nossa atividade em específico, víamos o quanto as crianças desde do berçário até o infantil interagem com as atividades. Dessa maneira, entende-se que um estágio supervisionado bem desenvolvido, contribui tanto para o desenvolvimento infantil, quanto para a formação dos futuros professores, ou seja, se tem um salto qualitativo em ambas as partes.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Compreendemos com essa experiência que o espaço é a base das atividades pedagógicas e é um elemento fundamental no desenvolvimento das capacidades psíquicas das crianças, por isso, podemos dizer que o objetivo da nossa intervenção foi alcançado, pois, nos preparamos e nos organizamos teoricamente, ou seja, antes de aplicar na prática, estudamos a teoria, pois acreditamos que esse fator é fundamental para uma proposta pedagógica.

Portanto, finalizamos o nosso estágio compreendendo a sua verdadeira importância, para o nosso processo acadêmico, foi através dele que colocamos a teoria em prática, que entendemos como funciona a Educação infantil, assim, tivemos um conhecimento mais aprofundado sobre os espaços, as crianças, brincadeiras, aprendizagens e o seu desenvolvimento. Pode-se afirmar, que o estágio nos fornece inúmeros conhecimentos e experiências sobre o campo educacional.

### **REFERÊNCIAS**

MAGALHÃES, C; LAZARETTI, L. M. Acolher, Explorar, Brincar e Conhecer: reflexões sobre o espaço como potencializador da aprendizagem de bebês e crianças na educação infantil. IN: MAGALHÃES, M. ; EIDT, N. M. org. **Apropriações**

Anais do II Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do curso de  
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranaíba  
13, 14 e 15 de fevereiro de 2023

**teóricas e suas implicações na educação infantil.** Curitiba: CRV, 2013, p. 149-162.

MELLO, S. **Os bebês como sujeitos no cuidado e na educação infantil.** Revista Magistério, São Paulo – SME/DOT, n. 3, p. 46-53, 2014.

## **RELATO DAS EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO SOBRE A ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

BOVIS, Carlos Lucas  
MELO, Bruna Lorena dos Santos  
LAZARETTI, Lucinéia Maria

**RESUMO:** O presente trabalho está relacionado à disciplina de Ensino e Estágio na Educação Infantil, e tem como objetivo deste artigo relatar as experiências que vivenciamos em nossa observação e intervenção em relação a organização do espaço. Fundamentamos os estudos nos princípios da Teoria Histórico-Cultural, e compreendemos que a organização do espaço é elemento importante para a organização do trabalho pedagógico e deve ter como objetivo nas instituições infantis garantir a aprendizagem da criança, e o espaço deve ser um componente importante nessa função. E podemos concluir que o espaço é fator crucial para o desenvolvimento do aluno e por isso o professor deve saber como planejar de forma correta esta função pensando na exploração do ambiente escolar que tem a oferecer aos alunos além das salas de aula. Dentro da sala para a organização sempre optar pela participação dos alunos nas atividades que serão realizadas para complementar o espaço.

Palavras-chave: organização do espaço; educação infantil; formação de professores

### **1 INTRODUÇÃO**

É objetivo deste artigo relatar as experiências de estágio sobre a organização do espaço na educação infantil. Essas experiências são resultados das práticas de ensino ocorridas no decorrer do Estágio em Educação Infantil, do 2º ano do curso de Pedagogia da UNESPAR (campus de Paranavaí), no ano de 2022.

As reflexões parte da seguinte inquietação: Será que profissionais na educação infantil sabemos sobre a importância da organização do espaço para o desenvolvimento da criança? Quando tratamos a organização do espaço, estamos pensando tanto no ambiente quanto na organização dele e de sua importância.

Essa é a problemática deste artigo, e para isso, recorreremos aos estudos ocorridos no decorrer da disciplina associados às práticas de estágio em educação infantil.

### **2 O ESPAÇO E AS IMPLICAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Entendemos que a organização do espaço é um elemento imprescindível na

educação infantil. Disso decorre a necessidade de pensar os diversos tipos de organização: um que considera a atuação da criança a partir de recursos importantes para o desenvolvimento do indivíduo, e outro tipo que se encontra é aquele com fins decorativos. Dessas diversas formas, é importante defender que a organização do espaço deve ter como intuito nas instituições infantis garantir a aprendizagem da criança e o espaço é um componente importante nessa função. Por isso, para a organização deste espaço temos que pensar em diversos fatores de como: para quê? Para quem? O quê? e Como? São questões que nos ajudam a pensar em um espaço organizado para atingir uma finalidade proposta que é o desenvolvimento cultural das crianças.

Para a perspectiva Histórico-Cultural, discutir o espaço significa refletir e considerar as necessidades das crianças em cada nível de aprendizagem para se pensar na melhor forma da organização do espaço pensando no melhor para o desenvolvimento da criança. Portanto, esse espaço não se baseia apenas em sala de aula, mas sim no espaço total da instituição de ensino. Para a teoria Histórico-Cultural, o ensino como um importante momento para desenvolver na criança características formadas historicamente e não-naturais e é aqui que deve se pensar um espaço para a criança de acordo com quem ela é e de acordo com quem ela se relaciona com o meio, entendendo ela como um sujeito ativo que precisa colocar em prática todos os movimentos e capacidades

O princípio orientador é compreender essa criança como um sujeito ativo, ou seja, no processo de aprendizagem, na execução de qualquer operação, ela coloca em movimento todas as capacidades em ação, movimenta suas funções psíquicas e, dessa forma, é em atividade que essa criança pode aprender e se desenvolver (LAZARETTI; MAGALHÃES, 2019, p. 150).

Outro ponto importante a ser pensado é de como a criança se relaciona com o mundo em cada período do seu desenvolvimento. Portanto, no ato de organizar e planejar, deve-se compreender que algumas ações terão mais força que outras, por isso é importante compreender a real finalidade da organização do espaço, devendo conter apenas o que se quer passar, coisas que irão somar no processo de aprendizagem e no que o professor está propondo, não ter o espaço como um lugar decorativo ou de exposições de atividades.

Por isso, o espaço, como componente do ensino, não é um simples

lugar de passagem, de decoração, de simples exposição de materiais produzidos pelos professores, de anexar tarefas executadas pelas crianças, muitas vezes, padronizadas e estereotipadas, mas, sim, um revelador de quais conteúdos estão sendo contemplados e como estão sendo explorados (LAZARETTI, MAGALHÃES, 2019, p.150).

Dessa citação decorre nosso entendimento de que a organização desses espaços deve estar relacionada com seu período de desenvolvimento, começando pelo espaço para acolher os bebês em instituições educativas, é que neste período, a dependência deles em relação ao outro e as suas necessidades sociais que ainda não consegue satisfazer dependem do adulto. Então, seu primeiro ano fica marcado pela relação afetiva e emocional que desenvolve com o adulto e essa relação organiza o desenvolvimento do bebê, que das necessidades biológicas e orgânicas emergem as necessidades sociais, promovendo o desenvolvimento psíquico da criança. Ao pensar na organização do espaço do adulto com o bebê neste período, é preciso planejar ações que propiciem o contato com sons, movimentos e gestos, fazendo com que ele se desenvolva de uma melhor forma, e pense em novas formas para aprimorar os desenvolvimentos.

Pensar o espaço para quem e com quem pressupõe que é o adulto que, ao comunicar-se com esse bebê, desenvolve vínculos afetivos, impulsiona os primeiros balbucios e sons, como premissas da linguagem, e, nessa comunicação emocional, origina-se a necessidade de deslocar-se, de mover-se, de rolar, de arrastar-se. Com isso, amplia-se o conjunto de objetos que pode alcançar, o qual, por isso, converte-se em objetos de seu conhecimento, revelando suas propriedades e seus nexos. (LAZARETTI; MAGALHÃES, 2019, p.152).

Com isso o professor pode pensar em melhores formas de planejar a organização do espaço tendo em mente o lugar que ocupa em relação com o bebê pois é responsável por inserir nele nossas necessidade, pois os bebês se inserem no mundo extremamente novo para eles, e o professor deve construir uma conexão afetiva e organizando o espaço para dar condições necessárias para promover desenvolvimento. É indicado nessa primeira etapa que o espaço seja amplo e livre para que os bebês consigam se movimentar, é indicado materiais no chão, de preferência macios e de fácil manuseio, para que os desafiem e desenvolvam as funções psíquicas como percepção visual, pensamento, sensações entre outras funções.



Para crianças de dois a três anos vamos observar algumas mudanças com o desenvolvimento de suas funções psíquicas e a relação com o outro e com o mundo. No espaço pode permanecer os mesmo objetos, porém será visto e utilizados de outra forma. É importante nessa etapa que todos os brinquedos e recursos utilizados estejam no alcance das crianças para que possam manusear e o professor demonstre a real função de cada objeto, fazendo assim com que tenha maior facilidade para se desenvolver, conhecer e aprender sobre os objetos e suas funções. Assim, poderá começar a incluir coisas novas como tintas, papéis, livros para ir aprimorando o conhecimento da criança.

Outro parte muito importante a ser explorada pelas crianças é a parte externa da instituição, ali elas vão começar a expandir seus conhecimento e seu desenvolvimento, propiciando contato com a água, a terra, conhecer texturas, criar brincadeiras, conhecer plantas, flores e árvores que possivelmente estavam fora de seu conhecimento, usar os recursos naturais e culturais para criar novas possibilidades e desenvolver sua imaginação. A ação do professor é permitir que a criança possa escolher quais brinquedos quer utilizar, se vão brincar em dupla ou sozinhos, a seleção das brincadeiras.

Importa também refletir sobre como deve ser o direcionamento para os momentos livres que ocorrem nos Centros de Educação Infantil. Eles são necessários e, por isso, devem ser organizados de uma forma que possibilite a criança optar por pares, por brinquedos e por objetos, movimentar-se em grupos e em espaços que possam ser explorados. Para isso, a participação do professor não se restringe a manter o controle de comportamento e evitar disputas; sua atuação deve ser a de um observador atento sobre como as crianças se relacionam, escolhem, movimentam-se nos espaços, e disso extrair indícios importantes para pensar sobre o grupo e suas aprendizagens coletivas, além de participar e compartilhar desses momentos juntamente com as crianças (LAZARETTI; MAGALHÃES, 2019, p.156).

A organização de espaço para crianças de quatro e cinco anos de idade envolve brincadeiras e elas começam a sentir necessidade de vivenciar momentos de não só conhecer e relacionar, e sim almejam querer interpretar o mundo humano e das relações cotidianas que eles estão inseridas. As crianças começam a brincar de papéis sociais e os brinquedos que lhes eram ofertados continuam os mesmos, porém começam a serem relacionados com ações do cotidiano da vida adulta, como por exemplo, a boneca passa a ser uma filha e a criança pratica os mesmos

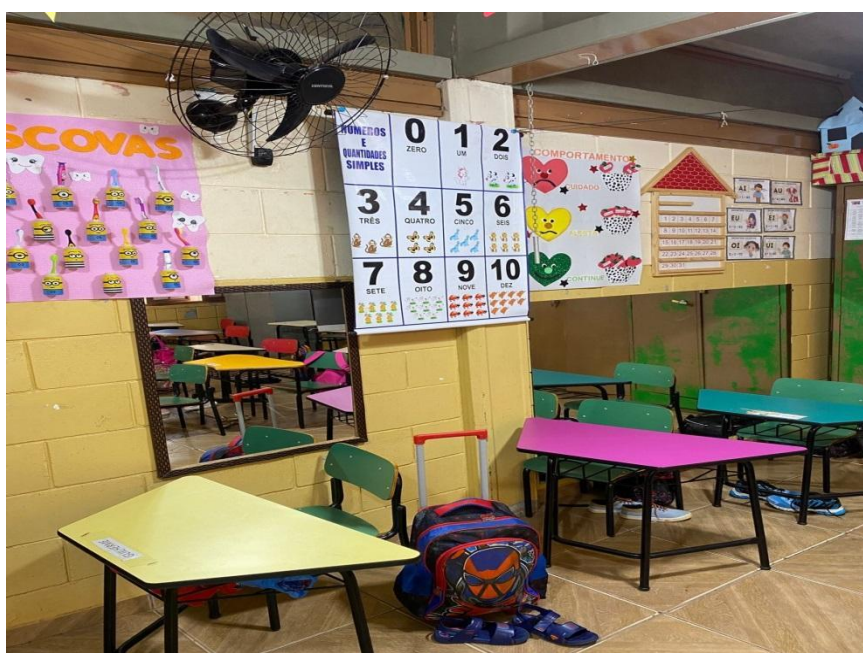
cuidados que ela recebe dos adultos.

Esses objetos e atos realizados com eles estão agora inseridos em um novo sistema de relações da criança com a realidade, adquiriram objetivamente um 'novo sentido social': ocorre a conversão da menina em mamãe, da boneca em filha, e os atos de dar banho, de dar de comer e de preparar a comida se transformam em responsabilidades da criança (ELKONIN, 1998, p. 67).

É importante neste momento que os espaços tanto dentro como fora de sala de aula propiciem o brincar de representar. Este espaço proposto não precisa necessariamente ser grande, porém ele tem que ter recursos como roupas, acessórios, brinquedos que possam ser utilizados pelas crianças para desenvolver sua imaginação e poder recriar momentos do cotidiano, vivências, e observações diárias, além que podemos conhecer muito sobre a criança através do que ela vai representar.

Diante do exposto, em nossa experiência de estágio em uma instituição de ensino, identificamos que a sala que ficamos era totalmente enfeitada com coisas que não eram utilizadas e não revelavam a produção das crianças. Eram exposições produzidas pelo professor, que limitavam o manuseio e estavam fora do alcance das crianças. Além disso, a sala não tinha recurso e nem espaço para eles brincarem e interagirem

**FIGURA 1**



Fonte: Acervo dos alunos.

**FIGURA 2**



Fonte: Acervo dos alunos.

**Figura 3**



Fonte: Acervo dos alunos.

Com base nessas imagens, percebemos que ainda precisamos avançar no entendimento sobre a importância da organização do espaço na educação infantil e suas implicações no desenvolvimento da criança.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, observamos a grande importância da organização do espaço da Educação Infantil e esse elemento deve ser planejado, inicialmente de acordo com os objetivos a serem alcançados pela professora pois ele irá auxiliar para que isso ocorra, esse é um dos fatores importantes para o desenvolvimentos das crianças. .

Não enfeitar as sala é um ponto importante para não tirar o foco e que as produções constantes no espaço sejam realizar com e pelas crianças. , Outro fator importante é a utilização dos espaços externos como um aliado no desenvolvimento e nas descobertas, visando o papel do professor que é de instruir as crianças no manuseio de objetos e na descoberta nos espaços externos apenas observar e deixar que as crianças criem autonomia, criem, explore sua imaginação e se relacionam para uma boa convivência em grupo.

Esperamos que as reflexões neste artigo contribuam para o aprimoramento e estudo sobre as práticas de ensino na educação infantil, especialmente sobre a organização do espaço e o desenvolvimento infantil.

### REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; KRAMER, S. O rei está nú: um debate sobre as funções da pré-escola. **Cadernos Cedes**, v. 1, n. 9, p. 27-38, 1984.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Brasília: MEC, 2017.

BROERING, A. Quando a creche e a universidade se encontram: histórias de estágio. In: OSTETTO, L. E. (org.). **Educação infantil**: saberes e fazeres da formação de professores. Campinas: Papirus, 2008, p. 107-126.

CORRÊA, M. de C. A. Língua Portuguesa. In: PASQUALINI, J. C.; TSUHAKE, Y. N. (Org.). **Proposta pedagógica para a Educação Infantil do Sistema Municipal de Ensino de Bauru**. Bauru: Secretaria Municipal de Educação, 2016. p. 177-206.

Anais do II Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do curso de  
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí  
13, 14 e 15 de fevereiro de 2023

LAZARETTI, L. M.; MAGALHAES, C. Acolher, Explorar, Brincar e Conhecer: Reflexões sobre o espaço como potencializador das aprendizagens de bebês e crianças na educação infantil. In: MAGALHÃES, C.; EIDT, N. M. (Org.).

**Apropriações teóricas e suas Implicações na educação infantil.** Curitiba: Editora CRV, 2019.

OSTETTO, L. E. (org.). **Educação infantil:** saberes e fazeres da formação de professores. Campinas: Papirus, 2008.



## **SER PROFESSORA DE BEBÊS: A CONTRIBUIÇÃO DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE**

SILVA, Tatiane Fernanda dos Santos  
SILVA, Vanessa de Souza  
LAZARETTI, Lucineia Maria

**RESUMO:** Este relato origina-se das experiências da prática de estágio na Educação Infantil na turma do Berçário I, no período de maio a dezembro do ano de 2022. O estágio é um importante componente para a formação do professor e quanto mais organizado suas práticas, melhores resultados e conhecimentos haverá. Dessa forma, o estágio deve ser visto como uma área de produção e socialização de conhecimentos. A concepção histórico-cultural compreende o desenvolvimento das funções superiores da criança, sendo um processo que a modifica qualitativamente. A partir que nasce um bebê, dá início à humanização e assim o desenvolvimento do psiquismo humano necessita de várias intervenções da cultura humana para promover o desenvolvimento. Dessa forma, esse relato descreve sobre o desenvolvimento infantil dos bebês de acordo com as observações ocorridas no Centro Municipal de Educação Infantil do Noroeste do Paraná. Assim, o objetivo deste relato é analisar a prática de ensino com os bebês e as implicações para a formação docente. A metodologia é baseada nos estudos teóricos associados com relatos da prática de estágio e os resultados apontam que um dos elementos essenciais para o desenvolvimento psíquico do bebê é a comunicação adulto-bebê, pois os mesmos se desenvolvem por meio das interações afetivas que estabelece com os bebês e também com os adultos e por si próprios. Assim, a prática de estágio foi organizada em vários momentos, sendo eles: roda de conversa, observações, intervenções e troca de experiências. Esperamos que este trabalho contribua para novas reflexões voltadas ao estágio na formação docente, ao ser professor de bebês da Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Bebê; Teoria Histórico-Cultural; Formação e atuação docente.

### **1 INTRODUÇÃO**

O presente artigo origina-se dos estudos e práticas desenvolvidas na disciplina de Ensino e Estágio em Educação Infantil, vinculado ao curso de Pedagogia, na Universidade Estadual do Paraná - Campus Paranavaí. O objetivo deste trabalho é descrever sobre o desenvolvimento infantil dos bebês de acordo com as observações ocorridas no Centro Municipal de Educação Infantil do Noroeste do Paraná. Assim, o objetivo deste relato é analisar a prática de ensino com os bebês e as implicações para a formação docente. Relatamos, portanto, as práticas de ensino na turma do berçário de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) do Noroeste do Paraná, a partir das etapas de observação e regência ocorridas no período de maio a

dezembro do ano letivo de 2022.

Para Broering (2008), o estágio tem um papel fundamental para a formação do professor, e o acesso a conhecimentos teóricos qualifica as aprendizagens para a docência. Desse modo, o estágio não deve ser visto apenas como um método de aplicações de saberes, mas sim como uma área de produção e socialização de conhecimentos.

A concepção histórico-cultural é importante e fundamental para a compreensão sobre desenvolvimento psíquico infantil. Dessa forma não é tratado de modificação de grau, mas sim uma mudança na qualidade da vivência entre a criança e o mundo, sendo assim cada início de um período do desenvolvimento infantil, altera a lógica do funcionamento do psiquismo (PASQUALINI, 2013). Vygotsky, de acordo com Pasqualini (2013), demonstrou que o desenvolvimento psíquico se refere ao processo evolutivo e revolucionário. Através das pequenas mudanças, o psiquismo da criança vai constituindo-se com determinada fase do desenvolvimento e há saltos qualitativos no psiquismo que modificam, qualitativamente as relações das crianças com mundo, sendo assim caracterizando um novo período de transição do estágio de aprendizagem.

A teoria histórico-cultural do desenvolvimento humano ensina-nos que não se trata de um processo natural. Não é a natureza que explica as transformações qualitativas no psiquismo humano. E também não é a natureza que delimita os períodos ou estágios do desenvolvimento psíquico (PASQUALINI, p.75, 2013).

A partir do momento que nasce um bebê, começa a sua humanização. O desenvolvimento do psiquismo humano precisa das intervenções e de oportunidades adequadas da cultura humana para que seja garantido esse desenvolvimento psicológico. Diante desses princípios, é fundamental compreender como que as instituições educativas interferem nesse processo de desenvolvimento. No próximo tópico daremos destaque as experiências ocorridas no estágio que ilustram o movimento de compreensão do primeiro ano de vida dos bebês.

## **2 COMUNICAÇÃO BEBÊ E ADULTO: RELATO DAS EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO**

Neste tópico, descreveremos sobre estágio curricular supervisionado que ocorreu no período de maio a dezembro de 2022, no qual atuamos em diferentes

turmas e desenvolvemos diferentes ações. Para este artigo, daremos destaque às ações de observação participativa desenvolvidas numa turma de berçário nos meses de junho a de 2022, no Centro de Educação Infantil do Noroeste do Paraná e daremos destaque ao modo como compreendemos as ações de ensino para esse período do desenvolvimento, de acordo com os princípios da Teoria Histórico-Cultural.

Em nossas observações constatamos que a recepção dos bebês ocorria sempre do mesmo modo: duas professoras ficavam responsáveis pela a participação afetiva de receber os bebês no portão da instituição e deslocava até a sala e, no momento em que chegavam na sala, as professoras colocavam todos os bebês diretamente aos berços. Enquanto as professoras recebiam as crianças que estavam chegando, as demais crianças ficavam assistindo vídeo com música dentro do berço, sempre com as mesmas propostas rotineiras. Essas ações que são estabelecidas para os bebês dificultam o desenvolvimento, deixando sua aprendizagem com ritmo lento.

De acordo com Mello (2014) é importante que as experiências que as crianças vivenciam desde de cedo possam ser variadas, com propostas que permitem participar, escolher, explorar e experimentar, pois, é por meio dessas interações como mundo que elas desenvolvem a sua aprendizagem. Nesse dia que estávamos observando havia um aluno chorando desesperadamente sem pausas, pois tinha uma semana que ele não frequentava o CMEI. Compreendemos que o choro é uma forma de comunicação e o professor precisa estar atento a essas necessidades comunicativas.

Ao nascer uma criança, coloca-se a necessidade objetiva de atenção e cuidados por parte dos adultos. Em função da insuficiência dos mecanismos de adaptação do organismo ao nascer, a satisfação das necessidades do bebê encontra-se na total dependência do adulto. A criança expressa seus estados emocionais e dessa forma tem suas necessidades atendidas pelo adulto (PASQUALINI, 2013, p. 81-82).

Enquanto acadêmicas-estagiárias, em ação de observação participativa, auxiliamos na acolhida das crianças. Durante esses momentos, era orientado que organizássemos os pertences dos bebês, guardando os acessórios, objetos que os alunos vinham de casa, sendo eles chupetas, tênis, luvas, brinquedos, naninhas, dentre outros. Entendemos que isso é uma ação importante para que os bebês superem esses objetos de transição, porém, em nossa ação com eles, comunicamos



tudo o que estávamos fazendo, conversando com os bebês, pedindo licença ao retirar os acessórios, e explicamos o que estávamos fazendo.

A comunicação emocional direta – a troca de olhares, a fala e o toque respeitoso da pessoa adulta com o bebê – vai se transformando em atividade conjunta entre educadora ou educadora e criança. Quanto mais cresce essa relação de comunicação emocional entre a pessoa adulta e o bebê, mais segurança este sente e mais tranquilo e independente ele fica nos horários entre os cuidados, permanecendo em atividade com os objetos sem necessitar da presença direta do adulto (MELLO, p. 51-52, 2015).

A comunicação adulto-bebês é muito importante para o desenvolvimento psíquico. Os bebês se desenvolvem por meio das interações afetivas, estabelecidas com outros bebês e também com adultos. As propostas de ensinamentos para o desenvolvimento pleno da criança devem envolver o brincar, passear, conversar, contar história, dentre outras. É necessário o adulto sempre observar os estímulos que rodeiam os bebês, pois a criança necessita de um tempo adequado para descansar e brincar, e também ao desenvolver suas próprias atividades.

Pasqualini (2013) explica que o início da vida de um bebê é incapaz de promover uma comunicação afetiva com o adulto, pois o bebê só se comunica através de choros, gestos e movimentos quando demonstra desconfortos. Desse modo vai construindo relações bebê-adulto, através das interações de ambos o bebê vai estabelecendo uma atividade comunicativa com o adulto para o seu processo de desenvolvimento, conforme a imagem abaixo.

#### IMAGEM 1



Fonte: arquivo das autoras.

Nesta cena, damos destaque a importância dos momentos do cuidado, o cuidar e educar fazem parte da mesma ação. A partir da troca, alimentação e o momento do

banho são importantes para a relação do professor-bebê, passando confiança e segurança afetiva para que elas possam sentir segurança diante as necessidades e ampliar suas experiências de exploração.

Manter uma pessoa de referência que todos os dias realiza com o bebê as atividades de cuidado – e de educação - permite uma relação mais segura e estável entre educadora ou educador e criança. Por isso, sempre que possível, para cada grupo de bebês deve haver sempre uma mesma educadora ou educador responsável diariamente pelo banho, troca e alimentação (MELLO, p.51,2014).

Maranhão (2000), com base aos estudos de Vygotsky e Wallon, compreende que o desenvolvimento das capacidades biológicas do bebê resulta do meio no qual ela está incluída, com as oportunidades de compreender o acesso à cultura como produto da sociedade, e que a aprendizagem e o desenvolvimento estão interligados desde do nascimento do bebê.

Desse modo, entende-se que a característica do bebê humano totalmente dependente do outro para atender às necessidades biológicas básicas, leva-o a expressar-se por mímicas, laléis, choro, e movimentos, que despertam no adulto emoções e atitudes de cuidado, ocorrendo a interação necessária ao desenvolvimento das capacidades intelectuais superiores (MARANHÃO, 2000, p. 119).

Em outro momento da observação participativa ocorreu uma ação de ensino proposta pelas estagiárias-acadêmicas que envolveu exploração sonora por meio de movimentos e gestos para as crianças no manuseio de chocalhos com garrafas pet, com objetivo de os bebês manusearem e ouvirem os diferentes sons que os instrumentos transmitiam. Apresentamos os objetos as crianças e fomos apresentando alguns movimentos e sons produzidos pelos objetos, provocando o interesse nos bebês em reproduzir os movimentos e a criar novas ações com os objetos a serem conhecidos e explorados. Lazaretti (2018), explica que os bebês desde seus primeiros dias de vida estão dispostos a interagir diante o mundo dos objetos e os fenômenos humanos, começam a desenvolver estando em constante atividade.

Lazaretti (2018), aponta que nos primeiros dias de vida o bebê precisa estar com relação com o outro, sendo um par mais experiente com imediações adequadas para a criança explorar, e conhecer o mundo que o acerca, como indivíduos em pleno

desenvolvimento. De acordo com a imagem abaixo, com base nos estudos de Pasqualini (2013), é compreendido que a particularidade da atividade objetal manipulatória, faz com que as crianças por meio delas se apropriam da sua determinada função. Em primeiro momento que a criança está em contato com objeto a mesma faz o uso inadequado, sem função, sendo o chocalhar e o bater, já em outro momento a criança busca compreender a determinada função do objeto sendo reproduzida as operações que a criança aprende com o adulto por meio das imitações e do ensino.

Na cena abaixo, o objeto era chocalho e observamos que os bebês fazem uso desse objeto levando até a boca, chacoalham, batem no chão e escutam os diferentes sons que o chocalho transmite, isto porque ainda estão em um período de transição, no qual a atividade guia é a comunicação emocional e a atividade objetal manipulatória está gestação:

O professor, por meio da atividade de ensino, é desafiar o psiquismo infantil, mobilizando interesses, necessidades e motivos que coloquem a criança para agir, ativamente e adequadamente, frente às objetivações culturais, conquistando, nesse processo, neoformações psíquicas que transformam sua relação com o mundo, engendrando novas capacidades e nova necessidades (PASQUALINI; LAZARETTI, 2021, p. 125-126).

**IMAGEM 2**



Fonte: arquivo das autoras

Desse modo, destacamos que é muito importante o adulto estar presente

durante o processo do desenvolvimento, fazendo com que o bebê em seus meses de vida possa ter interações qualificadas, fazendo com que desenvolva as reações emocionais e afetivas para o desenvolvimento do seu psiquismo.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluimos que o artigo trouxe novas reflexões para o nosso processo formativo enquanto professores. Compreendemos que é relevante discutir que o desenvolvimento da criança em atividade, por meio de ações de comunicação, exploração objetual, vínculos afetivos e de vivências ricas entre criança-mundo, Pasqualini (2013), a partir da tese central confirmada pela obra Vygotskyana, é que o desenvolvimento não se executa de forma natural, a aprendizagem é a origem da ampliação do psíquico da criança com excelência.

Desse modo, é importante o adulto ficar atento diante as novas habilidades que são formadas na criança, sendo capaz de identificar quando a criança mostra que já tem chances de ocupar outro espaço diante as relações sociais. Compreendemos que o desenvolvimento psíquico infantil inicia por meio das relações sociais adquiridas, sendo a educação escolar um importante meio para esse desenvolvimento, no qual adulto-professor satisfaz determinadas necessidades estabelecidas pela criança e cria novas condições para formar novos interesses e promover novas experiências sociais. Os conhecimentos sociais são construídos a partir da atividade conjunta adulto-bebê.

Essa relação potencializa as principais conquistas no desenvolvimento do bebê durante esse primeiro ano. Pensar o espaço para quem e com quem pressupõe que é o adulto que, ao comunicar-se com esse bebê, desenvolve vínculos afetivos, impulsiona os primeiros balbucios e sons, como premissas da linguagem, e, nessa comunicação emocional, origina-se a necessidade de deslocar-se, de mover-se, de rolar, de arrastar-se. Com isso, amplia-se o conjunto de objetos que pode alcançar, o qual, por isso, converte-se em objetos de seu conhecimento, revelando suas propriedades e seus nexos (LAZARETTI, MAGALHÃES, 2019, p.152).

De acordo com Broering (2008), quando a creche e a universidade se encontram ambas adquire conhecimentos tanto positivos quanto negativos. Expressando-se de certa forma para o encontro de novas propostas de ensino e aprendizagem envolvendo adultos e crianças. O estágio tem como objetivo transmitir conhecimentos para o novo docente, enfatizando a sistematização para ocorrer uma

boa formação e contribuindo para trocas de experiência e produção de conhecimentos tanto para o estagiário-professor e aluno. Essa experiência foi fundamental para nossa contribuição como professoras de bebês

É importante ressaltar que o estágio deve ser visto não apenas como um campo de aplicação de conhecimentos, mas também como um campo de produção de conhecimentos. Dessa forma o estágio na Educação Infantil contribui para o processo da formação do acadêmico, possibilitando trocas de experiência e conhecimentos que trarão saltos positivos na carreira profissional (BROERING, p.110, 2008).

Esperamos que o relato aqui exposto possa inspirar novos estudos e reflexões sobre a docência com os bebês e que novas possibilidades de diálogo possam ser fomentadas.

## REFERÊNCIAS

OSTETTO, L.; (org.). **Educação infantil**: saberes e fazeres da formação de professores. Campinas, SP: Papirus, p.109, 2008.

PASQUALINI, J.; LAZARETTI, L. Crianças pequenas na escola: contradições e potencialidades. **Revista Polyphonía**, Goiânia, v. 32, n. 2, p. 125-126, 2021.

PASQUALINI, J. C. Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas. In: MARSIGLIA, Ana C. G. (org.). **Infância e pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores associados, p.75, 2013.

MELLO, S. Os bebês como sujeitos no cuidado e na educação infantil. **Revista Magistério**, São Paulo – SME/DOT, n. 3, p.48-51-52, 2014.

MARANHÃO, D. O cuidado como elo entre educação e saúde. **Cadernos de Pesquisa**, n 111, p.119, 2000.

LAZARETTI, L. M.; MELLO, M. A. . Como ensinar na educação infantil? Reflexões sobre a didática e o desenvolvimento da criança. In: Juliana Campregher Pasqualini Lucas André Teixeira Marcela de Moraes Agudo. (Org.). **Pedagogia Histórico-Crítica**: Legado e Perspectivas. 1ed.Uberlândia: Navegando v. 1, p. 120, 2018.

## **QUARTO ANO**

## A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR

SOUZA, Julia Resende<sup>27</sup>  
OLIVEIRA, Adriana Silva<sup>28</sup>

**RESUMO:** Decorrente do estágio obrigatório no quarto ano do curso de Pedagogia (UNESPAR), na disciplina de Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar, o presente trabalho tem como objetivo apresentar a organização do espaço escolar descrevendo suas características e os recursos disponíveis a fim de refletir a importância dessa experiência para a formação acadêmica e futura atuação profissional, de uma instituição de ensino localizada na cidade de Paranavaí-PR no Noroeste do Paraná. A instituição conta com as modalidades de ensino: Ensino Fundamental II, Novo Ensino Médio, Ensino Médio Técnico e Cursos Técnicos no período noturno. Com quadro amplo de funcionários, sob a primeira gestão do atual diretor, é um dos maiores colégios presentes no município, com grande atuação em projetos de ensino e busca ativa por alunos. Possui estrutura física ampla, contando com 3 laboratórios de informática, um de química (ciências), biblioteca, laboratório de matemática, sala de reuniões, três salas destinadas à equipe pedagógica, todos estes bem organizados e de forma que propiciem aprendizagens aos alunos, salientando a importância de atentarmos o olhar para além de somente a sala de aula, mas também da organização e do planejamento de todo o ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Estágio; Gestão Escolar; Organização do espaço.

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um relato de experiência da disciplina de estágio supervisionado em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar com inserção de campo na instituição de ensino e terá como objetivo apresentar a organização do espaço escolar descrevendo suas características e os recursos disponíveis a fim de refletir a importância dessa experiência para a formação acadêmica e futura atuação profissional. Neste sentido, nas palavras de Horn (2017, p. 18) o termo “espaço” caracteriza os locais que possuem objetos, elementos, materiais didáticos e decoração, enquanto o termo ambiente é aquele que diz respeito ao espaço físico, e as relações interpessoais que naquele ambiente são

---

<sup>27</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), e-mail: juuresende002@gmail.com;

<sup>28</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Mestre em Educação e graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); professora supervisora, membro do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), e-mail: adriana.oliveira@ies.unespar.edu.br.

estabelecidas, envolvendo afetos, emoções, objetivos, relações, etc, em um processo, neste caso da escola, entre adultos (que são os professores, equipe escolar) e os alunos.

Deste modo, segundo o manual de estágio da Universidade Estadual do Paraná (Paranavaí), o objetivo geral do estágio supervisionado de Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar é de proporcionar ao acadêmico, o conhecimento do campo de sua atuação profissional por meio das ações teórico/práticas, adquiridas durante as horas estagiadas numa instituição escolar, oferecendo situações didáticas para que os futuros profissionais, das áreas da Organização do Trabalho Pedagógico e da Gestão Escolar, utilizem os conhecimentos que aprenderam e mobilizem também outros oriundos de diferentes naturezas e experiências em tempos e espaços curriculares distintos.

Assim, o trabalho irá apresentar as principais características dos ambientes presentes na instituição de campo (laboratórios, biblioteca, quadra esportiva, outros), afim de estimar a importância de um espaço escolar organizado e adequado que propicie recursos e aprendizagens necessárias aos alunos do Ensino Fundamental II, Ensino Médio, Técnico e Profissional.

A instituição estagiada conta com 52 turmas, sendo 1.189 alunos matriculados regularmente, segundo os dados disponíveis na Secretaria Estadual da Educação. A instituição conta com as modalidades de ensino: Ensino Fundamental II, Novo Ensino Médio, Ensino Médio Técnico e Cursos Técnicos no período noturno.

Com quadro amplo de funcionários, sob a gestão democraticamente eleita, é um dos maiores colégios presentes no município, com grande atuação em projetos de ensino e busca ativa por alunos. Assim, dando ênfase na importância da Gestão Escolar, na organização e manutenção dos espaços, afim de cumprir os objetivos propostos pela escola e garantir a aprendizagem dos alunos por meio de seus recursos. Desta forma, Singulani (2009, p.63) salienta:

[...] o próprio espaço, a forma como é organizado, transmite as concepções, valores, crenças etc dos sujeitos que nele vivem [...] a forma como o adulto dispõe os móveis, materiais e objetos no espaço, a maneira como permite que as crianças se relacionem entre si e a forma como interagem com elas nesse espaço revelam a concepção de criança e de Educação Infantil presente na instituição.

Neste sentido, a instituição possui também estrutura física recentemente reformada, contando com três laboratórios de informática, um de química (ciências),



biblioteca, laboratório de matemática, sala de reuniões, três salas destinadas à equipe pedagógica, entre outros, que serão apresentadas no desenvolver do trabalho.

## **2 O ESPAÇO ESCOLAR, SEUS RECURSOS E A IMPORTÂNCIA DA SUA ORGANIZAÇÃO**

Durante os estudos teóricos em toda a graduação do curso de Pedagogia, nas disciplinas que abrangem as faces da Gestão Escolar, em diversos momentos foi abordada a importância e a relevância da organização do espaço escolar para o ensino e aprendizagem do aluno, bem como para a realização do trabalho dos professores e de toda a equipe escolar.

Sendo esta, uma instituição de Ensino Fundamental II, Ensino Médio Técnico e Profissional, que conta com um espaço e estrutura de acordo com o seu número de alunos e sua demanda escolar, é possível enxergar a preocupação e o comprometimento que a gestão possui em manter um ambiente organizado para que seu objetivo final e suas relações sejam, de fato, efetivadas. Assim, Rinaldi (2002) diz que,

O ambiente escolar deve ser um lugar que acolha o indivíduo e o grupo, que propicie a ação e a reflexão. Uma escola ou uma creche é antes de tudo, um sistema de relações em que as crianças e os adultos não são apenas formalmente apresentados a organizações, que são uma forma da nossa cultura, mas também a possibilidade de criar uma cultura. [...] É essencial criar uma escola ou creche em que todos os integrantes sintam-se acolhidos, um lugar que abra espaço às relações (p. 77).

Neste sentido, o prédio é organizado em três andares, todos possuem salas de aula, laboratórios, banheiros femininos e masculinos entre outras dependências da instituição, que permitem aos alunos recursos necessários para aprendizagem e desenvolvimento. Cada andar possui salas de coordenação pedagógica onde as pedagogas realizam seus trabalhos e atendem às demandas cotidianas tanto relacionadas aos docentes, quanto aos discentes.

É importante salientar que, todas as salas/dependências da instituição possuem extintor de incêndio e trazem segurança aos alunos. Além de que, todos os espaços são organizados, sem quaisquer poluição visual e propiciam aos alunos

condições ótimas de aprendizagem, pois em todas as salas de aula contam com número de mesas e cadeiras suficiente, além do novo equipamento *Educatron* que com um novo projeto no Estado do Paraná promete auxiliar o trabalho do professor e o ensino dos alunos. Os professores podem contar com recursos como rádio, *notebooks*, projetores, entre outros, para ministrarem suas aulas.

Ao adentrar a instituição, o térreo conta com pátio organizado e limpo todos os dias, sendo de amplo espaço, tendo sempre presentes as inspetoras de alunos. Neste, há bicicletário (para os alunos que optam por ir de bicicleta até à escola), cantina, quiosques para convivência e socialização dos alunos, banheiros masculino e feminino, além da sala de equipe pedagógica do diretor Daniel e a secretaria escolar, que foi ampliada na última reforma que a colégio foi submetido. Neste sentido, a equipe gestora deu ênfase à importância do espaço e da aplicação dos recursos financeiros para a manutenção dos mesmos. Neste sentido, Marques (2007) afirma que:

O financiamento da educação pública deve, portanto, criar condições para a efetivação do princípio da qualidade do ensino, definido no artigo 4º, inciso IX da LDB como a variedade e a quantidade mínimas por aluno de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. É necessário, pois, que o financiamento se baseie no quanto é preciso gastar para a garantia da qualidade do ensino, e não na distribuição do montante de recursos disponíveis para a educação. (MARQUES, 2007, p. 82).

Num segundo momento, observado também, o espaço para as aulas de atividades físicas. A instituição possui três quadras, sendo uma delas coberta e as outras duas abertas, entretanto, não foi possível chegar até elas para obter maior riqueza de detalhes sobre as condições, pois as mesmas se encontram em reformas e apenas uma (a quadra coberta) está sendo utilizada para as aulas de educação física. Entretanto, foi possível observar que possuem pintura adequada, cestas de basquete, redes de vôlei, grades, entre outros.

Ainda no térreo, também se situa a cozinha e os espaços com mesas e cadeiras para que os alunos possam realizar as refeições no horário do intervalo. A cozinha, bem organizada, conta com quatro (excelentes) cozinheiras, que servem duas refeições (café da manhã/tarde e o lanche) em cada período (matutino, vespertino e noturno) de aula na instituição. Em sua organização, possui depósito para armazenamento de mantimentos de longa validade, (periodicamente passados

por vistoria sobre a validade e qualidade dos produtos que ali estão) armários para guardar as panelas, geladeiras e freezer espaçosos, mesas, pia para lavar as louças e um grande fogão industrial. Além dos ambientes pedagógicos, o ambiente onde os alunos realizam suas refeições se faz de extrema importância, uma vez que este é organizado e seu cardápio é planejado por profissionais de nutrição, os alunos podem desenvolver bons hábitos de alimentação, aumentando seu desempenho escolar, sua capacidade de concentração, raciocínio, melhorando o humor e sua disposição, além dos demais benefícios para a saúde.

A instituição apresenta uma biblioteca com diversos exemplares de livros de todos os gêneros para os alunos, tendo também, livros didáticos para o uso cotidiano destes. Na biblioteca, é também onde ficam armazenadas atividades e/ou avaliações realizadas pelos alunos da instituição. O espaço é organizado, bem ventilada, conta com banheiro (unissex), três ventiladores e quatro mesas, estas somando 12 lugares, para que sejam ali realizados estudos. Possui a presença de uma bibliotecária (infelizmente não se encontrou presente) que têm como trabalho manter o espaço organizado, vistoriar os livros e suas condições, bem como controlar os empréstimos e devoluções, entre outros. Neste sentido,

A biblioteca escolar é uma instituição do sistema social que organiza materiais bibliográficos, audiovisuais e outros meios e os coloca à disposição de uma comunidade educacional. Constitui parte integral do sistema educacional e participa de seus objetivos, metas e fins. A biblioteca escolar é um instrumento de desenvolvimento do currículo e permite o fomento da leitura e a formação de uma atitude científica; constitui um elemento que forma o indivíduo para a aprendizagem permanente; estimula a criatividade, a comunicação, facilita a recreação, apoia os docentes em sua capacitação e lhes oferece a informação necessária para a tomada de decisões na aula (OEA, 1985, p. 22).

Assim, é de extrema importância reconhecer o valor que a biblioteca escolar implica no processo de aprendizagem, pois é nela que os alunos terão livros e materiais que lhe trarão um acervo cultural amplo, para subsidiar pesquisas durante toda a sua formação na escola.

Ao lado da biblioteca, está localizado o laboratório de informática térreo. Este possui um total de 23 computadores em perfeito estado para uso dos alunos, e de acordo com o responsável pela sala, este ano irão chegar mais 29 computadores para a instituição. O laboratório tem um responsável, em todo o período, para ajudar os alunos e monitorar a utilização dos mesmos com os recursos ali ofertados. A sala

em que se encontra, é ventilada, bem iluminada, possui ar condicionado e no total 6 ventiladores funcionando em perfeitas condições. Além disso, existe um depósito de aparelhos que não estão em uso, por falta de manutenção. O laboratório só não contém banheiros, que em caso de necessidades, é utilizado o da biblioteca que fica ao lado. A instituição poderia conter banheiros na biblioteca, entretanto, o laboratório é próximo, além de que, todo o prédio possuem banheiros em quase todas as suas dependências.

No segundo andar, que se têm acesso por meio de escadas, temos o segundo laboratório de informática, na sala 118, que possui 20 computadores funcionando, mesas e cadeiras, um quadro de caneta, ar condicionado, ventiladores, possui ótima iluminação, organização e é supervisionada por dois estagiários do ensino técnico noturno.

A diante, no mesmo andar, na sala 113 encontra-se mais um laboratório de informática, este contendo 21 notebooks e um *educatron*, em perfeito estado para uso. Entretanto, apresenta cerca de 25 monitores de computadores que não estão em uso e se encontram mal armazenados. Com boa ventilação, ar condicionado, ventiladores e armários para uso da equipe pedagógica. Este, não possui responsável fixo todos os dias e períodos, o professor que desejar utilizar com seus alunos, deverá fazer a reserva da chave e após usar, devolve-la.

A informática na escola, hoje, proporciona ao estudante acesso a recursos tecnológicos nas aulas, pois a medida que a tecnologia e os recursos avançam, a educação também, vislumbrando o conhecimento de forma mais criativa, interdisciplinar e motivadora, representando uma necessidade no ambiente escolar. Desta forma, Segundo Carneiro (2002):

Como uma derivação natural desses contextos múltiplos do cotidiano, a escola também convive com todo esse processo de informatização sob diversos aspectos, seja no controle administrativo e financeiro, nas novas necessidades de formação profissional, na utilização do computador como ferramenta auxiliar do processo ensino/aprendizagem e nas questões do cotidiano trazidas até a sala de aula. (CARNEIRO, 2002, p. 12).

Ainda neste pavilhão, na sala 105, o laboratório de matemática apresenta-se com uma organização impecável, tendo armários com materiais didáticos matemáticos para uso dos alunos, um *educatron*, 25 lugares distribuídos em mesas, ventilador, ar condicionado e ótima iluminação. Neste, há uma professora

responsável no período da manhã.

Por fim, no terceiro e último andar, fica localizado o laboratório de ciências, na sala 213, que está sendo organizado ainda, aos poucos, devido à reforma em andamento no prédio da instituição. Este laboratório, aparentemente, pelo o que está exposto, apresenta um aparato de materiais diversos para as práticas de química e física dos alunos de ensino médio e técnico, além de armários bem organizados, ambiente ventilado e com boa iluminação.

Finalizando a observação, foi possível estimar o ambiente como organizado, planejado, bem arejado e adequado para a aprendizagem dos alunos. É de grande importância salientar o papel que a Gestão Escolar executa, mantendo todos os ambientes limpos, organizados, com um responsável, de acesso controlado e manutenção em dia. Alguns recursos estão sem uso atualmente, mas, caso necessários, podem ser utilizados, o que demonstra o bom uso dos equipamentos disponíveis na instituição.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluindo, a observação e participação nesses espaços trás a reflexão acerca da importância que a organização dos ambientes e espaços escolares tem para o processo de ensino e desenvolvimento dos alunos. É de grande valia, relembrar a relevância que a Gestão Escolar possui para a manutenção e organização dos mesmos para promover aos alunos melhores condições e garantir o cumprimento dos objetivos da escola: a transmissão de conhecimentos historicamente construídos.

Neste sentido, em um ambiente saudável, os alunos tendem a se sentir importantes para a instituição, conseqüentemente, se sentem, e são, de fato, parte do processo educacional. Assim, segundo Zabalza (1998, p. 50) salienta que “[...] o espaço organizado, se torna condição básica para levar adiante muitos outros aspectos que dizem respeito a aprendizagem escolar, mantendo uma dinâmica baseada na autonomia e desenvolvimento da atenção de cada aluno”. Isto é, um espaço adequado, organizado e planejado permite ao aluno desenvolver suas dimensões, além de estimular a investigação, incentivar as capacidades, ajudar a manter a concentração dos mesmos, além de que, permite aos educandos uma sensação de bem estar, de pertencimento e importância, vendo sentido e significado

nos conteúdos e no processo educacional.

Foi possível concluir, que o ambiente escolar quando planejado e organizado propicia ao aluno aprendizagens que levam ao seu desenvolvimento, sua melhor concentração, atenção, humor, além de que, eles tendem a se sentir parte do processo de ensino e valorizados pela instituição de ensino que os recebem.

## REFERÊNCIAS

CARNEIRO, R. **Informática na Educação**: Representações sociais no cotidiano. São Paulo: Cortez, 2002.

HORN, Maria da Graça Souza. **Brincar e interagir nos espaços da escola infantil**. Porto Alegre: Penso, 2017.

MARQUES, Luciana Rosa. **Financiamento e Gestão Democrática da Educação**. In.: BOTLER, Alice Happ (org.). Organização Financiamento e Gestão Escolar: subsídios para a formação do professor. Ed. Universitária UFPE, Recife, 2007, p. 87-98.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS (OEA). **Modelo flexível para um sistema nacional de bibliotecas escolares**. Tradução de Walda de Andrade Antunes. Brasília: FEBAB, 1985.

RINALDI, C. (2002). **Bambini**: a abordagem italiana à educação infantil. Reggio Emilia: a imagem da criança e o ambiente em que ela vive como princípio fundamental., 75-80. Porto Alegre, Brasil: Artmed.

SINGULANI, Renata Aparecida Dezo Singulani. **As crianças gostam de “tudo o que não pode”**: crianças em novas relações com a monitora e a cultura no espaço da creche. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

ZABALZA, Miguel. **A Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

## A SALA DE RECURSO MULTIFUNCIONAL NO AMBIENTE DE ESTÁGIO

SANTOS, Beatriz de Almeida dos<sup>29</sup>  
OLIVEIRA, Adriana Silva<sup>30</sup>

**RESUMO:** Este trabalho reflete sobre o estágio como uma vivência fundamental para a prática pedagógica, tendo em vista que contribui para a formação acadêmica. As observações da dinâmica educacional despertaram a curiosidade em conhecer mais sobre algumas realidades, pois revelam traços históricos, neste sentido tem-se o interesse em conhecer melhor o histórico do Atendimento Educacional Especializado, pois esse foi o campo que mais chamou atenção durante o estágio por ser um ambiente pouco observado. Assim, o intuito deste artigo é explicar os marcos da Educação Especial e compará-los com as experiências do estágio relacionando a teoria e a prática. A disciplina, de estágio supervisionado em organização do trabalho pedagógico e gestão escolar, foi desenvolvida inicialmente, com a teoria que fundamenta o estágio, exercícios que norteiam as atividades desenvolvidas por um profissional pedagogo, como uma preparação para o estágio, assim, as experiências na instituição estavam associadas aos conteúdos trabalhados em sala, contribuindo para a construção da formação acadêmica. O estágio permitiu viver experiências práticas que contribuíram para a nossa formação de pedagogos, pois a vivência nos aproxima da realidade das escolas.

**Palavras-chave:** Sala de Recurso Multifuncional. Atendimento Educacional Especializado. Estágio.

### 1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista que a disciplina de Ensino e Estágio Supervisionado em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar oportunizou aos acadêmicos observações dentro do ambiente escolar, acompanhando também as práticas no cotidiano do pedagogo, este trabalho reflete sobre o estágio como uma vivência fundamental para a prática pedagógica e a formação acadêmica.

Nesse sentido, a Lei Federal nº 9394/96 determina as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em que o artigo 64 estabelece que a formação de profissionais

---

<sup>29</sup> Graduanda do curso de pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), beatriz99bia.ba@gmail.com.

<sup>30</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Mestre em Educação e graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); professora supervisora, membro do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), adriana.oliveira@ies.unespar.edu.br.

de educação seja realizada nos cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a depender da instituição de ensino (BRASIL, 2022a). Assim é preciso vivenciar as atividades obrigatórias que compõem o currículo do curso, junto com a carga horária exigida, para que se obtenha o título da graduação em pedagogia, embora esteja a critério da instituição escolar exigir a graduação na área ou a pós-graduação para a atuação docente.

Na grade de estágio é exigido que o acadêmico passe por alguns ambientes específicos como: visita e observação das dependências da instituição, observação do conselho de classe, participação da Tutoria Pedagógica oferecida pela Secretaria da Educação, observação e participação nas atividades da Sala de Recurso Multifuncional e também junto à equipe pedagógica, além de visitar a secretaria e participar da roda de conversa com o diretor.

Dentre os ambientes citados, a Sala de Recursos Multifuncional despertou a curiosidade de pesquisa. Devido ao atendimento especializado realizado nesse ambiente, as adaptações dos materiais, o ensino adaptado e as abordagens diferentes para cada aluno, trata-se de um campo em que o acadêmico não consegue ter contato diariamente e por isso é um ambiente que chama a atenção e foi o escolhido para ser pormenorizado neste trabalho.

A Sala de Recurso Multifuncional (SRM) é um ambiente que atende os alunos com necessidades educacionais especiais, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, para complementar a escolarização (CIA; MENDES; PASIAN, 2014). Segundo a Resolução CNE/CEB nº 4/ 2009, art. 10 o Projeto Político Pedagógico da escola do ensino regular deve oferecer o Atendimento Educacional Especializado (AEE), organizando a SRM com materiais didáticos, recursos pedagógicos e de acessibilidade e equipamentos específicos (BRASIL, 2009a).

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo compreender alguns dos marcos históricos da Educação Especial, da Sala de Recurso Multifuncional, bem como o Atendimento Educacional Especial e vincular este levantamento à experiência prática do estágio realizado em uma instituição do estado do Paraná.

## **2 O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E A SALA DE RECURSO MULTIFUNCIONAL**



A Sala de Recurso Multifuncional (SRM) está diretamente relacionada ao Atendimento Educacional Especial (AEE), por isso para expor as experiências observadas em campo, faz-se necessário conhecer o histórico da Educação Especial, tendo em vista que este é o público alvo da SRM.

Até o período entre 1822 e 1889, às pessoas com deficiência no Brasil eram acolhidas por asilos e casas dos expostos,<sup>31</sup> mas o atendimento era precário, neste contexto não se tinha legislação ou diretrizes relacionadas a este público (MILANESI, 2012). Já no período da República (1889) e da Constituição (1891) o número de instituições que atendiam as pessoas com deficiência era pequeno e estas eram voltadas para os cegos e os surdos, mas, começaram a surgir instituições para atender as pessoas com deficiência intelectual (MILANESI, 2012).

Inicialmente o atendimento às pessoas com deficiência no Brasil não era disseminado por todas as regiões, tanto que era pequeno o número de instituições que os acolhiam, contudo não haviam muitos estudos que explicam como lidar com cada deficiência, quais as limitações e as adaptações que precisavam ser feitas, por isso o campo da medicina tem grande influência nos avanços relacionados às deficiências.

A educação especial está atrelada à medicina pois, os médicos foram os primeiros a procurar alternativas para as pessoas com necessidades educacionais especiais, buscando entender a origem de seus problemas e analisar os tipos de tratamento (MILANESI, 2012).

Quando em 1961, foi publicada a primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 4.024/61 e a educação especial foi apontada como direito dos “excepcionais” quando houvesse a possibilidade, em meio ao sistema geral de educação, já a LDB nº 5.692/71 especifica que aluno com deficiência precisa receber tratamento especial, consequentemente este o aluno era direcionado para as classes e escolas especiais (MILANESI, 2012). Nesse sentido, a educação especial passou por diferentes avanços mas, durante muito tempo esteve segregada, ou seja, separada do sistema de ensino regular, medidas como a citada acima reforçava a ideia de que os alunos com necessidades especiais precisavam estar em escolas separadas.

Um grande salto na história da Educação Especial é demarcado com a Constituição Federal de 1988, com a garantia do direito à igualdade, assim como o

---

<sup>31</sup> A casa dos expostos surgiu entre os séculos XVII e XIX, criada pela sociedade ocidental católica para acolher as crianças abandonadas e oferecer suporte de higiene e alimentação (TORRES, 2006).

direito de todos ao acesso à educação e a escola, ainda garante a igualdade das condições de acesso e permanência na escola (MILANESI, 2012).

Em concordância com a Constituição Federal, a lei nº 8.069/90, art. 54, estabelece que seja dever do Estado garantir o atendimento educacional especializado as pessoas com deficiência, dando preferência ao atendimento no ensino regular (BRASIL, 2022b).

Este é um grande avanço no histórico da educação especial, pois é garantido o atendimento educacional especial, aqueles que possuem necessidades educacionais especiais, tendo em vista que a LDB n. 9394/96 garante a gratuidade do atendimento e reforça que esse atendimento deve acontecer preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 2022a).

A partir das medidas mencionadas a Educação Especial passa a ser incluída junto ao ensino regular, reduzindo a segregação das pessoas com necessidades educacionais especiais, dessa forma a diversidade começa a acontecer dentro da sala de aulas, mas exige que o professor tenha conhecimentos para lidar com as especificidades dos alunos com deficiência.

Neste sentido, o art. 59 da LDB assegura aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, currículos, métodos, materiais educativos que atendem às necessidades específicas, professores especializados para esses atendimentos e professores regulares preparados para a integração dos alunos com necessidades educacionais especiais nas classes comuns (BRASIL, 2022a).

Assim como o art. 58 garante serviços de suporte especializado para atender as especificidades dos alunos da educação especial, o atendimento educacional acontecerá nas classes, nas escolas ou nos serviços especializados, nos casos em que as necessidades do aluno não possibilitam sua integração na classe regular (BRASIL, 2022a).

Por conseguinte, em 2001 foi instituído as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, a Resolução CNE/CEB nº 2, aborda no art 3º

Por educação especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a

garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica (BRASIL, 2001, p. 01).

Esta Resolução traz considerações de grande relevância sobre a educação especial, assim como, explicita fatores fundamentais para a inserção do aluno com necessidades educacionais especiais na rede regular, frisando que na educação especial é considerada as particularidades, as características bio-psicossociais, idade, todos baseados em princípios éticos, políticos e estéticos para garantir a inserção desse aluno na vida social (BRASIL, 2001).

A Resolução CNE/CEB nº 2 também reforça a distribuição dos alunos com necessidades educacionais especiais por várias classes, para que as turmas regulares tenham experiências positivas em relação à diversidade, tendo contato com alunos diferentes (BRASIL, 2001).

Neste sentido, é necessário que a escola adapte o currículo, os professores precisam também adequar as atividades para os alunos com necessidades educacionais especiais, as formas de avaliar e os recursos a serem utilizados, tendo em vista o desenvolvimento da turma (BRASIL, 2001).

Ao se basear nas considerações que a Resolução CNE/CEB nº 2 as escolas permitem que os alunos com necessidades educacionais especiais tenham contato com os demais colegas de sala, rompendo com a segregação e contribuindo com a integração e com a diversidade dentro das escolas.

Os alunos da Educação Especial são o público alvo tanto do Atendimento Educacional Especializado, quanto da Sala de Recurso Multifuncional, neste sentido, buscamos brevemente expor as considerações fundamentais que nos encaminham para a segunda parte deste estudo, na qual será compartilhado as observações realizadas em campo, em uma instituição pública do Paraná, vinculando à vivência com as determinações da Resolução CNE/CEB nº 2.

### **3 A RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2 de 2001 E A PRÁTICA DE ESTÁGIO**

A Resolução CNE/CEB nº 2 de 2001 apresenta informações que podem ser relacionadas à experiência prática dentro da Sala de Recurso Multifuncional, contribuindo para reflexão entre o que é determinado pela resolução e o que

realmente acontece na prática, ressaltamos que o nome a quem nos referimos à professora é fictício para preservarmos a identidade da profissional.

Na observação da sala de recurso multifuncional, no período da manhã, a sala continha 6 alunos, a professora Luiza é a responsável pela turma, graduada em pedagogia, pós graduada no atendimento educacional especializado, a mesma compartilhou a primeira atividade em que todos os alunos presentes precisam destacar a palavra que não fazia parte do conjunto de palavras, ao longo da atividade a professora questiona os estudantes se há alguma atividade como tarefa ou trabalho que estejam com dificuldade, para que a mesma consiga auxiliar nas atividades posteriores.

De acordo com a Resolução CNE/CEB nº 2 os professores especializados em educação especial possuem conhecimentos que os permitem identificar as necessidades educacionais especiais, definindo e apoiando a inserção de estratégias, de flexibilização e de metodologias adaptadas ao atendimento especializado (BRASIL, 2001).

Por isso observamos que a professora questiona seus alunos a respeito das tarefas com o intuito dos mesmos contarem como está seu desenvolvimento, pois ao serem questionados, alguns alunos contam que estão com dificuldades para terminar uma determinada atividade, e com isso a professora oferece suporte para que esse aluno conclua a tarefa na Sala de Recurso Multifuncional.

Os cadernos seguem um padrão de cor e tamanho, utilizados para colar as atividades específicas que o aluno realiza. Ao longo da atividade os alunos expressam dúvidas a respeito de algumas palavras e a professora presta assistência para que eles compreendam qual era a palavra.

A professora relata que na Sala de Recurso Multifuncional são desenvolvidas atividades de matemática, ortografia, interpretação, entre outras, além de oferecer a oportunidade do aluno trazer as tarefas de casa para realizar com o auxílio do professor, assim o estudante consegue terminar suas atividades sem cometer atraso na entrega e o profissional pode acompanhar o desempenho do mesmo.

Ao final da atividade a professora realizou a correção, tendo o cuidado em dar abertura para que todos os alunos expressassem suas respostas, após este momento uma segunda atividade foi proposta, na qual cada aluno deveria resolver a equação de matemática que a professora escreveu em todos os cadernos,

inicialmente os educandos tentavam solucionar a questão sozinhos e nos casos que necessitavam de ajuda a professora ofereceu auxílio.

Para ajudar os alunos a resolverem o exercício de matemática, a professora disponibilizou um abacado para cada educando, demonstrando como esta ferramenta poderia ajudá-los a solucionar o problema, dessa forma foi possível que os alunos compreendessem com mais facilidade a equação.

O suporte pedagógico especializado na sala de recurso é realizado por um professor especializado em educação especial, preparado para a realização da complementação ou suplementação curricular, a partir de estratégias, equipamentos e materiais específicos (BRASIL, 2001).

A professora Luiza conta que todos os alunos que são matriculados na Sala de Recurso Multifuncional possuem laudo médico, o que garante o Atendimento Educacional Especializado, no caso de transferência de aluno com diagnóstico na outra instituição certamente esse aluno terá acesso ao atendimento especializado, realizado na sala de recurso.

De acordo com a Resolução nº 4/2009, no Art. 5 o Atendimento Educacional Especializado deverá acontecer prioritariamente na sala de recurso multifuncional na própria escola ou em outra instituição, em contraturno, mas não substitui às classes comuns, podendo também ser realizado em Centro de Atendimento Educacional Especializado da rede pública, conveniado à Secretaria de Educação ou órgão equivalente dos Estados, Distrito Federal ou dos Municípios (BRASIL, 2009b).

O educando que participa da sala de recurso desde o 6º ano, conseqüentemente vai frequentar no 7º, 8º e 9º ano, mas, a professora relata as dificuldades para os alunos do 8º e 9º ano comparecerem às aulas de recurso, por conta da vergonha que sentem, o que conseqüentemente dificulta o atendimento.

A estrutura da sala de recurso da instituição em que o estágio foi realizado possui materiais como jogos de tabuleiro, notebook para uso exclusivo dos alunos, jogos de madeira, cadernos para as atividades, livros, dicionários, mural de recados, computador e impressora para o uso da professora.

[...] sala de recursos multifuncionais se refere ao entendimento de que esse espaço pode ser utilizado para o atendimento das diversas necessidades educacionais especiais e para desenvolvimento das diferentes complementações ou suplementações curriculares. Uma mesma sala de recursos, organizada com diferentes equipamentos e materiais, pode atender,

conforme cronograma e horários, alunos com deficiência, altas habilidades/superdotação, dislexia, hiperatividade, déficit de atenção ou outras necessidades educacionais especiais. (OLIVEIRA, 2006 apud BRAUN; VIANNA, 2011, p. 08).

Após as aulas, o último horário fica reservado para a professora organizar suas tarefas na hora atividade, da qual a professora utiliza para corrigir os cadernos com as atividades dos alunos, preparar atividades e fazer levantamentos a respeito da documentação de alunos da sala de recurso como: laudos, histórico escolar, entre outros.

A professora comenta a sua relação com os demais professores, sobre seus alunos, relata manter contato com todos, para acompanhar o desempenho dos educandos, assim como muitos professores têm se preocupado em buscar alternativas de adaptar o ensino, as atividades e avaliações, para que os alunos com necessidades educacionais especiais acompanhem a turma, buscando o auxílio da professora especializada para melhor atender os alunos.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio dos estudos realizados conhecemos de forma breve pontos importantes da Educação Especial, do Atendimento Educacional Especializado e da Sala de Recurso Multifuncional, de maneira geral este é um campo vasto para discussões.

O Atendimento Educacional Especializado e a Sala de Recurso Multifuncional fazem parte da trajetória da educação especial, contribuindo para o desenvolvimento dos alunos com necessidades educacionais especiais, por meio de atendimento especializado, adaptado para as necessidades daquele aluno, utilizando materiais adequados para o ensino e aprendizagem.

Ressaltamos que o professor especializado na educação especial é fundamental para o desenvolvimento dos alunos, da mesma forma que capacitar os professores das classes comuns também contribuem para o ensino e aprendizagem, e quando o trabalho destes profissionais é associado ao atendimento especializado o aluno pode ser integrado ao ensino regular com maior facilidade, rompendo com a segregação.

As observações realizadas na sala de recurso retratam a realidade do ambiente da educação especial, os desafios e a evolução dos educandos, mas,

quando associamos a resolução observamos as semelhanças entre o que o documento retrata e as realidades do cotidiano, tendo em vista que não se pode generalizar as salas de recurso e pensar que todas são organizadas da mesma forma, o intuito é expor o que foi observado do ponto de vista acadêmico, pesquisando e conhecendo as vertentes da educação especial.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**, 2022a. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 07 jan. 2023.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**, 2022b. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 08 jan. 2023.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB Nº 2, de 11 de setembro de 2001**, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BRASIL. **Resolução Nº 4, de 2 de outubro de 2009**, 2009a. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004\\_09.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf). Acesso em: 07 jan. 2023.

BRASIL, Diário Oficial da União. **Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009**. Seção 1, p. 1-3, 2009b. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004\\_09.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf). Acesso em: 29 set. 2022.

BRAUN, Patrícia; VIANNA, Márcia Marin. Atendimento Educacional Especializado, Sala de Recursos Multifuncional e Plano de Ensino Individualizado: Desdobramentos de um fazer pedagógico. **PLETSCH, M. D. & DAMASCENO, A.** (orgs). Educação especial e inclusão escolar: reflexões sobre o fazer pedagógico, Rio de Janeiro, p. 1-14, 2011. Disponível em: [https://eduinclusivapesq-uerj.pro.br/wp-content/uploads/2020/04/BraunMarin.AEE\\_.2011.pdf](https://eduinclusivapesq-uerj.pro.br/wp-content/uploads/2020/04/BraunMarin.AEE_.2011.pdf). Acesso em: 29 set. 2022.

CIA, Fabiana; MENDES, Enicéia Gonçalves; PASIAN, Mara Silvia. Salas de recursos multifuncionais: Revisão de artigos científicos. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 8, n. 3, 2014, p. 213-225. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/949/366>. Acesso em: 07 jan. 2023.

MILANESI, Josiane Beltrame. **Organização e funcionamento das Salas de Recursos Multifuncionais em um município paulista**. 2012. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial)- Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

TORRES, Luiz Henrique. A casa da roda dos expostos na cidade do Rio Grande. **Biblos**, Rio Grande, p. 103-116, 2006. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/724/218>. Acesso em: 03 fev. 2023.

## **AS CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO E ESTÁGIO EM ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO E GESTÃO ESCOLAR PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

MATA, Carla Aparecida Mattos<sup>32</sup>

SILVA, Karina dos Santos<sup>33</sup>

OLIVEIRA, Adriana Silva<sup>34</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como intuito descrever de forma geral a experiência acadêmica das alunas do quarto ano de pedagogia da Universidade Estadual do Paraná- Unespar/Campus-Paranavaí durante o Estágio Curricular em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar ocorrido no ano letivo de dois mil e vinte e dois. A disciplina, de Ensino e Estágio em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar, foi dividida em duas etapas: primeira com os estudos teóricos que em conjunto com a professora supervisora, trabalhamos em sala de aula para fundamentação teórica por meio de textos como; Gestão Escolar: espaço para a participação da autora Julia Ricardo (2021), e Coordenação pedagógica: das influências históricas à ressignificação de uma nova prática dos autores Shirlei Corrêa e Cássia Ferri (2016). Além disso, durante os estudos em sala, tarefas foram realizadas com objetivo de nos aproximar das práticas desenvolvidas na área de gestão e trabalho pedagógico da escola. O segundo, realizamos a parte prática das vivências escolares que foram retomadas após um longo período de ausência por conta da pandemia da COVID 19. Por isso, esse foi o primeiro contato real que nós acadêmicas tivemos com o campo estágio curricular supervisionado. Concluimos assim, que a participação ativa em campo de estágio contribuiu para construirmos um novo olhar frente ao trabalho de uma pedagoga no ensino técnico profissionalizante, além de possibilitar relacionar a teoria com a prática e compreender que o estágio é uma experiência essencial para formação em licenciatura.

**Palavras-chave:** Estágio. Organização. Espaço Escolar. Ações Educativas.

### **1. INTRODUÇÃO**

A formação acadêmica se faz necessária no cenário de sociedade na qual vivemos, é por meio dela que podemos internalizar conhecimentos referentes a diversas áreas, dentre elas, o curso de Licenciatura em Pedagogia destaca-se por

---

<sup>32</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí) carlamata0603@gmail.com.

<sup>33</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí) karinaprcity@gmail.com.

<sup>34</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Mestre em Educação e graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); professora supervisora, membro do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), adriana.oliveira@ies.unespar.edu.br.



ser uma área de grandes possibilidades para o aprofundamento de conhecimento em diversas áreas da educação. Para que haja de fato um aproveitamento do período de formação é necessário que a instituição que oferta o curso de formação de profissionais da educação, nesse caso pedagogos, se comprometa a desenvolver e estimular todas as possibilidades de aquisição de conhecimento necessárias a atuação futura. Dentre as opções, destaca-se o movimento ocorrido nos estágios supervisionados.

Neste sentido, o artigo apresenta de forma geral um relato da experiência de duas acadêmicas do quarto ano de pedagogia da Universidade Estadual do Paraná- Unespar/Campus-Paranavaí durante o Estágio Curricular Supervisionado em Organização do Trabalho Pedagógico, descrevendo a maneira que o mesmo foi desenvolvido por uma instituição de ensino superior pública, no período pós pandemia, durante o ano de 2022.

A disciplina que proporcionou a interação universidade-escola denominada Ensino e Estágio Supervisionado em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar, dividiu-se em dois momentos, no primeiro semestre apresentou obras, planejamentos e normas referente a temática e no segundo, proporcionou a ação em campo. Ao todo foram onze dias de Estágio Curricular Supervisionado, realizados em uma instituição estadual de ensino localizada na cidade de Paranavaí- PR, sob a orientação de uma pedagoga, com a carga horária de trinta e oito horas em Trabalho Pedagógico e doze horas em Gestão Escolar contabilizando cinquenta horas de trabalho na instituição escolar que foi realizada com diversas contribuições para a formação acadêmica.

O estágio em sua forma mais simples é a junção da teoria e prática, é nesse momento da formação principalmente nos cursos de licenciatura, que os discentes fazem seu primeiro contato com as instituições escolares, seja dentro da sala de aula com a educação infantil, ensino fundamental e médio ou no trabalho e organização pedagógica e gestão escolar. É a partir desse preparo inicial, que gradualmente os novos docentes constituem seus valores e metodologia de trabalho, é claro que essas experiências podem ou não ser benéficas dependendo do desenvolvimento do estágio, entretanto é fato que esse período acadêmico colabora para os discentes que logo estarão em atuação na área.

Das experiências vivenciadas no decorrer do estágio, três momentos foram essenciais para a nossa formação acadêmica, sendo o primeiro o momento de

diálogo com a equipe e direção geral da instituição, diretora e vice diretora, que proporcionou um conhecimento mais aprofundado sobre estes cargos que desempenham diversas funções dentro da instituição, do financeiro ao estrutural, tanto física quanto da equipe pedagógica e sua liderança democrática dentro da comunidade escolar necessária para a continuidade do trabalho. Destaca-se no decorrer da conversa a valorização de toda a equipe da escola e como cada função por mais básica que seja, quando desempenhada de maneira correta coopera na realização das ações educativas.

O segundo foi a participação no Conselho de Classe das turmas do Ensino Médio, momento em que a dupla pode ter ideia de como essa ação pedagógica é realizada, ficando evidente que esse movimento foi mediado pelas pedagogas da instituição, ao trazer discussões e estratégias para a formulação de ações educativas que colaborem para uma melhor atuação dos professores e alunos em sala de aula.

Conforme Guerra (2006, p. 20), “[...] o conselho de classe é uma atividade em que a avaliação é constituída a partir das experiências vividas na sala de aula”. A construção da avaliação é feita através da oportunidade de rever métodos, sendo um momento no qual, professores e coordenador pedagógico refletem sobre os acontecimentos escolares e determinam quais ações serão tomadas frente às problemáticas (DALBEN, 2004). Frente aos desafios identificados pelos professores e coordenação pedagógica, ressaltam-se três, estes que estão presentes nas três primeiras turmas analisadas: disciplina, frequência e desenvolvimento na avaliação.

E por fim, a terceira experiência essencial do estágio foi conhecer o espaço do Colégio, que possui uma grande área de trabalho e lazer para alunos e equipe pedagógica, no decorrer das observações principalmente na biblioteca da escola, as variadas ações exercidas dentro desse espaço demonstram a preocupação da instituição em retomar as práticas educativas que envolvam os alunos no espaço escolar que sofreram com a pandemia e ensino remoto.

Deste modo, com a apresentação desses momentos o artigo em seu desenvolvimento percorrerá de forma mais aprofundada os elementos que no desdobramento das observações desses momentos, contribuíram para a formação acadêmica da dupla de estágio.

## **2. EXPERIÊNCIAS NO CAMPO DE ESTÁGIO: ARTICULAÇÃO DA TEORIA E PRÁTICA**

Cada momento percorrido no Estágio Curricular Supervisionado teve o apoio e colaboração da equipe pedagógica da instituição. Com orientações, organização e estratégias para um bom desenvolvimento das ações realizadas pelas duplas de estágio, o diálogo com a diretora ocorrido no dia quinze de outubro de dois mil e vinte e dois é um ótimo exemplo dessa atuação responsável de toda a equipe do colégio.

No decurso dos questionamentos direcionados a diretora, durante a atividade de diálogo realizada na instituição, observou-se a diversificação da comunidade escolar que compõem o corpo do colégio que é formado por estudantes das regiões periféricas de Paranavaí- PR, que atende nas modalidades de Ensino Regular (fundamental e médio) e Educação e Especial, mais especificamente o atendimento especializado com uma sala de recursos multifuncionais para área da surdez. Além disso, a instituição também agrega em sua grade curricular cursos técnicos profissionalizantes na área da saúde, com técnico em enfermagem, saúde bucal, prótese e estética.

Esses cursos profissionalizantes são oportunidades rápidas e viáveis para estudantes que necessitam trabalhar durante sua formação, ademais essas formações também podem ser segundas chances para retomada de estudos de pessoas que há muito tempo estão fora das instituições de ensino, que procuram por meio do conhecimento melhora na qualidade de vida.

Algo enfatizado pela direção é a exorbitante quantidade de estudantes que o colégio vem acolhendo desde a instituição de colégios cívicos militares na cidade, já que muitos pais e alunos preferem o ensino regular ao ensino que mantém normas e regras acima de conteúdo e formação científica. Entretanto, essa maior demanda de estudantes, não proporcionou para a instituição um maior investimento por parte do Estado do Paraná, o que ocasionou obstáculos para equipe pedagógica.

Na experiência de participação no Conselho de Classe realizado no dia oito de outubro de dois mil e vinte e dois, o que ficou evidente foram os desafios, principalmente com as turmas do período noturno da instituição, que são fonte de reclamações da maioria dos professores pela falta de interesse dos alunos em participar das aulas ou até mesmo comparecer ao colégio. A busca ativa

desempenhada pela equipe é discutida passo a passo, porém com a grande quantidade de alunos que a escola precisa atender as pedagogas encontram dificuldades para realizar esse trabalho.

A indisciplina dos estudantes também foi destaque no decorrer do Conselho, de acordo com Garcia (1999, p. 103).

[...] se desejamos que tais alunos avancem o senso de cidadania, será necessário prepará-los para pensar e resolver conflitos, ou teremos uma indisciplina no sentido de inabilidade para elaborar e participar das soluções para as questões sociais que perpassam a escola.

A falta de compromisso por parte dos estudantes com ensino escolar causa insatisfação nos professores, de modo que os mesmos por consequência revelam desânimo em continuar sua jornada como docente.

A diretora ainda destaca a ressignificação do espaço escolar uma vez que o ensinar em muitos momentos não é a principal função da escola, pois as realidades que ali se encontram pedem mais assistência social. Embora esse papel de suporte ainda seja necessário, ela também lembra que não deve ser algo levado como único bem escolar, já que sua real atuação é a de promover o ensino em sala de aula, movimento que deve ser respeitado por pais e alunos e garantido pela equipe escolar.

Portanto, segundo Paro (2016) uma participação efetiva de toda a comunidade escolar é imprescindível para uma melhor atuação do aluno dentro da escola, porém alguns elementos devem ser levados em consideração como as condições que o mesmo vivem, os conhecimentos que já possuem e interesses e perspectivas que a educação pode oferecer para os alunos e comunidade.

Neste ponto o papel da direção escolar, foi o de relembrar a essencialidade do papel do professor na formação de cidadãos que ao estarem envolvidos em suas tarefas já servem de motivação para os estudantes conseguir ver significado e importância nos conteúdos e aprendizagens da escola.

Outro elemento que proporciona aos alunos maior motivação para continuar os estudos e participar de eventos e atividades escolares, é o espaço físico da instituição e as iniciativas tomadas dentro da mesma.

Destaca-se a biblioteca do colégio, em que várias atividades foram elaboradas com o intuito de trazer de volta aos estudantes o contato físico com

leitura, elemento tão importante para o desenvolvimento do sujeito e que ficou perdido durante os últimos anos de pandemia. A bibliotecária relatou nas observações feitas, que conforme os estudantes retomaram as aulas presenciais a equipe pedagógica iniciou oficinas de leitura para instigar a volta ao ambiente da biblioteca, esse movimento ocorreu durante as aulas de língua portuguesa, em que os estudantes sentavam-se em um círculo e comentavam sobre o capítulo da obra.

A escola não é estacionamento de crianças. O espaço físico é material riquíssimo e está sendo desprezado. Nos projetos de construções escolares não há lugar para bibliotecas, laboratórios e quadras de esportes, o que limita as possibilidades de aprendizado (LIMA, 1998, p. 31).

O movimento elaborado pela biblioteca e por professores foi aderido pelas turmas com uma participação ativa na maioria dos encontros, a bibliotecária revela que jovens procuram o espaço até mesmo fora dos momentos das oficinas, em busca de mais obras para ler, o que aponta os benefícios dessa iniciativa após um longo período fora do espaço, deste modo fica visível como “A estrutura física da escola, assim como sua organização, manutenção e segurança, revelam muito sobre a vida que ali se desenvolve ou quer se desenvolver” (SOUZA; SOUZA, 2014, p. 02).

O local da biblioteca da instituição é ligado aos corredores, o que possibilita um fácil acesso dos estudantes. Sua organização está passando por mudanças, e seu acervo de livros que antes era contabilizado de forma escrita agora está sendo digitalizado com intuito de melhorar a acessibilidade dos funcionários e alunos.

Cada momento dessas observações realizadas no decorrer do estágio serviu para a dupla como pontos de compreensão para uma futura atuação dentro das escolas, o movimento do estágio é necessário e essencial para a formação acadêmica de modo que sua realização possibilitou um novo olhar sobre o papel do pedagogo, assim como, relacionar a teoria com a prática e compreender alguns momentos de organização do trabalho pedagógico e da gestão escolar de uma instituição.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A interação de alunos em período de formação com seus futuros campos de

atuação traz consciência e criticidade às suas futuras ações no meio profissional, o que é indispensável para um bom profissional, assim como uma relação próxima entre a universidade e a escola, ações essas garantidas, mesmo que por um curto período, pelos estágio obrigatórios. No período de observação pudemos vivenciar a rotina, peculiaridades e movimentações atípicas de um colégio que oferta a modalidade de ensino técnico e principalmente as ações de uma pedagoga.

Ao dialogarmos com a diretora geral da instituição evidenciou-se o comprometimento e conhecimento necessários para desempenhar tal função, essas que por sua vez são capacidades que se obtêm por meio da constante busca por conhecimento.

As ações que são desenvolvidas pela equipe pedagógica visam sempre um bom desempenho do colégio como um todo. No Conselho de Classe que observamos encontramos um corpo docente e administrativo buscando o melhor modo de ampliar os conhecimentos dos alunos que atendem, o que necessita de uma busca constante para tê-los presentes no dia a dia, um exemplo de motivação que tem obtido bons resultados são as ações propostas pela biblioteca, como por exemplo a leitura em conjunto proporcionada no espaço.

Por fim, compreendemos o período anual de estágio como proveitoso para a formação acadêmica de pedagogos. A participação ativa em campo contribuiu para construirmos um novo olhar frente ao trabalho de uma pedagoga no ensino técnico profissionalizante. O estágio ao relacionar a teoria com a prática se torna uma experiência essencial para formação em licenciatura.

## REFERÊNCIAS

DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. **Conselhos de classe e avaliação – perspectivas na gestão pedagógica da escola**. Campinas. Papirus. 2004.

GARCIA, Joe. **Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva**. 1999. Disponível em:  
<https://ipardes.emnuvens.com.br/revistaparanaense/article/view/275/229> Acesso em 20 out. 2022.

GUERRA, Mônica Galante Gorini. **Conselho de classe: que espaço é esse?**. 2006.

LIBÂNEO, J.C; OLIVEIRA, J.F; TOSCHI. Organização e gestão, objetivos do ensino e trabalho dos professores. In: **Educação escolar: política, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2012. C.1, p.411-432.

LIMA, M. W. Souza. **Espaços educativos: usos e construções**. Brasília: MEC, 1998.

PARO, Vitor. A utopia da escola democrática. In: **Gestão Democrática e Escola pública**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2016. p.13-19.

SOUZA, Bibiana Barbosa; SOUZA, Mariana Barbosa. **A importância do espaço físico escolar no ensino e aprendizagem**. XI Seminário Internacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea. 2014.

## **AS EXPERIÊNCIAS ADQUIRIDAS NO ENSINO E ESTÁGIO: CONSELHO DE CLASSE**

GAMA, Patrícia Aparecida<sup>35</sup>  
OLIVEIRA, Adriana Silva<sup>36</sup>

**RESUMO:** O artigo tem como finalidade descrever às experiências adquiridas por meio da disciplina de Ensino e Estágio Supervisionado em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar (OTPGE), onde ocorreu o estágio obrigatório no período de junho a novembro de 2022, realizado no quarto ano de pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) campus Paranavaí. O estágio foi realizado no município de Indianópolis – PR, e foi dividido em duas etapas, primeira, a gestão escolar e a segunda, organização do trabalho pedagógico, importante ressaltar que todas as atividades desenvolvidas no estágio sejam elas de caráter teórico ou prático aconteceram de maneira presencial. Diante disso, foi possível analisar, no decorrer da atuação nas atividades disponibilizadas pela instituição escolar, que a organização do trabalho pedagógico e a gestão escolar necessitam de um olhar abrangente, visto que esses são os pilares essenciais para conservar um colégio com uma boa qualidade tanto no ensino como na sua estrutura, tencionando um conhecimento total dos estudantes. Em relação ao estágio observa-se que é um espaço muito significativo para que os acadêmicos possam dispor de uma convivência de forma direta com o seu futuro campo de atuação, nesse estudo destacamos o Conselho de Classe, um órgão importante dentro da instituição escolar, sendo vital apreendemos sobre seu funcionamento e sua importância, pois por meio dessa experiência é possível ter a conexão entre a teoria e prática, levando os futuros profissionais a pensarem acerca de como está a educação. Evidencia-se, neste artigo, os conhecimentos e as experiências adquiridas no dia do Conselho de Classe, demarcando a fundamental importância do estágio, já que se considera que debater com os professores, equipe diretiva e pedagógica talvez seja uma iniciativa para que haja estudos e transformações que precisem acontecer no área educacional, aprimorando gradativamente a definição de uma educação de qualidade e para todos.

**Palavras-chave:** Conselho de Classe. Estágio. Experiência. Educação.

### **1 INTRODUÇÃO**

O objetivo deste artigo é discorrer sobre o Ensino e Estágio Supervisionado em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar (OTPGE), que se

---

<sup>35</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), patty.gamaa22@gmail.com.

<sup>36</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Mestre em Educação e graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); professora supervisora, membro do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), adriana.oliveira@ies.unespar.edu.br.



caracteriza como um elemento curricular obrigatório. Logo, o estágio é de fundamental importância e tem por objetivo possibilitar que o acadêmico adquira o conhecimento da área de sua atuação profissional obtidas no decorrer dos dias e das horas estagiadas na instituição escolar, visto que permitem que os acadêmicos observem a realidade de uma instituição de ensino, e possam pôr em prática os conhecimentos que aprenderam em sala de aula. Dessa forma, é uma etapa essencial no processo de desenvolvimento e aprendizagem do acadêmico, pois proporciona oportunidades de vivenciar na prática os conteúdos acadêmicos, facilitando assim, o alcance de conhecimentos e atitudes referentes às atuais realidades da sua prática profissional. Sendo assim, para o aluno, a prática durante o período de estágio acrescenta habilidade e aprendizagem à sua profissão.

Diante destes pressupostos, o estágio pode modificar a educação, e por meio dos cursos de licenciatura se torna possível formar estudantes para trabalharem na educação básica, já que os alunos em seus estágios acabam apreendendo a ter um pensamento crítico e produtivo, propiciando que a educação tome uma nova direção. E então oferece ao futuro graduando experiências como: um conhecimento real de situação que acontecem em uma Instituição escolar; promove a vivência das competências exigidas na prática; permite que o aluno complemente a sua formação, beneficiando do elemento prático que é indispensável à atuação de seu futuro trabalho profissional.

Assim, o estágio prepara para um trabalho docente coletivo, uma vez que o ensino é um assunto individual do professor, pois a tarefa escolar é resultado das ações coletivas dos professores e das práticas institucionais, situadas em contextos sociais, históricos e culturais (PIMENTE; LIMA, 2010, p. 56).

Desse modo, pode-se perceber que vai muito mais do que apenas formar os acadêmicos para serem professores, eles também os tornam pesquisadores com uma visão crítica e reflexiva, mas é vital destacar que as experiências aprendidas no campo de estágio, se tornarão relevantes somente se possuir uma boa orientação que auxiliem no progresso intelectual dos estagiários. À vista disso, o nosso objetivo neste artigo é expor as experiências adquiridas no Ensino e Estágio Supervisionado em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar, que foi realizada no município de Indianópolis – PR, onde em meio aos relatórios elaborados destacaremos o Conselho de Classe comparando a sua importância na teoria,

observando em seguida o que a prática vem nos mostrar. Salientamos que o texto será dividido em duas subseções: primeiro descreveremos a importância do Conselho de Classe, logo após, analisaremos na forma de comparação o que a observação do Conselho de Classe nos mostra na prática por meio do relatório elaborado.

## **2 A IMPORTÂNCIA DO CONSELHO DE CLASSE**

O conselho de classe é uma ferramenta utilizada nas instituições de ensino, que busca analisar como é feita a transmissão de conhecimentos na Educação escolar, baseando-se na aprendizagem dos alunos é por meio do conselho que várias questões são estudadas e debatidas, acontecendo sempre no ambiente escolar.

Logo, para que conseguíssemos compreender o que o Conselho de Classe realmente é, e qual é o seu objetivo, precisa-se analisar esse órgão mais profundamente, segundo Correa e Silva (2016), esse órgão foi criado na França, em meados do ano de 1945, devido a precisão da ação de um trabalho interdisciplinar com o intuito de conseguir avaliar o estudante de uma maneira geral. Diante disso, o mesmo tinha como objetivo conduzir e também dividir os estudantes para o sistema educacional que a França possuía na época, sendo que os alunos eram dirigidos para as mais variadas modalidades de educação conforme as suas habilidades e sua índole.

Dessa forma, essa matriz de Conselho de Classe chegou ao Brasil no ano de 1958, sendo que sua implantação foi de forma voluntária no começo e somente mais tarde que se obteve por meio de portarias e deliberações. Dessa forma, de acordo com Sousa (1986), somente os professores, o coordenador, o orientador e o diretor podem participar nesse dia de Conselho e analisa as diversas demandas, mas o mesmo fica responsável em decidir se o aluno irá passar ou reprovar, de acordo com o desempenho em sala e nas avaliações. Entretanto, existem dois lados, sendo um é que se precisa chegar ao um resultado, que poderá ser bom ou ruim para o aluno, já o outro, é que a avaliação é somente vista de maneira diferente, apresentando para os pais e alunos, uma prova para saber somente se o aluno poderá passar para próxima série.

Assim, as notas e os níveis que os alunos estão, que são feitas por meio das avaliações, necessitariam que fossem usadas como documento para as orientações, ficando então apenas a questão do estudo do projeto e do modo de investigação,

que são relacionados à aprendizagem dos indivíduos, para os membros das instituições se preocuparem. Sendo necessários que utilizem os resultados dos alunos para um estudo crítico da atuação da escola e promover o avanço dos alunos, ou seja, só irá ter relevância o estudo dos resultados dos alunos se houver por traz uma intenção a mais em relação a isso, que irá proporcionar ao aluno um avanço em sua aprendizagem. Tudo isso está relacionado ao desempenho que a Escola vem desenvolvendo, refletindo nos Conselhos de Classe.

Diante das funções que a escola apresenta, cabe a ela buscar formas de inovação, após a reflexão sobre o papel do conselho de classe. Para isso é necessário que façamos um acompanhamento diante de tantas modificações atuais de forma reflexiva e participativa e que possa modelar a estruturação do Conselho de Classe hoje nas escolas. No âmbito escolar é de fundamental importância que esta prática pedagógica seja observada como fonte de busca de alternativas para a progressão em relação aos problemas pedagógicos, comunitários e administrativos contando com a participação de todos os envolvidos no processo de avaliação de ensino-aprendizagem, formando juntos novas propostas para que a escola tenha êxito no seu contexto social (CORREA; SILVA, 2016, p. 04).

Nesse contexto, é no Conselho de Classe que são levantadas questões dos comportamentos dos alunos em sala, além do resultado do desempenho do mesmo nas disciplinas, também serve para que os professores percebam se o problema está com eles, e que devem abordar os conteúdos de outra maneira para ter um resultado melhor ou se o problema está com o aluno, pois se o aluno foi mal em quase todas as matérias, possivelmente, não são os professores que estão falhando pedagogicamente.

Neste aspecto de integração, percebe-se que a participação do professor durante o Conselho de Classe é relevante, uma vez que confrontam suas ideias e discutem os problemas pertinentes em relação ao trabalho realizado na sala de aula. A participação efetiva dos envolvidos no processo educacional é muito importante tanto por razões didáticas, quanto por razões de melhoria como um todo do espaço escolar (CORREA; SILVA, 2016, p. 05).

Vale ressaltar que, o Conselho final é o mais destacado entre os professores, visto que é por ele que o aluno poderá passar ou não para a próxima série, e para qual aluno será dada uma nova oportunidade, tudo isso acontece antes de acabar o quarto bimestre, na reunião chamada de Pré-Conselho, na qual serão debatidas questões sobre o que aluno precisará conseguir no quarto bimestre, essas questões

precisaram que sejam positivas para então aprovar o aluno. Posto isso, deve-se mencionado que muitas vezes a maneira como é feita a aprovação ou reprovação do aluno podem causar atritos entre alguns professores, visto que as suas opiniões são opostas, já que, os professores expressam que os acontecimentos dos alunos na sua vida pessoal podem afetar o seu desenvolvimento escolar.

Desse modo, pode-se observar que os professores olham para o Conselho como uma ferramenta de apenas aprovar ou não o aluno, e isso precisa ser mudado, trazendo para o Conselho um novo olhar para observar as questões do desempenho dos alunos, e acabando com a forma classificatória e de eliminação que existe, fazendo o que Conselho seja um ambiente de deliberação em grupo. No entanto, para que isso ocorra será preciso criar um novo planejamento para a instituição, que se fará por meio das informações feitas e aprovadas por todos de maneira conjunta, somente assim terá um Conselho que busque analisar o aprendizado dos alunos, consigam fazer questionamentos e ter resultados melhores, trazendo sempre o bem estar e a educação dos alunos em primeiro lugar, e não somente como forma de aprovação ou reprovação. Conforme as informações expostas acima, no próximo tópico será possível compreender sobre como realmente é um Conselho de Classe na prática por meio do relatório realizado no decorrer do estágio supervisionado.

### **3 A OBSERVAÇÃO DO CONSELHO DE CLASSE NA PRÁTICA POR MEIO DO RELATÓRIO ELABORADO**

Observando o que de fato vem a ser o Conselho de Classe perante aos estudos produzidos, pode-se ser analisado que na maioria das escolas esse órgão desempenha uma função que acaba levando seu foco principal para determinadas particularidades como: os comportamentos dos alunos, as notas, o que fazer para melhorar o desempenho dos mesmos, entre outros. À vista disso, por meio do estágio supervisionado em uma escola da rede pública, foi possível participar do Conselho de Classe, realizado no município de Indianópolis - PR.

[...] o Conselho de Classe tem a importância de deliberar, de decidir sobre questões práticas e que resultam no processo formativo do educando. A ideia de um conselho de classe que meramente expõe resultados ao final de trimestres ou semestres, diminui a importância de tal órgão. E entendendo deliberação, não podemos esquecer que é um espaço que apresenta a riqueza de contar com a participação

de todos os agentes educativos, sejam eles professores, funcionários, técnicos, no caso dos Institutos Federais, que inclui psicólogos, assistentes aos educandos [...] (DIAS, 2020, p. 24).

Dessa forma, foi possível perceber que por mais que fossem discutidos diversos assuntos o seu foco principal era saber acerca do rendimento do aluno em sala, suas notas, e seu comportamento, e ao final de cada discussão estudando as possíveis estratégias que poderiam desenvolver para conseguirem ter um melhor rendimento da aula e uma melhora tanto a disciplina como nas notas dos estudantes.

Posto isso, ao começar foi discutido sobre a turma do 9º ano A, que tem de continuar tentando melhorar, visto que é complicado e até os alunos que são bons estão ficando ruins. Assim foi passado pelos alunos que tem as falhas e destacados os alunos que estão em vermelho. Logo em seguida, foi visto quais os educadores que não atingiram nota, e que tem aluno que já está reprovado por falta, também tem a reclassificação. Então há sugestões que podem ser realizadas pela equipe pedagogia, como: ligações para os pais e responsáveis e ir à busca dos alunos, entre outras.

Diante disso, foi realizada um Pré-Conselho com os alunos de todas as turmas, onde foi feito perguntas e os mesmos puderam respondê-las, sendo que os próprios alunos reconheceram o que mais atrapalha é a conversa em sala. Após, relataram os alunos que estão com ponto de atenção, pois tem uns que não fazem nada, outros que tem dificuldades de aprendizado, também pode ser analisado quanto que precisam em cada disciplina para passar, dialogando sobre que há um que é bom aluno e não apresenta tanta dificuldade entre outros que foram relatados. Assim, a Diretora orienta os professores a colocar os alunos que não prestam atenção, sentados nas carteiras da frente e caso se recusem a ficar, chamar a direção; então foi passado aluno por aluno e discutido como cada um está em sala.

À vista disso, também foi relatado sobre o 9º ano B, que tem alunos bons, mas há uma parte que não presta atenção, não fazem atividades, ficam no celular, conversam demais, mesmo os alunos que são considerados bons; o perfil deles são um pouco melhor que os do 9º ano A, e com isso mostrou quais estudantes não atingiram a aprendizagem, sendo mostrada na televisão presente na sala as intervenções que foram realizadas que são: conversa informal, tira dúvidas, revisão de conteúdos, entre outros. Assim, teve o Pré-Conselho com a turma do 9º ano B, as

mesmas perguntas que foram feitas para a primeira turma foram feitas para as demais, porém a distinção são as respostas dos alunos, e são discutidos individualmente sobre cada aluno, como: tem um que brinca muito, não realiza as atividades em artes, foi mal na prova de ciências e não faz os trabalhos e quando faz é mal feito, e foi mencionado sobre os outros alunos, e os que estão com nota baixa em ciências, matemática, inglês, geográfica e artes.

Nesse contexto insere-se o Conselho de Classe, que é um espaço efetivo de avaliação e de integração com o coletivo escolar, na perspectiva de analisar as reais necessidades de aprendizagem dos alunos a partir das suas subjetividades. (PINTO; FERRAZ, 2014, p. 09).

Logo em seguida, passou a ser discutido sobre a turma do 1º ano B, trazendo o perfil da turma que utilizam muito o celular e fone de ouvido frequentemente, mas há uma parte que tem interesse e participa, são parciais na realização de atividades, conversam muito e apresentam falta de compromisso, as intervenções realizadas: reunião com os responsáveis, revisão de conteúdo, abordando a turma com métodos diferenciados, dando atenção especial para aqueles alunos com defasagem. O Pré-conselho realizado abordou as perguntas anteriores à diferença foi nas respostas dos alunos, e os pontos de atenção um aluno conversa demais, tem nota vermelha demais, não abre nem o caderno, fica no celular, não entrega os trabalhos e nem estuda para as provas, o outro falta demais, também não faz as atividades em algumas atividades, mas é bom de comportamento o real problema é a falta, e mencionaram os demais alunos que estão com nota baixa e com ponto de atenção.

A seguir, passou para a turma do 1º ano A, que estão muito conversadeiros, fazem uso de celular, comprometimento parcial na realização das atividades, possui uns casos críticos, mas de modo geral a turma é boa e esforçados, assim as intervenções feitas foram: conversas individuais, atividades extras, revisão de conteúdos, abordar a turma de modo diferenciado; o Pré-conselho feito nessa sala abordou as perguntas realizadas nas turmas anteriores e as respostas são diferentes novamente. Passam então para as notas individuais dos pontos de atenção a título de exemplo: um não entrega trabalho, fica muito no celular e responde os professores e outro é fraco, faz as coisas parcialmente, quando vem para a aula dorme em sala.

[...] cabe ao espaço do conselho avaliar o que já foi feito, não só o educando, mas também a prática do educador. É espaço de discutir ações futuras, para consolidação do que foi bem-sucedido, e para recuperação, reorganização do que precisa ser melhorado na prática pedagógica (DIAS, 2020, p. 10).

Logo após, passou para turma do 2º ano A, que há uma grande maioria que participa, muitos fazem a tarefa, apresentam interesse, mas ainda há o uso do celular nas aulas e a minoria é que não participa da aula. No Pré-conselho as perguntas continuam as mesmas com respostas diferentes, e os alunos com ponto de atenção e nota vermelha, um em uma disciplina não faz nada, na prova de recuperação a professora teve que tomar a prova, pois ficava mexendo no celular, outro que fica no celular e com fone de ouvido, junto com mais três amigos e atrapalha a aula, entre outros.

E assim, foi para a turma do 2º ano B, que o perfil da turma é uma classe que conversa muito, quer sempre sair da sala, entrega trabalhos e tarefas atrasados, possuem um vocabulário ruim (uso de palavrões), não respeita os colegas, o conteúdo acaba não saindo do lugar e afetando o desenvolvimento da aula, entre outros aspectos que apresenta, mas que há aquela parte que participa da aula. As intervenções realizadas: atividades extras, diferenciadas, utilizando livros, retomando os conteúdos, dando novas oportunidades na entrega de trabalhos; o Pré-conselho com a turma também são as perguntas anteriores, mas novamente com respostas diferentes, passando então para os alunos com notas vermelhas, já que um aluno não faz nada, não tem educação fala palavrões, é para deixar ele do jeito que está, isto é, com a nota que ele está no momento, o outro não sabe de nada, se for fazer a recuperação é por fazer, fica no celular, e tem um que apresenta muita dificuldade na aprendizagem, precisa de ajuda.

Já na turma do 3º ano A, o perfil da turma mostra que somente em torno de umas 4 pessoas que participam e realizam as atividades com capricho, estudam para as prova, mas o restante fica no celular, tem muitas brincadeiras, não são comprometidos com as atividades. As intervenções: explicação na carteira, atendimento individual, revisão dos conteúdos, trabalhos de recuperação entre outros; e no Pré-conselho foram feitas as perguntas anteriores e as respostas diferentes, mencionando o que prejudica a aprendizagem são as conversas, o barulho, o uso dos materiais que para os alunos não são interessantes, entre outros.

E por fim o 3º ano B, onde o perfil da turma apresenta bom relacionamento,

tem capricho, mas que ainda tem o uso do celular que atrapalha, as conversas, há muitos alunos desinteressados quando o professor está expondo o conteúdo e essa sala possui um “líder” que incentiva e estimula as conversas, entre outros. As intervenções: as atividades diferenciadas trabalhos de recuperação, tiraram dúvidas individualmente, retomada de conteúdo; o Pré-conselho com os alunos, as mesmas perguntas com respostas distintas, passando então para os alunos com notas baixas, sendo que um não gosta de fazer nada na disciplina de Física, possui dificuldade e senta no fundo da sala e devido ao barulho que fazem na sala, não irão conseguir aprender mesmo, o outro já está retido.

Reforçamos Conselho de Classe como momento de grupo, de equipe, e momento de ação, reflexão, ação da própria prática docente, possibilitando a aprendizagem significativa dos educandos, superando suas dificuldades neste processo. Para isso, é preciso compreender cada turma e cada aula como única, com suas singularidades e especificidades; pensar e repensar a metodologia é algo constante no ato educativo. Enfim, o Conselho de Classe assume uma função política, que pode, dependendo da forma de condução que recebe, produzir inclusão, ser democrático e promover avanços, ou ao contrário, pode ser excludente, autoritário e punitivo (DIAS, 2020, p. 25).

Portanto, percebe-se que o conselho de classe é importante, pois, é o momento de ver o que está se passando com os alunos, se é somente com um professor ou com os demais também, e o que pode ser feito para que melhore o ambiente e a aprendizagem, sendo que se conseguir melhorar um pouco a nota dos alunos e não reprovarem já está ótimo. Desse modo, esse diálogo e análise é fundamental para esse debate entre os professores, saber quais intervenções devem ser utilizadas para que essas melhorias no ensino e consequentemente nas notas aconteçam, para um melhor desempenho em sala.

Nesse contexto, pode-se analisar que o Conselho de Classe na teoria é tudo muito bonito bem estruturado o que os professores e os demais membros necessitam realizar, mas que na prática pode ser observado que as condições e dinâmica da realidade fazem que não aconteça muito do que realmente precisaria acontecer, muitas vezes por não conseguirem uma abordagem que permitam utilizar corretamente o Conselho, e outras vezes por quererem mesmo somente focar em um objetivo, onde acreditam ser o importante. Entretanto, foi observado que eles focam muito nas notas, na reprova e pouco no aluno, no seu comportamento e rendimento das aulas, esquecendo que precisam levar em consideração que os



alunos trazem consigo uma bagagem de casa, que muitas vezes afetam muito em todos os aspectos, e isso deve ser analisado, estudando a melhor intervenção possível para que esse estudante possa mudar em todos os sentidos, e assim adquirir uma melhora também no rendimento da aula e no desempenho do professor.

Enfim, em um Conselho se faz necessário ser discutidos a respeito de todos os acontecimentos que corresponde os alunos e os professores dentro de sala, e precisa-se que todos os membros do Conselho de Classe tenham a oportunidade de expor suas opiniões, pois além de tornar a reunião mais rica, visto que diversas pessoas estarão colaborando para a melhoria com os seus pontos de vistas e perspectivas, elevará o debate a um nível mais igualitário.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto no percorrer do estudo, que teve como objetivo analisar o Conselho de Classe comparando a teoria com a prática por meio dos estudos e do relatório realizado no estágio; pode-se perceber que todo o conhecimento apreendido tanto na teoria, em sala de aula com a disciplina de Ensino e Estágio Supervisionado em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar (OTPG), como na prática, com o estágio supervisionado que ocorreu no Colégio Estadual Felisberto Nunes Gonçalves, no município de Indianópolis - PR, foi primordial para o desenvolvimento tanto pessoal como futuramente profissional, uma vez que foi possível dispor de diversas oportunidades de aprendizados e permitiu que aprimoramos nossos conhecimentos por meio das experiências adquiridas.

Isto posto, o estágio objetiva contribuir para a formação do acadêmico concedendo uma concepção concreta e indispensável, para assim conseguir obter um conhecimento de qualidade no que se refere à práxis docente, pedagógica e diretiva, direcionando então o estudante a reconhecer diferentes métodos para ser capaz de resolver os obstáculos e adversidades que poderão surgir no decorrer de sua atuação, logo o levando a formar um pensamento mais crítico acerca das suas responsabilidades e da educação.

Referente às afirmativas já relatadas pode ser possível olhar para o Conselho de Classe com duas visões diferentes e complementares: uma que é a teórica, de onde veio todo o conhecimento sobre o mesmo e sua importância e a prática por

meio do relatório realizado, conseguindo então fazer a comparação de que muitas vezes a teoria não é levada muito à risca, pois sempre estará limitada as condições efetivas da realidade; e na prática são debatidos sobre assuntos que muitas vezes podem fugir do teor do assunto principal, mas que sempre está voltado para o bem estar e a qualidade de ensino que são transmitidos aos discentes.

E assim é possível perceber a necessidade de repensar acerca dessa prática como uma reflexão pedagógica e não somente como um meio disciplinar. Entretanto, esse estudo foi de extrema importância para que fosse possível associar a teoria com a prática, direcionando o pensamento para a verdadeira função do Conselho de Classe, e assim necessita que haja mudanças na forma como realizam os conselhos, com o propósito de beneficiar mais resultados positivos referente a atuação do educador e possibilitando que o discente adquira mais conhecimentos.

Concluindo, entendemos que as experiências que o estágio proporciona permite ter novas formas de ver, entender e analisar o espaço educacional, como também contribuem para se ter possíveis soluções para problemas ou situações que acontecem no cotidiano escolar. Logo, realizar o estágio permitiu ampliar o olhar e observar a realidade que se passa em um Colégio, fazendo com que adquiríssemos muita aprendizagem para que no futuro próximo seja possível exercer um bom trabalho, haja vista que já se possui uma base de como é o funcionamento de uma instituição de ensino.

## REFERÊNCIAS

- CORREA, Ronaldo da Silva; SILVA, Vanilda Alves da. Conselho De Classe: Algumas Considerações. *In: CONEDU*, 3., 2016, [s.l.]. **Anais eletrônicos** [...] [s.l.]:[s.n.], 2016. p. 1-8. Disponível em: [http://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2016/TRABALHO\\_EV056\\_MD1\\_SA4\\_ID121\\_11082016203847.pdf](http://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2016/TRABALHO_EV056_MD1_SA4_ID121_11082016203847.pdf). Acesso em: 08 jan. 2023.
- DIAS, Lucas Billo. **Conselho de classe**: vamos conversar? 2020. 1-55. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto Federal Farroupilha, Jaguarí-RS, 2020. Disponível em: [https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/569384/1/Conselho%20de%20Classe\\_%20vamos%20conversar\\_%20%282%29.pdf](https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/569384/1/Conselho%20de%20Classe_%20vamos%20conversar_%20%282%29.pdf). Acesso em: 26 out. 2022.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010. Disponível em: [https://edmatunirio.files.wordpress.com/2015/03/texto-4-estagio\\_e\\_docencia.pdf](https://edmatunirio.files.wordpress.com/2015/03/texto-4-estagio_e_docencia.pdf). Acesso em: 02 jan. 2023.

PINTO, Jucinara de Castro Almeida; FERRAZ, Maria do Carmo Gomes. O conselho de classe como espaço coletivo de decisão e a sua importância na promoção da eficácia e equidade. In: EPENN, XXII., 2014, Natal. **Anais Eletrônicos** [...] Natal/RN: 2014. p. 1-16. Disponível em:

[http://www.equidade.faced.ufba.br/sites/equidade.oefaced.ufba.br/files/o\\_conselho\\_de\\_classe\\_como\\_espaco\\_coletivo\\_de\\_decisao\\_e\\_a\\_sua\\_importancia\\_na\\_promocao\\_da\\_eficacia\\_e\\_equidade.pdf](http://www.equidade.faced.ufba.br/sites/equidade.oefaced.ufba.br/files/o_conselho_de_classe_como_espaco_coletivo_de_decisao_e_a_sua_importancia_na_promocao_da_eficacia_e_equidade.pdf). Acesso em: 04 dez. 2022.

SOUSA, Sandra M. Zákia Lian. **Conselho de classe:** um ritual burocrático ou um espaço de avaliação coletiva?. [s.l.], [s.d.].

Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_25\\_p045-059\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_25_p045-059_c.pdf). Acesso em: 08 jan. 2023.

## **A PRÁTICA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO ACADÊMICA**

CRUZ, Eleni Ferreira<sup>37</sup>  
OLIVEIRA, Adriana Silva<sup>38</sup>

**RESUMO:** O presente estudo se refere ao relato de experiência do estágio supervisionado desenvolvido na disciplina de Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar lecionada no decorrer do ano de 2022, para o quarto ano do curso de Pedagogia, na Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí (UNESPAR). Tendo como objetivo analisar sobre os estudos e práticas direcionados a junção da teoria e da prática docente, evidenciando as contribuições do estágio na formação acadêmica. Para tanto, a metodologia utilizada foram estudos bibliográficos juntamente com análises das práticas vivenciadas no estágio supervisionado, sendo elas: conselho de classe; diálogo com o diretor; reunião pedagógica - estudo e planejamento; observação e participação do projeto mais aprendizagem; observação e participação na sala de recursos multifuncionais; diálogo e observação/colaborativa da secretaria escolar; observação da tutoria pedagógica; visita e observação nos laboratórios existentes na escola; participação colaborativa junto ao profissional da equipe pedagógica. Neste sentido, concluímos que a junção das práticas experienciadas na disciplina de Ensino e Estágio Supervisionado em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar, juntamente com as leituras de textos e realizações de atividades que são parte do ensino teórico, impactaram gradativamente a formação docente e proporcionando um viés crítico e reflexivo.

**Palavras-chave:** Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar. Estágio Supervisionado. Formação Docente.

### **1 INTRODUÇÃO**

Este estudo abrange a disciplina de Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar, compondo o eixo estruturante de ensino e visa contemplar conteúdos referentes à turma do 4º ano de pedagogia noturno do ano de 2022. Neste sentido, este se refere ao relato de ações vivenciadas no estágio supervisionado, exposta através de um diálogo de quatro horas com a Diretora Marli Leonardo ocorrida no dia seis setembro de dois mil e vinte dois com início às

---

<sup>37</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), eleni\_dte2000@hotmail.com.

<sup>38</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Mestre em Educação e graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); professora supervisora, membro do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), adriana.oliveira@ies.unespar.edu.br.

dezenove horas. Tendo como principal objetivo evidenciar os pontos gradativos do estágio na formação acadêmica, trazer reflexões sobre a futura atuação na gestão e organização do trabalho pedagógico apontando os desafios para uma gestão democrática e também salientar a organização e unificação da teoria e da prática docente.

A análise se deu por meio de observações e práticas realizadas pela acadêmica Eleni Ferreira Cruz do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná, campus UNESPAR sob orientação da Professora Ms. Fabiana Silva Botta Demizu e supervisão da Professora Ms Adriana Silva Oliveira, e supervisionado pelas pedagogas Gisleine Zampollo e Laiza Iorga em uma instituição estadual da cidade de Diamante do Norte – PR.

Com sua singularidade pautada em uma escola democrática, Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar, apontara no decorrer do relato a maneira em que a gestão escolar se organiza a fim de criar um espaço para que professores, alunos e funcionários trabalhem de forma pragmática. Luck (2009) define gestão escolar como ato de gerir a dinâmica cultural da escola, juntamente com as diretrizes e políticas educacionais públicas para a implementação de seu projeto político-pedagógico e comprometido com os princípios da democracia e com os métodos que organizem e criem condições para um ambiente educacional autônomo, de participação e tomada de decisões conjunta e efetivação de resultados e acompanhamento e avaliação com retorno de informações.

Durante o processo de estágio a diretora da instituição Marli Leonardo se mostrou receptiva e prontamente disposta a sanar quaisquer questões advindas da estagiária. Com isso, este estudo tem por intuito evidenciar as experiências de estágio vividas em uma instituição pública com funcionamento nos períodos vespertino e noturno, onde no período noturno o colégio oferta ensino apenas a uma turma de 3º ano, totalizando assim quarenta alunos, já no período vespertino, o ensino é integral, e inclui turmas desde o 6º ano do fundamental ao 2º ano do médio, totalizando trezentos e trinta e quatro alunos e onze turmas.

Assim sendo, a equipe gestora é formada por duas pedagogas, quatro administrativos efetivos, duas inspetoras, quatro cozinheiras, quatro servidores gerais, dois funcionários em desvio de função e um afastado, totalizando dezenove funcionários. Partindo dessa perspectiva, a seguir analisaremos através do diálogo com a diretora a prática pedagógica cotidiana de toda equipe escolar que atuam com

a proposta de construção de um sistema de educação inclusiva, enquanto política pública e educacional.

## 2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Graduada em História e Pós-Graduada em Educação Infantil, Marli Leonardo atuou como professora um ano e meio, em 2008 após o afastamento do atual diretor, visto que a mesma era a suplente, Marli assume a diretoria, seguindo no cargo há 14 anos. Na época em que assumiu a função, era necessário apenas obter o concurso do Estado e passar pela eleição escolar, onde os alunos do ensino médio, os pais dos alunos do fundamental e toda equipe gestora da instituição participavam votando democraticamente. Atualmente além de ser concursado pelo Estado e da eleição, o candidato precisa ter curso em Gestão Escolar. A diretora relata que, assumir o cargo é um misto de emoções, ao mesmo tempo em que é satisfatório, recai sobre si uma parcela de responsabilidade sobre o futuro de seus estudantes, uma vez que precisa de uma boa gestão escolar para que se consiga formar cidadãos aptos para o convívio social.

Conforme relata Lück:

A gestão escolar constitui uma dimensão e um enfoque de atuação em educação, que objetiva promover a organização, a mobilização e a articulação de todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir o avanço dos processos sócio educacionais dos estabelecimentos de ensino, orientados para a promoção efetiva da aprendizagem dos alunos, de modo a torná-los capazes de enfrentar adequadamente os desafios da sociedade complexa, globalizada e da economia centrada no conhecimento. (LÜCK, 2009, p. 24).

Entende-se que o diretor escolar enfrenta no seu cotidiano complexidades que exigem atitudes específicas na sua atuação. Para Libâneo (2013) a gestão da escola é uma tarefa administrativa, e pensar na gestão desse espaço remete-nos a muitos desafios, pois, a organização e a gestão escolar são dimensões que estão profundamente articuladas, já que a escola não é uma soma de partes, mas um todo que busca articular as orientações dos poderes públicos e o pensar pedagógico à sua prática do dia-a-dia, mediada pelo conhecimento da realidade e pela participação de todos os atores envolvidos no processo educativo.

Segundo Marli, para que o colégio funcione integralmente de maneira

organizada, a equipe gestora é formada por duas pedagogas, quatro administrativos efetivos, duas inspetoras, quatro cozinheiras, quatro servidores gerais, dois funcionários em desvio de função e um afastado. Totalizando dezenove funcionários para dar suporte a trezentos e trinta e quatro alunos de onze turmas, com o perfil social entre classe média a baixa.

Para a diretora um dos maiores desafios neste ano de retorno pós-pandêmico foi o grande número de alunos com defasagem de aprendizagem a diretora afirma que ao avaliar o boletim escolar dos alunos, percebe alguns alunos com oscilação de notas, o que acaba por gerar uma cobrança da SEED – Secretaria da Educação e do Esporte para com a instituição, pois a mesma procura explicações do motivo pelo qual esses alunos não evoluíram em seus desenvolvimentos. A diretora afirma que busca tratar assuntos específicos como esse na reunião do Conselho de Classe, onde sugere que os professores aprimorem sua forma de aplicar o ensino e que procurem mostrar aos alunos a importância das frequências nas aulas e que todos os conteúdos apresentados diariamente irão contribuir para que ingressem em uma universidade, e mesmo que embora essa não seja a vontade dos educandos, os aprendizados adquiridos acrescentarão em sua formação como sujeito social.

No Brasil, o conselho de classe está regulamentado pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) n. 9.394/96, art. 14, II, que destaca “a importância da participação da comunidade escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes”. Embora o art. 14, II não seja direcionado ao conselho de classe, ele é inserido na dinâmica da escola por se tratar de um órgão que requer a contribuição conjunta dos atores do processo ensino-aprendizagem, uma vez que colabora para a discussão e reflexão conjunta das práticas pedagógicas, estabelece o diálogo entre professores, orientadores, alunos e gestão por meio de uma avaliação que ressalta o conhecimento construído e que permite a reformulação de estratégias a fim de favorecer um melhor desenvolvimento da aprendizagem. Mesmo que algumas pesquisas venham evidenciando a existência de buscas pela materialização desse formato de conselho (GUERRA, 2006; PEREIRA, 2004), outras tantas apontam ainda para o fato de que escolas e redes de ensino têm utilizado o conselho de classe como instrumento de certificação e seleção. Ele funciona com a perspectiva de promover ou reter o estudante diante de um padrão estabelecido, seja pela própria instituição, seja pelo professor, ratificando, muitas vezes, o fracasso escolar dos alunos (MATTOS, 2005; GUERRA, 2006).

E ainda que a LDB n. 9.394/96 não trate diretamente sobre avaliação da aprendizagem numa perspectiva formativa, ela dá indícios de que o formato de verificação do rendimento escolar deve ser realizado de maneiras distintas como destaca [...] avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais. (BRASIL, 1996, art. 24, V, a). O que compreendemos que esse campo avaliativo se opõe ao processo que reduzia a avaliação a medida das aprendizagens dos alunos. Mas, também, não se limita apenas a realizar julgamento sobre o mérito ou o valor de tais aprendizagens.

Marli ainda afirma que durante o Conselho de Classe sugere para que os professores busquem novos métodos para aplicar seus conteúdos, com aulas mais dinâmicas, pedindo a opinião dos próprios alunos sobre o que gostariam de desenvolver em sala. Em relação à problemática, Santos comenta:

Quando o professor organiza a sequência de suas aulas, procurando encadeamentos lógicos, quando seleciona material estimulante e adequado ao assunto a ser ensinado, ao escolher estratégias de ensino que despertem a motivação ou quando reorganizam as formas de exploração para assegurar a construção do conhecimento, ele está procurando facilitar o processo de aprendizagem de seus alunos. (SANTOS, 2009, p. 19).

É importante nesse processo trazer para o ensino uma nova perspectiva de aprendizagem onde os alunos possam participar ativamente das aulas, com atividades em grupos e também entrelaçando a realidade do educando com o assunto a ser trabalhado. A adaptação dos alunos perante o ensino integral também foi um problema, uma vez que a instituição funciona ativamente de segunda a sexta iniciando as 07h45min da manhã e terminando às 16h45min da tarde, isto é, os alunos passam nove horas por dia na instituição. O que acarretou resistência por parte dos estudantes dado que acrescentando a reforma do ensino médio, ocorreram muitas mudanças repentinas. Contudo, a mesma relata receber orientações da Secretaria da Educação e do Esporte - SEED, onde busca implantar de acordo com as condições da instituição a reforma do ensino médio.

Sobre os recursos abdicados, a diretora diz que o governo oferece o PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola, este tem por finalidade melhorar a infraestrutura do colégio, bem como, melhorar o desenvolvimento pedagógico das disciplinas. E também o FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação,



utilizado para avanço da qualidade de ensino e projetos de pesquisa. A gestão escolar democrática também é um princípio ativo na gestão de Marli, atualmente algumas tarefas são designadas como: grêmio estudantil, representantes de classe e APMF (associação de pais, mestres e funcionários) a diretora afirma que gestores, professores, funcionários, pais, alunos e todos os envolvidos na comunidade escolar podem opinar de maneira ativa nas decisões escolares.

Com a promulgação da Constituição Federal do Brasil (CFB) de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996 o movimento de democratização, descentralização e construção da autonomia passaram a orientar novas formas de mecanismos. Gadotti (1999) afirma a necessidade de entender o princípio da gestão democrática e da autonomia da escola como uma completa mudança de ensino:

A participação e a democratização num sistema público de ensino é a forma mais prática de formação para a cidadania. A educação para a cidadania dá-se na participação no processo de tomada de decisão. A criação dos conselhos de escola representa uma parte desse processo. (GADOTTI, 1999, p. 49).

No que diz respeito ao Ensino Inclusivo, a instituição possui três professoras formadas em Educação Especial que atuam com o atendimento AEE, o recurso contempla alunos com laudos como: autismo, dislexia, hiperatividade, TDAH dentre outros transtornos de aprendizagem. Atualmente o colégio não possui sala de recursos multifuncionais, no entanto, isso se concretizou após a volta do período pandêmico onde o ensino passou a ser integral. O fato de ter profissionais qualificados para atender a demanda de alunos com dificuldade na aprendizagem é algo que deveria ser recorrente em toda escola de ensino regular, considerando também que o espaço precisa ser devidamente organizado ofertando materiais didáticos pedagógicos adequados e profissionais que tenham formação para lidar com as especificidades dos alunos.

Os professores devem ter formação em cursos de licenciatura em educação especial ou em uma de suas áreas, devem complementar os estudos e/ou realizar pós-graduação em áreas específicas da educação especial, posterior à licenciatura nas diferentes áreas de conhecimento para atuação nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio (PASIAN; MENDES; CIA, 2014, p. 216).

Ou seja, atuar com alunos que possuem necessidades educacionais

especiais exige formas específicas de aplicar o componente curricular, formas estas que precisam ser compartilhadas por todos os ambientes que oferecerem o Atendimento Educacional Especializado - AEE. Na Constituição Federal de 1988, no artigo 208, inciso III, traz na sua redação que o mesmo deve acontecer preferencialmente na rede regular de ensino, garantindo a permanência do aluno, promovendo primeiro o acesso ao currículo, por meio de acessibilidade física, oferta de transporte, adequação de mobiliário e de equipamentos, acesso a sistemas de comunicação. O AEE também tem como finalidade favorecer a organização de materiais didáticos e pedagógicos, estratégias diferenciadas, instrumentos de avaliação adequados às necessidades do aluno para que, o mesmo atinja um bom desenvolvimento tanto psíquico quanto pessoal.

Entretanto, toda instituição que oferta qualquer tipo de Atendimento Especializado precisa considerar que serão necessários diferentes perfis de professores, as quais podem exigir ações diversas como, por exemplo, o domínio de Libras, de Braille, de técnicas de ensino ou de elaboração de materiais. Para tanto, Guarnieri (1997) faz uma ressalva:

[...] especificar e estudar as necessárias articulações desses conhecimentos do professor tanto com a prática, quanto com os conhecimentos teóricos acadêmicos da formação básica. Tais articulações possibilitam o desenvolvimento da capacidade reflexiva, que favorece o compromisso com o ensino de qualidade e a competência para atuar (p. 06).

Além disso, Marli afirma que a instituição também oferece ajuda psicológica e suporte familiar. No momento o colégio não oferece nenhum tipo de programa de ensino, no entanto, antes do ensino integral ser implementado a instituição ofertava o Projeto Mais Aprendizagem, juntamente com a Sala de Recursos Multifuncionais. Desse modo, as partes diversificadas como o Projeto Vida, Estudo Orientado, Práticas Educacionais e Empreendedorismo acabam cumprindo o propósito do Mais Aprendizagem e as dificuldades dos alunos são sanadas, uma vez que os estudantes possuem mais tempo para se dedicar ao estudo.

O Programa Mais Aprendizagem - visa a atender estudantes com necessidade de superação das defasagens e lacunas de aprendizagem relacionadas às habilidades de leitura, escrita, raciocínio lógico, cálculo, resolução de problemas e problematização, envolvendo todos os componentes curriculares, nos estágios de recuperação, reforço e aprimoramento, para avançar na

alfabetização e no letramento e, conseqüentemente, contribuir para o aumento da taxa de aprovação e diminuição na taxa de evasão escolar. (PARANÁ, 2022, p. 02).

O PMA foca nos educandos que possuem algum transtorno de aprendizagem, o projeto atua a partir dos anos finais do Ensino Fundamental ao início do Ensino Médio, contemplando todos os componentes curriculares, para que o aluno consiga prosseguir sua trajetória escolar, acompanhando com êxito as aulas na turma de matrícula regular. Na maioria das vezes, os professores do mais aprendizagem não dão aula com conteúdos de sala de aula, mas usam metodologias que visam garantir a aprendizagem dos alunos que necessitam de atendimento educacional especializado.

O diálogo com a diretora nos trouxe grandes contribuições para a formação acadêmica, cada pauta nos gerou a consciência de que cabe a nós educadores tornar flexíveis as metodologias que serão desenvolvidas no decorrer do processo de ensino-aprendizagem, com o intuito de gerar o interesse no educando para que ao final do ano letivo se concretize o aprendizado muitas vezes inesperado por esse aluno que até o momento se sentia incapaz.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A oportunidade de dialogar com a diretora nos fez perceber a importância do diretor no âmbito escolar e a necessidade de uma formação adequada para assumir este cargo devido aos inúmeros desafios. Devido a isso, foi de nossa compreensão que para assumir tamanha responsabilidade em uma instituição é necessário estar apto para gerir todo o conjunto de ensinamentos e experiências necessárias a fim de garantir a qualidade do ensino oferecido aos alunos e ainda manter a organização e funcionamento da instituição em todos os seus aspectos.

Além disso, a partir do estágio supervisionado adquirimos novos conhecimentos para nossa formação docente, uma vez que é por meio do estágio que temos a oportunidade de aliar às teorias aprendida no ensino presencial à prática, ou seja, é o momento onde o estudante enquanto estagiário experimenta e atua em seu campo de formação, buscando assimilar os aspectos teóricos com aspectos práticos. Essa experiência nos permitiu vivenciar as grandes responsabilidades por trás de uma boa gestão escolar, ao mesmo tempo em que

tivemos a percepção dos desafios o qual os mesmos enfrentam diariamente, o que em sua maioria, não possuem o auxílio do estado para suprir os recursos públicos.

Desse modo, todos os estudos adquiridos na disciplina de Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar, no decorrer do ano de 2022 contribuíram gradativamente para expandir os conhecimentos sobre os métodos adequados para que se obtenha uma gestão escolar com êxito. As discussões e pautas problemáticas nos possibilitou uma visão mais crítica se tratando da educação nas instituições públicas e sobre como devemos nos posicionar ao assumirmos um cargo de renome em uma instituição, uma vez que, é importante que nos futuros educadores estejamos dispostos a contribuir com uma educação inclusiva e trabalhar de forma conjunta, com o objetivo de formar adultos conscientes e ativos na sociedade.

Em conclusão, abdicar de todo esse processo prático e teórico de ensino docente nos permitiu compreender o caminho que a educação traçou até aqui e entender o processo da gestão escolar, que está sempre em busca de melhoria. Portanto compreendemos a importância da ação conjunta da gestão escolar, e assim podemos usufruir de métodos adequados na nossa prática docente e também da amplitude do que é ser pedagoga e com isso ter entendimento para organizar os estudos e os níveis de desenvolvimento partindo da particularidade de cada aluno.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação**. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1996.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

GADOTTI, M. **Escola Cidadã**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

GUARNIERI, M. O início da carreira docente: pistas para o estudo do trabalho do professor. In: **Anais da ANPED**, 1997.

GUERRA, M. G. **Conselho de classe**: que espaço é esse? 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. 6.ed. rev. e ampl. São Paulo: Heccus Editora, 2013.

LÜCK, H. **Dimensões da Gestão Escolar e suas Competências**. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

PEREIRA, G. A. **Conselho de classe: A cultura do faz-de-conta ou a possibilidade de um novo Ethos Educacional?** Ciências e Letras, Porto Alegre, v. 36, p. 187-196, 2004.

MATTOS, C. L. G. **O conselho de classe e a construção do fracasso Escolar**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 215-228, maio/ago. 2005.

MEC. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE**. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas>. Acesso em 08.set.2022

MEC. **Guia de orientação para aquisição de materiais e bens e contratação de serviços com recursos do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE)**. 2011

PARANÁ. **Mais Aprendizagem**. Disponível em: <https://www.educacao.pr.gov.br/maisaprendizagem>. Acesso em: 22. out. 2022.

PASIAN, M. S; MENDES, E. G; CIA, F. Salas de recursos multifuncionais: Revisão de artigos científicos. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 8, n. 3, p. 213-225, 2014. <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/949/366>. Acesso em: 10 out. 2022.

SANTOS, N. M. **Problematização das dificuldades de aprendizagem**. 2009. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2320-8.pdf>. Acesso em 15 out. 2022.

## DESCOBRINDO NA DISCIPLINA DE ESTÁGIO A IMPORTÂNCIA DO DIRETOR ESCOLAR

MACIEL, Andressa de Oliveira<sup>39</sup>  
FRAQUETTA, Flávio<sup>40</sup>

**RESUMO:** O presente artigo aborda sobre a descoberta da importância do diretor escolar, que foi desenvolvida através da disciplina de estágio curricular supervisionado em gestão escolar e que tem grande relevância para a docência, pois a teoria e a prática são indissociáveis e através da experiência vivenciada no estágio é possível conhecer de perto o cotidiano de uma escola. O objetivo desse artigo é descrever o trabalho que deve ser realizado através do diretor da instituição e analisar a importância do papel do diretor no ambiente educacional para que se obtenha uma educação de qualidade. As metodologias trabalhadas foram as aulas teóricas ministradas na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) no Campus de Paranavaí e por meio da prática do estágio curricular supervisionado que foi realizado em um colégio no município de Loanda – Paraná, através das visitas programadas, seguidas de entrevistas, relatos e atividades que ocorreram no ambiente escolar. Tudo o que se vivencia no estágio é de grande valor e agrega ricamente em toda construção do saber, tanto como experiência, quanto profissional, pois é muito importante para a formação do pedagogo, porque auxilia na investigação de entender e analisar os processos de ensino e aprendizagem.

**Palavras-chave:** Diretoria; Educação de qualidade; Trabalho em equipe.

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se justifica pela importância que o diretor possui dentro do ambiente escolar, é fundamental o trabalho da direção em uma escola, tanto como na responsabilidade de gerenciar a escola, quanto motivadora, pois é necessário inspirar os alunos e também a equipe de trabalho, o incentivo e a organização são constantes.

Como problema de pesquisa, elegemos a seguinte indagação: Afinal, qual a importância do papel do diretor escolar? Para respondê-la partimos das experiências vivenciadas na disciplina de estágio, fundamentadas e desenvolvidas a partir da aprendizagem teórica e prática.

---

<sup>39</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), maciellandressa@gmail.com.

<sup>40</sup> Mestre; Professor orientador do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), flaviofraquetta@gmail.com.

Para tanto, como objetivo buscamos descrever qual o trabalho a ser realizado pela direção escolar e analisar a importância do papel do diretor no ambiente educacional para que se obtenha uma educação de qualidade.

Este trabalho é de natureza bibliográfica e de cunho qualitativo, busca compreender a importância do papel do diretor escolar.

## **2 TRABALHO A SER REALIZADO ATRAVÉS DA DIREÇÃO ESCOLAR**

O diretor é um profissional primordial dentro de uma escola, é necessário alguém responsável e que organize o ambiente de trabalho, que incentive os alunos e sua equipe de trabalho, em uma instituição de ensino não pode faltar motivação, trabalho em equipe, ética, inspiração, empatia, cuidado, estratégias, confiança, atenção, pois há diversos tipos de perfis de público que a escola atende, como os alunos que estão bem focados no estudo, que já passaram em vestibular, que visam estudar em universidade, quanto os alunos que são carentes, trabalham muito, estão cansados e vão pra escola por obrigação, não querem e não gostam de estudar e há também alunos que são usuário de drogas e tudo isso reflete muito na aprendizagem, pois os mesmos não tem perspectiva de dar continuidade nos estudos, deixando a desejar.

Partindo dessa visão, não pode faltar diálogo, troca de conhecimento e momentos acolhedores. No estágio curricular supervisionado realizado em um colégio da cidade de Loanda, foi entrevistada a diretora que comentou sobre a importância de ter esse contato com o público e ouvi-los. Ela relata que adota a gestão democrática no sentido de respeitar toda a comunidade escolar, realizando a escuta-ativa, abordando sobre a importância da frequência, conversando também com os professores, repensando o que pode ser feito para ajudar os alunos e atendê-los melhor.

A diretora também comenta que busca resgatar algumas ações do ensino fundamental como a assinatura de boletim, relatando que se os pais pensassem bem, esse momento é onde mais os filhos precisam deles, essa fase de transição da adolescência para a fase adulta e em alguns momentos os pais se afastam. A diretora finaliza que mesmo sendo cansativo, ela está gostando muito da experiência, pois ela não deixa de batalhar, de fazer a diferença, ela tem força de vontade e não deixa de acreditar que as coisas vão melhorar, ela tem esperança nos

jovens que estão formando.

Esse é o trabalho da direção, acreditar e fazer a diferença na instituição, desenvolver estratégias que tragam como consequência melhorias para a escola e uma educação de qualidade. Para Nessler (2013):

O Gestor escolar, como diretor, tem a função de organização e gerenciamento da escola, juntamente com os que fazem parte do setor administrativo e pedagógico. Este profissional exerce forte influência não só no espaço escolar, como também na comunidade, por isso, deve ter como prática uma atuação democrática, que permita e incentive a participação de todos - pais, alunos, comunidade, professores e funcionários - na efetivação de ações que priorizem a busca pela qualidade na educação. (NESSLER, 2013, p. 10).

Assim, de acordo com a referência acima, as atribuições do diretor é essencial dentro e fora da escola, um ponto importante é de gerenciar a frequência dos alunos, o rendimento, a evasão escolar, documentando todas as ações, pois a evasão escolar é muito séria.

Ainda abordando sobre o estágio, na entrevista com a diretora, ela comenta que haverá muitas reprovadas no ano letivo em vigência, pois os alunos voltaram da pandemia achando que não era obrigatório vir à escola, por mais que informassem aos alunos a importância da frequência, os alunos ficaram dois anos sem frequentar a escola presencialmente e passaram de ano. Foram anos atípicos e está sendo muito difícil trazer os alunos pra escola presencialmente, há também a questão pedagógica de ter que coordenar as pedagogas pra não se perder em sua função de pedagogo como um agente administrativo, e a diretora relata que é necessário ter uma unidade entre a direção e a equipe pedagógica, união e respeito, apesar de serem pessoas diferentes, o ambiente de trabalho precisa estar em harmonia, ter diálogo constantemente, pois precisa ser um trabalho produtivo, que envolve o futuro dos alunos.

Há também atribuições ao diretor no setor administrativo e nos recursos financeiros destinados à escola, que de acordo com Sae Digital [ s.d.]:

Para o bom funcionamento da escola, é necessário haver um plano administrativo que cuide dos recursos físicos, materiais e patrimoniais disponíveis, para que sejam utilizados da melhor maneira possível. Seu objetivo é assegurar a organização e a manutenção do espaço físico e do patrimônio da instituição para otimizar todos os recursos e integrar todos os setores da escola a fim de garantir a excelência do ensino e das práticas pedagógicas.



Partindo desse pressuposto, foi realizado um questionamento sobre as partes administrativas e os recursos financeiros da escola para a diretora, e foi relatado que a diretora geral do período integral é quem resolve essa parte, no período noturno ela é a diretora auxiliar, ajuda sim no que for preciso, porém a maior parte é com a diretora do período integral que resolve em questão do fundo rotativo, da conta da escola, onde recebem o Programa Dinheiro Direto da Escola, Projetos, como por exemplo, o Projeto Escola Mais Bonita. A diretora comenta que esse recurso não é suficiente para reformar a estrutura da escola como eles queriam, mas supre as necessidades principais, como a merenda de qualidade, os materiais, entre outros.

Sobre a manutenção do espaço físico do colégio, através das observações feitas no estágio foi possível analisar a importância de ter uma escola com boa estrutura, ter ambientes no colégio como a biblioteca, laboratórios, cozinha, banheiros, pois todos agregam na vida do estudante, os laboratórios e a biblioteca, por exemplo, possibilitam novos saberes, a cozinha e o banheiro atende as necessidades dos alunos, pois os dois são ambientes que proporcionam um conforto ou bem estar para o educando estar ali estudando e aprendendo diariamente no colégio.

Todos esses ambientes são necessários em uma escola e dependendo da correria do cotidiano não notamos a importância e o valor que esses locais obtêm na vida escolar, porém fazem muita diferença no desenvolvimento e aprendizagem do aluno e a diretora se importa muito com o bem estar dos alunos, tanto que foi necessário reorganizar os horários de intervalos do jantar dos estudantes, dividindo as turmas, pois o número de educandos era muito grande e o tempo era curto para servir a todos e o espaço do refeitório também era pequeno, muitos alunos precisavam sair do ambiente para comer do lado de fora da cantina, diante disso, foi necessário reformar e ampliar o refeitório para que todos pudessem se acomodar melhor, comer e ter alguns minutos de pausa, para descansar, socializar com os colegas e após o recreio retornar para a sala de aula para finalizar a noite de estudo.

Com tudo, há muito trabalho a ser realizado pela direção escolar, são muitas atribuições ao diretor, envolvendo a organização, o gerenciamento da instituição, o setor administrativo e pedagógico, a gestão democrática a ser desenvolvida que trabalha a participação de todos da sociedade, a manutenção do espaço físico da escola, os recursos financeiros e físicos, a integração de todos e as estratégias a serem trabalhadas para realizar e cumprir o Projeto Político Pedagógico e alcançar a

excelência do ensino e das práticas pedagógicas, conseqüentemente progredindo em ter mais qualidade na educação.

### 3 A IMPORTÂNCIA DO DIRETOR ESCOLAR

Quando pensamos no diretor da escola logo pensamos em um profissional super atarefado, que possui em sua sala uma mesa com muitos documentos e papéis, com muitos problemas pra resolver, que realiza conversas com alunos indisciplinados, reunião com pais e sabemos que o trabalho do diretor vai muito além de tudo isso e é primordial o trabalho desse profissional para que a escola funcione bem.

É um trabalho que exige muita responsabilidade, pois é preciso administrar a escola, incentivar alunos e professores, ensinar, ser motivador, inspirador, transformador, ser uma pessoa ativa que irá buscar melhorias para a instituição, tanto em sua estrutura física, quanto educacional, visando um bom desenvolvimento no processo de aprendizagem e uma educação de qualidade para todos. De acordo com Wakke (2019), o diretor escolar

[...] é peça-chave para o funcionamento e o sucesso de qualquer instituição de ensino. Inclusive, por ser um líder, ele influencia a todos – de maneira positiva ou negativa. Por isso, o **diretor escolar** precisa ter responsabilidade e compromisso. Ele deve desenvolver suas habilidades constantemente, sempre com o objetivo de melhorar a qualidade da educação oferecida pela escola, assim como estimular as equipes que nela trabalham e a integração entre todos, incluindo os alunos, pais e responsáveis. (WAKKE, 2019, p. 02).

Seguindo o pensamento da referência acima, o diretor é importante por buscar melhorias para o ensino, estar atento em manter a sintonia na gestão entre os professores, alunos, funcionários, trabalhar em conjunto com a equipe para formar cidadãos conscientes, críticos e racionais através de uma educação de qualidade, onde os alunos possam crescer e evoluir diariamente.

O **diretor** tem um papel fundamental na rotina escolar. Entre suas obrigações, podemos destacar a gestão do setor administrativo e financeiro, o trabalho em prol do desenvolvimento pedagógico, da coordenação do corpo docente e, principalmente, por ter ações estratégicas e promover a integração entre família-escola. (WAKKE, 2019, p. 02).

Diante dessa citação acima, podemos analisar que a relação do diretor escolar com a comunidade, com as famílias dos alunos também é um ponto importante a ser abordado, pois é necessário ter um bom relacionamento com a sociedade, pois melhora o desempenho dos alunos e o engajamento escolar.

O diretor além de tudo o que já foi atribuído a ele anteriormente, é o articulador, ele tem o papel de mediar determinadas situações para o que se obtenha um excelente resultado nas atividades escolares, o diálogo é essencial, a comunicação não pode faltar no dia-a-dia da escola, é necessário reuniões com a equipe de trabalho, com os familiares dos alunos, realizar a escuta ativa com os estudantes e também manter uma boa comunicação com a comunidade para tudo cooperar bem, buscando sempre alcançar os objetivos, realizando estratégias de sucesso, que tragam evoluções para o meio escolar e qualidade para educação.

No estágio vivenciado foi possível observar a importância do diálogo, as estratégias usadas pela diretora para resolver os conflitos ou adversidades que surgiam no ambiente escolar, os momentos em que era preciso a diretora sair de sua sala para chamar atenção dos alunos, fazer uma ronda observando o colégio para conferir se está tudo nos conformes, sem nenhum aluno fora da sala de aula, resolver sobre os horários de aulas dos professores que são flexíveis e ocorrem mudanças sempre que necessário, ligar para familiares de alunos que necessitam de um comunicado abordando sobre faltas ou indisciplina no colégio, dentre tantos outros acontecimentos.

É perceptível sua importância e a necessidade da instituição de ter um profissional como o diretor, cargo que necessita de muita atenção, responsabilidade, empatia, amor, dedicação, comunicação, respeito, exige evoluções diárias, muito estudo e aperfeiçoamentos, assim como todas as profissões, não se pode parar de estudar, pesquisar, é necessário progredir, buscar melhorias para a educação, para assim alcançar os objetivos de possuir uma educação de qualidade e igualdade para todos, obtendo como resultado o sucesso e um futuro brilhante aos alunos.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho do diretor é muito importante, pois ocorre de certa forma em conduzir a escola para alcançar os objetivos e metas que transformam a vida escolar dos alunos e também dos professores, de forma positiva, pois busca a evolução,

consequentemente impactando o futuro dos educandos. Háverá muitos desafios, porém o papel do diretor é analisar a melhor maneira de enfrentar essas situações e criar estratégias para combater as diversas dificuldades que hão de vir, executando sempre o Projeto Político Pedagógico, visando também a gestão democrática e acolhendo toda a comunidade escolar.

É possível observar e analisar todo o resultado obtido com êxito no aprendizado, tanto teórico, quanto na prática, as aulas ministradas na universidade durante o decorrer do ano letivo foram essenciais para nos preparar para vivenciar as experiências do estágio supervisionado, que contribuiu para uma melhor visão sobre o cargo de diretor e a descoberta da importância do mesmo no ambiente escolar diariamente.

Ao participar e analisar todo esse conhecimento e aprendizagem prática vivenciada ao lado da diretora resta somente agradecimentos a fazer, pois é um momento enriquecedor e inspirador para a formação acadêmica, onde foi possível acompanhar de perto o trabalho da direção escolar, que consiste num trabalho árduo, porém que se obtêm resultados, com muita fé, esperança, competência, persistência, responsabilidade e dedicação.

Portanto, é notável que o papel do diretor é de suma importância para uma instituição de ensino e só será capaz de executar a gestão escolar mediante ao trabalho do diretor, que necessita ser competente, motivador, comunicativo, precisa utilizar estratégias em todos os momentos para cessar conflitos ou resolver problemas, saber mediar situações, trabalhar em equipe, buscando garantir a qualidade no processo de ensino e aprendizagem, alcançando o sucesso da escola e consequentemente visando um futuro promissor aos seus alunos.

## REFERÊNCIAS

NESSLER, Nadia. **O gestor escolar e os desafios enfrentados na função de direção**. Três Passos, 2013. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/497/Nessler\\_Nadia\\_Cristina.pdf?sequence=1#:~:text=Uma%20das%20compet%C3%AAs%20b%C3%A1sicas%20do,efetividade%20no%20trabalho%20de%20todos](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/497/Nessler_Nadia_Cristina.pdf?sequence=1#:~:text=Uma%20das%20compet%C3%AAs%20b%C3%A1sicas%20do,efetividade%20no%20trabalho%20de%20todos). Acesso em: 15/11/2022.

SAE DIGITAL. **Diretor Escolar – Qual é a sua missão?** [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://sae.digital/diretorescolar/#:~:text=O%20diretor%20escolar%20%C3%A9%20o,que%20comp%C3%B5em%20a%20comunidade%20escolar>. Acesso em: 17 de dezembro de 2022.

Anais do II Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do curso de  
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí  
13, 14 e 15 de fevereiro de 2023

WAKKE. **O papel do diretor escolar no sucesso da instituição.** Guarapari, [s.d.].  
Disponível em: <https://wakke.co/o-papel-do-diretor-escolar-no-sucesso-da-instituicao/>.  
Acesso em: 14 de janeiro de 2023.

## **DESMISTIFICANDO A RELAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM A TEORIA: A CONTRIBUIÇÃO DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO NA FORMAÇÃO DO DOCENTE**

SILVA, Sônia Maria Correa<sup>41</sup>  
BUENO, Vera Verônica<sup>42</sup>  
PEREIRA, Cássia Regina Dias<sup>43</sup>

**RESUMO:** Este trabalho visa relatar as práticas realizadas na disciplina de Ensino e Estágio supervisionado, disciplina em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar. Elas foram realizadas no Colégio Estadual Professor Bento da Rocha Neto do município de Paranavaí. O estágio foi supervisionado pelas pedagogas em exercício no campo de estágio, as práticas realizadas seguiram cronograma previamente elaborado em conjunto com a professora orientadora da disciplina e as acadêmicas. A carga horária do estágio em OTPGE cumpre o estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação n.º 9394/96 que determina que “a formação de profissionais de Educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a Educação Básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou ao nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional”. Portanto, o estágio em OTPGE possui a finalidade de aperfeiçoar as acadêmicas, na prática, conciliando com a teoria, de modo que possam observar, analisar, avaliar e adquirir o ensino e aprendizagem durante a formação. O texto retrata as observações realizadas, as situações, problemas e características do cotidiano do profissional do setor pedagógico (coordenação pedagógica/ supervisão/orientação), do setor da gestão administrativa e dos espaços pedagógicos da instituição escolar, com enfoque para o atendimento ao aluno/família e destacando a atividade de tutoria feita pelo NRE aos gestores do colégio. As atribuições do estágio possibilitaram a vivência das competências exigidas na prática profissional; reconhecer a importância de projetos pedagógicos no conjunto de ações educativas desenvolvidas na Instituição Escolar. Com este trabalho objetivamos demonstrar a importância do estágio em OTPGE para as acadêmicas que garante um conhecimento apropriado durante as observações e análises realizadas durante a prática no Colégio.

**Palavras-chave:** Estágio supervisionado; teoria e prática; ensino e aprendizagem; formação.

### **1 INTRODUÇÃO**

O estágio visa o ensino da teoria com consonância à prática, possibilitando ao

---

<sup>41</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), e-mail: soniacorreia800@gmail.com.

<sup>42</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), e-mail: veronicaexatas@gmail.com.

<sup>43</sup> Professor orientador do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Ivaí), cassiadiaspereira@yahoo.com.br.

discente conhecimento de como atuar na área pedagógica escolar, refletir sobre as diferentes concepções teóricas que fundamentam as áreas da Organização do Trabalho Pedagógico e da Gestão Escolar, contextualizar a estrutura, a organização e o funcionamento de uma instituição e analisando o ensino, a coordenação, o planejamento e todo funcionamento externo e interno. As observações realizadas, as situações, problemas e características do cotidiano do profissional do setor pedagógico (coordenação pedagógica/ supervisão/orientação) e do setor da gestão administrativa e espaços pedagógicos da instituição escolar (laboratórios, biblioteca, quadra esportiva).

Oferecer ao futuro graduado um conhecimento real em situação de trabalho numa Instituição Escolar; possibilitar a vivência das competências exigidas na prática profissional, reconhecer a importância de projetos pedagógicos no conjunto de ações educativas desenvolvidas na Instituição Escolar; complementar a formação do estudante, dotando-o do instrumental prático indispensável ao desempenho de sua futura atividade profissional como pedagogo, são os objetivos do estágio supervisionado em OTPGE.

O colégio selecionado para o estágio foi o Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto (Unidade Polo), que está sob a direção da professora Sandra Taís Gomes Ferreira e a vice-direção da supervisora Susana Silvério. Conta com 2.300 alunos matriculados no ano de 2022. São 72 turmas distribuídas entre o ensino fundamental, ensino médio, atendimento especializado e cursos técnicos.

Durante as práticas na escola, as pedagogas Bernadete e Emanuelle acompanharam as acadêmicas no período de estágio do dia 21 de julho até o dia 1 de outubro do ano letivo de 2022. As práticas foram realizadas no período vespertino com início às 13h: 30min até às 17h:30min, para o devido cumprimento do estágio, foram elaborados os cronogramas para os dias de presença na escola com supervisão das pedagogas. Ao término de cada atividade, as ações e encaminhamentos foram registradas em relatórios fundamentados pela teoria relativa à sua condução.

Neste trabalho destacamos no primeiro momento a importância do estágio na formação docente; a colaboração da equipe pedagógica e sua importância na escola e por fim um relato de experiência com a tutoria do NRE e suas contribuições e o atendimento à família do aluno no qual estava afastado por conflitos na instituição.

## 2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 2.1 A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE

Os estágios são uma das atividades formativas responsáveis pela articulação entre a teoria e a prática de modo que possa oportunizar ao acadêmico desenvolver experiências relacionadas com a educação nas instalações escolares e vivenciar a realidade das funções educacionais. Consequentemente, esse ensino é direcionado por uma prática inteligente para que os alunos possam observar e compreender o conteúdo que garante a qualificação e formação dos professores.

[...] estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. Nesse sentido, o estágio poderá se constituir em atividade de pesquisa[...] (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 06).

O estágio implica caminhar numa perspectiva dialética onde professores/tutores e alunos/acadêmicos possam argumentar, discutir, refletir e dialogar sobre as práticas escolares. Durante a reflexão sobre a formação de professores é uma reflexão sobre a formação prática e continuada, na qual diversos saberes, tanto teóricos quanto práticos, são realizados a partir da experiência dos profissionais.

A articulação da relação teoria e prática é um processo definidor da qualidade da formação inicial e continuada do professor, como sujeito autônomo na construção de sua profissionalização docente, porque lhe permite uma permanente investigação e a busca de respostas aos fenômenos e às contradições vivenciadas (BARREIRO; GEBRAN, 2006, p. 22).

Conforme a abordagem da escola à formação acadêmica como docente envolve profissionais da equipe gestora (administrativa e pedagógica), docente, discente e familiar, capacitando o aluno a planejar e observar como seguir em sua carreira, absorvendo o conteúdo adequado, é intervenções na análise e elaboração de relatórios por professores durante a prática universitária.

O Estágio Obrigatório é um estudo destinado a equipar os alunos a melhor intervir no seu próprio desempenho como professores, a tornarem-se profissionais



responsáveis e eticamente qualificados e métodos de resolução de determinados problemas, e desenvolver o hábito de observação e análise e com a experiência adquirida para melhorar a si mesmo conforme Saviani(2011,p.19):

O processo descrito indica que só se aprende, de fato, quando se adquire um *habitus*, isto é, uma disposição permanente, ou, dito de outra forma, quando o objeto de aprendizagem se converte numa espécie de segunda natureza. E isso exige tempo e esforços por vezes ingentes. A expressão segunda natureza parece-me sugestiva justamente porque nós, que sabemos ler e escrever, tendemos a considerar esses atos como naturais.[...] Adquirir um *habitus* significa criar uma situação irreversível. Para isso, porém, é preciso ter insistência e persistência; faz-se mister repetir muitas vezes determinados atos até que eles se fixem.

É notória a importância do estágio que desempenha um papel fundamental na formação de professores, pois proporciona um elo entre a teoria e a prática e uma aproximação à realidade. Diante desse conflito, pode-se dizer que o estágio é o momento de aprendizagem do aluno em sua formação acadêmica, permitindo que ele se adapte à realidade e desenvolva o pensamento e a percepção por meio da aprendizagem. De acordo com Pimenta e Lima (2010, p. 34) “o estágio tem de ser teórico-prático, ou seja, que a teoria é indissociável da prática”. Porém, para concebermos essa ideia, é necessário entender o conceito de prática e de teoria a partir do conceito de práxis, “que aponta para o desenvolvimento do estágio como uma atitude investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade” (PIMENTA; LIMA, 2010, p. 34).

Diante das considerações anteriores, percebemos que os acadêmicos e os professores, assim como toda a equipe pedagógica, devem desenvolver sua própria prática a partir da observação, adaptação, complementação e criação de novas ideias a partir da análise crítica e reflexiva, sabendo diferenciar conteúdos e a conduta ética de um profissional.

Entender o significado do “ser crítico”, supõe-se compreender como a sociedade vive na realidade, esta população necessita de conhecimentos históricos e culturais, de modo que se tornem pessoas críticas, conscientes do contexto e da realidade social, sabendo observar, comparar, investigar (PIMENTA; LIMA, 2010). No entanto, a prática como imitação de modelo leva os acadêmicos a limitações, não considerando as demandas e a realidade do contexto escolar.

De acordo com Pimenta e Lima (2010), ao observarmos os professores e

imitá-los sem fazer observações ou análises críticas, estaremos limitando o conhecimento a sala de aula seguindo aula-modelos, sem análise do contexto das instituições escolares, de modo que o professor deve utilizar suas próprias técnicas e habilidades específicas para sua execução profissional.

Vale salientar que os acadêmicos, sem refletir sobre o que falam, contradiz-se quando “na minha prática a teoria é outra”. Dessa forma, busca-se, com o estágio, a superação da separação entre teoria e prática, e, simultaneamente, transformar o estágio em pesquisa e investigação teórico e prática. “É preciso que os professores orientadores de estágios procedam no coletivo, junto a seus pares e alunos, a essa apropriação da realidade, para analisá-la e questioná-la criticamente, à luz de teorias” (PIMENTA; LIMA, 2010, p. 45).

O estágio também pode ter outras estratégias positivas para a formação do futuro professor/pedagogo. Por meio desta experiência da prática é possível realizar pesquisas no ambiente escolar, o que permite ampliar e analisar os contextos onde os alunos fazem estágios. Outro aspecto é que permite ao aluno ter uma postura e uma capacidade de pesquisa, desenvolvendo projetos que possibilitem compreender e problematizar o vivido e o observado, conduzindo a momentos de investigação, bem orientado, gera um processo dialético de práticas que entende que o aluno, a escola, seus profissionais e a comunidade em um ambiente histórico, cultural e social que sofre transformações como sociedade.

Assim, se os cursos de formação conceberem o estágio numa postura reflexiva e dialética, pode promover a formação de profissional reflexivo e crítico que valorize os saberes da prática docente, por meio da reflexão e análise do saber teórico e prático.

Portanto, o papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreender os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si mesmos como profissionais, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir, transformando-os. Daí, é fundamental o permanente exercício da crítica às condições materiais nas quais o ensino ocorre (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 16).

Nesta perspectiva, a formação deve promover atividades que desenvolvam competências e capacidades de diálogo, reflexão, investigação e crítica dos contextos educativos.

O estágio, então, deixa de ser considerado apenas um dos

componentes e mesmo um apêndice do currículo e passa a integrar o corpo de conhecimentos do curso de formação de professores. Poderá permear todas as suas disciplinas, além de seu espaço específico de análise e síntese ao final do curso. Cabe-lhe desenvolver atividades que possibilitem o conhecimento, a análise, a reflexão do trabalho docente, das ações docentes, nas instituições, a fim de compreendê-las em sua historicidade, identificar seus resultados, os impasses que apresenta, as dificuldades. Dessa análise crítica, à luz dos saberes disciplinares, é possível apontar as transformações necessárias no trabalho docente, nas instituições (PIMENTA; LIMA, 2010, p. 54).

Dessa forma, o estágio oferece um contexto escolar realista de forma que contribui e prepara o aluno para uma formação qualificada, garantindo um profissional com sabedoria para transmitir e receber conhecimento. Por isso, é extremamente importante desenvolver nos futuros profissionais competências de percepção e análise avançadas durante as suas vivências nas escolas, bem como saber perscrutar e discernir a comunidade em que se inserem para realmente fazer um trabalho completo.

## 2.2 A COLABORAÇÃO DA EQUIPE PEDAGÓGICA NA CONSTRUÇÃO COLETIVA DO PROCESSO EDUCATIVO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

A organização pedagógica deve existir na escola para que esta cumpra sua função social, centrada em fornecer um ensino acadêmico de qualidade aos seus alunos. Para que isso ocorra de maneira adequada, deve haver um vínculo entre os segmentos que atuam diretamente com as atividades de ensino e de gestão/administração, em outras palavras, é primordial que exista um movimento articulado e contínuo que direcione o trabalho do gestor com sua equipe de coordenação pedagógica, docentes e funcionários. Ou seja, uma equipe envolvida para fazer um bom planejamento que estabeleça metas possíveis de serem alcançadas, baseadas no meio social da instituição escolar, no qual sejam observadas e consideradas as relações de participação e autonomia necessárias ao processo de gestão democrática. Esse planejamento de ações recebe o nome de Projeto Político Pedagógico — PPP.

O projeto político-pedagógico e o regimento escolar legalizam a condução e as relações escolares, servindo de ponto de apoio para a organização da prática. No entanto, durante nossas atividades de estágio, observamos que em muitas situações as metas e os resultados objetivados no PPP não são observáveis no cotidiano

escolar, porque a equipe pedagógica passa a maioria do tempo tentando resolver situações de conflito que surgem repentinamente, fato que gera o desgaste físico e emocional contínuo e, conseqüentemente, à desmotivação profissional.

O pedagogo que atua na equipe técnico pedagógica da escola, ocupa um amplo espaço na organização do trabalho pedagógico, sendo um articulador no processo de formação cultural, educacional e social na instituição escolar. Sua presença é fundamental na organização das práticas e propostas pedagógicas. Dessa forma, o pedagogo escolar, de forma específica, é o profissional que irá atuar nas escolas em seus diversos níveis de ensino (na educação básica ou no ensino superior).

Nesse sentido, o trabalho do coordenador pedagógico faz parte do processo de organização da escola, na totalidade, em suas estratégias, finalidades, formas de avaliações, organização de gestão escolar, entre outros. Apesar dessa diversidade que a escola vem assumindo ao longo dos anos, muito pouco se diferenciou em sua estrutura física, material, humana e organizacional (PORTO, 1997).

O pedagogo que compõem a equipe pedagógica de uma unidade escolar, torna-se um ponto de apoio às demais funções da escola devido às funções que desempenha em todas as instâncias colegiadas da escola. Embora não reconhecido em sua especificidade, acaba, muitas vezes, influenciado pela prática do imediatismo, socorrendo quotidianamente os conflitos e problemas emergenciais. Assim, tornando-se apenas um instrumento de resolução imediata de conflitos, substituto em carências e faltas funcionais e cumpridor de atividades corriqueiras do dia-a-dia escolar (LIBÂNEO, 2007).

O pedagogo/coordenador pedagógico é peça fundamental no que diz respeito à gestão democrática, uma vez que esse profissional possa atuar nessa área, devido em sua formação exigir que este tenha contato com a gestão democrática.

### 2.3 RELATO DE EXPERIÊNCIA: ATENDIMENTO AO ALUNO E FAMÍLIA; TUTORIA PEDAGÓGICA

Na sequência relataremos duas situações vivenciadas no campo de estágio pelas acadêmicas. Primeiro citaremos uma ocorrência que envolveu a equipe pedagógica, a gestora, professores, um aluno e seus pais. No prosseguimento

narramos o procedimento de tutoria pedagógica, ação adotada pela SEED/PR, e desenvolvida pelos técnicos dos núcleos de educação. Eles visitam a equipe diretiva e pedagógica das escolas para orientar sobre o cumprimento das diretrizes da SEED/PR.

Neste dia o portão estava aberto para que os alunos adentrassem a escola rapidamente devido à chuva. No horário vespertino a diretora da escola atendeu os genitores de um aluno o qual estava afastado para tratamento psiquiátrico de entorpecente, como o assunto era delicado não podemos acompanhar a reunião com a equipe pedagógica na sala que obteve a observação da tutoria no dia. A dupla de estágio permaneceu na frente da sala para evitar desconforto aos pais e ao aluno, porém podemos nos sentar no corredor próximo o suficiente para ouvir o teor da reunião.

O genitor foi à escola para resolver a situação do estudante que havia recebido advertências e poderia receber indicação de desligamento sumário dessa escola (expulsão). O aluno estava afastado da escola por estar fazendo tratamento psiquiátrico devido à dependência química, ao retornar, conforme o relato da diretora este estudante procedia de maneira inconveniente na escola, proferia agressões verbais aos colegas de sala, praticou ato de violência física. Para contornar essa situação foi necessário solicitar a presença da patrulha escolar, foi registrado um boletim de ocorrência. A diretora destacou que não conseguiu fazer contato telefônico com os pais na maioria das vezes em que ocorreram os fatos citados acima. O responsável pelo aluno queria que ele voltasse para as aulas imediatamente, a diretora lembrou ao pai, que o aluno estava ainda cumprindo prazo de atestado médico, protocolado pela família na escola. Informou que o suporte pedagógico estaria sendo oferecido pela escola, com atividades domiciliares. O pai não aceitava o diagnóstico médico dizendo que o filho dava muito trabalho em casa e que estava sendo dopado pelo médico e queria que ele retornasse de qualquer jeito para escola.

A vice-diretora, conversando com a mãe do aluno, relatou que ele não poderia voltar e que se as medicações estavam fazendo mal, os pais deveriam voltar para conversar com os médicos e relatar o ocorrido. O menino estava com o braço machucado e ao perguntarem para os pais sobre o que ocasionou tal ferimento, falaram duas versões e depois o mesmo deu uma terceira versão para a pedagoga Marta. Durante esse diálogo os pais foram ríspidos e até agressivos com a equipe

pedagógica, praticamente queriam exigir o aceite imediato do filho nas aulas, e mencionaram a possibilidade de processar a equipe da escola por não permitir que o menino voltasse a frequentar a escola.

A diretora Sandra relatou que se quisessem poderiam ir nos órgãos competentes em busca daquilo que eles queriam que fosse feito. Ela enumerou os pontos que justificaram o direcionamento adotado pela escola:

1. O aluno estava cumprindo atestado médico;
2. Os medicamentos não estavam favorecendo seu equilíbrio sócio emocional;
3. Ele usou substância entorpecente na escola;
4. Estava inconsciente sob efeito do entorpecente e agrediu outro aluno de turma com uma cadeira e se não tivesse sido socorrido o pior havia acontecido.

Ao analisar o teor de tudo que estava sendo dito na sala, foi possível notar haver uma distorção no acesso a detalhes dos fatos ocorridos na escola, entre o pai e a mãe. Ou seja, ficou implícito que a mãe havia omitido algumas coisas do marido. Ele ao perceber isso aventou a disposição de transferir o aluno de escola. A direção escolar comentou que no caso do menino ele poderia mudar de escola, mas ele não ia frequentar as aulas por motivo de laudo médico. A equipe conseguiu resolver o caso e fomos para a sala de vídeo acompanhar a tutoria que começou às 15h:40min.

Pode-se notar que a tutoria é concretizada semanalmente seguindo cronograma do NRE/Pvaí. A pauta da tutoria ministrada por um representante do NRE foi Conselho de Classe, Prova Paraná e atuação dos professores. Durante a tutoria comentaram sobre a reunião do fato citado acima, e, as técnicas do NRE que faziam a tutoria parabenizaram a equipe da direção e pedagógica pelo fato de ter intervindo de maneira correta.

Logo depois foi falado sobre a prova Paraná e qual turma estava com a média baixa, nesse caso teriam que ter reunião com os professores responsáveis e orientar como deveriam proceder. Caso os professores não concordassem com os procedimentos indicados para melhorar o conteúdo, deveriam mudar de turma. Relataram que algumas turmas estavam sem professores de algumas disciplinas, que no caso estavam afastadas por motivo médico. Fizeram o remanejamento de alguns professores que possivelmente teriam dificuldades em executar as orientações indicadas.

A reunião foi pausada, motivo falta de energia elétrica, os alunos estavam no pátio e os educadores foram para a sala de reunião dos professores fazendo um movimento para que as aulas cessassem e eles voltassem para casa sem terminar suas atividades com os estudantes, devido à falta de luz. Ao receber a solicitação, a diretora foi até a sala de professores para se pronunciar sobre a situação, comentando que apesar de não ter energia, a tarde estava clara e que a luz natural supria a necessidade de iluminação nas salas, portanto não justificava a suspensão das aulas.

Solicitou que os professores retornassem para as respectivas salas de aula e que abrissem as cortinas e janelas e que não poderia enviá-los para casa devido ao tempo e que alguns alunos ficariam em casa sozinho.

Diante dos acontecimentos a diretora complementou dizendo tinha como eles ministraram aula até energia elétrica retornar. Observamos que uma parte dos professores não gostou e alguns retrucaram, a diretora então questionou: “ou vocês vão para sala, ou então marcaremos um dia de repor as aulas de hoje”, imediatamente todos voltaram para as salas de aula. A luz também retornou e a reunião online com a tutoria foi retomada.

No relato da reunião a tutora disse haver saído uma conversa de dentro da escola, caso que não poderia sair, que a equipe pedagógica tem que observar e ver como é a partir de onde estão “vazando” esses relatos, assuntos que deveria permanecer em sala que ouviram de professores falando. Citou como exemplo o caso de um aluno presidiário. Na mesma reunião foi falado sobre a sobrecarga de trabalho da equipe pedagógica com assuntos da escola, sendo que algumas situações devem ser conduzidas pelos professores, de modo que estes profissionais da área pedagógica estão com muitas atribuições que necessariamente não são de seu cargo.

[...] demandas em equipes pedagógicas. São egressos das diferentes habilitações do Curso de Pedagogia, que vem sofrendo alterações com o tempo, buscando adequar-se à demanda existente tanto no âmbito legislativo quanto no âmbito social. Ora são supervisores escolares, ora são coordenadores pedagógicos, ora são orientadores educacionais e atualmente denominados professores pedagogos, desempenhando diversas funções, vinculadas ou não ao seu papel. (VILA; SANTOS, 2020, p.11).

Deve existir um parâmetro que indique até que ponto os professores devem agir, e quando devem direcionar a intervenção para a equipe pedagógica. A diretora

disse estar faltando mais profissionais na área, nesse instante presenciamos uma crise emocional de uma das pedagogas que participava da reunião, ela começou a chorar e mencionou seu desconforto psicológico diante da alta demanda de trabalho e situações de stress que vinha enfrentando no cumprimento de suas funções profissionais. Diante disso foi comprovado estarem sobrecarregadas e dividiram as atividades tentar equilibrar o serviço para todas.

A tutora orientou para que a divisão de tarefas seja continuamente analisada objetivando não sobrecarregar uma ou outra profissional, e que iria encaminhar o pedido de mais profissionais da área pedagógica da escola. Ainda relatou sobre as faltas dos professores e sobre os atestados, comentou também de como proceder com casos de alunos que estão dificultando na escola com mau comportamento como no caso que ocorreu durante a reunião em que um destes estudantes estava fora da sala de aula e não queria retornar ficando vagando no pátio e atrapalhando as professoras em seu ensino.

No caso foi feita uma ligação telefônica para os responsáveis, solicitando para virem até a escola para buscá-lo, já que ele se recusava terminantemente adentrar a sala de aula. A mãe do menino relatou que não tinha tempo e que ele mandassem sozinho para casa, e que eletinha pernas para andar, enquanto ela estava passando dificuldade para isso. A genitora foi extremamente agressiva no telefone com a pedagoga, “dizendo que a escola que se vire”.

Ao analisarmos essa situação podemos verificar o quanto é difícil e delicada a condução de situações diversificadas que acontecem quase diariamente na escola e que envolve a questão das responsabilidades das famílias em colaboração com a escola. O referencial teórico que nos reportou a situação foi o previsto no ECA no artigo que dispõem sobre negligência familiar

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, [...] os pedagogos que atuam nas escolas preenchendo as exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais (BRASIL,1990).

Diante da situação a tutora orientou a pedagoga que falasse que iria ligar para o Conselho Tutelar, se acaso o responsável não se responsabiliza em buscar o aluno o conselho o levaria até a sua residência, sendo orientada a desligar o telefone. Após alguns segundos a tia do menino ligou dizendo que iria buscá-lo.



A reunião de tutoria pedagógica ministrada pelo NRE foi de suma importância para nossa formação, podemos perceber que a tutoria faz orientação para toda equipe pedagógica semanalmente e que tem um suporte para tomar providências corretas em certos assuntos como o movimento dos educadores para não ministrar as aulas durante a chuva, pois havia acabado a energia elétrica e que a Sandra procedeu corretamente com orientação e que as aulas podia sim ser ministrada, alguns problemas da escola podem ser resolvidos imediatamente e correta cabendo a direção e equipe pedagógica sempre dialogando com todos os membros da escola.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante das observações no estágio obrigatório em OTPGE foi notório a dificuldade da equipe pedagógica em fazer a gestão nos casos onde os alunos que enfrentam problemas emocionais/relacionais ou disciplinares e que as famílias relutam em contribuir para viabilizar um acompanhamento adequado a sua condição e formação pessoal e escolar.

O que podemos analisar é que a família e a escola (gestores, professores), devem caminhar com muito diálogo e colaboração, o objetivo principal é o atendimento do aluno. De maneira que ele possa conviver saudavelmente dentro e fora do ambiente escolar, e desenvolver sua aprendizagem qualitativamente.

O pedagogo precisa ser um mediador nos problemas que surgem na escola. Deve saber como lidar e buscar sempre soluções para se sobressair em suas atividades com um bom planejamento e olhar atento às diversidades que surgem no cotidiano, através das ocorrências disciplinares, infracionais e administrativas.

De fato variadas funções são atribuídas ao cargo do pedagogo, fazendo com que o profissional fique sobrecarregado e ocupando parte do tempo com demandas que poderiam ser direcionadas para outros setores da instituição escolar, este período em que resolve outras situações que não são atribuídas ao seu cargo poderia estar utilizando com a organização e acompanhamento do trabalho pedagógico, ou seja, ocupado com demandas que poderiam ser direcionadas para outros setores da instituição escolar.

Durante o estágio podemos refletir e verificar que existe a necessidade de serem elaborados mais projetos que objetivem trazer a sociedade para a escola, que colaborem para um bom funcionamento da instituição interna e externamente. Projetos que ofereçam aos professores e demais profissionais que atuam na escola

valorização e aperfeiçoamento segundo as diretrizes socio culturais e educativas atuais.

Destacamos que os alunos, que estão presentes nas salas de aula de hoje, vivem no meio cultural tecnológico que os envolve e os estimula na sua maneira de ser e de viver dentro e fora da escola, diante dessa realidade se faz necessário que a escola e os profissionais que nela atuam tenham condições de aprofundar seu conhecimento sobre essas ferramentas tecnológicas e como elas podem ser integradas e bem utilizadas no meio educacional acadêmico contribuindo também com a formação para uma cidadania ativa.

Neste aspecto a presença do pedagogo/coordenador pedagógico é fundamental por sua função ser sistematizar a organização das práticas pedagógicas e conseqüentemente a efetivação das propostas. Esse profissional é o articulador do processo de ensino e de aprendizagem, para garantir consistência das ações pedagógicas e administrativas, que contribuem para que o processo educativo seja valorizado.

De fato, ser um profissional da pedagogia exige ter um conhecimento aprofundado sobre a educação escolar para exercer sua função na escola com responsabilidade e coerência. De modo que concilie a teoria e prática, assim adquirindo experiência e conhecimento para que melhor contribua no desenvolvimento das instituições escolares.

## REFERÊNCIAS

BARREIRO, Iraíde M. de F.; GEBRAN, Raimunda A. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 24 ago. 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. **A organização e a gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**, s.l.]. v. 3, n. 3-4, p 5-24, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2010.

Anais do II Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do curso de  
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí  
13, 14 e 15 de fevereiro de 2023

PORTO, Maria do Rosário Silveira. **Funções Sociais na escola**. Escola Brasileira: temas e estudos. São Paulo: ATLAS/1997.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11 ed. São Paulo: Autores Associados, 2011.

VILA, Meire. F; SANTOS, Silvia. A. **O papel do pedagogo e a organização do trabalho na escola**. 2020. Disponível em:  
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/641-4.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2023.

## **ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ESTRATÉGIAS E VIVÊNCIAS FORMATIVAS NA GESTÃO ESCOLAR**

SILVA, Fernanda Muniz da<sup>44</sup>  
SANTOS, Natália Trazpadini dos<sup>45</sup>  
FRAQUETTA, Flávio<sup>46</sup>

**RESUMO:** Este relato de experiência descreve o processo formativo, desenvolvido na disciplina de Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar (OTPG), concomitantemente a organização das atividades de observações desenvolvidas no colégio, no período de julho a novembro de 2022. Trata-se de ações desenvolvidas em relação ao estágio curricular supervisionado visando a docência na atuação da gestão escolar. Desse modo, apresentamos o objetivo deste relato: relatar e discutir as ações teórica-práticas ocorridas na escola-campo, de acordo com as demandas e responsabilidades atribuídas a pedagoga, tendo como respaldo as discussões teóricas desenvolvidas na Universidade e a relevância do profissional na instituição. A pesquisa se caracteriza bibliográfica, ancorada nas referências de Brasil (2018), Secretaria (2021), Libâneo, (2001) associada a pesquisa de campo, realizada com a equipe gestora do Ensino Médio de um Colégio Estadual da região noroeste do Paraná, participante do Estágio Supervisionado Curricular. Inicialmente discorreremos o processo de observação, explicitando reflexões sobre o processo formativo, tecendo aproximações teóricas e os impactos na formação para a docência. Dessa forma, essa experiência permitiu-nos refletir sobre a dinamicidade da atuação pedagógica, envolvendo toda a equipe e agentes educacionais na formação de novos indivíduos, articulando a teoria prevista em lei à prática realizada em seu cotidiano, permitindo que suas ações perpassam alunos, professores e diretores promovendo uma formação colaborativa e compartilhada que envolve estudantes, acadêmicos e funcionários do colégio.

**Palavras-chave:** Gestão escolar; Estágio; Docência.

### **1 INTRODUÇÃO**

O presente artigo descreve o processo formativo, desenvolvido na disciplina de Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar (OTPG), concomitantemente a organização das atividades de observações desenvolvidas no colégio, no período de julho a novembro de 2022.

Seu objetivo é relatar as ações desenvolvidas em relação ao estágio curricular

---

<sup>44</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), fermunizsilva@gmail.com.

<sup>45</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), trazpadinin@gmail.com.

<sup>46</sup> Mestre, Professor orientador do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), flaviofraquetta@gmail.com.

supervisionado visando a docência na atuação da gestão escolar. As atividades envolveram estudos bibliográficos coletivos e individuais na escola-campo, no decorrer das observações junto a pedagoga. Desse modo, apresentamos o objetivo deste relato: relatar e discutir as ações teórica-práticas ocorridas na escola-campo, de acordo com as demandas e responsabilidades atribuídas a pedagoga, tendo como respaldo as discussões teóricas desenvolvidas na universidade e a relevância do profissional na instituição. A pesquisa se caracteriza bibliográfica, ancorada nas referências Brasil (2018), Secretaria (2021), Libâneo (2001) associada a pesquisa de campo, realizada com a equipe gestora do Ensino Médio de um Colégio Estadual da região noroeste do Paraná, participante do Estágio Supervisionado Curricular.

Neste contexto, a discussão perpassa a descrição e análise das práticas de ensino com foco na gestão escolar, por meio do retorno às aulas presenciais e as mudanças previstas pelo governo no âmbito educacional. Inicialmente discorreremos o processo de observação, explicitando reflexões sobre o processo formativo, tecendo aproximações teóricas e os impactos na formação para a docência. À medida que relatamos, exibimos análises sobre os resultados das experiências e finalizamos com algumas considerações.

Dessa forma, essa experiência permitiu-nos refletir sobre a dinamicidade da atuação pedagógica, envolvendo toda a equipe e agentes educacionais na formação de novos indivíduos, articulando a teoria prevista em lei à prática realizada em seu cotidiano, permitindo que suas ações perpassem alunos, professores e diretores promovendo uma formação colaborativa e compartilhada que envolve estudantes, acadêmicos e funcionários do colégio.

## **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

No dia a dia das visitas de estágio, podíamos compreender as demandas pedagógicas, das quais, se pode citar o relatório do dia de Estudo e Planejamento do colégio, cujo, podemos citar que foi o primeiro dia de observação que realizamos. Neste dia, por ser um retorno dos professores, houve uma recepção de boas vindas para os mesmos.

No qual, na sala de reunião estavam presentes todos os professores, equipe pedagógica composta pelas pedagogas Marcia, Deyse Amanda e Gorete, e equipe diretiva. Após as boas vindas de volta às aulas, e a partir das 8 horas e 30 min

iniciou-se uma reunião via *Meet* com os agentes educacionais do Núcleo Regional de Paranavaí e suas respectivas escolas. Com pauta relacionada às novas práticas no Novo Ensino Médio - NEM, com o intuito de abordar o que são os itinerários formativos e sua importância no contexto do NEM, contribuindo assim para uma preparação sobre o conceito de cada itinerário que será executado a partir do ano de 2023, objetivando fomentar o protagonismo estudantil.

Dentre os assuntos abordados, foi possível compreender que a disciplina passa a ser chamada de unidades curriculares, de modo que o foco desse momento é compreender a necessidade de aprendizagem do aluno, independente de como o professor escolhe trabalhar o conteúdo, priorizando assim atingir as habilidades próprias de cada área, ocasionando nas competências gerais. Assim,

Um dos pontos de grande discussão a respeito do Novo Ensino Médio é a ampliação de 800 para 1400 horas a carga horária anual a ser cumprida pelo aluno. Cabe pensar em quem é este aluno do ensino médio brasileiro. Levando em conta os problemas socioeconômicos dos usuários da escola pública, há de se considerar que muitos jovens, matriculados no ensino médio, contribuem para a renda familiar. Um aluno trabalhador dificilmente concluiria o curso nesse novo formato proposto. (SILVA; BOUTIN, 2018, p. 528).

Ademais, foi exemplificado que cada área do conhecimento tem três habilidades que estão associadas a cada eixo, e cada eixo tem três habilidades associadas às competências gerais da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, desse modo, há também o projeto das trilhas de aprendizagem que buscam nortear o trabalho do professor, de modo a ser elaborada por temas, que tem o intuito de ser implementada em 2023. Após a reunião via *Meet*, uma das pedagogas repassa novamente os slides apresentados anteriormente, de modo a explicar cada ponto detalhadamente, esclarecendo também as trilhas de aprendizagem, mostrando assim um exemplo.

Assim, no período vespertino, os professores foram divididos por áreas, para analisar uma trilha de aprendizagem específica para cada área, objetivando descrever seus métodos e estratégias diante do tema proposto. Na sala da área de Matemática e suas Tecnologias, a trilha estava focada em Raciocínio Lógico e Empreendedorismo, já da área de Humanas, estava pautada na Guerra Fria, e nesse tempo os professores de suas áreas distintas elaboram propostas e estratégias que englobam o que foi pedido. Após esse processo de propostas

metodológicas, ocorreu uma socialização entre os professores, exemplificando o que propuseram e relatando o tema. Para Brasil (2018),

Os sistemas de ensino e as escolas devem construir seus currículos e suas propostas pedagógicas, considerando as características de sua região, as culturas locais, as necessidades de formação e as demandas e aspirações dos estudantes. Nesse contexto, os itinerários formativos, previstos em lei, devem ser reconhecidos como estratégicos para a flexibilização da organização curricular do Ensino Médio, possibilitando opções de escolha aos estudantes (BRASIL, 2018, p. 471).

Por fim, após essa socialização, ocorreu o café da tarde, e logo teve início uma apresentação de slides sobre a Prova Paraná 2022, onde são mencionadas estratégias de como explanar os conteúdos em que o aluno não teve um bom rendimento. Dentre os fatos mencionados, pode-se compreender que a pauta da reunião de estudo e planejamento foi repassar e exemplificar aos professores e equipe escolar todos os conceitos e elementos do Novo Ensino Médio, buscando ordenar as habilidades e competências que o professor deverá buscar atingir, propiciando também uma socialização dos professores frente aos itinerários implementados, ocasionando uma maior integração com a matéria e conteúdo a ser ministrada.

A ação de estudo e planejamento permeia todas as áreas educacionais, permitindo que esse momento seja propício para a validação dos conteúdos e estratégias para atingir os alunos, do mesmo modo, nas aulas do Projeto mais Educação (PMA) a professora responsável pelo programa identifica que as aulas dinâmicas, com debates, contextualizações, movimentos em torno da realidade e dificuldade do aluno contribui de forma visível para a superação desse problema, organizando as aulas em diferentes atuações, ora com debates, exposição, apresentação, socialização, auxiliando e promovendo na qualidade de ensino de cada aluno.

A professora identifica e acompanha os alunos por meio de fichas, comportamento, frequência e rendimento no decorrer das aulas, os alunos do programa são encaminhados pelo professor regente, onde observam a dificuldade em questão e orientam a entrada no programa. Com isso,

A Equipe Gestora deverá definir os estudantes que frequentaram as aulas do PMA, a partir de diagnóstico realizado pelos professores regentes de todas as disciplinas do Ensino Fundamental e Ensino

Médio, identificando os que apresentam dificuldades no desenvolvimento das habilidades e competências, e/ou de acordo com os resultados do desempenho escolar obtido no ano anterior. (SECRETARIA, 2021, p. 03).

Dessa forma, o movimento de estudo e planejamento se faz essencial na atuação do pedagogo, evidenciando a importância da organização das demandas da equipe gestora e no cuidado em diferentes atividades para os estudantes. A organização da professora é de suma importância, visto que auxilia no controle de cada aluno e o que cada atendimento individual precisa, caracterizando como vetor de motivação para aquele aluno. Corroborando,

De fato, a organização e gestão refere-se aos meios de realização do trabalho escolar, isto é, à racionalização do trabalho e à coordenação do esforço coletivo do pessoal que atua na escola, envolvendo os aspectos, físicos e materiais, os conhecimentos e qualificações práticas do educador, as relações humano-interacionais, o planejamento, a administração, a formação continuada, a avaliação do trabalho escolar. (LIBÂNEO, 2001, p. 07).

O planejamento e organização também faz parte do dia a dia na secretaria, o exercício de organização de documentos, serviços de escrituras, documentação no que tange à vida legal da instituição de ensino e à vida escolar dos alunos. Ao longo das observações foi possível verificar que alguns agentes se dirigem à secretaria com o propósito de assinar a folha ponto, após as assinaturas o documento é direcionado a uma pessoa específica que atende o colégio mensalmente. Todo o processo de histórico escolar está em transição do físico para o digital, toda a organização dos alunos estão paulatinamente anexadas ao sistema, facilitando assim o acesso e diligência das demandas.

O processo de observação no colégio permitiu presenciar a nova rotina em relação a Reforma do Ensino Médio, a orientação aos professores e sistematização para a equipe pedagógica e diretiva.

Com a reforma do ensino médio, a proposta de organização dos currículos indica os itinerários formativos por áreas (linguagens e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias; ciências humanas e sociais aplicadas; formação técnica e profissional), ou mesmo integrando diferentes áreas, sendo afirmado que busca atender o contexto local, na medida da possibilidade dos sistemas de ensino, e favorecer possíveis articulações com a educação profissional (LOPES, 2019, p. 66).



A rotina das pedagogas continuava após a reunião, sendo organizada por meio do cronograma coletivo, revisitando as agendas, as datas de reuniões com os pais, professores e agenda pessoal. A pedagoga então inicia a busca ativa, que é resgatar por meio do sistema *BI* e *LRCO* os alunos com maiores índices de faltas, seja faltas alternadas ou consecutivas, nomes que se destacam são chamados para conversar e analisar o que está acontecendo particularmente, entretanto, o sistema é baseado pela presença de 95% do aluno, caracterizando-se na cor verde, a cor amarelo requer cuidado e a cor vermelha é aquele aluno que não atingir a porcentagem mínima, estando próximo a reprova.

A implementação de sistemas de apoio utilizando o conceito de BI é fundamental para contribuição no crescimento efetivo e eficiente de um ambiente organizacional, apoiando as estratégias de desenvolvimento, construindo a base de conhecimento necessária para determinação dos próximos passos, com o intuito de mitigar falhas e erros, maximizando métricas de desempenho da organização (JUNIOR; CAVALCANTE; VIEIRA, 2021, p. 119767).

A citação acima reflete a organização do sistema BI e suas estratégias de desenvolvimento dos alunos em ambiente escolar, como foi possível compreender com a respectiva pedagogia no dia em questão. Ademais, as pedagogas fazem atendimentos particulares aos professores da monitoria de matemática presente no colégio, explicando como vai ocorrer. Em meio à agenda da pedagoga é realizado o atendimento dos pais, no quesito troca de turno, adiantando desde já a situação da aluna perante as notas e faltas constantes. Concomitantemente, uma aluna com queixa de dor de cabeça pede para a pedagoga e também ao diretor para ir embora, devido a aluno ser maior de idade os pais não precisam ser avisados ou consultados sobre sua saída.

Encerrando o dia, podemos concluir que a rotina das pedagogas exigem uma ampla organização e sistematização dos afazeres, visto que a todo momento são pré consultadas para diferentes tarefas, não somente pedagógicas mas também tarefas que muitas vezes a sobrecarregam e onde as atividades voltadas da área ficam em segundo plano.

Ademais, a organização permite compreender a complexidade do cargos, no decorrer do diálogo, o diretor enfatiza as dificuldades tanto nas questões de gestão quanto às demandas administrativas, o papel do diretor requer muita responsabilidade, organização para de fato exercer com competência, muitas vezes

efetivando mediações entre professores e alunos, frequência dos alunos, desempenho dos mesmos, alinhamento com professores, concomitantemente, o planejamento e organização dos recursos que advém à escola, resgatando ao máximo as prioridades a serem executadas na escola.

Portanto, ao longo do diálogo foi comentado questões a respeito da reforma do Ensino Médio, como os professores voltaram do período pós pandemia, questões relacionadas ao transporte dos alunos, visto que muitos utilizam os ônibus da prefeitura, ora por morar em sítio da redondeza, ora por morar no distrito da cidade de Terra Rica, Adhemar de Barros. Foi exposto também como o colégio vivência a inclusão dos alunos, para uma melhor oferta de ensino e também a organização em prol dos alunos com dificuldade ensino, dispondo de projetos para uma melhor sistematização do conteúdo, projetos de redação, projeto mais aprendizagem, oficinas e demais ações já mencionadas.

Dessa forma, o acompanhamento com a pedagoga proporcionou uma visão ampla do colégio, das atividades que envolvem os alunos, os conteúdos, a comunicação e entrosamento entre os professores, agentes educacionais e demais funcionários, foi possível perceber que o estudo, planejamento, organização e comunicação são basilares quando as equipes têm o mesmo objetivo, formar cidadãos, tornando assim referência aos estudantes. Todo o envolvimento no colégio é pensado, analisado e discutido para o melhor seja realizado, permitindo assim o pensamento de que todos os alunos têm a chance de dar certo, de fazer o certo e que por meio dos professores, das atividades e o conteúdo planejado e exposto implicam no seu rendimento escolar, partindo do pressuposto de que pensar nos detalhes fazem a diferença e a diferença transformam vidas.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Desse modo, compreendemos que a disciplina de Estágio em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar, nos permitiu uma olhar diferente a respeito do profissional Pedagogo, pois ele nos concedeu a visão da prática, diferente do que vemos na Universidade, sendo somente a teoria. Foi possível compreender um pouco das demandas que permeiam as reuniões de alinhamento que ocorrem semanalmente, propiciando abranger o quanto as mesmas são de extrema importância para um bom rendimento da equipe escolar. Observar algumas das

demandas ocorridas no dia a dia da escola, como a equipe pedagógica se planeja diante os prazos e critérios e também como realizam algumas tarefas, nos trouxe clareza diante do cotidiano escolar.

Durante o estágio supervisionado, conhecemos um pouco dos aspectos e elementos que constituem a tutoria por exemplo, o que nos permitiu entender um pouco das demandas que a escola deve relatar ao tutor pedagógico e todas as obrigações que a escola deve passar ao tutor pedagógico, de modo que foi possível visualizar a importância da tutoria pedagógica em pauta com a comunidade da gestão escolar do colégio citado no presentes relatório.

Foi essencial para a nossa formação acadêmica analisar e conhecer os espaços da escola, uma vez que a gestão engloba todas as organizações da escola sendo pontualmente necessário a compreensão coerente a respeito dos espaços, tendo responsabilidades com alunos, agentes educacionais, professores, família, enfim, estar no convívio dos acadêmicos e professores a disposição de infraestrutura da escola é indispensável.

O presente estágio nos proporcionou entender de forma ampla e consistente o funcionamento de uma instituição na visão do diretor e entender tamanha responsabilidade, entretanto, reconhecer o trabalho que é executado pois no exercício de aluno não perceptível todo esse esforço e atualmente participando da docência e da gestão fica evidente cada responsabilidade e como é necessário ter uma equipe articulada e que objetivam êxito e qualidade no ensino.

Portanto, concluímos que essa experiência nos trouxe subsídios para compreender toda a função escolar do pedagogo e como funciona de fato o ambiente escolar. Disciplina que tem total relevância na formação de um professor, visto que por meio a mesma, compreendemos suas responsabilidades e demais organizações se faz de suma importância para o êxito da escola e também no bom convívio com os demais professores, alunos e agentes educacionais, concomitantemente, de fato, o Estágio em Gestão foi essencial para a nossa formação acadêmica, auxiliando e unindo teoria e prática, sendo suporte para compreender as questões em gestão e novas formas de atuar por meio da pedagogia.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

JUNIOR, C. G. M.; CAVALCANTE, T. S. B.; VIEIRA, R. K. Uma proposta de aplicação de business intelligence no sistema educacional brasileiro. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.12, p.119762-119778 dec. 2021.

LIBÂNEO, J. C. O sistema de organização e gestão da escola. In: LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da Escola** - teoria e prática. 4. ed. Goiânia: Alternativa, 2001. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/32/3/LDB-Gestao.pdf>. Acesso em: 15. set. 2023.

LOPES, A. C. Itinerários Formativos na BNCC do Ensino Médio: identificações docentes e projetos de vida juvenis. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 13,n. 25, p. 59-75, jan./maio. 2019 Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/963/pdf>. Acesso em: 14. ago. 2022.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação e do esporte diretoria de educação. **Orientação Nº 002/2021**. Curitiba: DEDUC/SEED. Disponível em [https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos\\_restritos/files/documento/2021-02/orientacao\\_022021\\_deducseed\\_pma.pdf](https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-02/orientacao_022021_deducseed_pma.pdf).

SILVA, K. C. J. R. da; BOUTIN, A. C. **Novo Ensino Médio e educação integral**: contextos, conceitos e polêmicas sobre a reforma. Educação. Santa Maria. 2018, v.43, n.3, p.521-534. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1171/117157485009/117157485009.pdf>. Acesso em: 7. ago. 2022.

## **ESTUDO E PLANEJAMENTO CONCERNENTE AO NOVO ENSINO MÉDIO: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

MULLER, Danielle da Cruz<sup>47</sup>  
DEMIZU, Fabiana Silva Botta<sup>48</sup>

**RESUMO:** Este trabalho de cunho relato de experiência foi desenvolvido com base na observação do 'Dia de Estudo e Planejamento' mediante o estágio obrigatório em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar da UNESPAR campus de Paranavaí. A observação foi realizada em uma instituição de Ensino Médio localizada na respectiva comarca no ano de 2022, e se refere às horas do estágio de Organização do Trabalho Pedagógico. O objetivo deste trabalho é alavancar discussões oriundas da observação e estudos em sala de aula sobre o Novo Ensino Médio e implicações do mesmo para formação humana. O trabalho é dividido em três seções, sendo: introdução, resultados e discussões e considerações finais. Na introdução constam os objetivos do estágio obrigatório e a descrição da reunião do Dia de Estudo e Planejamento. Em resultados e discussões salientamos as principais argumentações decorridas no dia da observação. Por fim, nas considerações finais ponderamos o conhecimento obtido por meio da observação com o adendo de sugestões para o estágio obrigatório. Por intermédio das observações e leitura de material teórico, foi possível depreender que o Novo Ensino Médio (NEM) é tema atual e necessário para refletirmos a educação das próximas gerações. O NEM delineado para possibilitar aos alunos escolher seu projeto de vida, possui nuances que prejudicará os estudantes, visto que, o conhecimento produzido e acumulado pelas gerações anteriores foi redefinido em 'caixas' de áreas do conhecimento específico para os interesses do mercado de trabalho. Sendo assim, alude-se a importância do vínculo entre as universidades e instituições escolares, na qual, oportunizam em ações mais conscientes e democráticas para a prática educativa.

**Palavras-chave:** Educação; Novo Ensino Médio; Estudo e Planejamento; Relato de Experiência.

### **1 INTRODUÇÃO**

Este trabalho de cunho relato de experiência foi desenvolvido com base na observação do 'Dia de Estudo e Planejamento' mediante o estágio obrigatório em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar da UNESPAR campus de Paranavaí. A observação foi realizada em uma instituição de Ensino Médio localizada na respectiva comarca no ano de 2022.

---

<sup>47</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), dani.cruzunespar@gmail.com.

<sup>48</sup> Mestre em Educação; Professora supervisora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná(UNESPAR/Pvaí), fabybotta@hotmail.com.

O trabalho é dividido em três seções, sendo: introdução, resultados e discussões e considerações finais. Na introdução constam os objetivos do estágio obrigatório e a descrição da reunião do Dia de Estudo e Planejamento. Em resultados e discussões salientamos as principais argumentações decorridas no dia da observação. Por fim, nas considerações finais, com o auxílio de material teórico e estudos feitos em aula, ponderamos o conhecimento obtido por meio da observação com o adendo de sugestões para o estágio obrigatório.

Diante do exposto, aborda-se que a vivência do estágio está respaldada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, na qual, no art. 61, inciso II, pressupõe “[...] a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço”. (BRASIL, 1996). Assim, o estágio obrigatório é indispensável para que o acadêmico esteja em contato com situações concretas, permitindo fazer reflexões sobre a prática e buscar alternativas teóricas, construindo sua identidade profissional.

Dessa forma, entende que o objetivo principal do estágio é o de proporcionar ao acadêmico o conhecimento do campo de sua atuação profissional por meio das ações teórico/práticas, adquiridas durante as horas estagiadas numa instituição escolar, oferecendo situações didáticas para que os futuros profissionais, das áreas da Organização do Trabalho Pedagógico e da Gestão Escolar, utilizem os conhecimentos que aprenderam e mobilizem também outros oriundos de diferentes naturezas e diferentes experiências em diferentes tempos e espaços curriculares.

A observação do ‘Dia de Estudo e Planejamento’ sucedeu no dia vinte e um de julho de dois mil e vinte e dois, tendo duração de oito horas, período integral. A observação desse dia pertence às horas do estágio de Organização do Trabalho Pedagógico, visto que, o estudo e planejamento do colégio observado foi um momento de reflexão entre professores, equipe diretiva e pedagógica a fim de encontrar soluções para os problemas de ensino e de aprendizagem pós-pandemia causada pela Covid-19, como o retorno das aulas presenciais, conteúdos estruturantes do Novo Ensino Médio (NEM) e equipamentos eletrônicos atrelados ao ensino, *Educatron*.

## **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

No presente dia, juntamente com os professores, equipe pedagógica e

direção do colégio de Paranavaí, também participava via online, pelo *Google Meet*, a Secretaria da Educação e do Esporte (SEED), docentes e direção de outras instituições. A pauta dos estudos baseou-se primordialmente no *Educatron*; programa Busca Ativa, e o mais importante, os conteúdos estruturantes do Novo Ensino Médio.

O diretor principia sua fala dando boas vindas após trinta dias de recesso escolar e alega que três professores estão utilizando o equipamento *Educatron*, quatro equipamentos estão completos dos vinte que possuem. A partir do dia vinte e cinco de julho de dois mil e vinte e dois todas as salas terão o *Educatron* fixo em cada ambiente, e no dia vinte e dois de julho de dois mil e vinte e dois terá uma apresentação e treinamento para os professores e funcionários da escola utilizarem os equipamentos.

De acordo com Paraná (2022) o *Educatron* é um equipamento que moderniza e infraestrutura escolar fomentando a utilização de novos recursos tecnológicos educacionais. O equipamento composto por uma televisão *smart* de 43 polegadas com câmera, microfone, computador e teclado com *mouse* imbutido, auxilia o professor durante a aula, como também, permite vídeo chamadas para reuniões entre professores e direção.

O diretor da instituição relata que em decorrência da pandemia e isolamento social, as aulas foram adaptadas para *on-line*. Com isso, sintomas de depressão, ansiedade e inquietação se acentuaram nos alunos, sucedendo faltas excessivas no retorno escolar. Durante o período pandêmico, houve a criação do programa Se Liga! para os alunos que não firmaram presença e não faziam atividades tinham como recuperar a frequência e as notas no final do ano.

Segundo Paraná (2020) o programa Se Liga! é uma ação de intensificação de aprendizagem da SEED voltada para a recuperação da aprendizagem, tem como objetivo desenvolver e aprimorar os conhecimentos essenciais dos estudantes referentes à série cursada. Após o retorno escolar, os alunos estão habituados a pensar que o ano letivo atual permanece igual ao remoto, e conseguirão recuperar as médias e faltas com uma prova teórica.

A direção escolar explana que as faltas injustificadas foram alertadas e registradas no Sistema *BI*, sistema este que busca o percentual de aproveitamento do aluno, tanto nas notas como na frequência. O Sistema *BI* exibe os índices de evasão, aparecendo em vermelho os alunos que não frequentam as aulas. Os

alunos que não mantinham contato com a escola, e detinham altos números de faltas, como um aluno com trezentas faltas e outra aluna com quatrocentas faltas, passaram pela Busca Ativa, a direção se deslocou para a residência dos estudantes por meio de do carro disponibilizado pelo Núcleo de Educação a fim de orientá-los referente à frequência escolar.

A Busca Ativa Escolar é uma plataforma gratuita e solução tecnológica que propicia os profissionais dos diversos setores públicos, como educação, assistência social e saúde enviarem informações de crianças e adolescentes que não estão frequentando a escola, “e com isso pode-se estipular estratégias de como atender esses jovens para que não evadam da escola e que tenham o mínimo de prejuízo escolar.” (FREITAS, 2021, p. 11).

O diretor reiterou aos professores que o trabalho de orientação quanto às faltas dos alunos começa na sala de aula. Quando o aluno deixa de frequentar as aulas, a equipe pedagógica preenche uma planilha, contendo as informações do estudante, como: nome, número, série, turno, entre outras informações. E se for o caso, entram em contato com os responsáveis entender a situação da evasão.

Abordada a pauta, os estudos concernentes ao conteúdo estruturante do Novo Ensino Médio foram iniciados. Conforme as explanações da SEED, a carga horária antiga do Ensino Médio possuía 800 horas, com a reformulação, tem a oferta de 1.000 horas até a possibilidade de implantar 1.400 horas.

## 2.1 NOVO ENSINO MÉDIO

A necessidade de redefinir o Ensino Médio advém das mudanças políticas, econômicas e sociais do momento histórico e geográfico na qual estamos inseridos. A consolidação do Estado capitalista e democrático viabiliza na construção de um novo perfil de currículo e competências básicas para o mundo do trabalho, exigindo assim, que a escola possibilite aos alunos integrarem-se ao mundo contemporâneo e que “[...] tenha a oportunidade de fazer as escolhas curriculares que colaborem à realização de seu Projeto de Vida.” (PARANÁ, 2021a, p. 29).

Nesse sentido, alude-se que por intermédio da Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, delineada com base nas discussões da Medida Provisória de nº 746 de 2016, foi alterada as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, determinando o aumento da grade curricular do Ensino Médio. A composição do ensino também

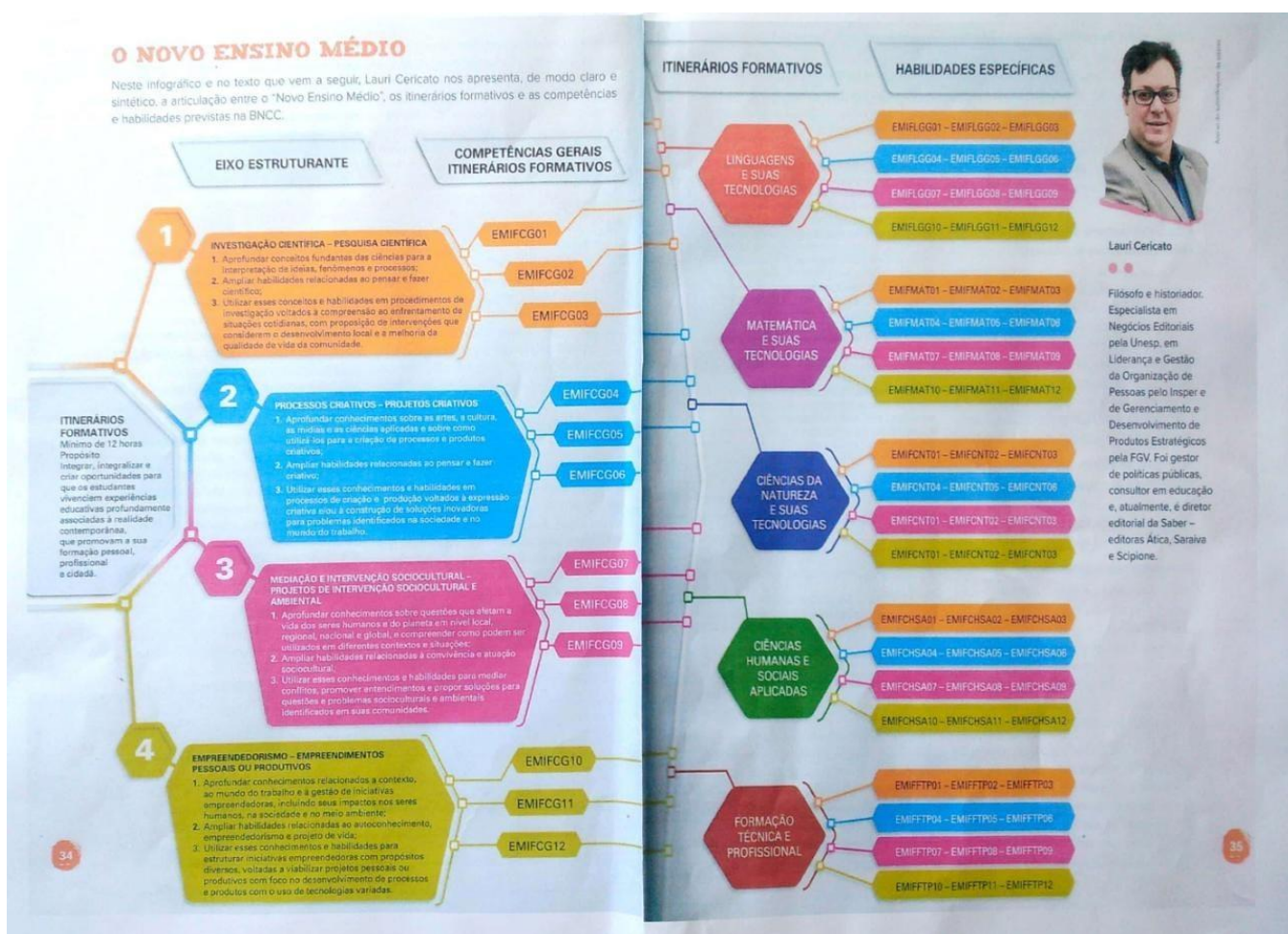


passou por uma reforma, no parágrafo 7 apresenta que os currículos “[...] deverão considerar a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais.” (BRASIL, 2017a).

De acordo com o material entregue pela equipe pedagógica, o componente curricular é parecido com o Ensino Médio antigo, as disciplinas comuns são trabalhadas de forma geral, denominadas Formação Geral Básica (FGB), o diferencial é o acréscimo da Parte Flexível Obrigatória (PFO), constituída pelas disciplinas de Projeto de Vida, Educação Financeira e Pensamento Computacional.

Observa-se na imagem 1 a disposição das áreas do conhecimento do Novo Ensino Médio (NEM):

**IMAGEM 01 – ÁREAS DO CONHECIMENTO DO NEM**



No Novo Ensino Médio também foram acrescentados os Itinerários Formativos (IF) organizados por duas vertentes, a primeira como Itinerários Formativos de

Aprofundamento e a segunda como Itinerários Formativos Integrados. Os Itinerários Formativos de Aprofundamento consideram a relação entre as habilidades do eixo estruturante de uma Área do Conhecimento. Por outro lado, os Itinerários Formativos Integrados “[...] consideram a relação entre as habilidades de uma ou mais Áreas do Conhecimento.” (PARANÁ, 2021a, p. 726).

Os Itinerários Formativos são a continuidade de uma determinada área do conhecimento em que o aluno deve escolher, por exemplo: se optar seguir a área de Ciências Humanas e Sociais, na 2ª série terá três aulas de Filosofia I, e na 3ª série terá três aulas de História I, Geografia I e Sociologia I. Se optar pela área das Linguagens e suas Tecnologias, na 2ª série terá duas aulas de Arte I, e na 3ª série, duas aulas de Arte II e três aulas de Língua Estrangeira Moderna.

Vale ressaltar que as instruções da matriz curricular do NEM na rede pública estadual de ensino do Paraná foram publicadas pela instrução normativa conjunta Nº 008/2021, regularizando assim, a implantação de forma contínua do novo modelo de ensino no estado do Paraná a partir do ano letivo de 2022. “Dessa forma, [...] as instituições de ensino passarão pelo processo de reformulação e implantação gradativa do Novo Ensino Médio – 2022, 2023 e 2024, respectivamente.” (PARANÁ, 2021b, p. 3).

Durante a reunião, foram mencionados outros documentos que norteiam o trabalho pedagógico, sendo eles: Portaria 1.432 de 28 de dezembro de 2018 e o Referencial Curricular para o Novo Ensino Médio Paranaense. São documentos que permitem a compreensão do novo componente curricular do Ensino Médio, pois apresentam a construção e objetivos dos Itinerários Formativos. Vejamos abaixo alguns dos objetivos:

Aprofundar as aprendizagens relacionadas às competências gerais, às Áreas de Conhecimento e/ou à Formação Técnica e Profissional; - Consolidar a formação integral dos estudantes, desenvolvendo a autonomia necessária para que realizem seus projetos de vida; - Promover a incorporação de valores universais, como ética, liberdade, democracia, justiça social, pluralidade, solidariedade e sustentabilidade; e - Desenvolver habilidades que permitam aos estudantes ter uma visão de mundo ampla e heterogênea, tomar decisões e agir nas mais diversas situações, seja na escola, seja no trabalho, seja na vida. (BRASIL, 2018, p. 02).

Também foi salientado que o Novo Ensino Médio detém de quatro eixos estruturantes. Investigação Científica – Pesquisa Científica; Processos Criativos; Mediação e Intervenção Sociocultural – Projetos de Intervenção Sociocultural e

Ambiental; e Empreendedorismo – Empreendimentos Pessoais ou Produtivos. Todos os eixos compõem os Itinerários Formativos, são relacionados igualmente, tendo a finalidade de desenvolver as habilidades e competências dos estudantes.

Brasil (2017a) aponta em seu art. 36 que o currículo do NEM será composto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e por Itinerários Formativos. Assim, entende-se que além do currículo comum – Linguagens e suas tecnologias; Matemática e suas tecnologias; Ciências da Natureza e suas tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – uma parte da carga horária será destinada para os itinerários formativos e para a formação técnica e profissional.

A proposta do NEM é de articulação das áreas de conhecimento, assim, a BNCC cita alguns ambientes que promovem o aprendizado interdisciplinar, sendo eles: laboratórios, oficinas, clubes, observatórios, incubadoras, núcleo de estudos e núcleo de criação artística. Ficando ao encargo das escolas “[...] construir seus currículos e suas propostas pedagógicas, considerando as características de sua região, as culturas locais, as necessidades de formação e as demandas e aspirações dos estudantes.” (BRASIL, 2017b, p. 471).

À vista disso, podemos depreender que por meio das escolhas das áreas do conhecimento, o aluno construirá seu componente curricular para aperfeiçoamento de sua jornada profissional e de formação técnica voltada para o mercado de trabalho. A escolha pela área começa no 9º ano do Ensino Fundamental, e a partir da 1ª série do Ensino Médio estreiam as disciplinas da Parte Flexível Obrigatória.

Ao final do estudo, a SEED comenta das Trilhas de Aprendizagem, documento que compõem a grade curricular do Novo Ensino Médio, na qual são “[...] unidades temáticas, que integradas, visam o aprofundamento de saberes por meio da problematização, da investigação científica e da intervenção social.” (PARANÁ, 2021a, p. 724). As Trilhas de Aprendizagem são cadernos que orientam o trabalho pedagógico, que por ora desfruta de edição preliminar, para os professores consultarem o material e sugerir mudanças, para assim, estabelecer os cadernos oficiais.

Encerrada a reunião on-line com a SEED e educadores de outras instituições, os funcionários do colégio observado seguem os estudos entre si. Para reforçar o que foi anunciado pela Secretaria de Educação, e verificar se os professores compreenderam o conteúdo, a equipe pedagógica propõe uma dinâmica em grupo em forma de atividade, na qual os professores deverão assinalar as questões

verdadeiras e falsas. Observa-se a seguir na imagem 2:

## IMAGEM 02 – QUESTÕES DE ASSINALAR

4) Os IFs se organizam a partir de 4 eixos estruturantes: Processos Criativos, Mediação e Intervenção Sociocultural, Empreendedorismo e Investigação Científica. *Sim*

1) Os IFs são um conjunto de situações educativas em que o estudante aprofunda as suas aprendizagens. *Sim*

2) As Áreas do Conhecimento integradas nos Itinerários são CHS+MAT (Ciências Humanas e Sociais Aplicadas com Matemática) e CNT+LGG (Ciências da Natureza com Linguagens).  
*Não - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Ciências da Natureza com Matemática*

3) Os Itinerários Formativos promovem valores universais dos <sup>ALUNOS</sup> professores e consolidam sua formação integral. *Não*

5) As Habilidades dos IFs são as mesmas desenvolvidas na FGB. *Não*

Posteriormente, ainda em grupo, os professores foram encarregados para a segunda atividade. Nesta atividade, deveriam ler o enunciado para elaborar um Plano de Aula correspondente a Área do Conhecimento sorteada relacionando com os Itinerários Formativos do Novo Ensino Médio para alcançar as habilidades e desenvolver as competências esperadas. Veja-se abaixo na imagem 3:

## IMAGEM 03 – HABILIDADES E COMPETÊNCIAS

TRILHA DE APRENDIZAGEM - COMUNICAÇÃO TO THE WORLD	
Área do Conhecimento	Linguagens e suas Tecnologias
Componente curricular	
Carga horária	3 aulas semanais

**INTRODUÇÃO**  
Prezados professores!

Esta Trilha de Aprendizagem tem como objetivo aprofundar, consolidar e desenvolver habilidades relativas à Oratória e à Comunicação assertiva por meio das práticas de Linguagem.

Para tanto a Trilha está organizada em uma seção temática por trimestre:

- Oratória, comunicação e linguagens:** a humanidade se comunica de diversas formas, utilizando várias linguagens que permeiam os discursos culturais, midiáticos, publicitários, políticos, econômicos, sendo que, ideológicos por natureza, todos têm impacto na construção de opiniões e ações mundiais, assim é de grande importância as habilidades da oratória para saber se comunicar de maneira assertiva e falar bem em público, alcançando assim o objetivo de informar e influenciar.
- Oratória, ideias criativas e linguagens:** a oratória e a comunicação são pilares da evolução humana e tem papel crucial no desenvolvimento da sociedade, assim o aprendizado dessa habilidade pode oferecer um aperfeiçoamento para a vida da pessoa nas dimensões profissional, pessoal e cidadã, levando-a a superar limitações, aumentando a autoconfiança e se expressando com clareza e assertividade.
- Cidadania e oratória:** o mundo passa por grandes mudanças, as quais têm exigido novos posicionamentos, suscitando inclusive um espírito empreendedor e criativo para a vida cotidiana e consequentemente para o mercado de trabalho. Assim, os estudantes precisam estar preparados para as necessidades da sociedade, desenvolvendo sua percepção de mundo, sendo ativos em sua participação como cidadãos autônomos, produzindo e empreendendo de acordo com os seus projetos de vida.

Em cada seção temática haverá uma produção como proposta permanente do processo de aprendizagem da Trilha. Ao término do percurso, as produções realizadas durante as seções serão integradas a uma produção final, que nesta Trilha será um jornal digital ou impresso.

## 2.2 IMPLICAÇÕES DO NOVO ENSINO MÉDIO

Todavia, analisando minuciosamente os documentos norteadores da educação do NEM e legislações para sua aplicação, percebe-se nuances prejudiciais para essa etapa da educação básica.

O primeiro ponto a se discutir, que os documentos legais educacionais não relatam, é a definição da nova distribuição da carga horária considerando a realidade dos alunos, visto que, houve um aumento de 600 horas, pois o Ensino Médio anterior à reforma era de 2.400 horas dispostas em três anos, agora é de 3.000 horas. Assim, assimila-se que os alunos terão que ficar mais tempo na instituição escolar. O tempo abre fendas para flexibilização e mudanças, principalmente para os alunos do período noturno.

Consoante Brasil (2021a) a oferta do NEM para o período diurno e noturno “[...] há a possibilidade de realizar atividades a distância, contemplando, respectivamente, 20% e 30% da carga horária.” (BRASIL, 2021a, p. 28). Sabe-se que o ensino a distância é um desafio no Brasil, e não se compara com as aulas presenciais, onde a presença e diálogo do professor são cruciais para o aprendizado do aluno, no ensino a distância a proximidade e conversas que deveriam ocorrer no processo de ensino e de aprendizagem são anuladas, tornando o processo de aprendizagem objetivado em assistir as vídeo-aulas para resolução de atividades.

O segundo ponto é que a oferta dos Itinerários Formativos dependerá do contexto da instituição escolar, ou seja, por mais que o aluno escolha uma das áreas do conhecimento para se aprofundar, se a escola não tem condições de ofertar o itinerário, o aluno deverá optar pela área disponível. Logo, é uma pseudo-escolha estudantil.

Menciona-se também o art. 36, parágrafo 8, em que a oferta de formação técnica e profissional poderá ser “[...] realizada na própria instituição ou em parceria com outras instituições [...]” (BRASIL, 2017a). Desse modo, entende-se que a pouca autonomia existente da escola pública será aniquilada pelas instituições particulares.

O terceiro ponto é a formação de professores para o NEM. Os documentos produzidos desde 2016 não foram abordados com os professores da rede básica, pelo contrário, foram lançados sem discussões democráticas. Com isso, mesmo em vigência da data de aplicação, os professores continuam se reunindo para tentar compreender, sem êxito, as propostas governamentais.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, a reunião feita com os professores, direção e equipe pedagógica possibilitou o entendimento do planejamento escolar como um objeto transformador de organização escolar e ações pedagógicas mais reflexivas e condizentes com a realidade vivenciada.

Este dia de observação viabilizou compreendermos que para se efetivar as propostas didáticas e pedagógicas são necessários os planejamentos, pois a “[...] improvisação é o oposto do planejamento” (DA SILVA ET AL, 2018, p. 2), sem planejamento, não há significância e criticidade no processo de ensino e no processo de aprendizagem, conseqüentemente, não terá vínculos entre escola e comunidade, pois faltará fundamentação das propostas de ensino priorizando o conhecimento científico.

Os estudos também permitiram identificarmos que o conhecimento científico está sendo fornecido em doses omeopáticas, pois a nova composição do Ensino Médio está fragmentando o conhecimento produzido e acumulado pelas gerações anteriores, resultando em ‘caixas’ de áreas do conhecimento específico para os interesses do mercado de trabalho.

Em suma, percebe-se a importância de discussões mais aprofundadas para o Novo Ensino Médio, dado que, é tema atual e necessário para refletirmos a educação das próximas gerações. Também se faz relevante aludir o vínculo entre as universidades e instituições escolares, pois oportuniza aos acadêmicos e professores refletir e agir em busca da totalidade do conhecimento. Assim, é considerável o aumento da carga horária dos estágios obrigatórios, provocando maiores debates e ações respaldadas na democracia e na formação humana.

### REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 13.415/2017, de 13 de fevereiro de 2017**. 2017a. Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm) Acesso: 15 jan 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, SEB, 2017b. Disponível em:  
[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC\\_EnsinoMedio\\_embaixa\\_site\\_110518.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf) Acesso: 15 jan 2023.



BRASIL. **Portaria nº 1.432, de 28 de dezembro de 2018.** Estabelece os referenciais para elaboração dos itinerários formativos conforme preveem as Diretrizes Nacionais do Ensino Médio. Brasília, DF: Presidência da República, 2018. Disponível em: [https://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/70268199](https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/70268199) Acesso: 15 jan 2023.

DA SILVA, João Carlos Ribeiro; DA CRUZ MACHADO, Patricia Taborda; MACHADO, Lucio Mauro Braga. Planejamento escolar. **Anais da XVI Jornada Científica dos Campos Gerais**, v. 16, 2018. Ponta Grossa. 24 a 26 out 2018. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/jornada/article/view/790> Acesso: 15 jan 2023.

FREITAS, Antonia Aryanne Marques de. **O uso das tecnologias da informação e da comunicação na escola e o programa busca ativa escolar no contexto de pandemia da Covid-19.** 2021. 39 fl. (Trabalho de Conclusão de Curso)- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2811/1/TCC%20ANTONIA%20ARYANNE%20MARQUES%20DE%20FREITAS.pdf> Acesso: 15 jan 2023.

PARANÁ, Governo do. Secretaria de Estado da Educação. **Programa ‘Se Liga!’ oferece intensificação da aprendizagem para alunos da rede estadual.** Curitiba, 2020. Disponível em: <https://www.educacao.pr.gov.br/Noticia/Programa-Se-Liga-oferece-intensificacao-da-aprendizagem-para-alunos-da-rede-estadual> Acesso: 15 jan 2023.

PARANÁ, Governo do. Secretaria de Estado da Educação. **Relatório do controle interno exercício 2021.** Curitiba, 2022. p. 1-141. Disponível em: [https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos\\_restritos/files/documento/2022-03/relatorio\\_controleinterno\\_seed2021.pdf](https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2022-03/relatorio_controleinterno_seed2021.pdf) Acesso: 15 jan 2023.

PARANÁ, **Referencial Curricular para o Novo Ensino Médio do Paraná.** Curitiba: SEED, 2021a. Disponível em: [https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos\\_restritos/files/documento/2021-08/referencial\\_curricular\\_novoem\\_11082021.pdf](https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-08/referencial_curricular_novoem_11082021.pdf) Acesso: 15 jan 2023.

PARANÁ. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Educação e do Esporte. **Instrução normativa conjunta nº 008/2021.** Dispõe sobre a Matriz Curricular do novo modelo de oferta para o Ensino Médio na rede pública estadual de ensino do Paraná a partir do ano letivo de 2022. Curitiba, 2021b. p. 1-30. Disponível em: [https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos\\_restritos/files/documento/2022-01/instrucao\\_normativa\\_conjunta\\_0082021\\_deducdpgeeed\\_retificada.pdf](https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2022-01/instrucao_normativa_conjunta_0082021_deducdpgeeed_retificada.pdf) Acesso: 15 jan 2023.

## O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: RELAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA NA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO

SILVA, Flávia Carolina Lima<sup>49</sup>  
PASSOS, Isabeli da Silva<sup>50</sup>  
FRAQUETTA, Flávio<sup>51</sup>

**RESUMO:** Este artigo relata as experiências adquiridas no Estágio Supervisionado, na disciplina de Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar, no quarto ano do curso de Pedagogia, na Universidade Estadual do Paraná, Campus de Paranavaí. A instituição escolar, na qual foi realizado o estágio, é do município de Terra Rica, Paraná e atende apenas alunos do Ensino Médio, atendendo em três períodos, sendo matutino, vespertino e noturno. O estágio, foi dividido em duas etapas: a organização do trabalho pedagógico e a gestão escolar. As atividades desenvolvidas presencialmente, após um longo período pandêmico, tornaram as teorias e as práticas em um conjunto, portanto, por meio da realização dessa unificação, obtivemos as contribuições em nossa futura atuação pedagógica. Os objetivos deste estudo foram compreender a importância do dia do estudo e planejamento em um cronograma escolar, e a implementação do Novo Ensino Médio e construir metas e alcançar resultados, desenvolvidos durante o ano letivo, com o apoio e participação de todos (funcionários, professores, pedagogos, auxiliares e equipe diretiva). As metodologias utilizadas foram: estudos bibliográficos, análises na instituição, e as práticas no estágio decorrentes dos acontecimentos. Dessa forma, conseguimos perceber que é necessário um diálogo aberto, em enfoque, entre professores e pedagogos, correspondendo a toda trajetória de mudanças dentro do colégio que influencie diretamente ao aluno.

**Palavras-chave:** Organização do trabalho pedagógico; Gestão escolar; Estágio supervisionado.

### 1 INTRODUÇÃO

Este estudo, intenta formar sobre a disciplina de Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar (OTPG), com a realização do estágio supervisionado na instituição de ensino, no município de Terra Rica, Paraná, oportunizando as acadêmicas do quarto ano do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual do Paraná, Campus de Paranavaí, práticas em organizações, planejamentos e

---

<sup>49</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), flaviacarolinalimasilva29@gmail.com.

<sup>50</sup> Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), isabeli.passos10@gmail.com.

<sup>51</sup> Mestre, professor orientador do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), flaviofraquetta@gmail.com.



execução, no colégio, visando que se deve estar sempre mais preparado, com novas possibilidades, para melhorar o processo de atuação, das equipes diretivas e pedagógicas, pois, a escola não pode abrir mão das ações necessárias para a efetiva relação de ensino e de aprendizagem na formação humana.

A gestão escolar tem as competências de articular a comunidade escolar quanto aos aspectos pedagógicas, administrativos e financeiros tendo como prioridade iniciativas que impulsionem professores e estudantes ao bom desenvolvimento das situações de aprendizagem, abertura ao relacionamento recíproco com os alunos e seus familiares, criando um vínculo escolar e familiar, sendo os protagonistas.

Seu foco é a aprendizagem de qualidade, desenvolvendo conhecimentos apropriados à vida dos estudantes no dia a dia, quando todos os segmentos são conscientes dos indicadores e metas a serem alcançadas, promovendo ações subsidiárias que partam da realidade dos estudantes, com a intenção de fortalecer o aprendizado, mudança nas fragilidades de comportamento e intenções, com propósito de alentar nos estudantes perspectivas de futuro em sua vida.

É por meio da organização, que à o planejamento escolar desenvolvido nas dimensões da gestão pedagógica, gestão administrativa, gestão da infraestrutura e gestão de pessoas que a escola garante a organização necessária para levar adiante seus objetivos educacionais. Isso significa que a escola, para cumprir sua missão de modo a corresponder à qualidade esperada, precisa dispor das condições essenciais à realização de seu trabalho, e apesar de todas as dimensões serem fundamentais para que a escola produza os resultados esperados, ressaltamos que o principal objetivo da missão escolar está relacionado à sua dimensão pedagógica. Buss, ressalta que:

A escola é mediadora do processo educacional e formadora dos sujeitos de sua história e da história do seu entorno. Tem a função de incorporar o patrimônio cultural da humanidade; (re)construir o saber historicamente acumulado e apropriar-se do saber produzido e acumulado pela humanidade. A Escola possui ainda duplo papel, ou seja, de formar não somente os indivíduos para o mercado de trabalho, mas também uma cultura que, vem por sua vez, penetrar, auxiliar e modificar a cultura da sociedade atual. (BUSS, 2008, p. 09).

Assim, dando relevância a citação acima, a escola tem um papel fundamental na formação pessoal, profissional e cultural de cada aluno, ela tem esse dever de

transmitir os conhecimentos empíricos, correlacionados com as teorias, sendo fundamentais a utilização desses dois métodos para a evolução educacional.

Os objetivos deste estudo foram: compreender a importância do dia do estudo e planejamento em um cronograma escolar, após um período de pandemia e a implementação do novo ensino médio e construir metas e alcançar resultados, desenvolvidos durante o ano letivo, com o apoio e participação de todos (funcionários, professores, pedagogos, auxiliares e equipe diretiva). As metodologias utilizadas foram: estudos bibliográficos, análises na instituição, e as práticas no estágio, decorrentes dos acontecimentos.

Dessa forma, conseguimos perceber que é necessário um diálogo aberto, em enfoque, entre professores e pedagogos, correspondendo a toda trajetória de mudanças dentro do colégio que influencie diretamente ao aluno.

## **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A atividade de estudo e planejamento é importante para a organização das instituições de ensino, pois, é a partir desse encontro que é exposto todas os objetivos e questionamentos do corpo docente junto a equipe pedagógica. De acordo com Lopes (2014) “[...] o planejamento é uma ferramenta que serve como alicerce de um ensino de qualidade, entendemos que é a partir dele que o professor consegue organizar seu trabalho de forma clara e consistente”. Sendo assim, foi essencial presenciar a reunião de estudo e planejamento de um colégio localizado no Paraná, na cidade de Terra Rica, praticando a ação de compreender como acontece essa troca de idéias na prática.

Começaremos relatando então toda a trajetória da reunião, com a introdução do diretor, que ofereceu sua recepção a toda equipe pedagógica, as estagiárias, aos agentes educacionais e aos agentes de apoio presentes. Antes de passar sua fala para a vice-diretora, ele apresentou brevemente uma fala sobre a pandemia e os déficits consequentes e a importância daquele momento de aprendizagem e compartilhamento para todos.

Prosseguindo na recepção, a vice-diretora continuou dando ênfase a importância da reunião, no entanto, antecedente a isso comentou sobre alguns assuntos gerais, sendo eles:

- Uso das redes sociais pelos alunos em horário de aula;

- Festa Junina e sua organização;
- Objeção constantes dos discentes sobre provas aplicadas em um mesmo dia, totalizando 5 provas em uma única data.

A partir desse último respaldo, se fez uma discussão coletiva e os meios de resolver o problema. A conclusão foi disponibilizar todas as possíveis datas de avaliações no começo do ano e o lembrete para as mesmas, assim havendo um método de atender as queixas. Um breve cronograma das ações do dia foi disposto e as pedagogas, prosseguiram com as ações preparando os aparelhos eletrônicos para entrar na reunião, pelo *meet.com*, da explicação do Novo Ensino Médio, ofertado ao estado do Paraná.

A introdução de conteúdo ficou na responsabilidade do professor Emerson Pereira Franco que também ofereceu uma exposição sobre os impactos da pandemia nos diferentes períodos escolares e finalizou estruturando o debate com dúvidas ao final da palestra, escritas no chat ou abrindo os microfones.

Assim, a explanação passou a ser coordenada pela participante do núcleo de Educação de Curitiba, Gisele Adriano, que fez a sua apresentação pessoal e começou explicando a maior dúvida sobre o Novo Ensino Médio, ou seja, afirmou que a parte pedagógica estava em sua maior parte organizada, porém a questão da estrutura física ainda não corresponde a todas as expectativas, algumas das questões a serem resolvidas para mudar esse aspecto seriam: o PSS, os transportes escolares, as salas de aulas, entre outros.

Com o auxílio de um slide, Adriano objetivou sua apresentação em dois imperativos: Compreender o que são os itinerários Formativos e sua importância no contexto do NEM (Ensino Médio Normal), e entender que os itinerários Formativos devem promover o aprofundamento das aprendizagens e fomentar o protagonismo estudantil. A respeito dos Itinerários formativos, eles ainda não foram totalmente aplicados por estar em uma fase de reorganização e adaptação, passando de 200 hrs no primeiro ano para o aumento de mais duzentas horas no segundo ano, formando assim 400 hrs e no terceiro ano 600 hrs junto 400hrs de ensino regular, passando de 2400 hrs para 3000 hrs ao todo. Corroborando,

Um dos pontos de grande discussão a respeito do Novo Ensino Médio é a ampliação de 800 para 1400 horas a carga horária anual a ser cumprida pelo aluno. Cabe pensar em quem é este aluno do ensino médio brasileiro. Levando em conta os problemas socioeconômicos dos usuários da escola pública, há de se

considerar que muitos jovens, matriculados no ensino médio, contribuem para a renda familiar. Um aluno trabalhador dificilmente concluiria o curso nesse novo formato proposto. (SILVA; BOUTIN, 2018, p. 528).

A integração das áreas foi passada sucintamente pelo material de apoio, deixando explícito que o objetivo é ampliar as aprendizagens em duas áreas do conhecimento e contextualizar o conhecimento em algumas ações para diversas matérias, além de recorrer também para formação técnica e profissional, isto posto, as divisões ficaram em: CNT (Ciências da Natureza e suas tecnologias) composta pelos componentes curriculares de Biologia, Física e Química; CHS (Ciências Humanas e Sociais aplicadas) composta por História, Sociologia, Geografia e Filosofia; MAT (Matemática e suas Tecnologias) composta por Matemática; LGG (Linguagens e suas Tecnologias) composta por Arte, Educação Física, Língua Portuguesa e Língua Inglesa, posteriormente a formação Técnica e Profissional.

Nos Eixos estruturantes e suas competências ocorreu uma discussão em grupo dos professores sobre as vantagens de cada área, enquanto Gisele abordava os quatro eixos, que são: Investigação Científica, Processos Criativos e Mediação e Intervenção Sociocultural, e Empreendedorismo estendeu as suas relações, declarando que cada eixo tem 3 habilidades associadas às competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, e cada área do conhecimento tem 3 habilidades associadas a cada eixo estruturante. Assim,

A organização por áreas, como bem aponta o Parecer CNE/CP nº 11/2009<sup>25</sup>, “não exclui necessariamente as disciplinas, com suas especificidades e saberes próprios historicamente construídos, mas, sim, implica o **fortalecimento das relações** entre elas e a sua **contextualização para apreensão e intervenção na realidade**, requerendo trabalho conjugado e cooperativo dos seus professores no planejamento e na execução dos planos de ensino.” (BRASIL, 2019; ênfases adicionadas).

Desta forma, como a BNCC aponta, o intuito inicial não é excluir as disciplinas, mas interligá-las, fazendo com que todas as matérias trabalhem em correlação para aproximar a realidade atual dos alunos, os integrando ao conteúdo ofertado, no entanto uma reflexão a se fazer e o itinerário dos professores e a montagem de seus planos de ensino, que devem nessa perspectiva serem construídos juntos.

Encaminhando a reunião para seu encerramento, alguns assuntos mais

amplos foram tratados, assim, a adaptação de todo o ensino desde a Prova Brasil ao Ensino Superior para as novas atualizações de aprendizagem e juntamente as provas ingressantes dessas universidades, ou seja, tanto o ENEM como os vestibulares serão direcionados aos métodos e habilidades dos eixos citados anteriormente.

No decorrer, foram cedidos minutos para dúvidas que se disseminaram para os cursos técnicos e suas ofertas, os critérios para distribuição de aulas e sobre o Projeto de Vida, que estendeu assuntos internos, como quem era o professor responsável responsável e um pouco da explicação do que era esse projeto.

Ao retomar a fala, as pedagogas anunciam a atividade que seria feita no período vespertino e distribui os grupos de cada itinerário para realizar a didática, ainda acentua alguns pontos sobre o LRCO (Livro Registro de Classe Online), mostrando prós e contras, como prós a disponibilidade de um sistema rápido e online que consegue registrar as presenças e faltas de alunos por meio de um login e como contra, a dificuldade de abrí-lo ou por ensejo da internet ou do aparelho. Com esses obstáculos a solução plausível e de grande ajuda foi a convocação de alunos como monitores, assim apresentando as faltas em suas próprias salas de aula e conjuntamente com justificações.

Logo, defendendo a eficácia do Livro de Registro, assim como o *Classroom.com* para disponibilidade de inserir conteúdos e atividades para alunos em isolamento ou de atestado, tendo um controle geral de conduta de professores e alunos, finaliza com a retomada de matérias para alcançar as metas da Prova Brasil.

Retomaram as ações de planejamento, começaram a detalhar como seria feito o entrosamento entre as quatro áreas, assim dividindo os professores para Matemática e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais, Ciências Humanas e suas Tecnologias e Linguagens e suas Tecnologias. A intenção da movimentação era fazer a integração dos itinerários e mostrar como as unidades curriculares podem cooperar na hora de aplicar os conteúdos. Com os planos de aula prontos para suas disciplinas e já com as interrelações com as outras matérias todos se juntaram novamente para explanação, muitas inovações na forma de dar aula foram apresentados com mais práticas em novos projetos buscando ajuda de recursos que estariam em disposição para isso, o que gerou muita dúvida de qual era o limite, ou seja, até onde iria a teoria desse exercício e como poderiam executar com materiais reais dentro da infraestrutura do colégio.

Para encerrar as falas, ainda foram mencionados os descritores da Prova Paraná e as formas de alcançar os objetivos, a partir da fala da pedagoga Márcia com a Taxonomia de Bloom, que propõe objetivos principais aos alunos a fim de auxiliar ao desenvolvimento cognitivo nas competências e atitudes para aprendizagem, assim como cita Ferraz e Belhot (2010, p. 01), “Na educação, decidir e definir os objetivos de aprendizagem significa estruturar, de forma consciente, o processo educacional de modo a oportunizar mudanças de pensamentos, ações e condutas”.

Desta forma, todo o dia de estudo e planejamento teve fundamentação em várias pesquisas e documentos importantes para a Novo Ensino Médio e para o 2º trimestre de aprendizagens pós pandemia, abrindo muitas dúvidas ainda não esclarecidas sobre as práticas que serão elaboradas, permanecendo a idéia para as estagiárias de que essas novas metodologias não oferecem a melhor abordagem para o Ensino Médio e a sua efetiva ação de formar pessoas críticas que conseguem ingressar em meios de trabalho que transformam a realidade, mas apenas se tornam mecanismos da existência do mundo assim qual tal ele é definido pelas classes dominantes. Concluimos este dia com a vontade e esperança que nem todas as novas implementações na educação sejam comprovadas como pontos negativos ao longo do estágio, buscando compreender sobre as plataformas e sites que representam esse momento de volta as aulas pós-pandêmico.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em vista de todos os estudos abordados, observamos as ações dos profissionais de educação durante sua integração no dia de estudo e planejamento que compõe o cronograma escolar. Dentre as atuações vivenciadas destacamos a troca de experiências de professores e pedagogos, tanto sobre as principais direções que deveriam tomar para o sucesso do aluno, quanto para resolução de problemas decorrentes do novo ensino médio e dos déficits pós-pandêmicos, também os prós e contras dessas mudanças diante a recepção de aprendizagem do estudante.

Concluimos, destacando a importância da análise desses estudos e dessas ações para as acadêmicas durante a licenciatura de pedagogia, colaborando diretamente na futura atuação profissional, alcançando os objetivos de construir

metas e programar soluções para todas os obstáculos previstos, sendo assim, foram possíveis, por meio destas reuniões, compreender que cada colégio possui sua realidade de trabalho, o que está ligado também ao perfil que o aluno corresponde e as necessidade que esta reunião desenvolverá. Deixamos ainda a ideia de ampliar os estudos sobre os planejamentos escolares buscando o melhor atendimento aos professores e as dúvidas decorrentes da forma de desenvolver suas aulas atendendo ao currículo todo e ao sucesso da aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Secretaria de Alfabetização**. NA Política Nacional/Secretaria de Alfabetização. Brasília: MEC, SEALF, 2019.

BUSS, R. B. P. **Gestão Escolar**: cadernos de estudos. Indaial: Ed. ASSESLVI, 2008.

FERRAZ, A. P. do C. M.; BELHOT, R. V. Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. **Gest. Prod.**, São Carlos, v. 17, 2010, n.2, p.421-431, jan. 2010.

LOPES, Â. **A importância do planejamento para o sucesso escolar**. Monografia (Especialização em Gestão Pública Municipal) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. Redenção, p.60. 2014.

SILVA, K. C. J. R da; BOUTIN, A. C. Novo Ensino Médio e educação integral: contextos, conceitos e polêmicas sobre a reforma. **Educação**, Santa Maria. 2018, v.43, n.3, p.521-534. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1171/117157485009/117157485009.pdf>. Acesso em: 7. ago. 2022.

## **O PAPEL DA SALA DE RECURSO MULTIFUNCIONAL E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) COM FOCO NO DESENVOLVIMENTO DO ALUNO**

ROCHA, Maria Eduarda do Nascimento<sup>52</sup>  
OLIVEIRA, Nakelle Horrana Rodrigues de<sup>53</sup>  
DEMIZU, Fabiana Silva Botta<sup>54</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como intuito analisar as dificuldades encontradas no AEE dentro do âmbito escolar com base nas observações realizadas em campo de estágio obrigatório, desenvolvido na disciplina de Ensino e Estágio Supervisionado em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar (OTPG). Justifica-se o mesmo com a função de analisar a Sala de Recurso Multifuncional e compreender a organização do atendimento SRM em conjunto ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), prestado de forma complementar aos alunos com necessidades de atendimentos especializados. Partindo desta relação o Estágio Supervisionado ocorreu de forma presencial com apoio do cronograma personalizado pelas acadêmicas, ocorreu no âmbito educacional do ensino médio. Este relato consiste em uma temática de caráter bibliográfico, na qual é fundamentada em autores que evidenciam a proposta como Anjos (2011), Freitas (2014), dando seguimento com autores renomados.

**Palavras-chave:** Sala de Recurso Multifuncional. Atendimento Educacional Especializado. Inclusão escolar.

### **1 INTRODUÇÃO**

A pesquisa realizada tem como objetivo analisar a função da Sala de Recurso Multifuncional e compreender a organização do atendimento SRM em conjunto ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), prestado de forma complementar aos alunos com necessidade de atendimento especializado.

A pesquisa consiste em caráter bibliográfico, fundamentada em autores renomados sobre a temática como Anjos (2011), Freitas (2014) dentre outras utilizadas para a temática proposta, justificando as dificuldades encontradas no âmbito escolar com base nas observações realizadas em campo de estágio obrigatório desenvolvido na disciplina de Ensino e Estágio Supervisionado em

---

<sup>52</sup> Maria Eduarda do Nascimento Rocha do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Do Paraná (UNESPAR/Pvaí), eduardanasci07@gmail.com.

<sup>53</sup> Nakelle Horrana Rodrigues de Oliveira, do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), nakellehorrana48@gmail.com.

<sup>54</sup> Doutora; Professor orientador e/ou supervisor do Colegiado de Pedagogia de Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí). Fabybotta@hotmail.com



Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar (OTPGE), onde a mesma tem como objetivo proporcionar ao acadêmico o conhecimento do campo de atuação profissional, por meio das ações teóricas/práticas.

A educação escolar para pessoas com necessidades especiais é um desafio constantemente enfrentado na realidade das escolas regular, sendo assim a SRM pode contribuir para a afirmação ou pode potencializar o processo de ensino-aprendizagem de maneira que o educando avance nesse processo. Desse modo, evidencia-se que a SRM tem condições de estabelecer-se no ambiente escolar como campo de potencialização dos alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem, garantindo, por meio de atividades práticas a perspectiva de buscar meios mais próximo da inclusão social.

Partindo do princípio de que o atendimento educacional especializado não é uma ideia nova, buscamos Anjos (2011) no qual foi realizado uma pesquisa a nível nacional que visava analisar, primeiramente, como funcionavam nas escolas as salas de recursos educacionais que foram criadas desde os anos oitenta, a fim de atender uma demanda de deficientes que estavam matriculados regularmente nas escolas públicas. Segundo a autora:

As salas de recursos no Brasil foram criadas nos anos 80, embora tenha começado a ser pensada na década de 70, tendo como objetivo atender as pessoas com algum tipo de deficiência que estavam frequentando o ensino regular. Portanto, historicamente, a constituição da sala de recursos se deu no Brasil no ano de 1980, configurando-se em uma alternativa ao processo de segregação que as pessoas com deficiências enfrentavam no cotidiano. (ANJOS 2011, p. 02).

Portanto, podemos observar a necessidade da SRM desde a década de 70 quando se iniciou o pensamento de construção dessas salas para o atendimento a criança com necessidades especiais, iniciando-se então desde este período a inclusão escolar.

## **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os relatos feitos nesse trabalho são frutos de uma observação de estágio realizado no âmbito escolar, que teve por propósito a observação atenta das metodologias e práticas que são utilizadas pela professora da sala do SRM, onde a mesma ministrou suas aulas para crianças com necessidades especiais. O estágio

observado ocorreu no dia vinte e seis de outubro de dois mil e vinte dois, quarta-feira.

Com base em autores renomados desta temática pode-se afirmar que no Brasil o atendimento a alunos com necessidades especiais iniciou-se na década de mil novecentos e oitenta, passando-se por um processo integracionista que veio com o objetivo de integrar esses alunos com deficiências no âmbito escolar.

No Brasil, os registros históricos mostram que as pessoas com deficiências também eram excluídas da sociedade, e mesmo com grandes conquistas alcançadas, ainda passam por dificuldades para serem aceitas e atendidas adequadamente, tanto no âmbito escolar, como em qualquer espaço social. No que diz respeito a políticas voltadas para a educação, o Brasil, como outros países vem ao longo dos tempos desenvolvendo um processo lento no que se diz respeito a Educação Especial. A assistência aos deficientes no Brasil deu-se no século XIX por iniciativas particulares e isoladas, refletindo o interesse de alguns educadores pelo atendimento educacional, inspirados por experiências de europeus e norte-americanos.

Segundo Miranda (2008, p. 36 apud RODRIGUES, p. 3) em mil novecentos e oitenta e oito “ficou assegurado pela constituição Brasileira, o atendimento educacional de pessoas que apresentam necessidades especiais”. No entanto a autora vem apresentar que “para reforçar a obrigação do país em prover a educação é publicada em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional” (Ibidem).

Com toda as mudanças encontradas durante a primeira menção oficial às salas de recursos multifuncionais aconteceu no âmbito do Plano Nacional de Educação, de 2007, que traçava uma série de metas para todos os níveis educacionais e que adotava uma visão sistêmica, derrubando as barreiras entre educação regular e especial, voltada a pessoas com deficiência.

Sua multifuncionalidade decorre do fato de ser equipada para atender, ao mesmo tempo, pessoas com diversos tipos de deficiência, permitindo um olhar singular para cada aluno, e não um enfoque coletivo.

Com base na prévia explicativa sobre a sala de recursos multifuncional, na observação participativa na qual observamos, explicou brevemente como funcionava a sala e as peculiaridades existente, a mesma afirmou que naquele ambiente escolar possui duas salas de recursos multifuncionais, onde atende vinte alunos porém com separadas por grupos e a mesma possui o planejamento mensal de cada aluno,

pois, cada um tem sua especificidade.

A sala possui diversos equipamentos como: jogos pedagógicos, brinquedos, impressora, espelho, Data Show, tablet, notebook, quadro, cadernos dentre outros equipamentos, os tablet cada aluno tem o seu, porém o equipamento é da escola e quando necessário a atividade é realizada pelo mesmo, ou seja, quando é planejado algo para usar o tablet é disponibilizado para os alunos usarem.

A professora afirmou que na sala ela trabalha voltado para as matérias dos alunos, e as principais são Língua-Portuguesa e Matemática, onde, a mesma desenvolve atividades voltadas para essas matérias específicas, fazendo com que o aluno desenvolva o raciocínio lógico.

O profissional que atua dentro dessa área deve ter uma formação especializada, conforme diz FERREIRA, LIMA e GARCIA (2015, p. 3):

O profissional que atua neste atendimento é o professor de educação especial, que deve ter formação específica na área de atuação. No atendimento realizado no contra turno, as necessidades e potencialidades são trabalhadas, com a finalidade de oferecer novos caminhos para aprender, ao aluno público-alvo da educação especial, e de fato ter suas diferenças atendidas e respeitadas. A partir do atendimento, o professor de educação especial pode contribuir com observações e sugestões quanto ao trabalho realizado em sala de aula, para juntamente com o professor do ensino comum pensem em possibilidades de intervenção.

No momento a Sala de Recurso Multifuncional do ambiente observado atende alunos com vários laudos que comprovam a necessidade de um auxílio em contra turno, podendo-se afirmar que o sucesso do processo de ensino aprendizagem para a criança com deficiência relaciona-se através das possibilidades de acesso a métodos e recursos específicos às suas necessidades. Brasil (2007), afirma que:

O Atendimento Educacional Especializado oferecido ao aluno com deficiência intelectual deve permitir que esse aluno saia de uma posição de “não saber” ou de “recusa de saber” para se apropriar de um saber que lhe é próprio, que ele o construiu (BRASIL, 2007 p. 20).

A SRM Atende alunos com o transtorno do espectro autista (TEA) que é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades.

Por meio das falas das professoras, foi possível observar que as mesmas possuem uma grande expectativa em relação aos seus alunos, mesmo em meio a dificuldades e desafios em que enfrentam no seu cotidiano, acredita no potencial de seus alunos e com essas atitudes mostra que realmente precisa estar sempre comprometida com a aprendizagem dos alunos. Dessa forma, Vieira (2012, p.39) afirma que “conhecer sobre este papel influencia diretamente na prática que esse professor vai desempenhar durante o processo de ensino e aprendizagem”. Onde nesta prática também deve exigir a mediação e o auxílio do professor a todo momento, pois, o aluno precisa cada vez mais de se desenvolver.

Quanto dito ao planejamento, foi possível notar que nas salas de recursos multifuncionais, o plano de aula ocorre mensalmente na qual é elaborado um projeto para trabalhar com os alunos individualmente, respeitando as limitações de sua deficiência, onde são definidos objetivos para cada assunto abordado das matérias oferecidas. Com isto mostra-se a importância dos projetos a serem desenvolvidos dentro do âmbito escolar a fim de estimular o desenvolvimento cognitivo dos educandos, para que diminuíssem as dificuldades nas salas de aula regular e os alunos possam estar incluídos realmente no PPP da escola com todas as suas necessidades educacionais.

Dessa forma, fica nítido que nesta seção do artigo trouxemos relatos sobre a observação participativa, onde tem como objetivo analisar a função da Sala de Recurso Multifuncional e compreender a organização do atendimento SRM em conjunto ao Atendimento Educacional Especializado (AEE). O AEE “é um serviço da educação especial, realizado no período contrário ao frequentado pelo aluno no ensino regular, e sua oferta é obrigatória a todos os alunos público alvo da educação especial” (BRASIL, 2008), prestado de forma complementar aos alunos com necessidade de atendimento especializado.

A partir da perspectiva da educação inclusiva, faz-se necessário refletir sobre o atendimento aos alunos público alvo da Educação Especial que frequentam a escola regular e o currículo comum, observando o atendimento de suas necessidades, visto que seu processo de ensino e aprendizagem, assim como os demais alunos, é único e constituído de peculiaridades.(FERREIRA, LIMA, GARCIA, 2015, p. 4).

Podemos observar a grande importância de refletirmos sobre a educação desses alunos que precisam de um atendimento especializado, mas que estão inseridos em escolas regulares, talvez por não terem um diagnóstico ou por não

aceitação dos pais o que acaba impedindo desses pais correrem atrás dos direitos que estão previstos em lei para o atendimento dessa criança.

Pode-se concluir então, que atualmente o âmbito escolar observado possui somente duas salas de recurso multifuncionais, exercendo o papel de auxílio para promover a inclusão na escola, além de fornecer condições de acesso à aprendizagem aos alunos da Educação. Mas lembre-se, essa é uma sala em que todos participam, contribuindo para a construção de uma aula mais diversa e integrada.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Desse modo concluímos que durante muito tempo pessoas com deficiência foram segregadas da sociedade sendo impedidas de exercer seu papel como cidadãs com direitos e deveres, por serem consideradas como improdutivas e, assim excluídas do convívio escolar e social, uma vez que eram consideradas incapazes tendo que se adequar as regras imposta pelo sistema social.

Com isso este trabalho teve por objetivo retornar suncitamente ao debate que ainda é pulsante na sociedade, no sentido de observar a realidade de uma escola, e mais especificamente de educadoras, que trabalha com a sala de recursos multifuncional destinada ao atendimento de crianças com deficiência.

É notório que as contribuições oferecidas por práticas inclusivas nos ambientes escolares fortalecem as bases da educação especial. Portando, a observação realizada na sala de recursos multifuncional contribuiu para que nós conhecêssemos como funciona essa sala e quais alunos que atende, pois, as matérias específicas que são utilizados os conteúdos são Língua portuguesa e Matemática.

Assim, verificamos que as acadêmicas obtiveram experiências e resultados gradativos para a construção de conhecimento, no qual participou e em conjunto pode ver a realidade de uma Sala de recurso Multifuncional.

### **REFERÊNCIAS**

ANJOS, R. S. O atendimento educacional especializado em salas de recursos. **Revista fórum identidades**. Itabaiana, ano 5, v. 9, jan.\jun. 2011.

BRASIL. Ministério da educação, secretaria de educação especial – Experiências **Educacionais Inclusivas: Direito à Diversidade** / Organizadora, Berenice W. Roth – Brasília, 2007.

FERREIRA, Simone de Mamann; LIMA, Eloisa Barcellos de; GARCIA, Fernanda Albertina. O serviço de Atendimento Educacional Especializado/AEE e Práticas Pedagógicas na Perspectiva da Educação Inclusiva. **Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica**. Recife, v.1, n.1, p.46-61, 2015.

FREITAS, F. M. C. Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica: Em Discussão a Sala de Recursos Multifuncional. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Paranavaí, V.2, n.1, p. 1-27, pde.2014. Acesso em: 26 out. 2022.

MIRANDA, A. B. **Educação Especial no Brasil: desenvolvimento histórico, Cadernos de História da Educação**, n. 7, p.29-44, jan./dez. 2008.

OLIVEIRA, A. Importância da formação dos profissionais da educação para atender alunos com deficiência no ensino regular. **Revista científica eletrônica de ciências sociais aplicadas da EDUVALE**, Jaciara, ano 4, n. 6, p.16, nov.\ 2011.

## **O PAPEL DO DIRETOR ESCOLAR E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE PEDAGOGIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

BECKAUSER, Júlia Silvério<sup>55</sup>  
SANTOS, Gabriela Santinone dos<sup>56</sup>  
FRAQUETTA, Flávio<sup>57</sup>

**RESUMO:** Com este relato de experiência buscamos apresentar as relações do processo formativo teórico-prático vivenciado pelas acadêmicas do 4º ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná, Campus Paranavaí, no decorrer das ações da disciplina de Ensino e Estágio em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar em um colégio da rede estadual de ensino, localizada na região noroeste do Estado do Paraná, no ano de 2022. Como objetivo central, elegemos apresentar as contribuições do estágio em organização do trabalho pedagógico e gestão escolar, visto que a construção deste artigo fundamenta-se nos estudos durante a graduação e na experiência vivenciada pelas autoras na prática do estágio na instituição de ensino. Assim, afirmamos que a função do gestor pedagógico é um desafio muito grande, visto que o profissional precisa estar em uma formação contínua, pois é uma profissão muito árdua e administrar uma escola é reconhecer toda a organização pedagógica para que tudo aconteça. É necessário que o profissional tenha formação para dar subsídio, dar suporte. A condição de ser profissional da educação independe de qualquer posição partidária, é preciso sim lutar pelos direitos mas também entender os seus deveres, ter o papel claro. As atribuições do diretor geral de um colégio são diversas e requer do profissional uma formação continuada, boa relação com os demais profissionais. Assim sendo, a gestão escolar exige uma organização, para que o trabalho pedagógico e todas as instâncias do colégio caminhem rumo a função da escola, se faz necessário um ambiente que favoreça a gestão democrática.

**Palavras-chave:** Gestão Escolar; Educação; Diretor Escolar.

### **1 INTRODUÇÃO**

Este relato refere-se ao processo formativo teórico-prático vivenciado pelas acadêmicas do 4º ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná, Campus Paranavaí, no decorrer das ações da disciplina de Ensino e Estágio em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar em um colégio da rede estadual de ensino, localizada na região noroeste do Estado do Paraná, no ano de

---

<sup>55</sup>Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), julia.beckausser@gmail.com.

<sup>56</sup>Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), gabrielasantinone@gmail.com.

<sup>57</sup>Mestre, Professor orientador do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), flaviofraquetta@gmail.com.

2022. Considerando a importância do Estágio supervisionado na formação de novos docentes Bernardy e Paz (2012) afirmam que,

O estágio supervisionado vai muito além de um simples cumprimento de exigências acadêmicas. Ele é uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional. Além de ser um importante instrumento de integração entre universidade, escola e comunidade. (BERNARDY; PAZ, 2012, p. 01).

Assim sendo, o objetivo central é trazer as contribuições do estágio em organização do trabalho pedagógico e gestão escolar, concomitantemente as reflexões respeito dos desafios do dia-a-dia da prática gestão escolar salientando a importância que se tem em unir os conhecimentos teóricos com os conhecimentos adquiridos ao longo da prática pedagógica.

A construção deste artigo fundamenta-se nos estudos durante a graduação e na experiência vivenciada pelas autoras na prática do estágio na instituição de ensino como por exemplo: as observações realizadas e a entrevista com a equipe gestora.

## **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O estágio supervisionado em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar garante aos acadêmicos de Pedagogia o contato com as diversas questões do colégio, entre elas o diálogo com a diretora, onde é possível compreender a fundo a importância desse profissional da educação. Em uma entrevista com as acadêmicas, a Diretora do colégio onde ocorreu a prática dos estágios iniciou dizendo que a função da gestora é um desafio muito grande, visto que o profissional precisa estar em uma formação contínua, pois é uma profissão muito árdua.

De acordo com Martins e Brocanelli (2011, p. 81), “[...] gerir uma escola é organizar, mobilizar e articular todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir o avanço dos processos sócio-educacionais das escolas”, ou seja, relacionando a fala da diretora com os autores citados, é perceptível que o trabalho do diretor é fundamental,

Muito mais que conhecimentos burocráticos, o perfil do diretor, atualmente, tende a incluir cada vez mais sua atuação vinculada ao trabalho pedagógico. O diretor de escola deve favorecer um ambiente em que o professor seja eficiente e, sobretudo, saiba



ensinar e orientar seus estudantes, tendo ações permeadas de um profissionalismo interativo, com uma visão de formação contínua ao longo de sua carreira. (MARTINS; BROCANELLI, 2011, p. 81).

Esse profissional deve articular suas ações com o objetivo de fazer o trabalho acontecer, não somente de algum cargo ou outro, mas sim de todos, professores, pedagogos, secretários, cozinheiras, agentes de limpeza, entre outros. A diretora entrevistada é formada em Pedagogia, Música e Artes Visuais, é pós-graduada em psicopedagogia, possui formação para trabalhar com Educação Especial e também para atuar como supervisora, orientadora e na administração escolar, é mestre em Políticas Educacionais e pretende futuramente ingressar no doutorado. Sobre a eleição para o cargo de diretora geral, ela explicou que o processo foi feito com a comunidade escolar, por meio de votação, como o seu processo foi realizado na pandemia os pais não puderam participar. Não se tem hoje a necessidade de uma graduação em gestão, o que é preciso de acordo com a resolução é uma formação em gestão proposta pelo Estado, essa formação foi ofertada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG.

Ela está a um ano neste cargo, porém trabalhou como professora em uma organização socioeducativa por 14 anos, como diretora auxiliar no colégio por 5 anos, já teve uma demanda de 60 horas como professora e atualmente é professora do curso de pedagogia EAD do Centro Universitário UniFatecie. Diante disso, a diretora fala que o seu cargo é um grande desafio, pois requer sempre uma nova aprendizagem, além de proporcionar o reconhecimento do ser humano, entender cada espaço da escola. Suas atribuições são diversas, atua com a gestão pedagógica, financeira e administrativa.

Dentro da organização da mantenedora é necessário atuar fortemente na gestão pedagógica, por meio de estratégias como: observação de sala de aula, acompanhar hora atividade, aprendizagem e frequência escolar, demandas que precisam avançar, o diretor precisa trabalhar dentro dessa organização, isso se afirma nos estudos de Martins e Brocanelli (2011) quando relatam que nos últimos as atividades do diretor aumentaram significativamente, como consequência disso os profissionais da gestão escolar enfrentam situações problemáticas e cabe a eles resolvê-las em diferentes níveis e planos, tem a tarefa também de levar os professores a se desenvolverem profissionalmente, para tanto devem propor incentivos que fomentem ações pedagógicas novas.

Para auxiliar a diretora no colégio onde realizou-se o estágio, existem duas diretoras auxiliares, ambas têm autonomia de trabalhar na direção geral, pois conduzem o mesmo direcionamento, avaliam e retomam. O diretor geral é o carro chefe que precisa motivar, interagir possibilidades, é um suporte do professor, condição para que o trabalho aconteça. Nesse sentido,

Muito mais que conhecimentos burocráticos, o perfil do diretor, atualmente, tende a incluir cada vez mais sua atuação vinculada ao trabalho pedagógico. O diretor de escola deve favorecer um ambiente em que o professor seja eficiente e, sobretudo, saiba ensinar e orientar seus estudantes, tendo ações permeadas de um profissionalismo interativo, com uma visão de formação contínua ao longo de sua carreira. (MARTINS; BROCANELLI, 2011, p. 81).

Administrar uma escola é reconhecer toda a organização pedagógica para que tudo aconteça. Precisa ter formação para dar subsídio, dar suporte. A condição de ser profissional da educação independe de qualquer posição partidária, é preciso sim lutar pelos direitos, mas também entender os seus deveres, ter o papel claro.

Sobre a estrutura física, no colégio visitado há 1800 estudantes no Sistema Estadual de Registro Escolar - SERE, que é um sistema de matrícula da instituição pública, além de 400 estudantes advindos da pandemia que não constam no sistema. Atualmente existe uma rotatividade de 2200 alunos. O colégio possui 130 professores, fora os agentes educacionais, profissionais da secretaria, limpeza, entre outros, e possui 12 pedagogas que dobram, têm carga horária máxima dentro do colégio o que possibilita uma condução de trabalho alinhado.

As modalidades de ensino ofertadas são: Ensino Regular, Fundamental e Médio. Ensino Subsequente, Educação Profissional voltada para área da saúde: Estética, Enfermagem, Prótese, Técnico em Saúde Bucal, os estudantes que buscam esses cursos passam por um teste seletivo. No Ensino Médio Integrado, tem os itinerários: Sistema na área de computação; Semi-presencial, que consta com uma tutora que trabalha com a organização tecnológica. Inicialmente foi um grande desafio, mas atualmente no colégio tem uma profissional formada nessa área trabalhando com os alunos.

De acordo com a diretora, em dois mil e vinte três será ofertado um novo itinerário na área da saúde para os alunos do 9º ano. O colégio também oferta salas de Atendimento Educacional Especializado - AEE na área da surdez, sala de recursos multifuncional, programas EDUTECH, empreendedorismo, mais

aprendizagem, programas adicionais ofertados pelo governo como futsal, parceria com a Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR que oferta o programa meninas empoderadas, trabalho complementar em reconhecimento de gênero, kickbox, entre outros.

O programa mais aprendizagem abarca todos os estudantes, o estado propõe uma rotatividade para alunos que possuem dificuldade em leitura, escrita, interpretação, o professor desse programa faz rotatividade de acordo com o avanço dos estudantes.

Sobre o perfil do colégio, a diretora explicou que trabalha por georreferencial, que são os bairros aproximados, ou seja, os alunos que fazem parte do corpo escolar são os que moram nas regiões próximas ao colégio, no entanto, com a implementação da escola cívica, o responsável pelo estudante tem o direito de buscar outra escola. Um desafio enfrentado pelo colégio é a relação com as famílias, essas em sua grande maioria são de classe média e baixa, ou seja, os alunos precisam da condição da escola pública, do ensino gratuito e de qualidade, da merenda, para isso é preciso sempre reafirmar a função da escola, que é proporcionar conhecimento científico, todavia é de conhecimento que existem diferentes situações onde os estudantes não têm acesso a uma boa alimentação em casa, sobre isso a diretora diz que ninguém aprende sem que as condições externas não sejam favoráveis.

Outro assunto levantado pela diretora foi sobre a rede de apoio que atualmente está sobrecarregada, tendo em vista que 90% dos problemas enfrentados são externos, problemas pessoais dos estudantes ou até mesmo dos próprios pais e responsáveis, isso faz com que o colégio muitas vezes pense em estratégias que resolvam essas questões antes de chegar no pedagógico, essa situação muitas vezes atrasa os processos de ensino e de aprendizagem. É ressaltado pela diretora que os professores também possuem suas demandas pessoais, portanto é muito difícil cobrar uma informalidade da escola, pois o papel da escola vem se resignificando, entretanto nunca deixando as regras de lado, isso fica evidente já que o horário da aula deve ser cumprido, horário do lanche, normas de conduta, entre outros, para isso o papel da escola deve ser assegurado.

Sobre o recurso financeiro da escola, a diretora relata que até o mês de agosto de 2022, o colégio recebia um capital de R\$ 6.000,00 que servia para a manutenção, compra de gás, vassoura, materiais de limpeza no geral, toner, entre

outros materiais, mas em setembro do mesmo ano, o fundo rotativo veio no valor de R\$ 9.000,00, esse aumento auxiliou muito, pois os gastos com o colégio são altos. A respeito dos recursos humanos, ela relatou que muitos professores foram afastados após a pandemia, pois adoeceram e nesse momento tem sido o maior desafio, tendo em vista que duas dessas profissionais afastadas auxiliavam na administração e legislação do colégio.

A maior realização relatada pela diretora foi reconhecer pessoas, encontrar potencial, e por meio de uma liderança bem elaborada descobrir novas qualidades nos profissionais. Partindo disso, afirma que a relação com a equipe pedagógica é boa, no entanto, existem alguns problemas, pois não é fácil ocupar um lugar de liderança, algumas conversas requerem uma posição não tão agradável, mas de maneira geral, é possível auxiliar e promover um bom trabalho pedagógico. A gestão democrática é exercida no colégio, a diretora explana que sempre conversa com os profissionais, está aberta ao diálogo e a prestar a ajuda necessária, é primordial que todos estejam a par de tudo. Sobre a gestão democrática, para Jacomini (2018, p. 13),

A escola precisa ser estruturada em uma qualificação social e profissional integrando a comunidade escolar na tomada de decisões e na participação. Nesta perspectiva, para que a gestão escolar democrática se efetive, o desempenho do diretor de hoje deve estar focado em manter a organização da escola em todos os aspectos e, principalmente, no aspecto pedagógico, primando pela participação de todos na tomada de decisões e descentralização do poder. (JACOMINI, 2018, p. 13).

Uma dificuldade encontrada nesse percurso é trazer a família para escola, para de fato colocar a gestão democrática de forma plena, os únicos pais que vem participando são aqueles que estão presentes nas instâncias, retomar a parceria com os pais tem sido um desafio. Jacomini (2018) explana que cabe a gestão envolver e mediar a interação entre o aluno/professor/família, visto que essa ação permite uma visão educacional emancipadora onde é integrado teoria e prática objetivando a construção social e cultural do aluno, vislumbrando possibilidades para a criação e a efetiva participação escolar. Uma possível solução para fomentar a gestão democrática seria “[...] o desenvolvimento participativo do projeto pedagógico, a criação do Conselho Escolar, eleição de diretores, participação dos pais, professores, funcionários e estudantes nas tomadas das decisões, dentre outras” (JACOMINI, 2018, p.16).

Acerca da evasão escolar no colégio, tem sido feita busca ativa de 216 alunos afastados, os métodos de recuperação desses estudantes tem sido ligação, visitas domiciliares, entre outras estratégias. A falta de motivação para os estudos muitas vezes provém porque os pais não entendem que a escola é uma obrigação, na modalidade de Educação Básica não nenhum estudante maior de idade, ou seja, eles são regidos pelos responsáveis. O Instituto Unibanco (2016) realizou uma pesquisa onde apresentam que compreender o perfil do jovem que evade a escola e identificar em quais situações esse movimento é mais provável de ocorrer são ações importantes a serem realizadas pelos gestores das escolas e sistemas educacionais. Assim,

Os estudos feitos com dados do IBGE e do MEC indicam que há grupos em maior risco. São jovens de baixa renda, em sua maioria negros, que trocam (especialmente no caso dos homens) com frequência os estudos por um trabalho precário ou que (no caso das mulheres) ficam grávidas já na adolescência. Sobre muitos desses fatores externos, a escola tem pouca interferência. Há, porém, razões que levam ao abandono e que estão mais diretamente ligadas ao ambiente escolar. É o caso da repetência e do desinteresse do jovem pelos estudos, motivados pela baixa qualidade do ensino e por um currículo. (INSTITUTO UNIBANCO, 2016, p. 04).

A diretora relatou que o aluno precisa querer permanecer na escola, mas para isso precisa ser motivado mesmo dentro dessa defasagem. Para solucionar esses casos o colégio faz busca ativa, reunião permanente, acompanhamento de hora atividade, atendimento, organização de metodologias diferentes, espaços atrativos, rede de apoio, projetos complementares, parceria com o processo jurídico.

No que concerne ao Novo Ensino Médio, o colégio está em processo de formação com o Estado, muitos professores ainda estão compreendendo essa novas mudanças por meio de pesquisas, conversas e grupos de estudos. Dentro dessas condições, o colégio está fazendo o possível e o impossível para que tudo ocorra da melhor forma, os estudantes do 1º ano já passaram pela escolha dos itinerários, o 9º ainda não, mas já estão sendo auxiliados para que essa escolha seja a mais coerente.

O colégio trabalha com a inclusão, motivá-los na esfera docente e discente. Em relação a uma educação inclusiva, a diretora explica que são propostos os projetos de Atendimento Educacional Especializado - AEE, sala de recursos, mais aprendizagem, observação dentro de sala de aula, olhar diferenciado, que muitas

vezes fazem a diferença, pois recentemente descobriram um aluno autista no 6º ano.

Os pais, nestes casos, estão abertos ao diálogo, mas às vezes ocorrem casos de negligência. Em algumas situações tem o auxílio da psicopedagoga, porque algumas famílias não têm condições para pagar a avaliação. Tem um professor formado em psicologia na escola que muitas vezes auxilia nesse processo. E finalizando, a diretora relata que não há arrecadações no colégio nem cantina, pois seria uma demanda a mais, no entanto, em condições especiais através do Grêmio Estudantil são realizadas algumas promoções para auxiliar em demandas específicas.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em toda experiência que obtivemos no decorrer de nossa graduação em Pedagogia, com a inserção na prática docente, observando os desafios do dia-a-dia da gestão escolar, concluímos que as atribuições do diretor geral de um colégio são diversas e requer do profissional uma formação continuada, boa relação com os demais profissionais, e a gestão escolar exige uma organização, para que o trabalho pedagógico, e para que todas as instâncias do colégio caminhem rumo a função da escola, se faz necessário um ambiente que favoreça a gestão democrática.

### REFERÊNCIAS

BERNARDY, K.; PAZ, D. M. T. Importância do estágio supervisionado para a formação de professores. **XVII Seminário Interinstitucional de ensino, pesquisa e extensão**. Anais: Unicruz, p. 1-4, 2012.

INSTITUTO UNIBANCO. Quem são os jovens fora da escola. **Aprendizagem em Foco**, [S. l.], n. 5, p. 1-4, 2016. Disponível em: [https://www.institutounibanco.org.br/wp-content/uploads/2016/01/Aprendizagem\\_em\\_fo-co-n.05.pdf](https://www.institutounibanco.org.br/wp-content/uploads/2016/01/Aprendizagem_em_fo-co-n.05.pdf). Acesso em: 13.jan.2023.

JACOMINI, A. **O papel do diretor na gestão escolar democrática**. 2018. 29f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Maria, Três Passos. 2018.

MARTINS, A. P. M.; BROCANELLI, C. R.. O papel do diretor de escola frente aos

Anais do II Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do curso de  
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí  
13, 14 e 15 de fevereiro de 2023

novos desafios da gestão escolar. **Colloquium Humanarum. ISSN: 1809-8207**,  
[S.l.], v. 7, n. 2, p. 80 – 85, 2011. Disponível  
em: <https://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/518>. Acesso em: 13.jan.2023.

## **PARTICIPAÇÃO EM UMA REUNIÃO DE CONSELHO DE CLASSE POR MEIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM OTPGE**

SANTOS, Beatriz Caroline dos<sup>58</sup>

SANTOS, Sthefani Dias dos<sup>59</sup>

PEREIRA, Cássia Regina Dias<sup>60</sup>

**RESUMO:** O presente relato de experiência apresenta uma análise sobre uma reunião de conselho de classe que fez parte das atividades obrigatórias da disciplina de Ensino e Estágio Supervisionado em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar (OTPGE), vivenciadas pelas estagiárias acadêmicas do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) — *Campus* Paranavaí. O Estágio Supervisionado em OTPGE é uma disciplina curricular obrigatória na formação de professores e seu objetivo geral é proporcionar ao acadêmico, o conhecimento do campo de sua atuação profissional por meio de ações teórico-práticas, adquiridas durante as horas estagiadas numa instituição escolar, esperando que o estudante adeque seu olhar de educador-pesquisador para a escola: um olhar investigativo, reflexivo, questionador e atento às práticas desenvolvidas no espaço escolar e para as relações nele estabelecidas, ao cenário, aos recursos e à sua utilização, à seleção de conteúdos e aos métodos escolhidos para o ato educativo/formativo e gestor. As atividades foram realizadas no Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto (Unidade Polo), entre os meses de julho a novembro de 2022, com carga horária de 50 horas, distribuídas em atividades de Gestão Escolar (12 horas) e Organização do Trabalho Pedagógico (38 horas). A relação universidade-escola por meio dos estágios supervisionados se constitui como um espaço enriquecedor de pesquisa, da parceria de colaboração entre Educação Básica e Ensino Superior, de trocas formativas, ampliando o universo cultural de todos os envolvidos. Todas as ações desempenhadas durante o estágio permitiram que as acadêmicas do curso de Licenciatura em Pedagogia tivessem uma dimensão teórica e prática que, com certeza, nortearão a formação profissional, com noções da escola em seus aspectos administrativos, de orientação e de supervisão. Destacamos que o Conselho de Classe é uma instância colegiada importante para o processo de ensino e de aprendizagem de qualidade, contribuindo para a análise diagnóstica e para os encaminhamentos pedagógicos.

**Palavras-chave:** Processo de ensino e de aprendizagem. Reunião de Conselho de Classe. Estágio Supervisionado em OTPGE.

### **1 INTRODUÇÃO**

A Lei Federal n.º 9394/96 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, prevê no seu artigo 64 que: “a formação

---

<sup>58</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), beatrizsantos1956@hotmail.com.

<sup>59</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), diassthefani@hotmail.com.

<sup>60</sup> Doutora em Educação; Professora do Colegiado do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), cassiadiaspereira@yahoo.com.br.



de profissionais de Educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a Educação Básica, será feita em cursos de graduação em Pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nessa formação, a base comum nacional”.

Em seu Art. 61, orienta que a formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos: I- A associação entre teorias e práticas, inclusive mediante capacitação em serviços; II- Aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades.

Essas orientações alteram profundamente não só a estrutura dos cursos responsáveis pela formação dos profissionais da educação como também a forma de concepção dessa formação que influenciará o princípio metodológico geral que enfatiza que “todo o fazer implica uma reflexão e toda reflexão implica um fazer, ainda que nem sempre este se materialize”, facilitando ao futuro profissional a tarefa de integração e transposição do conhecimento sobre o ensino e aprendizagem para o conhecimento na situação de ensino e aprendizagem, participando da reflexão sistemática sobre esse processo.

Além disso, reforça o princípio tão difundido hoje do trabalho coletivo. A exigência de ações compartilhadas de produção coletiva possibilita o desenvolvimento da criatividade, da criticidade, da autonomia profissional e intelectual, do senso de responsabilidade pessoal e coletivo que fundamentam a ética profissional tão necessária na formação dos profissionais da área.

O reconhecimento da necessidade dessa atuação coletiva dos formadores transforma-se em eixo articulador das dimensões teóricas e práticas que nortearão a formação do profissional que pretende atuar em administração, supervisão e orientação.

Desse modo, o Estágio Supervisionado em Gestão Escolar e Organização do Trabalho Pedagógico é uma disciplina curricular obrigatória na formação de professores e seu objetivo geral é proporcionar ao acadêmico, o conhecimento do campo de sua atuação profissional por meio das ações teórico/práticas, adquiridas durante as horas estagiadas numa instituição escolar, oferecendo situações didáticas para que os futuros profissionais, das áreas em questão, utilizem os conhecimentos que aprenderam e mobilizem também outros oriundos de diferentes

naturezas e diferentes experiências em diferentes tempos e espaços curriculares, dotando-o do instrumental prático indispensável ao desempenho de sua futura atividade profissional.

Com estas experiências, espera-se que o acadêmico adeque seu olhar de educador-pesquisador para a escola: um olhar investigativo, reflexivo, questionador e atento às práticas desenvolvidas no espaço escolar e para as relações nele estabelecidas; ao cenário, aos recursos e à sua utilização, à seleção de conteúdos e aos métodos escolhidos para o ato educativo/formativo e gestor, conforme a sua história.

O estágio realizado foi no Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto (Unidade Polo), localizado no município de Paranavaí — PR, entre os meses de julho a novembro de 2022, com carga horária de 50 horas, distribuídas em atividades de Gestão Escolar (12 horas) e Organização do Trabalho Pedagógico (38 horas).

A instituição atende ao Ensino Regular; Atendimento Educacional Especializado (AEE); Centro de Atendimento Especializado na Área da Surdez (CAES); cursos subsequentes no período noturno nas áreas da saúde (Enfermagem, Saúde bucal, Prótese e Estética); Técnico em Desenvolvimento de Sistemas na modalidade semipresencial; e oferta programas complementares — o Edutech, Empreendedorismo, Programa Mais Aprendizagem, Futsal, Kickboxing, Projeto Meninas Empoderadas (parceria com a UNESPAR e a Fundação Araucária).

Segundo o Sistema Estadual de Registro Escolar (SERE), a Unidade Polo conta com uma estrutura física de 1.800 estudantes e mais de 400 estudantes vindos do período pandêmico, que não constam no sistema. Sendo assim, a escola tem uma rotatividade de mais de 2.220 estudantes. Quanto aos servidores, há mais de 130 professores. Existem também os agentes educacionais 1, que trabalham na manutenção e os agentes educacionais 2, que trabalham na secretaria. A equipe pedagógica possui 12 pedagogas na instituição, que intercalam seus horários entre manhã, tarde e noite.

A pedagoga responsável pelo acompanhamento foi Joana D'arc da Silva de Sousa, que proporcionou um conhecimento real em situação de trabalho numa instituição de ensino, além de tornar um ambiente estimulante para analisar e responder às problemáticas do cotidiano escolar.

O presente relato de experiência visa analisar a Reunião de Conselho de

Classe e sua importância para o processo de ensino e de aprendizagem de qualidade aos estudantes, para a análise diagnóstica e para os encaminhamentos pedagógicos.

Por meio da observação nessa instância colegiada, foi possível verificar os elementos que compõem o Conselho de Classe e como uma pedagoga deve conduzir o processo, de acordo com certas situações que aparecem durante o andamento da reunião.

A seguir, apresentaremos algumas informações sobre o Conselho de Classe para podermos refletir sobre a importância desse processo para uma melhor tomada de decisões referentes ao atendimento pedagógico, pela busca de uma melhor oferta de ensino, numa análise dialética, rumo a uma educação de qualidade.

## **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A redemocratização do Brasil e a promulgação da Constituição Federal de 1988 (CF) deram espaço para se repensar sobre o modo da organização escolar, na apresentação do “Título VIII Da Ordem Social” da CF, a partir do terceiro capítulo intitulado “Da educação, da cultura e do desporto” (BRASIL, 1988), prevendo que:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I — igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II — liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III — pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; IV — gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; V — valorização dos profissionais do ensino, garantido, na forma da lei, plano de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, assegurado regime jurídico único para todas as instituições mantidas pela União; VI — gestão democrática do ensino público, na forma da lei; VII — garantia de padrão de qualidade. (BRASIL, 1988, p. 123).

Desse modo, o Conselho de Classe é a instância colegiada, com espaço de representação dos segmentos escolares, responsável pelos processos avaliativos, exercendo função consultiva e deliberativa, com avaliação do estudante, do processo de ensino e de aprendizagem e também da prática docente.

A utilização do Conselho de Classe nas instituições de ensino é de extrema importância, pois:

- 1) favorece a integração entre os professores, aluno e família;
- 2) torna a avaliação mais dinâmica e compreensiva;
- 3) possibilita um desenvolvimento progressivo da tarefa educacional;
- 4) conscientiza o aluno de sua atuação;
- 5) considera as áreas afetiva, cognitiva e psicomotora;
- 6) a comunicação dos resultados é sigilosa e realizada pelo professor conselheiro, eleito pela turma;
- 7) os professores mais radicais, que tentam apresentar seus conceitos predeterminados, são ajudados pelos colegas a visualizarem o aluno como um todo e a terem uma concepção clara dos propósitos de uma avaliação formativa (SANT'ANNA, 2010, p. 93).

Devem participar da análise diagnóstica os seguintes fatores: frequência, abandono e evasão escolar, repetência e reprovação, interatividade, metodologia/didática, aprendizagem, avaliação e disciplina. De acordo com Dalben (2006), alguns critérios devem estar presentes na estrutura do Conselho de Classe, como:

- a) objetivos de ensino a serem alcançados;
  - b) uso de metodologias e estratégias de ensino;
  - c) critérios de seleção de conteúdos curriculares;
  - d) projetos coletivos de ensino e atividades;
  - e) formas, critérios e instrumentos de avaliação utilizados para o conhecimento do aluno;
  - f) formas de acompanhamento dos alunos em seu percurso nos ciclos;
  - g) critérios para apreciação dos alunos ao final dos ciclos;
  - h) elaboração de fichas de registro do desempenho do aluno para o acompanhamento no decorrer dos ciclos e para informação aos pais;
  - i) formas de relacionamento com a família;
  - j) propostas curriculares alternativas para os alunos com dificuldades específicas;
  - l) adaptações curriculares para alunos portadores de necessidades educacionais especiais;
  - m) propostas de organização dos estudos complementares.
- (DALBEN, 2006, p. 33).

Entretanto, se o Conselho de Classe não ocorrer com um acompanhamento pedagógico bem estruturado, com um planejamento bem estruturado (Pré-Conselho, Conselho e Pós-Conselho), isto é, com a construção do Conselho de Classe num espaço emancipatório, onde os professores refletem sobre sua prática pedagógica e o desempenho dos estudantes, pode levar a situações de culpabilização dos alunos, por motivos comportamentais ou por questões de nota, assim como ocorria anteriormente.

Historicamente, o Conselho de classe cumpriu uma função aliada à culpabilização dos alunos que não conseguiam notas suficientes. A justificativa era sempre encontrada nos problemas comportamentais ou na falta de interesse movida pela pobreza da família ou da carência afetiva. Dessa forma, a única função do Conselho era levantar a quantidade de alunos com notas baixas. Não havia discussão sobre os encaminhamentos a serem tomados para a recuperação de conteúdos, nem sobre a prática pedagógica do professor. Dessa forma, o Conselho de Classe manifestava-se como um instrumento legitimador do fracasso escolar de grande parte dos alunos. (PIZOLI, 2009, p. 6911-6912).

A partir de tais considerações postas, apresentaremos o relato de experiência a seguir, em uma Reunião de Conselho de Classe do Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto (Unidade Polo), realizado durante o Estágio Supervisionado em OTPGE, possibilitando analisar a realidade de como ocorrem os Conselhos de Classe e qual sua importância para o processo de ensino e de aprendizagem e para repensar a prática docente.

## 2.1 RELATÓRIO: REUNIÃO DE CONSELHO DE CLASSE

No dia 01/10/2022, no período da tarde, a pedagoga Emanuela liderou o Conselho de Classe das turmas 6º A, 6º B, 6º C, 6º D, 7º C e 7º D para verificar a situação de alunos em perigo de reprovar por faltas, outros que apresentam dificuldades de aprendizagem, com notas abaixo da média e aqueles que são considerados de comportamento inadequado.

Observamos que foram citados alguns casos de alta complexidade que ocorreram dentro e fora da escola. Entre eles pontuamos: tentativa de suicídio, crise de ansiedade, palavrões e desrespeito.

Para a primeira situação, a sugestão da pedagoga quando esta estudante se recuperar é para que a acolham de forma afetiva, com mais atenção e observá-la como irá reagir.

Um caso que aconteceu na escola foi a de uma professora que pediu para que seu aluno do 6º ano fizesse a chamada da turma, que estava agitada. Ele não conseguiu realizar a chamada, ficou nervoso e começou a chorar. O estudante ficou com crise de ansiedade, pois a professora deu uma tarefa e ele se sentiu pressionado. A avó dele diz que é um menino muito organizado em relação ao

serviço doméstico e que gosta de deixar tudo no lugar. Não ter conseguido realizar a chamada, o frustrou.

Em outro momento, falaram dos alunos haitianos que têm dificuldades de entender o português, mas que aprenderam a xingar todos que os importunam.

Alguns alunos já estavam reprovados devido às faltas, com mais de 300 faltas. Quanto aos casos de notas baixas, os professores verificavam se os alunos já haviam feito a atividade de recuperação e se já haviam alterado a nota. Caso ainda não tivesse sido alterada, uma secretaria fazia isso simultaneamente ao Conselho.

O que se percebeu é que muitos alunos apresentaram dificuldades na escrita, alguns casos de disgrafia. Para Simaia Sampaio (2010), psicopedagoga e especialista em Neuropsicologia da Aprendizagem, em seu blog, ela expõe que a disgrafia:

[...] também chamada de letra feia, acontece devido a uma incapacidade de recordar a grafia da letra. Quando a criança escreve, tenta recordar e acaba por escrever muito lentamente, e assim unindo inadequadamente as letras, tornando-as ilegível. Esse distúrbio não está associado a nenhum tipo de comprometimento intelectual. O que quer dizer que uma pessoa disgráfica tem total capacidade intelectual, assim como pode ter uma ótima leitura. (SAMPAIO, 2010, s.p.).

Uma situação que causou bastante incômodo foi a de um aluno que uma professora o chamou de “lesado”, pois ele ficou feliz ao saber que iria participar da Sala de Recursos. Esta educadora debochou do educando de forma bastante grosseira.

Pudemos concluir que ela não teve nem um pouco de respeito com o educando. Foi falta de profissionalismo da parte dela. Não podemos humilhar os outros. Não somos melhores que ninguém. Devemos apoiar nossos alunos e dar uma atenção maior. O nosso papel como educadores é observar nossos alunos, estando alertas a todos os sinais que os estudantes com dificuldades de aprendizagem apresentam e, com isso, buscar a melhor maneira para ajudá-los.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das experiências que vivenciamos, pudemos concluir que o Estágio Supervisionado em OTPGE possibilita que o acadêmico adeque seu olhar de educador-pesquisador para a escola, com o conhecimento do campo de sua atuação

profissional por meio de ações teórico-práticas, refletindo e questionando sobre as práticas desenvolvidas nas instituições escolares e as relações nelas estabelecidas, momento imprescindível para o desempenho de sua atividade profissional futura.

A Reunião de Conselho de Classe ocorre quando os profissionais da escola se reúnem para refletir sobre o trabalho realizado em sala de aula durante o período de tempo que organiza o calendário escolar. No colégio estagiado, o ano letivo é dividido em três trimestres e o conselho de classe analisado foi o do segundo trimestre.

A dinâmica dessa reunião pedagógica é organizada para serem tomadas decisões de intervenção pedagógica mediante os resultados de uma determinada turma ou de um determinado aluno, que deverão ser colocadas em execução no próximo período letivo, num processo de autoavaliação, trocas de experiências, num movimento de ação-reflexão-ação.

Quando consultamos a literatura sobre a instituição do Conselho de Classe nas escolas brasileiras, fica evidente que ele era visto como um trabalho sem sentido e burocrático, sem se preocupar realmente com os motivos reais para tal situação, buscando culpabilizar o aluno e a família pelo fracasso escolar, sem realizar uma autoavaliação do trabalho pedagógico, da análise diagnóstica da turma, a fim de refletir sobre o desenvolvimento das ações pedagógicas, com ênfase no aluno e no desempenho do professor, sugerindo ações concretas para reverter aquele quadro.

Concluimos que uma boa parte desse entendimento e prática negativa na condução do conselho de classe, se localiza no conjunto de elementos que fizeram parte da tendência pedagógica dominante e dos resquícios das anteriores no âmbito das escolas brasileiras até meados da década de 80 e 90 do século XX. Somado a isso estão as características dos cursos de formação docentes e a deficiência dos estágios na área de formação do pedagogo para atuar na coordenação pedagógica e na gestão escolar.

Destacamos que apesar de muitos pontos positivos já terem sido conquistados em relação à formação de professores, gestores/diretores e pedagogos técnicos, no decorrer das duas primeiras décadas do século XXI, ainda encontramos no interior das escolas brasileiras professores, pedagogos técnicos e gestores que permanecem praticando nas reuniões de conselho de classe, narrativas deslocadas do verdadeiro sentido analítico/diagnóstico desse espaço de

ação efetiva de qualificação de ações de ensino e de resultados qualitativos de aprendizagem na gestão democrática da escola.

Uma instituição de ensino com profissionais comprometidos deve participar do Conselho de Classe com total responsabilidade, empenhando-se para os três momentos do Conselho: Pré-Conselho, Conselho de Classe e Pós-Conselho.

Na etapa do Pré-Conselho, deve-se analisar anteriormente as dificuldades ou avanços referentes aos conteúdos, encaminhamentos metodológicos e recursos didáticos, critérios de avaliação, recuperação de estudos, dentre outros.

No Conselho de Classe, o objetivo é visualizar os problemas e também avanços de cada turma e de cada aluno, discutir, refletir sobre a prática docente e sobre o desempenho dos alunos conforme a análise diagnóstica e sugerir soluções para os problemas levantados.

Por fim, no Pós-Conselho é o momento da ação, com encaminhamentos e ações previstas no Conselho de Classe, a fim de superar os problemas para que se possa avançar.

Sendo assim, o Estágio Supervisionado em OTPGE foi essencial para as acadêmicas do Curso de Licenciatura em Pedagogia, pois tais ações desenvolvidas permitiram compreender melhor o trabalho de um pedagogo, de suas responsabilidades, com noções da escola em seus aspectos administrativos, de orientação e de supervisão, trazendo um desejo de buscar ainda mais conhecimentos para nos aperfeiçoar enquanto profissionais.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 498 p. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf). Acesso em: 25 jan. 2023.

DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. **Conselho de Classe e avaliação: perspectivas na gestão pedagógica da escola** 3. ed. Campinas: Papirus, 2006.

PIZOLI, Rita de Cássia. **A função do conselho de classe na organização do trabalho pedagógico escolar**. 2009. Disponível em: <https://doceru.com/doc/n880n1s>. Acesso em: 12 jan. 2023.

SAMPAIO, Simaia. Disgrafia. **Psicopedagogia Brasil**. Salvador, 10 out. 2010. Disponível em: <https://www.psicopedagogiabrasil.com.br/em-branco-c11mv>. Acesso



Anais do II Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do curso de  
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí  
13, 14 e 15 de fevereiro de 2023

em: 04 out. 2022.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar?:** critérios e instrumentos. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

## **PARTICIPAÇÃO NAS ATIVIDADES DE CONSELHO DE CLASSE: AÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM OTPGE**

SOUZA, Maria Eduarda Rissatti<sup>61</sup>  
AMORIM, Verônica Francine de Souza Amorim<sup>62</sup>  
PEREIRA, Cássia Regina Dias<sup>63</sup>

**RESUMO:** Este trabalho, é um relato de experiência que descreve e analisa uma das atividades obrigatórias da disciplina de Ensino e Estágio Supervisionado em OTPGE. Teve o objetivo abordar as atividades desempenhadas pelas estagiárias acadêmicas do curso de pedagogia da Universidade Estadual do Paraná- UNESPAR- campus de Paranavaí . O estágio obrigatório e sua carga horária nos cursos de licenciatura é regido pela legislação que trata da formação docente no Brasil. O estágio OTPGE tem como finalidade integrar e contribuir no processo de formação do aluno, futuro profissional, de modo a considerar o campo de atuação como objeto de análise, investigação e de interpretação crítica, a partir dos conteúdos disponibilizados nas disciplinas do curso. Essas ações foram realizadas no Colégio Bento Munhoz da Rocha Neto entre os meses de julho a outubro de 2022. Quando a escola recebe um estagiário, ela ajuda de forma muito produtiva no processo de formação de profissionais que, no futuro, poderão constituir seus quadros. A participação do aluno estagiário envolve a sua colaboração ativa junto ao setor de coordenação pedagógica e gestão escolar e constitui-se em uma possibilidade de experimentar a vivência da prática técnico pedagógica durante o processo de formação acadêmica. O estágio realizado no colégio Bento, nos permitiu observar e analisar os diversos contextos que estão presentes no ambiente escolar, dentre eles o do acompanhamento da prática do conselho de classe. Neste artigo destacamos a importância da prática do conselho de classe, como é realizada essa prática, a importância que o pedagogo tem em fazer a mediação com os professores, e a organização pedagógica necessária. Desta forma, por meio da observação, conseguimos entender a importância desses pontos para que os direitos do aluno sejam de fato válidos, e como é importante o diálogo entre professor e equipe pedagógica para que exista um bom funcionamento na escola em relação a frequência, notas, comportamento, e participação da família.

**Palavras-chave:** Contexto Educativo. Conselho de Classe. Relação Corpo Docente e Equipe pedagógica. Estágio em OTPGE.

### **1 INTRODUÇÃO**

---

<sup>61</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí, mah\_rissatti@hotmail.com).

<sup>62</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), (ve.amorin@hotmail.com )

<sup>63</sup> Doutora em Educação; Professora do Colegiado do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí). cassiadiaspereira@yahoo.com.br.

Dentro do ambiente escolar, são muitas as funções que sinalizam a importância do pedagogo técnico. Nesse sentido, o pedagogo tem um papel essencial na formação humana da escola, na gestão, mediação entre professores e equipe pedagógica, bom relacionamento com quadro de funcionários.

O cargo de pedagogo técnico, pode receber denominações diferenciadas, tais como: professor pedagogo, coordenador pedagógico, supervisor pedagógico ou orientador educacional. Independente da denominação recebida, ele é responsável por toda a articulação entre alunos, família, docentes, dentro do processo de ensino e de aprendizagem escolar.

Nessa perspectiva, todo esse acompanhamento que tivemos durante o estágio em (OTPGE), foi de grande relevância para nossa formação enquanto futuras pedagogas.

No cenário educacional, destaca-se a importância da Escola como instituição complexa que se constrói pela relação de educadores, alunos, família, comunidade, poder público e outros segmentos sociais. Nesse sentido, o acadêmico estagiário tem a oportunidade de comprovar e aperfeiçoar os conhecimentos pedagógicos, no convívio escolar.

No desenvolvimento do estágio, espera-se que o acadêmico tenha um olhar investigativo, reflexivo, crítico, e atento às práticas desenvolvidas no espaço escolar e para as relações nele estabelecidas. Analisando o cenário, e buscando compreender como os conteúdos e métodos são escolhidos para o ato educativo/formativo e gestor, sempre com intuito de trazer o melhor para o bom desempenho da escola em sua totalidade.

A participação no estágio supervisionado visa inserir o acadêmico, em vários âmbitos em relação ao conhecimento do campo de atuação profissional por meio das ações teórico e práticas adquiridas durante as horas estagiadas numa instituição escolar, apresentando assim situações e vivências nas quais possibilitem os futuros profissionais a utilizarem como bagagem em sua atuação em um futuro próximo. Trazendo a eles, experiências em diferenciados tempos e espaços curriculares.

O campo de Estágio foi o colégio Bento Munhoz da Rocha Neto, que tem 1800 alunos matriculados no SERE, somando-se a estes, outros 400 alunos, que se transferiram para o colégio durante os dois anos de ensino remoto devido a pandemia do Covid-19. Nele atuam mais de 130 professores, agentes educacionais,

funcionários da secretaria, e 12 pedagogas na equipe pedagógica, distribuídos nos três turnos de funcionamento do colégio.

As modalidades existentes na escola são: ensino regular fundamental e médio, Edutec, Mais Aprendizagem, empreendedorismo, futsal, também tem os cursos de formação profissional, enfermagem, estética, e saúde.

As atividades práticas do estágio foram desenvolvidas sob a supervisão da Pedagoga Marta, ela nos acompanhou em algumas práticas obrigatórias do estágio, como a organização do trabalho pedagógico, o dia de estudo e planejamento, tutoria pedagógica, reunião do conselho de classe e a colaboração e participação ao profissional da equipe pedagógica.

A diretora do colégio, professora Sandra, nos acompanhou nas atividades ligadas à gestão escolar, conversando conosco e respondendo várias dúvidas colocadas em relação à gestão da escola como um todo.

Levando em conta, que o estágio supervisionado faz parte da nossa preparação como futuras pedagogas, à prática deste trouxe muito enriquecimento para nossa formação, possibilitando acompanhar de perto o dia a dia de uma escola de ensino fundamental e médio, e todos os seus percalços.

Neste relato de experiência optamos por evidenciar a prática do conselho de classe, tendo em vista que é função do pedagogo, organizar a prática, conversar com os professores, adiantar tudo com o pré conselho, para entender como anda a aprendizagem, notas, e comportamento dos alunos.

Por meio da observação e da participação do conselho, entendemos que o pedagogo é responsável pelo processo coletivo de acompanhamento e avaliação do ensino – aprendizagem dos estudantes, possibilitando a inter-relação entre profissionais e alunos, entre turnos, entre séries e turmas, além de favorecer a integração e sequência dos conteúdos curriculares de cada série/classe.

Sendo assim, foi possível observar, as metodologias adotadas pela pedagoga, sua relação com os docentes, entender quem é o público da escola, existem muitos alunos carentes, usuários de drogas, com famílias desestruturadas, tudo isso interfere de forma significativa no funcionamento da escola como um todo.

Na sequência refletiremos sobre a importância dessa prática, resultados e discussões.

## 2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O conselho de classe realizado no dia 24/09 iniciou-se através da fala da pedagoga Marta, cumprimentando a todos e dando abertura no conselho, sob essa importante tarefa realizada nas escolas a cada término de ciclos avaliativos, Silva, s.d, p. 2 destaca que:

O Conselho de Classe é um órgão colegiado de gestão. Dentro da organização do trabalho pedagógico se configura como espaço que possibilita a análise do desempenho do aluno e do desempenho da própria escola de forma coletiva propondo ações e intervenções para a melhoria da aprendizagem do aluno e da prática docente.

Neste dia a pedagoga optou por iniciar a atividade , pela turma do Terceiro ano A, acerca do comportamento e comprometimento da turma, ela citou a falta de compromisso deles, e os problemas em relação à aprendizagem, debateu com os professores as possíveis formas de estratégias para que os alunos continuem presentes até o fim do ano letivo e não ocorra evasão escolar e reprova.

Nesse sentido é importante ressaltarmos sobre a importância das avaliações escolares, visto que ela deve ser ministrada de forma construtiva e diagnóstica:

[...] a avaliação da aprendizagem pode ser definida como um meio de que o professor dispõe de obter informações a respeito dos avanços e das dificuldades dos alunos, constituindo-se como um procedimento permanente, capaz de dar suporte ao processo de ensino e aprendizagem, no sentido de contribuir para o planejamento de ações que possibilitem ajudar o aluno a prosseguir, com êxito, no seu processo educacional.(CAVALCANTE NETO; AQUINO, 2009, p. 227).

Em relação aos conteúdos do enem, a pedagoga cobrou os professores se eles estavam aplicando os conteúdos da prova.

A pedagoga Marta também ressaltou sobre alguns alunos faltosos colocando em pauta o número de faltas de cada aluno, em sequência a pedagoga debateu com os professores quais os métodos irão realizar para alunos que assistem apenas uma aula e depois ficam pra fora de sala e não assistem às demais. Nesse contexto, a infrequência é concebida como um fator muito prejudicial, não só na aprendizagem dos alunos, mas também no trabalho do professor.

A infrequência prejudica não só o educando, mas também a gestão do trabalho escolar. Entre outros aspectos, compromete o

planejamento da rotina semanal de trabalho; inviabiliza os agrupamentos produtivos (que consiste em agrupar os alunos com saberes diferentes, porém próximos); prejudica o acompanhamento pedagógico, bem como a avaliação do desempenho individual do aluno e inviabiliza uma relação de parceria entre família e escola. (MEDEIROS, SOARES e PAULA, 2021, p. 09).

Prosseguindo a pedagoga responsável pela turma, Marta, sugeriu que nesses casos o aluno monitor fosse em busca de trazer os alunos para a sala, além disso que os professores implementarem métodos alternativos para cativar os alunos a assistirem suas aulas. Deu o exemplo do professor Benjamin, em que o mesmo realizou uma metodologia de game em sala de aula, que consiste em perguntas e respostas sobre o conteúdo, onde a sala se divide em dois grupos a fim de responder o maior número de questões.

Posteriormente foi debatido a questão dos alunos que estão com problemas no rendimento escolar e notas baixas em cada disciplina, a pedagoga orientou que os alunos com atestados, tem direito a reposição dos conteúdos e recuperação de notas.

Nesta turma tem um aluno do AEE, no entanto apesar das dificuldades esse aluno recebeu diversos elogios pelo seu esforço. No processo de desenvolvimento escolar é muito importante a inclusão de alunos portadores de necessidades especiais. Assim concebe-se que a inclusão é uma tarefa muito importante e de grande responsabilidade de modo que:

A escola é um ambiente multicultural, diversificado, que atende um público com objetivos, ideologias e necessidades diferenciadas. Enfim, essa é uma característica própria, que acolhe indivíduos com múltiplos aspectos, sejam religiosos, políticos, sociais, entre muitos outros. A escola é responsável pela transformação do indivíduo, o que corresponde a um conjunto de alterações comportamentais que se tem por aprendizagem. (CAVALCANTE NETO, Et al, 2018, p. 87).

Ainda em discussão acerca dessa turma, existe uma outra aluna que está gestante e precisa que os professores enviem as atividades domiciliares, alguns professores simplesmente não enviaram, e a pedagoga chamou a atenção desses professores de forma bem incisiva, para que esses deem o suporte necessário para essa aluna, dando sequência no conselho a prova Paraná foi colocada em pauta.

Após isso foi a vez da turma do terceiro B, e foram debatidos os mesmos assuntos, o protocolo é o mesmo em relação a abordagem feito em todas as turmas em relação aos problemas gerais das salas de aula.

A cada turma colocada em questão, foi discutido as metodologias diferenciadas que cada professor utilizou ao longo do trimestre, observamos que cada turma tem uma característica e são utilizadas metodologias diferenciadas de acordo com a necessidade e particularidade de cada sala.

Melo e Sant'Ana (2012) citam que as metodologias de ensino-aprendizagem propõem desafios a serem superados pelos estudantes, fazendo com que seja possível ocuparem o lugar de sujeitos na construção do conhecimento, participando da análise do processo assistencial, e colocando o professor como facilitador e orientador desse processo, desta forma Marta, sempre frisa a necessidade e importância de realizar as metodologias ativas e atrativas.

Em relação a uma aluna surda, e muda, foi questionado para a intérprete de libras se os professores estão disponibilizando atividades diferenciadas para a aluna por conta de algumas notas baixas, para que seja garantida a aprendizagem de forma inclusiva.

Nessa lógica da diferença dada pela experiência surda, embora as experiências entre indivíduos surdos sejam semelhantes, não conformam a mesma diferença em seu sentido subjetivo. Surdos que vivem em comunidade possuem experiências subjetivas que os fazem sentir-se surdos de formas particulares. Mesmo distintos nas formas de ser, possuem pontos de convergência entre suas experiências. Tais pontos podem ser desencadeadores de ligações entre os sujeitos que compartilham vivências. Embora marcas sejam subjetivas, elas também podem servir de identificadoras entre os indivíduos. (LOPES e MENEZES, 2010, p. 77).

Neste sentido, a pedagoga questionou os professores, sobre a importância de procurar abordagens diferenciadas para alunos com necessidades especiais.

Notamos também que em quase todas as salas de aula tem a presença de alunos surdos e mudos, e também alunos com outras necessidades, e que necessitam de atendimento na sala de recurso e readaptação das atividades.

A Educação Inclusiva é a transformação para uma sociedade inclusiva, um processo em que se amplia a participação de todos os alunos nos estabelecimentos de ensino regular. Trata-se de uma reestruturação da cultura, da prática e das políticas vivenciadas nas escolas, de modo que estas respondam à diversidade dos alunos. É uma abordagem humanística, democrática, que percebe o sujeito e suas singularidades, tendo como objetivos o crescimento, a satisfação pessoal e a inserção social de todos. (SILVA NETO, Et. Al, 2018, p. 86).

Além dessas dificuldades intelectuais e físicas existem alunos que também tem uma vulnerabilidade social, com relação a drogas, e que essa é uma realidade muito preocupante para a escola.

No entanto os professores estão se empenhando para que exista atividades motivadoras para esses alunos, são alunos que tem muito potencial e precisam ser motivados para que não se desviem do caminho da educação.

A diante foi abordado pelos professores, o caso de alguns alunos que estão levando baralho para a escola, e que estes estavam realizando jogos dentro de sala, de forma que qualquer prática de jogo é proibida na escola, por incentivar o vício, desta forma foi colocado em questão a relação de autoridade do professor em sala de aula, de forma que a disciplina dos alunos em sala é muitas vezes questionada.

Por fim, ao observarmos o conselho de classe como um todo, percebemos a importância que essa prática tem para a evolução de todos em relação a aprendizagem, metodologias, estratégias e recuperação de alunos .

A pedagoga Marta, conduziu o conselho com firmeza, sutileza e provocação de forma positiva, sempre questionando, compreendendo e tentando incentivar os docentes sobre tudo que é possível fazer para melhorar os aspectos colocados em questão, notamos também que existem professores de todos os jeitos, uns muito preocupados com a aprendizagem dos alunos e outros nem tanto.

Por tanto, a observação desta prática foi de grande aprendizado para nós como futuras pedagogas e professoras, com um enriquecimento muito grande em nosso acervo de conhecimento.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Estágio supervisionado em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar, é considerado um dos mais importantes da formação no curso de pedagogia, visto que é uma área que organiza, orienta e administra todas as outras funções escolares, ou seja, é concebida como pilar escolar. Assim, confere-se como uma função de muita responsabilidade, que demanda maestria e dedicação.

Durante o processo de estágio no Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha na cidade de Paranavaí, compreendemos e aprimoramos conhecimentos já vistos anteriormente acerca da gestão escolar e orientação pedagógica, todo o processo envolveu um elo entre a teoria estudada nas literaturas com a práxis pedagógica, no



interior escolar.

Sob essa perspectiva, assim como todas as outras atividades realizadas no decorrer do Estágio, o conselho de classe, foi um momento bastante oportuno, visto que concebemos como uma atividade que demonstrou a realidade escolar tal qual como é.

Observando o conselho e a relação entre o aluno e a escola, pudemos compreender a importância que a família tem na relação entre o aluno e a escola, quando o aluno não tem uma família tão presente, isso reflete de forma muito incisiva em sua formação, desta maneira notamos como é importante que a equipe pedagógica faça essa ponte com a família, para que seja otimizado o processo educacional destes alunos.

Além disso, salienta-se que a atividade do conselho de classe é um importante tarefa, desde a sua preparação até o seu ato de consumação, visto que é um momento de partilha das dificuldades no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, bem como a discussão de possíveis soluções para as demandas do cotidiano.

Por fim, notamos também como vem acontecendo os desdobramentos da educação pública no Brasil e como as pedagogas vem intervindo, e buscando saídas para trabalhar mediante tantas dificuldades e mudanças que o estado vem propondo, isso nos mostrou que a gestão escolar deve ser conduzida em busca de sempre trabalhar da melhor forma dentro das medidas cabíveis.

## REFERÊNCIAS

CAVALCANTI NETO, Ana Lúcia Gomes; AQUINO, Josefa de Lima Fernandes. A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM COMO UM ATO AMOROSO: o que o professor pratica?. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 223-240, ago. 2009. Semestral. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/edur/a/G8jSCxDmCMRDnZcY67m5x4m/?format=pdf&lang=pt#:~:text=De%20forma%20geral%2C%20a%20avaliação,sentido%20de%20contribuir%20para%20o>. Acesso em: 13 dez. 2022.

LOPES, Maura Corcini; MENEZES, Eliana da Costa Pereira de. Inclusão de alunos surdos na escola regular. **Cadernos de Educação** | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [36]: 69 - 90, maio/agosto 2010. Disponível em :  
[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/artigos/ccs/pratica\\_metodologia\\_ativa.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/artigos/ccs/pratica_metodologia_ativa.pdf). Acesso em: 10 dez. 2022.

Anais do II Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do curso de  
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí  
13, 14 e 15 de fevereiro de 2023

MELO, Bárbara Caldas; SANT'ANA, Geisa. A prática da Metodologia Ativa: compreensão dos discentes enquanto autores do processo ensino aprendizagem. **Ciências da Saúde**. Brasília, DF, 2012. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/artigos/ccs/pratica\\_metodologia\\_ativa.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/artigos/ccs/pratica_metodologia_ativa.pdf). Acesso em: 23 nov. 2022.

MEDEIROS, Jaqueline Dayane da Silva; SOARES, Mariel de Figueiredo Rangel; PAULA, Edneia Henrique de. Breves Apontamentos sobre a Infrequência Escolar no Contexto da Pandemia Covid-19 nas Escolas Municipais de Várzea Grande-MT. *In*: ANAIS PRINCIPAIS DO SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, 29. , 2021, Cuiabá. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. p. 2279-2293.

SILVA NETO, Antenor de Oliveira *et al.* Educação inclusiva: uma escola para todos. **Revista Educação Especial**, [S.L.], v. 31, n. 60, p. 81, 11 mar. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/24091>. Acesso em: 14 dez. 2022.

## **REFLEXÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO COLOBRATIVA JUNTO AO PEDAGOGO: EXPERIÊNCIAS DO ENSINO E ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO E GESTÃO ESCOLAR**

BELARMINO, Danieli Costa <sup>64</sup>  
COSTA, Mariana Beatriz Pires <sup>65</sup>  
FRAQUETTA, Flávio <sup>66</sup>

**RESUMO:** Este estudo tem como objetivo descrever a importância e as experiências adquiridas na disciplina de Ensino e Estágio Supervisionado em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar, desenvolvido no quarto ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, Campus Paranavaí. O referido estágio foi realizado em uma Instituição voltada para o Ensino Médio, no município de Terra Rica, Paraná, onde atende alunos nos três períodos, contando com a atuação de três pedagogas para cada turno. Para a realização das práticas propostas pelo estágio, obtivemos a supervisão em campo, da pedagoga Deyse Amanda. A realização do estágio foi dividida em duas etapas, a gestão escolar e a organização do trabalho pedagógico. Faz-se necessário pontuar que todas as atividades desenvolvidas no estágio, sejam de cunho teórico (estudos dirigidos, seminários, entre outros) e prático (as observações e visitas ao colégio) ocorreram de forma presencial. Pondera-se, que ao longo da participação nas atividades proporcionadas in loco pela Instituição, ficou entendido que a organização do trabalho pedagógico e gestão escolar precisa ser vista por um viés totalizante, pois esses são os eixos principais para manter um colégio em boas qualidades, visando o conhecimento pleno do educando. Nesse sentido, entende-se que o estágio é um meio muito importante para os acadêmicos terem um contato direto com a sua futura área de atuação, e é essencial percebermos o funcionamento da escola, onde essa experiência se torna um movimento de articulação entre a teoria e a prática, levando os graduandos a pensarem e repensarem sobre a educação. Isto posto, enfatizamos que neste artigo é abordado todo o conhecimento e vivências adquiridos nessa etapa, delimitando a importância da participação colaborativa junto a pedagoga, pois, entende-se que discutir com os docentes e equipe diretiva pode ser o pontapé inicial para reflexões e mudanças que devem ocorrer no âmbito educacional, enriquecendo cada vez mais o significado de educação de qualidade.

**Palavras-chave:** Estágio; Experiências; Pedagogo; Gestão Escolar.

---

<sup>64</sup>Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), danibelarmino6@gmail.com.

<sup>65</sup>Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), maribpiresosta@gmail.com.

<sup>66</sup>Mestre; Professor orientador do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), flaviofraquetta@gmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

O Ensino e Estágio Supervisionado em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar (OTPGE) se denomina como componente curricular obrigatório. Pode-se dizer então que é uma etapa importante no processo de desenvolvimento e aprendizagem do aluno, porque promove oportunidades de vivenciar na prática conteúdos acadêmicos, propiciando desta forma, a aquisição de conhecimentos e atitudes relacionadas com as novas realidades da sua prática profissional. Para o estudante, a prática durante o período de estágio agrega valor e conhecimento a sua carreira. Sob este viés, é crucial aproveitar as oportunidades de crescimento e desenvolvimento oferecidas.

Além de propiciar aos acadêmicos, o conhecimento do campo de sua atuação profissional por meio das ações teórico/práticas, adquiridas durante as horas estagiadas numa instituição escolar, o estágio pode transformar a educação, os cursos de licenciatura formam estudantes para trabalharem na educação básica e o acadêmico em seus estágios aprende a ter consigo um pensamento crítico, construtivo, que sabe trabalhar desenvolvendo a capacidade dos alunos, dão um novo rumo à educação. Posto isto, sobre o estágio, Pimenta e Lima salientam,

[...] Cabe-lhe desenvolver atividades que possibilitem o conhecimento, a análise, a reflexão do trabalho docente, das ações docentes, nas instituições, a fim de compreendê-las em sua historicidade, identificar seus resultados, os impasses que apresenta, as dificuldades. Dessa análise crítica, à luz dos saberes disciplinares, é possível apontar as transformações necessárias no trabalho docente, nas instituições (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 54).

Nesta perspectiva, além de formar professores, as experiências vivenciadas no estágio, criam também pesquisadores de um pensamento crítico e reflexivo, entretanto, é necessário frisar que os conhecimentos adquiridos no ambiente de estágio, serão significativos apenas se houver uma orientação favorável que ajude no crescimento intelectual dos estagiários. Com isto, indagamos que o nosso objetivo neste artigo é abordar as experiências do Ensino e Estágio Supervisionado em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar, adquiridas in loco, enfatizando as observações e práticas da organização trabalho pedagógico que ocorreram na participação colaborativa junto ao profissional da equipe pedagógica, pois se faz necessário entender a importância do trabalho exercido pelo pedagogo e

como ele se permeia por todo o âmbito educacional, contribuindo para um ensino de qualidade.

## 2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

É conhecimento geral, que o cotidiano de uma escola é sempre intenso, com assuntos diferentes para se resolver, e não há uma rotina a ser seguida. Nos estágios que foram realizados no decorrer dos quatro anos do curso de Pedagogia, em especial o acompanhamento junto ao profissional da equipe pedagógica, percebe-se o envolvimento do pedagogo com questões do dia a dia escolar, e estes assuntos do cotidiano acabam extrapolando o tempo e espaço do fazer pedagógico, sendo assim, os pedagogos tendem a serem articuladores, atuantes e participativos no âmbito educacional para que assim, a instituição possa alcançar os ideais de qualidade de ensino e de aprendizagem. Para Ferreira (2009), deve-se,

Pensar e definir a gestão democrática da Educação para uma formação humana, [...] contemplando o currículo escolar de conteúdos e práticas baseada na solidariedade e nos valores que compõem o constructo ético da vida humana em sociedade. E como estratégia, acredito que o caminho é o diálogo, quando o reconhecimento da infinitude do real, se desdobra numa disposição generosa de cada pessoa para tentar incorporar ao movimento algo na inesgotável experiência da consciência dos outros. (FERREIRA, 2009, p. 172).

No decorrer dos estágios observamos que o sucesso da organização pedagógica da escola é medido através da aprendizagem de seus alunos. Desta forma os pedagogos devem zelar pelo desenvolvimento dos educandos, dando-lhes oportunidades. Visto isto, contemplamos em nossos estágios o quão árduo é o trabalho desenvolvido pelas pedagogas, além de colaborar com os professores, auxiliando na elaboração de aulas e novas metodologias, o pedagogo sempre se posiciona à frente de projetos que contribuem para o desenvolvimento do aluno, o mesmo também procura estar próximo da comunidade escolar, para que assim haja um trabalho transparente e coerente. Nesse sentido,

Pedagogo é aquele que possibilita o acesso à cultura, organizando o processo de formação cultural. É, pois, aquele que domina as formas, os procedimentos, os métodos através dos quais se chega ao domínio do patrimônio cultural acumulado pela humanidade. (...) A palavra pedagogia traz sempre ressonâncias metodológicas, isto é,

de caminho através do qual se chega a determinado lugar. Aliás, isto já está presente na etimologia da palavra: conduzir (por um caminho) até determinado lugar. (SAVIANI, 1985, p. 28).

Desta maneira, o pedagogo deve fazer a articulação entre a teoria e a metodologia, dentro das condições concretas de ensino e aprendizagem, uma vez que, é o responsável pela organização do trabalho pedagógico da escola como um todo. Posto isto, é notório como as pedagogas trabalham para manter a instituição educacional em destaque, fazendo com que aluno seja a prioridade da escola, buscando sempre o melhor para o mesmo, mantendo a frequência e rendimento dos educandos.

A partir da participação colaborativa junto ao profissional da equipe pedagógica, entendemos como é realizada a busca dos alunos que estão faltosos, as pedagogas fazem um elo entre a família, o colégio e os alunos. Desta maneira, é realizado a busca ativa que acontece em todos os casos de faltas, sejam elas justificadas e principalmente as que não têm justificativas. Como ação, as pedagogas entram em contato com os responsáveis dos alunos para saber o motivo da infrequência. Contribuindo,

A iniciativa Busca Ativa Escolar é uma solução tecnológica e uma metodologia inovadora por meio da qual o UNICEF, a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), o Colegiado Nacional de Gestores Municipais de Assistência Social (Congemas) e o Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (Conasems) apoiam os municípios na identificação das crianças e dos adolescentes que estão fora da escola, ajudando-os a voltar às salas de aula, permanecer e aprender. O UNICEF e seus parceiros aproveitam os recentes avanços tecnológicos para conectar os gestores de diferentes setores públicos (Educação, Saúde, Assistência Social, entre outros), que são encorajados a criar equipes intersetoriais para analisar as causas da exclusão, encontrar soluções para superar cada uma dessas barreiras e, por fim, reintegrar essa criança ou esse adolescente à escola, garantindo a permanência e a aprendizagem (UNICEF, 2018, s/p).

É perceptível como a equipe pedagógica tende a ter o contato direto com as várias atribuições e diversidades de ações presentes no colégio, que seja direta ou indiretamente vinculada à organização e aos processos de aquisição de saberes e modos de ação. O caráter educativo da função pedagogo como profissional que organiza o trabalho pedagógico escolar reveste-se de uma tarefa reflexiva, investigativa e, portanto, científica do processo educativo. Para Libâneo (1996),

A atuação do pedagogo escolar é imprescindível na ajuda aos professores no aprimoramento do seu desempenho na sala de aula (conteúdos, métodos, técnicas, formas de organização da classe), na análise e compreensão das situações de ensino com base nos conhecimentos teóricos, ou seja, na vinculação entre as áreas do conhecimento pedagógico e o trabalho de sala de aula. (LIBÂNEO, 1996, p. 54).

O acompanhamento pedagógico é uma estratégia de ensino e orientação com objetivo de elevar as potencialidades do aluno e do docente. Como discorre Cunha,

[...] um dos desafios da formação docente é a compreensão de que a dimensão social vivida pelo aluno e pelo professor interfere na forma de compreender o papel do professor e, por conseguinte, sua formação. Portanto, segundo ele, deve-se levar em consideração que todas as incertezas e mudanças geradas pelo contexto atual, podem consequentemente interferir no desempenho docente (CUNHA, 2013, p. 06).

Presenciando as intervenções das pedagogas do colégio onde realizou-se o estágio, presenciamos o quanto o trabalho do pedagogo junto ao professor de cada disciplina na condução do processo de construção e assimilação dos conteúdos é de suma importância, pois, como o pedagogo faz o acompanhamento dos alunos, o mesmo entende as dificuldades e necessidades de cada educando, e assim como discorre Saviani (1985, p. 27), “É do pedagogo a responsabilidade de transformar o conhecimento difuso em sistematizado e assimilável, ou saber escolar.” Portanto, cabe ao pedagogo dar suporte ao trabalho docente, utilizando-se do conhecimento, próprio da sua função.

Os pedagogos têm uma demanda muito grande dentro do âmbito educacional, isto é notório, é interessante perceber a articulação que acontece dentro da escola, todas as demandas, que se fazem presentes na instituição passam pelos pedagogos. Notamos que é um grande desafio permear por todos os eixos da instituição de ensino, buscando resolver todos os conflitos, por isto, a equipe pedagógica deve ter um suporte específico para realmente estarem preparados para solucionar questões escolares. Sendo assim, o mesmo deve receber orientações para aprimorar o seu conhecimento, o diretor pode realizar essas mediações, mas como foi explicado em nossos estágios, o colégio recebe a visita do Núcleo Regional de Educação, para uma tutoria pedagógica, a tutoria tem como finalidade realizar encontros alternativos no campo escolar com a finalidade de dialogar e acompanhar a equipe pedagógica e professores dos colégios estaduais. Com isso,

O apoio prático e presencial aos profissionais que atuam no dia a dia das escolas tem se mostrado um pilar essencial das reformas educacionais implementadas em diferentes países. Políticas que alcançam transformações dentro da sala de aula demandam formação contínua para professores e gestores que coloquem as práticas diárias da escola como ponto de partida para o processo formativo. Por isso a tutoria está tão presente como estratégia de formação em diferentes sistemas educacionais que têm alavancado a qualidade e a equidade dos resultados de aprendizagem de seus alunos. (ITAÚ, s/d, p. 04).

Esta visita tende a auxiliar os pedagogos a lidar com os problemas diários do colégio, além de que também são oferecidos vários cursos para a equipe pedagógica se manter atualizada e desenvolver um bom trabalho. O apoio que o núcleo oferece é essencial, mas, além disso, os outros eixos da instituição devem contribuir para edificar ainda mais o trabalho realizado pelo pedagogo. Em observações ocorridas durante o período de estágio, onde o principal objetivo era além das observações participativas, o de compreender o dia a dia de um pedagogo, foram contempladas com o conhecimento do agir do pedagogo dentro da instituição escolar, desta forma fazendo parte de replanejamentos, do ato de coordenar, reflexão e o trabalho em equipe.

Em decorrência do que foi citado acima, é perceptível que o pedagogo em algumas percepções realiza mais que o papel de atuar na coordenação de uma escola, onde muitas vezes é o alicerce entre a família e a escola, e a preocupação para que o aluno permaneça na escola e consiga uma aprendizagem plena ampliando o seu conhecimento, se torna uma busca constante.

Desse modo, o pedagogo sempre estará disposto a manter uma coordenação pedagógica que seja um ambiente favorável para o diálogo entre os alunos, pais, professores e também outros funcionários na instituição. Para que assim existam boas relações na prática pedagógica e escolar. De acordo com Vasconcelos (2006),

É importante lembrar que, antes de mais nada, a coordenação é exercida por um educador, e como tal deve estar no combate a tudo aquilo que desumaniza a escola: a reprodução da ideologia dominante, o autoritarismo, o conhecimento desvinculado da realidade, a evasão, a lógica classificatória e excludente [...], a discriminação social na e através da escola, etc. (VASCONCELOS, 2006, p. 87).

Em virtude das observações, as pedagogas da instituição de ensino onde realizamos o estágio, demonstraram um bom desenvolvimento na coordenação e



sempre prestativas para resolver os problemas, para novas metodologias, onde o diálogo sempre foi presente para com todos da comunidade escolar.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por conseguinte, concluímos que o Ensino e Estágio de Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar, nos proporcionou um grande significado em nossa formação pessoal e profissional, pois tivemos muitos momentos de aprendizagem e aperfeiçoamento, tendo em vista que o estágio visa colaborar para a construção do licenciando, dando-lhe uma visão real e necessária para que se tenha um bom conhecimento em relação à prática docente, pedagógica e gestora, levando o acadêmico a identificar variadas estratégias para solucionar problemas e criar um pensamento crítico sobre a educação.

Em decorrência de todos os fatos abordados neste artigo, faz-se necessário mencionar que o período dedicado ao cumprimento da disciplina foi extremamente importante, pois, refletimos sobre todos os conhecimentos teóricos adquiridos durante os anos correntes da graduação, dando-nos a oportunidade de reconstruir e redirecionar nosso olhar para prática profissional observando também as necessidades de ensino na sociedade atual.

Em suma, estar observando, praticando e atuando na área educacional, diretamente na área pedagógica, traz condições para que aos acadêmicos em formação, tomem suas decisões e possam atuar com mais segurança e visão reflexiva do seu espaço de trabalho, além de que, o trabalho exercido pelo pedagogo traz mudanças significativas, pois, constrói um espaço escolar dinâmico e reflexivo, valorizando a formação do professor e desenvolvendo habilidades para lidar com as diferenças, com o objetivo de ajudar efetivamente na construção de uma educação de qualidade.

### REFERÊNCIAS

CUNHA, M. I. **O tema da formação de professores: trajetórias e tendências do campo na pesquisa e na ação**. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/xR9JgbzxJggqLZSzBtXNQRg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 dez. 2022.

FERREIRA, N. S. C. **Gestão e Organização Escolar**. IESDE Brasil, 2009.

ITAÚ. **Guia de tutoria de área.** s/d. [https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2018/05/46-guia-tutoria-area-09082017\\_1510329060.pdf](https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2018/05/46-guia-tutoria-area-09082017_1510329060.pdf). Acesso em: 19 dez.2022.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia, Ciência da Educação?** Selma G. Pimenta (org.). São Paulo; Cortez, 1996.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência.** São Paulo: Cortez, 2004.

SAVIANI, D. **Sentido da pedagogia e papel do pedagogo.** ANDE / Revista da Associação Nacional de Educação, São Paulo, n.º 9, 1985.

UNICEF. **Busca ativa escolar.** 2018. Disponível em:  
<https://www.unicef.org/brazil/busca-ativa-escolar>. Acesso em: 17 dez. 2022.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Coordenação do trabalho pedagógico:** do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo: Libertad, 2006.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO: OBSERVAÇÕES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

MACEDO, Bianca Elisa<sup>67</sup>  
KUCARZ, Letícia de Fátima<sup>68</sup>  
OLIVEIRA, Adriana Silva.<sup>69</sup>

**RESUMO:** Este relato refere-se à análise sintética das atividades realizadas durante a disciplina de Estágio em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná, *campus* de Paranavaí. Tem por objetivo apresentar os resultados obtidos na realização do estágio no campo da organização pedagógica articulando com o valor teórico adquirido na disciplina. Este trabalho abrange as observações, participações e intervenções pedagógicas que foram realizadas durante o estágio, a fim de construir uma reflexão da gestão e organização pedagógica em seus aspectos teóricos e práticos. Dessa forma, pudemos ter a percepção de que as plataformas digitais tem sim um papel fundamental dentro do âmbito escolar, desde que sejam usadas com sabedoria pois a partir de seu uso em excesso, acabam que de certa forma retira o protagonismo central que deveria ser do professor.

**Palavras-chave:** Estágio. Gestão Escolar. Prática Pedagógica.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem intenção de expor os resultados obtidos na observação e participação dentro do âmbito escolar na prática de estágio na área de Organização Pedagógica e Gestão Escolar. O estágio foi realizado nas dependências do Colégio Estadual de Paranavaí, entre os meses de junho e novembro de 2022. Durante o período, realizamos um trabalho de estudo, observação e análise da organização e funcionamento da coordenação pedagógica e da gestão escolar da instituição.

Durante o estágio observamos diretamente o uso dos recursos tecnológicos e das plataformas *online*. Notamos que a introdução dessas ferramentas na gestão escolar apesar de facilitar alguns aspectos da gestão, também apresentam

---

<sup>67</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), bianca.elisa.macedo@gmail.com

<sup>68</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), leticiakucarz@gmail.com

<sup>69</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Mestre em Educação e graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); professora supervisora, membro do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), adriana.oliveira@ies.unespar.edu.br.

dificuldades quanto ao seu uso por toda a equipe de profissionais. Em busca de contextualizar esse desenvolvimento tecnológico em relação à gestão escolar, faremos uma análise das novas tecnologias que possibilitam meios de administração e interação adaptados à nova cultura digital, o que segundo o autor Lévy (1999), designa-se por ciberespaço, um universo construído pela cibercultura.

O termo ciberespaço especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo 'cibercultura', especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17).

Com o avanço da internet e o aperfeiçoamento das tecnologias, o avanço tecnológico no âmbito educacional não seria diferente, uma vez que a sociedade utiliza a cada dia mais tecnologia e o espaço digital. Entendemos que a utilização de ferramentas tecnológicas podem apresentar grandes resultados na perspectiva da gestão escolar na esfera do ensino/aprendizagem, possibilitando que a escola evolua conforme a sociedade.

## **2 PLATAFORMAS DIGITAIS E O USO DENTRO DO AMBIENTE ESCOLAR.**

Com a pandemia Covid-19 de forma repentina, o uso de plataformas online se intensificou e tornou-se parte fundamental do processo de ensino. Diante disso, o coordenador pedagógico precisou adaptar-se ao modo remoto e para além, preparar professores e articular conteúdos com o modo *online*.

Para Almeida e Souza (2011 apud SOUZA, 2021) o trabalho do coordenador pedagógico é definido em torno de três eixos: articulador, transformador e formador. Por este viés, em um momento peculiar a rotina escolar dentro das escolas, coube à coordenação escolar aprender conceitos e aplicações digitais, ao mesmo tempo em que desenhavam uma escola de forma remota e formava seus professores para este trabalho.

Conforme aponta Dantas (2016 apud OSTE *et al* 2020, p. 2),

A escola, como sendo um local que promove a construção do conhecimento e interação social, deve acompanhar as

transformações atuais, principalmente no modo em que conduz e organiza seus processos sociais, políticos e pedagógicos. Pensando nessa organização e condução dos processos, vemos a cada dia, especialmente nas escolas públicas de ensino, uma gestão escolar cheia de dilemas e desafios que esbarram em questões financeiras, sociais, políticas e pedagógicas. (DANTAS 2016 apud OESTE *et al* 2020, p. 2).

Diante dessas transformações a gestão escolar deve ser mais coerente e adaptar-se aos recursos tecnológicos digitais para uma melhor administração.

Um diretor, um coordenador tem nas tecnologias, hoje, um apoio indispensável ao gerenciamento das atividades administrativas e pedagógicas. O computador começou a ser utilizado antes na secretaria do que na sala de aula. Neste momento há um esforço grande para que esteja em todos os ambientes e de forma cada vez mais integrada. Não se pode separar o administrativo e o pedagógico: ambos são necessários (MORAN, 2003 apud OSTE *et al*, 2020).

As tecnologias, quando bem utilizadas, podem ser excelentes recursos para o processo de gestão escolar, seja para relacionar os professores, gestores, comunidade, acompanhar e executar propostas pedagógicas, dentre outras atividades. Diante dessas observações, percebemos no estágio uma série de inserções de ferramentas digitais ao cotidiano da escola, tais como: o LRCO - Livro de Registro de Classe Online. A inserção dessa plataforma digital foi iniciada no ano de 2011, embora sofra ainda diversas atualizações que visam melhorar o seu funcionamento.

O Livro de Registro de Classe Online (LRCO) é um espaço virtual que permite que o professor registre os conteúdos, avaliações e frequência dos alunos, retirando totalmente o Livro de Registro de Classe impresso. Os registros de frequência e conteúdos trabalhados devem ser realizados imediatamente ao planejamento do professor. O registro de classe é um documento oficial e são esses os dados que são apresentados para os órgãos públicos. As atuações dentro do LRCO variam entre docentes, equipe pedagógica e secretaria escolar.

De acordo com a resolução no artigo 4.1 as atribuições do Docente seriam principalmente de:

Registrar a frequência e os conteúdos diariamente e as avaliações realizadas no período avaliativo (bimestre, trimestre, semestre, etapa, outros), logo após a correção das mesmas, para que o

estudante tenha seus registros de frequência e notas atualizadas no momento de transferência ou remanejamento” (SEED, 2022, p.1).

Junto ao RCO, existe um sistema denominado RCO + Aulas. Nesse módulo da plataforma são disponibilizados planos de aula específicos para as disciplinas que serão direcionadas às séries que o professor leciona. O LRCO + Aulas disponibiliza sugestões, vídeos e encaminhamentos metodológicos divididos em trimestres. Esses podem ou não serem utilizados pelo docente. Entretanto, todos os conteúdos devem estar de acordo com a proposta dos eixos estruturantes. Os planos são disponibilizados por tema, conteúdo e os objetivos previstos para a disciplina. Na ferramenta *on-line*, é possível encontrar links para vídeo aulas, *slides* e listas de exercícios, que podem ser editadas ou complementadas por materiais de sua preferência. Está disponível para o professor, ainda, um espaço para avaliar cada aula dada.

Ao lado de cada registro de frequência do aluno tem um campo para registro das observações individuais como atrasos, e no final da página tem o campo para observações da turma/aula.

Observamos que, em alguns casos, os professores menos familiarizados com a tecnologia fazem o registro do diário físico, para, depois, preencherem a plataforma *on-line*. Dessa forma, o trabalho para alguns é dobrado.

Diante disso, percebemos que a dificuldade do domínio da tecnologia ainda é realidade. Conforme Moran (2013) os alunos já nasceram prontos para a tecnologia e multimídia, enquanto os professores, em geral, não. Segundo o autor:

[...] alunos estão prontos para a multimídia; os professores, em geral, não. Os professores sentem cada vez mais claro o descompasso no domínio das tecnologias e, em geral, tentam segurar o máximo que podem, fazendo pequenas concessões, sem mudar o essencial. Creio que muitos professores têm medo de revelar sua dificuldade diante do aluno. Por isso e pelo hábito, mantêm uma estrutura repressiva, controladora e repetidora. Os professores percebem que precisam mudar, mas não sabem bem como fazê-lo e não estão preparados para experimentar com segurança (MORAN, 2013, p. 90).

Entretanto, segundo Sabadine (2020) o Registro de Classe *Online* é positivo para o pedagogo pois: [...] consente que (...) veja em tempo real a frequência dos estudantes, as médias das avaliações, os conteúdos estruturantes, conteúdos

básicos e específicos, gerando relatórios para otimizar a leitura das informações da vida acadêmica dos estudantes e docentes.” (SABADINE, 2020, p. 83).

Em conjunto com essas plataformas, o B.I (*Business Intelligence*) é uma ferramenta digital que teve seu início durante a pandemia, e visa acompanhar o desenvolvimento estudantil e presença dos alunos. Essa nova ferramenta é integrada ao RCO e se instalou de forma promissora durante os anos de pandemia da Covid-19, tornando-se fixa por seu bom desenvolvimento. A partir dela é possível observar os alunos que estão em evasão escolar.

Outras plataformas que foram utilizadas pelos alunos durante a pandemia, como o *Google Classroom* também permanecem em uso como forma de registro de conteúdo para acompanhamento da turma.

A evasão escolar foi apontada pelos profissionais pedagogos como um dos maiores problemas enfrentados pela escola. No estágio de observação, tivemos a oportunidade de realizar a busca ativa. Dessa forma, foi necessário realizar um processo que consistiu na conferência do documento de controle de faltas da equipe pedagógica, e a partir disso a conferência no sistema de Registro de Classe Online - RCO, que está interligado com o sistema B.I. Por fim, o sistema contabilizou as faltas e divulgou o percentual de cada aluno. Depois desse processo, a busca ativa foi feita de forma precisa e eficaz.

Além das plataformas, as pedagogas utilizam outros meios digitais para organização do trabalho pedagógico. Entre eles, planilhas compartilhadas com todas as pedagogas dos períodos matutino, vespertino e noturno para que haja coerência em momentos de reunião ou ausência do pedagogo, dessa maneira todos os pedagogos têm ciência das ocorrências no funcionamento da escola como um todo.

Quanto ao uso das tecnologias de comunicação, as novas formas de integrar com a comunidade e de partilhar com a equipe situações do cotidiano, são uma importante ferramenta para a gestão democrática.

Dentro da instituição foi possível perceber que o andamento pedagógico da escola melhorou desde a implantação dessas plataformas pois agora as ocorrências são partilhadas em tempo real e dessa forma a ação em conjunto da equipe pedagógica contribui para um bom gerenciamento da escola.

Neste sentido, as tecnologias podem contribuir com a dicotomia entre o administrativo e o pedagógico que permeia a gestão escolar, obtendo assim uma organicidade na prática pedagógica

administrativa. Permite-se então a gestão do conhecimento a respeito do progresso escolar. (SABADINE, 2020, p. 86).

As plataformas digitais colaboram também para as necessidades do professor, auxiliando em casos de dúvida e possibilitando que ele mesmo tenha acesso à frequência de sua turma. De modo geral, observamos que as tecnologias digitais contribuem efetivamente com a organização do sistema pedagógico das escolas, entretanto quando dentro de sala, acaba retirando o protagonismo central do professor mediante suas disciplinas, visto que na plataforma do RCO+Aulas, o conteúdo é oferecido com poucas opções de intervenção direta do professor.

É notável que o uso dessas plataformas retira em parte a autonomia da equipe pedagógica para administração dessas análises. Diante disso, vale mencionar que essa tecnologia também pode se tornar um simples adereço à escola. Assim salienta Ló (2020, p.6) “a tecnologia, sem o uso adequado, em nada resulta, visto que informações não integradas aos sistemas impossibilitam as análises, os diagnósticos e as tomadas de decisão”.

Segundo Almeida e Prado (2005, p. 2 apud LÓ, 2020), a utilização dessas tecnologias na gestão escolar devem servir para completar e “desenvolver metodologia (...), proporcionando a criação de uma rede de trocas de informações e busca de solução para os problemas que emergem da escola”.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando todos os fatos observados dentro do ambiente escolar, percebemos que as plataformas disponibilizadas para os professores, com o intuito de contribuir para o trabalho docente e com as aulas, auxiliam a organização do sistema escolar, mas acabam retirando parte do protagonismo do professor na programação de sua disciplina. Na plataforma do RCO+Aulas, o conteúdo é disponibilizado pronto, dessa forma alguns professores podem acomodar-se e estagnar a disciplina de forma conteudista.

Segundo Ló (2020) é importante pensar que essas ferramentas de gestão não são apenas estruturas de organização de dados, mas um meio que contribui para a própria atividade docente. Assim, segundo Lück (1993, p. 1 apud. LÓ, 2020), “pelo reconhecimento da importância da participação consciente e esclarecida das pessoas nas decisões, sobre a orientação e planejamento de seu trabalho”.



Diante disso, não estão distantes as possibilidades dos professores utilizarem conscientemente essas ferramentas para facilitar a vida profissional do professor. Da mesma forma a coordenação pedagógica, gestão e, conseqüentemente, dos alunos e da comunidade que a escola está inserida.

Deste modo, podemos perceber que a partir do uso considerável das tecnologias e ferramentas *online* contribuem de diversas formas para o trabalho pedagógico e de gestão escolar. As plataformas auxiliam no diagnóstico e no planejamento de ações, além de facilitar o acompanhamento escolar pelos responsáveis e dos próprios alunos. A integralização das informações nos diversos setores da escola e das gerências educacionais de cada região possibilita a transferência dos alunos, a divulgação de notas e frequência de forma ágil e prática, questão primordial no atual contexto.

## REFERÊNCIAS

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. Disponível em: <https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2016/03/cibercultura-pierre-levy.pdf> . Acesso em 12 jan. 2023

LÓ, Marcelo Antonio; SCHEFFER, Nilce Fátima. A Plataforma Professor On-line de Santa Catarina: Um espaço/ferramenta de Gestão Escolar. **Examen: Política, Gestão e Avaliação da Educação**, v. 4, n. 4, 2020.

PARANÁ. **Secretaria da educação e do esporte**. 2021. Disponível em: <https://www.educacao.pr.gov.br/Noticia/Ferramenta-de-gestao-auxilia-educadores-acompanharem-rendimento-de-estudantes> Acesso em: 13 jan. 2023

SABADINE, Ketlyn Marieli Ferreira. **Registro de classe on-line (RCO): uma análise a partir da concepção de gestão democrática da escola pública**. 2020. Disponível em: [https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/480/DissertacaoFinal\\_KetlynMarieliFerreiraSabadine.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/480/DissertacaoFinal_KetlynMarieliFerreiraSabadine.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 14 dez. 2022

SOUZA, Gabriela Pereira. Formação docente em tempos de pandemia: experiência na gestão escolar. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6683>. Acesso em 10 jan. 2023

MORAN, José Manuel. **Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2013. Acesso em 10 jan. 2023

Anais do II Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do curso de  
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí  
13, 14 e 15 de fevereiro de 2023

DE OSTE, Raíssa; DE OLIVEIRA, Camila Dias; SANTIAGO, Glauber. Tecnologias Digitais na Gestão Escolar: Dilemas e Desafios na Perspectiva dos Diretores. In: **Anais** do CIET: EnPED: 2020-(Congresso Internacional de Educação e Tecnologias| Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância). 2020.

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA: OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DA PRÁTICA E ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA COM ÊNFASE NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS**

TRAVAIN, Alessandra Lourenço da Silva<sup>70</sup>

MORAES, Ana Paula de Oliveira<sup>71</sup>

PEREIRA, Cassia Regina Dias<sup>72</sup>

**RESUMO:** Esse artigo é resultado das atividades práticas de estágio desenvolvidas na disciplina de Ensino e Estágio Supervisionado em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar, no qual destacamos a observação e participação das atividades desenvolvidas na sala de recursos multifuncionais como assunto de relevância para discussão e análise. Dessa forma, com base em materiais de cunho bibliográfico, como artigos científicos e o aporte documental da legislação vigente, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI), de 2008, visamos realizar uma análise a partir das observações registradas no período do estágio supervisionado, destacando a importância do trabalho e organização das salas de recursos multifuncionais bem como o fundamental papel do pedagogo para o desenvolvimento desse trabalho.

**Palavras-chave:** Trabalho pedagógico; Sala de recursos multifuncionais; Estágio supervisionado.

### **1 INTRODUÇÃO**

O presente trabalho é resultado das atividades de estágio desenvolvidas na disciplina de Ensino e Estágio Supervisionado em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar (OTPGE), sendo que, foram desenvolvidas 100 horas de estágio supervisionado, distribuídas em 38 horas de atividades de organização do trabalho pedagógico, 12 horas de atividades de observação e participação da gestão escolar e 50 horas distribuídas em atividades realizadas no campus da UNESPAR de Paranavaí.

Segundo o Manual de estágio em OTPGE (2022), o objetivo geral desse estágio supervisionado compreende proporcionar ao acadêmico, o conhecimento do

---

<sup>70</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), autor 1 - alelourenco00@gmail.com.

<sup>71</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), autor 2 - anamoraesfigueiredo@gmail.com.

<sup>72</sup> Professora doutora, adjunta do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí). cassiadiaspereira@yahoo.com.br.

campo de sua atuação profissional por meio das ações teórico e práticas, adquiridas durante as horas estagiadas na instituição escolar, oferecendo situações didáticas para que os futuros pedagogos, utilizem os conhecimentos que aprenderam e mobilizem também outros oriundos de diferentes naturezas e diferentes experiências em diferentes tempos e espaços curriculares.

Como objetivos específicos destacamos o registro das observações realizadas, as situações problemas e as características do cotidiano do profissional no setor pedagógico; A oportunidade de um conhecimento real em situação de trabalho numa Instituição escolar; possibilitar a vivência das competências exigidas na prática profissional; reconhecer a importância de projetos pedagógicos no conjunto de ações educativas desenvolvidas na Instituição escolar; complementar a formação do estudante, dotando-o do instrumental prático indispensável ao desempenho de sua futura atividade profissional.

Realizamos o estágio em um colégio da rede estadual da cidade de Paranaíba, fomos acompanhadas por duas pedagogas efetivas que realizaram um trabalho exemplar no período em que estivemos na instituição. Sendo essas profissionais de grande inspiração para nós como futuras pedagogas. Contamos com a orientação delas que sempre procuraram nos mostrar as suas demandas, tanto na instituição quanto nos sistemas online. Apresentaram-se sempre muito dispostas a esclarecer nossas dúvidas. Nos delegaram algumas tarefas simples, porém significativas para nosso aprendizado.

Nessa oportunidade, pudemos presenciar o quão importante e trabalhoso é o papel do pedagogo. Realizam suas atividades mesmo quando as condições não são adequadas. O estágio nos possibilitou o contato com professores e com alguns projetos e alunos, esse contato, ainda que pouco, foi de grande relevância para nossa formação. Foi possível perceber na prática como o papel do gestor que motiva sua equipe escolar em dar o seu melhor, e atende as necessidades dos estudantes e professores, é fundamental para o avanço nos processos de aprendizagem e das relações colaborativas e democráticas.

A observação e participação das atividades na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM), propiciou o conhecimento amplo de relação entre a teoria e a prática. Entendemos a importância desse espaço para a aprendizagem dos alunos, a responsabilidade do professor em fazer com que o aluno avance nos conteúdos curriculares e o importante papel da pedagoga em dar o suporte a professora, aos

alunos e aos pais para que esse trabalho aconteça.

Dessa forma, visamos apontar nossas observações obtidas por meio do estágio supervisionado de OTPGE, com ênfase na análise das atividades realizadas na SRM. Para isso, recorreremos a materiais de cunho bibliográfico, como artigos científicos e o aporte documental da legislação vigente, Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI), de 2008.

Assim, esse trabalho se justifica por entender que a inclusão dos alunos público-alvo da educação especial é fator de suma importância no contexto escolar e exige que os conteúdos curriculares sejam garantidos para proporcionar o pleno desenvolvimento dos alunos das SRM. A perspectiva inclusiva sempre foi fator de nosso interesse por compreender a grande responsabilidade que a comunidade escolar possui para com os alunos público-alvo da educação especial.

## **2 RELATO DE OBSERVAÇÃO E PARTICIPAÇÃO NA SRM**

Iniciamos o dia observando o funcionamento da SRM. Geralmente são 5 alunos, todos com laudo médico. Os alunos são divididos em grupos. Cada grupo contém 6 alunos matriculados, nesse dia, (todas as quartas-feiras), a professora junta dois grupos, mas faltaram 2 alunos de cada grupo. Os alunos precisam frequentar a SRM duas vezes na semana. A sala é equipada com armário, mesas coletivas, 2 computadores para uso dos alunos e vários jogos de tabuleiro e pedagógicos. Nesse sentido, Braun e Viana (2011) entram em conformidade quando se referem a sala de recursos dizendo que;

A sala de recursos multifuncional é um espaço que precisa estar preparado com materiais didáticos pedagógicos, equipamentos e profissionais que tenham formação para lidar com as especificidades dos alunos com necessidades educacionais especiais. (BRAUN; VIANA, 2011, p. 7-8)

A professora nos explicou que o planejamento é individual, ou seja, ela precisa planejar uma atividade diferente para cada aluno matriculado, de forma trimestral. Também relatou a necessidade de apresentar um relatório de rendimento dos alunos, e realizar a chamada para verificar a presença em tempo real.

Os alunos levaram algumas atividades para terminar na SRM, com a ajuda da professora. Uma aluna levou a prova de matemática para realizar durante as aulas,

pois ela não conseguiu realizar no tempo proposto pelo professor da sala regular. A professora da SRM auxiliou a aluna a encontrar o MMC (Mínimo Múltiplo Comum). Enquanto isso, os outros alunos realizaram as atividades propostas para cada um.

Quando terminaram as atividades, a professora foi liberando para que eles utilizassem o computador, bem como os jogos e brincadeiras disponíveis na sala. Logo o sinal do intervalo tocou e o primeiro grupo foi dispensado.

Após o intervalo, compareceram apenas dois alunos. Uma aluna precisava realizar a prova de história. A professora auxiliou para que a aluna conseguisse encontrar as respostas corretas. Ao terminar a prova, a professora passou outra atividade sobre antecessor e sucessor, e em seguida, pediu para que a menina fizesse a leitura do texto B.A. BÀ, do autor toquinho.

Enquanto os alunos realizavam as atividades, questionamos a professora sobre as faltas e ela nos explicou que as faltas são contabilizadas como na sala regular, os alunos com excesso de falta poderão ser encaminhados para o Conselho Tutelar. A professora relatou que realiza busca ativa em todas as aulas, a fim de notificar aos pais sobre as faltas dos filhos. Sobre o planejamento trimestral, a professora afirmou que segue o currículo de matemática e de língua portuguesa que os alunos estão desenvolvendo na sala regular, para que esses alunos possam alcançar o restante da turma nos conteúdos curriculares.

A PNEEPEI de 2008 determina que;

O atendimento educacional especializado identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela (BRASIL, 2008, p. 16).

A aula seguiu com a professora encaminhando uma atividade para um aluno, onde o mesmo deveria dar uma legenda para as imagens entregues pela professora, e a outra aluna realizou uma atividade no computador, onde ela deveria pesquisar sobre o autor Toquinho, uma obra, um poema. Os alunos são bem comunicativos, com exceção de um autista que preferiu ficar sozinho. A professora possui uma boa relação com todos eles. O sinal tocou para terminar a aula. Os alunos guardaram os materiais utilizados e despediram-se.

Notamos que as atividades impressas que os alunos receberam durante essa aula eram todas iguais. Somente as atividades que os alunos trouxeram dos professores do ensino regular para terminar na SRM eram diferentes. Isso contradiz o que a professora nos informou no início, que cada aluno tinha um planejamento diferente, com atividades diferentes.

A professora também não deu uma explicação muito aprofundada sobre os conteúdos, ela apenas auxiliou a realizar o que foi pedido pelos professores. Dessa forma, ressaltamos que esse trabalho deve ser feito com total atenção, pois se trata de alunos com diagnóstico, e dificuldades diferenciadas, que dependem da dedicação e ajuda dos professores para que eles possam avançar nos conteúdos e consequentemente, nas próximas etapas de suas vidas.

### **3 ANÁLISE DA ARTICULAÇÃO ENTRE A TEORIA E PRÁTICA**

Como mencionado acima, o trabalho realizado na SRM é de suma importância para garantia de inclusão e desenvolvimento das habilidades e capacidades dos alunos público-alvo da educação especial.

A PNEEPEI estabelece como público-alvo da educação especial os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Dessa forma, segundo a legislação nacional, esses alunos têm seus direitos garantidos de estarem com seus pares no mesmo ambiente de ensino. Sendo que, no contraturno escolar, o aluno deve frequentar a SRM para complementar ou suplementar os conteúdos curriculares segundo as especificidades de cada aluno (BRASIL, 2008).

O Grupo de Trabalho da PNEEPEI de 2008, elaborou um documento que evidencia o período em que o atendimento a pessoa com deficiência se inicia no Brasil. De acordo com esse documento:

No Brasil, o atendimento às pessoas com deficiência teve início na época do Império com a criação de duas instituições: o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, em 1854, atual Instituto Benjamin Constant – IBC, e o Instituto dos Surdos Mudos, em 1857, atual Instituto Nacional da Educação dos Surdos – INES, ambos no Rio de Janeiro. No início do século XX é fundado o Instituto Pestalozzi - 1926, instituição especializada no atendimento às pessoas com deficiência mental; em 1954 é fundada a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE e; em 1945, é criado o primeiro atendimento educacional especializado às pessoas com

Assim, com o passar dos anos, a educação para pessoas com deficiência passa a ter respaldo baseando-se na LDBEN, onde afirma que esse atendimento deve ser oferecido “preferencialmente dentro do sistema geral de ensino”.

De acordo com Pasian; Mendes e Cia (2014, p.214) as SRM devem ser um instrumento que visa a aprendizagem dos alunos com necessidades especiais de acordo com a característica de cada um, e assim, promover sua adaptação na sala regular de ensino.

Por meio da Portaria Normativa n.º 13, de 2007, foi criada a implantação das SRM nas escolas, visando promover o atendimento educacional especializado aos alunos público-alvo da educação especial. Assim, estados e municípios brasileiros passaram a viabilizar uma educação com maiores condições de acessibilidade e ampliaram a qualidade do processo de ensino e aprendizagem dos alunos que frequentam as SRM (BRASIL, 2007).

Quando observamos a SRM, percebemos que o atendimento prestado aos alunos foi bem superficial. Apesar de a professora ter muita experiência e conhecimento, o trabalho que a vimos realizar não foi tão relevante. Os alunos realizaram as mesmas atividades, apenas com ordens diferentes, ferindo o direito do aluno de ter um planejamento individual que atenda às suas reais necessidades.

Vimos que a professora não deu ênfase em nenhum conteúdo, e passava as respostas para os alunos. Omote (2004), afirma que, a SRM, deve oferecer condições para que o aluno avance no desempenho escolar, e não apenas inseri-lo como se fosse mais um número (*apud* PASIAN; MENDES E CIA, 2014).

Para que esse atendimento ocorra de forma coerente, é necessário que o professor esteja preparado para lidar com a diversidade de alunos em sala, e elaborar o PEI, (Plano de Ensino Individualizado), o qual atenderá cada aluno conforme sua especificidade. O PEI deve ser elaborado e aplicado, para ser efetivo o seu potencial, pois vimos que muitas vezes o plano é feito, mas não é realizado, e isso prejudica o desenvolvimento desses alunos.

Para elaborar o PEI, algumas questões devem ser consideradas, como: Quem é o aluno? O que ele sabe? O que precisa aprender? O que será ensinado à turma? Por quê? Para que será ensinado? Quem vai ensinar? Como será ensinado? Quais os recursos que serão utilizados? Como será a avaliação deste ensino? Essas



questões são norteadoras, para que o trabalho seja efetivo e de qualidade.

A formação do professor também é de suma importância, e as escolas devem oferecer condições materiais e pedagógicas para a realização do trabalho, bem como a formação continuada dos profissionais que atuam nessa área.

De acordo com Pasian; Mendes e Cia (2014, p. 216) os professores devem ter a seguinte formação:

Os professores devem ter formação em cursos de licenciatura em educação especial ou em uma de suas áreas, devem complementar os estudos e/ou realizar pós-graduação em áreas específicas da educação especial, posterior à licenciatura nas diferentes áreas de conhecimento para atuação nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio. Também deve ser ofertado aos professores oportunidades de formação continuada, inclusive em nível de especialização, pelas instâncias educacionais da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (BRASIL, 1996; 2001).

Em relação à formação inicial dos professores, as autoras acima citadas relatam que a formação em Pedagogia não é suficiente para atuar na SRM, visto que o estudo é realizado apenas por uma disciplina específica onde os conhecimentos não são aprofundados, assim, sendo necessária uma especialização, pós-graduação para que essas lacunas sejam supridas, a fim de prestar um atendimento completo e de qualidade para os alunos de SRM (PASIAN; MENDES E CIA, 2014, p. 216).

Falando de recursos, a sala que observamos, conta com muitos materiais, jogos pedagógicos e computadores, para uso dos professores e alunos, vindo de encontro com o que estabelece a Portaria Normativa n.º 13, ao caracterizar as SRM como, [...] um espaço organizado com equipamentos de informática, ajudas técnicas, materiais pedagógicos e mobiliários adaptados, para atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos (BRASIL, 2007, p.1).

Notamos também que ocorrem muitas faltas nas SRM, o que interfere de maneira negativa no desenvolvimento desses alunos e dificulta o trabalho professor. A professora afirma que realiza busca ativa diariamente. Os motivos de tantas faltas são variados. De acordo com Braun e Viana (2011, p. 8), a falta também é uma das dificuldades enfrentadas pelos professores da SRM no Rio de Janeiro, e diz que:

[...] para as famílias é difícil garantir a presença do aluno no atendimento no turno contrário quando o horário oferecido é muito “distante” do horário de saída ou entrada (de acordo com o turno),

pois quem ficará esperando, ou quem levará o aluno e o reconduzirá? As famílias trabalham, e geralmente os alunos precisam de tutela para a locomoção, não andam sozinhos. Se escola, por qualquer razão, não oferece almoço, isso gera outras impossibilidades.

No caso da escola em que realizamos a prática do estágio, uma aluna havia faltado pelo motivo de que a mãe não estava em casa para acordá-la. Ainda nessa temática, as autoras revelam que algumas escolas não utilizam o contraturno para as SRM, mas encaminham dentro do turno regular para tentar amenizar as faltas, a evasão e a desistência, e apoiar os professores do ensino regular, as autoras consideram que, em algumas circunstâncias, seja uma sugestão válida.

O trabalho com os alunos com necessidades educacionais especiais, deve ser realizado de maneira colaborativa, visando resultados cada vez melhores, buscando sempre a inclusão e o desenvolvimento dos alunos especiais, e a valorização do profissional que atua nessa área.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, fica evidente a importância do trabalho realizado na SRM. Ainda que a nossa experiência não tenha ocorrido da maneira adequada, ou seja, não vimos um trabalho individualizado com os alunos, mesmo assim pudemos perceber que o professor deve fazer a diferença na educação desses alunos, e dar o seu melhor em favor da aprendizagem dos discentes, pois muitas das vezes esses alunos são vistos com preconceito, onde julgamos que eles não têm condições de aprender, e por isso, alguns profissionais não se esforçam, nem buscam metodologias para que ocorra esse aprendizado.

Entendemos que existem dificuldades, e que muitas das vezes o professor se sente desmotivado, sendo de suma importância que professores, equipe pedagógica, e familiares, estejam unidos com o intuito de proporcionar maior aprendizado e desenvolver habilidades nos alunos com necessidades especiais.

Com a leitura dos textos e a participação no estágio, percebemos que algumas situações são maquiadas, ou seja, está teoricamente feito, mas, na prática, não. A legislação estabelece que seja ofertada uma educação inclusiva, e individualizada, mas o que vimos foi uma sala onde muitas das vezes os alunos vão apenas para realizar as atividades que não conseguiram terminar no ensino regular,

onde a professora praticamente passa resposta, utilizando-se dos mesmos materiais para todos os alunos.

A inclusão desses alunos é importantíssima, mas educação de qualidade é essencial. Para tanto, precisamos estar com o olhar atento a diversidade e individualidade de cada aluno, mantendo um compromisso com o desenvolvimento dos alunos público-alvo da educação especial. Assim, devemos buscar cada dia mais conhecimento, nos capacitando cada vez mais para que assim, o trabalho seja efetivo e o aprendizado, seja pleno.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Portaria Normativa nº 13, de 24 de abril de 2007**. Dispõe sobre a criação do "Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais". Brasília. DF: MEC, 2007. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=9935-portaria-13-24-abril-2007&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9935-portaria-13-24-abril-2007&Itemid=30192). Acesso em: 04 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília. DF: MEC, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

BRAUN, Patrícia; VIANNA, Márcia Marin. Atendimento educacional especializado, sala de recursos multifuncional e plano de ensino individualizado: desdobramentos de um fazer pedagógico. **Educação especial e inclusão escolar**. RJ: Ed. UFFRJ, 2011. Disponível em: [https://educinclusivapesq-uerj.pro.br/wp-content/uploads/2020/04/BraunMarin.AEE\\_.2011.pdf](https://educinclusivapesq-uerj.pro.br/wp-content/uploads/2020/04/BraunMarin.AEE_.2011.pdf). Acesso em: 16 jan. 2022.

PASIAN, Maria Silva; MENDES, Enicéia gonçalves; CIA, Fabiana. Salas de recursos multifuncionais: Revisão de artigos científicos. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos-SP, v. 8, n. 3, p. 213–225, 2014. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/949>. Acesso em: 02 jan.2023.

## **RELATO DE EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NA DISCIPLINA DE ENSINO E ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO E GESTÃO EDUCACIONAL: FOCO AO CONSELHO DE CLASSE**

SANTOS, Giovana Cardoso dos<sup>73</sup>

JESUS, Mariane Oliveira de<sup>74</sup>

FRAQUETTA, Flávio<sup>75</sup>

**RESUMO:** O presente relato tem como intuito descrever a prática ocorrida na disciplina de Ensino e Estágio Supervisionado em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Educacional, que ocorreu no Colégio Estadual localizado na cidade de Paranavaí – Paraná, no período vespertino, com o objetivo de enfatizar a importância do estágio obrigatório na trajetória acadêmica e as experiências vivenciadas no Conselho de Classe da instituição, descrevendo as etapas que ocorreram e os conhecimentos adquiridos durante este estágio. O Conselho visa a discussão e as propostas para a resolução de problemas que de alguma forma prejudicam o processo de ensino e de aprendizagem dos alunos, e vale ressaltar que este momento é por buscas de melhorias e soluções eficazes através do diálogo entre equipe pedagógica e também pelo corpo docente da instituição. Todo o estágio ocorreu de maneira presencial e se pautou em um cronograma elaborado pela professora da disciplina juntamente com as acadêmicas e pedagoga supervisora que nos orientou durante o cumprimento do estágio, dando todo o suporte necessário para que fosse atingido os ideais propostos pelo estágio, em especial o Conselho de Classe. Tal Conselho, foi realizado fora do horário escolar, para que assim seja conduzidos sem pausas e com todos membros pertinentes, já que em horário de aula há várias demandas a serem atendidas por todos que precisam estar presentes. O estágio nos proporciona um contato direto com o campo profissional no qual iremos atuar futuramente, por meio de uma articulação entre a teoria desenvolvida durante a formação acadêmica e a prática que ali se faz presente diante a situações ocorridas in loco. Por fim, o momento que se concedeu ao acompanhamento ao Conselho de Classe Escolar, foi de grande importância, pois como futuras pedagogas é essencial que se compreenda o principal objetivo dessa ferramenta dentro do ambiente escolar e que é constituída na Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 – LDB da educação nacional.

**Palavras-chave:** Estágio; Conselho de Classe; Formação Acadêmica.

### **1 INTRODUÇÃO**

---

<sup>73</sup>Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí) giycardoso@hotmail.com.

<sup>74</sup>Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí) marianeoliveira15@hotmail.com.

<sup>75</sup> Mestre; Professor orientador do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), flaviofraquetta@gmail.com.

O presente trabalho é um relato de experiência a partir da vivência do Ensino e Estágio Supervisionado em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Educacional, destacando a participação no Conselho de Classe realizado no dia primeiro de outubro de 2022, no período vespertino, com as turmas dos sextos e sétimos anos, no Colégio Estadual localizado na cidade de Paranavaí – Paraná. O Conselho de Classe é uma ferramenta muito importante dentro do ambiente escolar, desta forma é fundamental darmos foco a pontos necessários para compreender como essa prática se consolida neste meio, e entender o quão importante é este processo dentro do âmbito escolar.

O objetivo deste relato é enfatizar o que é o Conselho de Classe e a experiências vivenciadas in loco, descrevendo as etapas de como ocorreram e os conhecimentos adquiridos durante esta parte do estágio.

Nesse sentido, ressalta-se que o estágio obrigatório tem por objetivo geral proporcionar ao acadêmico, o conhecimento do campo de sua atuação profissional por meio das ações teórico/práticas, adquiridas durante as horas estagiadas numa instituição escolar, oferecendo situações didáticas para que os futuros profissionais, das áreas da Organização do Trabalho Pedagógico e da Gestão Escolar.

Com isso, espera-se que os estagiários utilizem os conhecimentos que aprenderam e mobilizem também outros oriundos de diferentes naturezas e diferentes experiências em diferentes tempos e espaços curriculares e como objetivo específico o foco é registrar de forma escrita e utilizando fotografia como instrumento e técnica de análise e registro, as observações realizadas e as situações problemas e características do cotidiano do profissional de no setor pedagógico (coordenação pedagógica/ supervisão/orientação) e no setor da gestão administrativa e espaços pedagógicos da instituição escolar (laboratórios, biblioteca, quadra esportiva, outros).

Para tal, oferecer ao futuro graduado um conhecimento real em situação de trabalho numa Instituição escolar, possibilita a vivência das competências exigidas na prática profissional, e faz com que seja reconhecida a importância de projetos pedagógicos no conjunto de ações educativas desenvolvidas na Instituição escolar complementando a formação do estudante, dotando-o do instrumental prático indispensável ao desempenho de sua futura atividade profissional.

Além disso, reforça o princípio tão difundido hoje do trabalho coletivo. A exigência de ações compartilhadas de produção coletiva possibilita o

desenvolvimento da criatividade, da criticidade, da autonomia profissional e intelectual, do senso de responsabilidade pessoal e coletivo que fundamentam a ética profissional tão necessária na formação dos profissionais da área.

O reconhecimento da necessidade dessa atuação coletiva dos formadores transforma-se em eixo articulador das dimensões teóricas e práticas que nortearão a formação do profissional que pretende atuar em administração, supervisão e orientação.

A metodologia utilizada são as experiências vivenciadas pelas acadêmicas do quarto ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, Campus Paranavaí, e que irão ser descritas e pautadas nas obras de Guerra (2006), Mattos (2005) e Santos (2006).

## **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **2.1. IMPORTÂNCIA DO CONSELHO DE CLASSE**

O Conselho de Classe é uma instância presente na estrutura da escola e é responsável pela reflexão crítica do processo de ensino e de aprendizagem, sendo uma importante ferramenta dentro do ambiente escolar, pois visa a discussão e as propostas para a resolução de problemas que possam ocorrer por dificuldades de aprendizagens, problemas de indisciplinas e até recorrentes de problemas sociais e familiares, ou seja,

Assim, à função precípua de avaliação do processo de aprendizagem, os Conselhos de Classe são vistos, em algumas escolas, como podendo proporcionar uma discussão livre entre colegas, com a finalidade de buscar soluções para os problemas diagnosticados” (MATTOS, 2005, p. 217).

O Conselho de Classe está fundamentado no Projeto Político Pedagógico – PPP e no Regime Escolar da instituição, podendo ocorrer bimestralmente ou trimestralmente, com a participação das seguintes pessoas: direção escolar, equipe pedagógica e docentes. Desta forma,

[...] as reuniões do Conselho de Classe expressam as concepções da escola, dando uma visão do todo - objetivos, propostas, as práticas avaliativas adotadas – e é a partir dessas concepções que a

escola irá permitir ou não a participação de pais e alunos. (SANTOS, 2006, p. 24).

Reafirmando a citação acima, se for um conselho participativo fica aberto para que alunos e seus responsáveis participem, tendo sempre como base e princípio a análise dos alunos nos seus respectivos anos e assim se necessário buscando alternativas e soluções para eventuais problemas que interfiram no processo de ensino e de aprendizagem dos alunos. Sendo assim,

[...] é pelo diálogo entre o coordenador pedagógico e os professores em um contexto de reflexão crítica que é possível observar e perceber os problemas do cotidiano escolar buscando soluções cabíveis. Nesse sentido, a formação docente deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, fornecendo aos professores meios para desenvolver um pensamento autônomo que proporcione as dinâmicas de um trabalho livre e criativo com foco na construção de uma identidade profissional. (GUERRA, 2006, p. 09).

Com objetivos já estipulados, o Conselho de Classe tem como uma de suas propostas, o levantamento de dados de alunos com notas abaixo da média, com problemas comportamentais e aqueles que têm uma elevada taxa de faltas, buscando medidas que visem solucionar e entender o que acarreta esses contratempos e também avaliando a eficácia das ações pedagógicas dentro de sala de aula por parte do docente. De acordo com Guerra (2006),

Com foco em buscar o crescimento individual e o desenvolvimento do grupo, todos devem trabalhar para alcançar metas mediante construções conjuntas. De acordo com Duranti (1986), a ação colaborativa depende de todos os participantes que estão envolvidos e faz-se necessário a negociação de sentidos à luz dos pressupostos vygotskianos. Durante o conselho de classe, todos os participantes deverão avaliar os alunos de forma colaborativa. Sendo assim, faz-se necessário uma constante negociação de sentidos entre os participantes para que todos verbalizem as suas experiências, concordâncias e discordâncias relacionando seus pensamentos, seus paradigmas aos discursos dos outros e vice-versa. (GUERRA, 2006, p. 10).

Reafirmando a citação acima, o conselho de classe é um órgão colegiado e está presente na organização escolar e visa a melhoria de todas as partes que envolva o desenvolvimento pleno dos discentes.

Todos os envolvidos no conselho tem a oportunidade de refletir e se autoavaliar sobre o desempenho dos alunos e de seu próprio trabalho, observando o que os alunos conseguiram construir e desenvolver no decorrer do bimestre ou

trimestre e no que apresentaram dificuldades, sejam cognitivas, comportamentais ou evasão escolar, e assim buscando alternativas que possibilitem com que o docente procure alternativas que visem a solução para estes alunos. Para Santos (2006),

Quando se discute a aprovação de um aluno, com parecer contrário ao do professor, questiona-se a autonomia e a autoridade deste. A autoridade do professor é dada pela sua competência no exercício de seu ofício. Entretanto, ao pensar em competência, pensa-se apenas no conjunto de 33 conhecimentos e de técnicas dominadas pelo professor para a promoção da aprendizagem. Dessa forma, questionar o parecer do professor, dono do conhecimento daquela disciplina, é invadir o arcabouço teórico do qual ele é a autoridade e, sendo a autoridade naquele conhecimento, não se vê alvo da avaliação, pois não percebe que avaliar o aluno implica avaliar a sua ação. (SANTOS, 2006, p. 32 - 33).

Deste modo, o Conselho de Classe abre oportunidade para que o professor abra um espaço de autoavaliação do próprio trabalho pedagógico, assim, esta ação pode levar até uma troca de informações entre os professores de cada disciplina, como uma espécie de ajuda mútua, para fazer com que os mesmos compreendam a importância deste mecanismo que é o Conselho de Classe.

## 2.2 DESCRIÇÃO SOBRE COMO OCORREU O CONSELHO DE CLASSE

Ao chegarmos no espaço da realização do Conselho de Classe concedido por uma faculdade local, fomos recebidas por uma pedagoga a qual nos encaminhou a respectiva sala.

Ao entrarmos, encontramos uma mesa com café posto para as pessoas que ali se encontravam, um quadro escrito com informações importantes nas quais precisavam ser abordados durante o conselho.

As mesas estavam organizadas em círculo com identificação de disciplinas para que os professores pudessem se sentar e uma mesa para a pedagoga que fez toda a mediação, e para outras pedagogas presentes e uma secretária que estava responsável pela ata.

Ao iniciar, a pedagoga que conduziu os trabalhos, informou que se iniciaria pelos sextos anos, que somam ao todo quatro turmas, e posteriormente os sétimos anos que somam apenas duas turmas. No geral, a cada início de fala de uma determinada turma, a pedagoga começava lendo a ata que foi elaborada



inicialmente pelo pré-conselho, que também foi elaborada a partir das informações coletadas do Registro de Classe Online - RCO e do formulário de informações dos discentes, deixando claro que se necessário a alteração ou o acréscimo de informações era possível.

Dando continuidade, em todas as turmas houve acréscimos nas atas, pois alguns professores relataram apresentar alunos específicos com defasagens na aprendizagem, no comportamento ou em evasão escolar.

Houve uma fala, na qual foi dito que alunos com problemas com faltas, o governo do estado do Paraná, informou que aquele discente que houver extrapolado o limite de falta, mesmo que tenha notas dentro do necessário, irá ficar retido na mesma série, já os alunos com problemas de notas, é ofertado recuperação e um plano de estudos, para que melhorem aqueles resultados obtidos.

Deste modo, é importante ressaltar que os professores e a pedagoga ali presente visaram a todo momento, solucionar problemas em todos os casos expostos, buscando a melhoria do espaço escolar e do processo de ensino e de aprendizagem, sempre tendo em foco o comprometimento com a aprendizagem e a educação de cada discente, pois acreditam que a educação é sem dúvidas uma grande base para a formação de cidadãos para a sociedade na qual vivemos.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Deste modo, consideramos o estágio realizado durante o período letivo de dois mil e vinte dois de suma importância para a nossa formação profissional, pois nos coloca a frente com a realidade que a função de pedagogo, diretor e secretária escolar exerce dentro do âmbito escolar. Durante a realização do estágio obtivemos todo o suporte necessário por parte da equipe pedagógica, sanando todas as nossas dúvidas de como cada parte atuava dentro do Colégio e assim formando o todo que ali funciona. Entender como o Conselho de Classe funciona desde de os seus princípios e objetivos é de grande importância, pois nos fazem refletir sobre e ressignificá-lo.

Assim, compreendemos que não é apenas uma ação onde visa apenas a aprovação e reprovação dos alunos, é todo um conjunto que se articulam e buscam soluções eficazes para aqueles que apresentam desde dificuldades cognitivas na aprendizagem, comportamental e de evasão escolar, levando a análise de todos os

aspecto em que esse discente está envolvido desde fatores sociais, econômicos e até a ação pedagógica do docente, assim a equipe pedagógica em conjunto com os professores se reúnem e buscam alternativas para solucionar todos os problemas para que o desenvolvimento e aprendizagem ocorra de maneira correta e total.

Foi notório que é enfrentado grandes dificuldades dentro do Colégio, mas, a equipe escolar demonstra perseverança ao lutar pelos seus objetivos para cumpri-los. Um dos pontos fundamentais, foi a observação perante a equipe pedagógica da instituição, sendo sempre profissionais e buscando a qualidade para ofertar aos alunos um suporte pedagógico necessário.

Para nós acadêmicas de Pedagogia que se encontram atuando no último estágio antes da formação para atuarmos como pedagoga, esta etapa foi de extrema importância, pois nos coloca em ação com o âmbito profissional e nos dá a oportunidade de articular a prática e ação, aprendida durante a trajetória acadêmica.

Portanto, o estágio foi uma experiência que acrescentou em nossa formação acadêmica e profissional, pois nos colocou diante das situações reais que acontecem no ambiente escolar e assim consolidou ainda mais na trajetória como futuras pedagogas.

## REFERÊNCIAS

GUERRA, M. G. G. **Conselho de classe: que espaço é esse?**. 2006. p. 233. Dissertação Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: s.n., 2006. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/13820/1/Monica%20Galante.pdf>. Acesso em: 09 de Janeiro de 2023.

MATTOS, C. L. G. de. O conselho de classe e a construção do fracasso escolar. **Educação e pesquisa**, v. 31, p. 215-228, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/BFhVYFc37F8JbBnDwXw4sHq/?format=html lang=pt>. Acesso em: 09 de Janeiro de 2023.

SANTOS, F. R. V. dos. **Conselho de classe: A construção de um espaço de avaliação coletiva**. 2006. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/1289>. Acesso em: 09 de Janeiro de 2023.

## **VISITA E PARTICIPAÇÃO NAS ATIVIDADES DA SALA DE RECURSO MULTIFUNCIONAL: AÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM OTPGE**

CUNHA, Adriana leite Fonseca da<sup>76</sup>  
SANTOS, Dayane da costa pancheski Garaluz dos<sup>77</sup>  
PEREIRA, Cássia Regina Dias<sup>78</sup>

**RESUMO:** Trata-se de um relato de experiência sobre uma das atividades obrigatórias da disciplina de Ensino e Estágio Supervisionado em OTPGE, tendo como objetivo abordar as atividades desempenhadas pelas estagiárias acadêmicas do curso de pedagogia da Universidade Estadual do Paraná- UNESPAR- campus de Paranavaí . O estágio obrigatório e sua carga horária nos cursos de licenciatura é regido pela legislação que trata da formação docente no Brasil. O estágio OTPGE tem como finalidade integrar o processo de formação do aluno, futuro profissional, de modo a considerar o campo de atuação como objeto de análise, investigação e de interpretação crítica, a partir dos nexos com as disciplinas do curso. As atividades foram realizadas no Colégio Estadual de Paranavaí entre os meses de julho a outubro de 2022. Quando uma instituição acolhe um estagiário, ela é corresponsável pelo processo de formação de profissionais que, no futuro, poderão constituir seus quadros. A participação do aluno-estagiário envolve a sua colaboração ativa junto ao setor de coordenação pedagógica e gestão escolar e constitui-se em uma possibilidade de experimentar a vivência da prática técnico pedagógica durante o processo de formação acadêmica. O estágio realizado no referido colégio permitiu avaliar os diversos contextos educativos, dentre eles o da sala de recursos multifuncional. Neste artigo destacamos a organização pedagógica da sala de recursos multifuncional e buscaremos refletir sobre a importância desse espaço para os educandos que apresentam necessidades específicas. Por meio da observação e da participação nesse espaço educativo, foi possível conhecer as ações desenvolvidas, entre elas o planejamento individualizado, os procedimentos e os recursos pedagógicos, que são adaptados para serem aplicados nos conteúdos de acordo as necessidades educativas dos educandos. Estes, para frequentarem a sala de recursos multifuncional, devem possuir um laudo médico que comprove algum tipo de transtorno ou deficiência intelectual, altas habilidades, ou deficiência física que comprometa seu desempenho escolar.

**Palavras-chave:** Estágio em OTPGE. Sala de recurso multifuncional. Contexto educativo.

---

<sup>76</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), e-mail: dricunhapedagogia@gmail.com

<sup>77</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), e-mail: dpancheski@gmail.com.

<sup>78</sup> Doutora em Educação; Professora do Colegiado do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná os procedimentos e os recursos pedagógicos que são adaptados para serem aplicados (UNESPAR/Pvaí). cassiadiaspereira@yahoo.com.br.

## **1 INTRODUÇÃO**

O papel do pedagogo na construção da escola promotora das relações humanas pode se ampliar a cada dia. Pensando nessa ampliação como uma aprendizagem, é que se propõe na formação do pedagogo o Ensino e Estágio Supervisionado em Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar (OTPGE), componente curricular obrigatório, conforme as leis que regem a educação brasileira, com carga horária de prática educativa em campo e reflexão sobre essa prática.

No cenário educacional, destaca-se a importância da Escola como instituição complexa que se constrói pela relação de educadores, alunos, família, comunidade, poder público e outros segmentos sociais. Nesse sentido, o acadêmico estagiário tem a oportunidade de comprovar e aperfeiçoar os conhecimentos pedagógicos, no convívio escolar.

No desenvolvimento do estágio, espera-se que o acadêmico tenha um olhar investigativo, reflexivo, questionador e atento às práticas desenvolvidas no espaço escolar e para as relações nele estabelecidas. Analisando o cenário, os recursos e sua utilização, a seleção de conteúdos e os métodos escolhidos para o ato educativo/formativo e gestor, segundo a sua história. Exercitando uma ação de pesquisador.

O estágio visa proporcionar ao acadêmico, o conhecimento do campo de atuação profissional por meio das ações teórico e práticas adquiridas durante as horas estagiadas numa instituição escolar, mostrando situações na qual os futuros profissionais possam utilizar os conhecimentos que adquiriram durante a sua formação. Somando a eles, diversas experiências em diferenciados tempos e espaços curriculares.

O campo de Estágio foi o Colégio Estadual de Paranaíba CEP, que atualmente possui 52 turmas, sendo 1191 alunos matriculados, possui 7 pedagogas, sendo 4 para o ensino médio, 1 para formação de docentes e 2 para o ensino fundamental. O colégio possui térreo, 1º e 2º andar com 32 salas com recursos tecnológicos como TV e laboratórios de informática.

As atividades práticas do estágio foram desenvolvidas sob a supervisão da Pedagoga Verônica. Ela nos acompanhou em algumas práticas obrigatórias do estágio, como a organização do trabalho pedagógico, o dia de estudo e planejamento, tutoria pedagógica, reunião do conselho de classe e a colaboração e participação ao

profissional da equipe pedagógica. Da mesma forma, o gestor do colégio, professor Daniel Buniotti, nos acompanhou nas atividades ligadas a gestão escolar. Por exemplo, na recepção, no dia de estudo e planejamento, na tutoria e sua devolutiva da tutoria pedagógica e na entrevista sobre o cotidiano da função de diretor escolar.

Considerando que o estágio supervisionado faz parte da nossa preparação como futuro profissional pedagogo, que poderá atuar na organização do trabalho pedagógico da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio, auxiliando na gestão pedagógica da escolar, sucederam-se várias atividades para oportunizar uma vivência do cotidiano de trabalho do pedagogo técnico e do gestor.

Neste relato de experiência optamos por enfatizar a organização pedagógica da sala de recursos multifuncional. Tendo em vista que é função do pedagogo dar suporte pedagógico e acompanhar o processo de matrícula, inserção, atendimento dos alunos que precisam de atendimento especializado para melhorar seu rendimento escolar.

Por meio da observação e da participação nesse espaço educativo, foi possível conhecer as ações desenvolvidas, entre elas o planejamento individualizado, os procedimentos e os recursos pedagógicos adaptados para serem aplicados nos conteúdos de acordo as necessidades educativas dos educandos. Para os alunos frequentar a sala de recursos multifuncional, devem possuir um laudo médico que comprove algum tipo de transtorno ou deficiência intelectual, altas habilidades, ou deficiência física que comprometa seu desempenho escolar.

Na sequência refletiremos sobre a importância desse espaço para os educandos que apresentam necessidades educativas específicas.

## **2 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O atendimento pedagógico ofertado no ambiente escolar deve oferecer professores comprometidos com a educação na perspectiva inclusiva, e reflexivo sobre as possibilidades de ensino e aprendizagem. Sendo assim, é necessário haver o atendimento educacional aos alunos com deficiências físicas e intelectuais, de modo a superar as barreiras que limitam a aprendizagem dos educandos, proporcionando a eles a real inserção e participação na sala de aula. Conforme a Deliberação nº 02/2016 a educação inclusiva é um dever do Estado que garante que:

Art. 3º A Educação Especial, dever constitucional do Estado e da Família, é a modalidade que assegura o Atendimento Educacional Especializado, em caráter complementar ou suplementar, como parte integrante do processo educacional em todos os níveis, etapas e modalidades de ensino para estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, transtornos funcionais específicos e altas habilidades ou superdotação. (CEE, 2016, p. 04).

Antes da constituição federal de 1988 não era regulamentado o atendimento aos indivíduos com deficiência ou transtornos, a educação direcionada para esse público alvo era pensada de uma forma que excluía o aluno do sistema educacional comum. Com a regulamentação de diversos Marcos Normativos o direito de todas as crianças foi garantido sem qualquer distinção, todas as crianças passam a ter direito a estudarem em ambientes de aprendizagem, inclusive os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Os principais Marcos Normativos das Salas de Recurso Multifuncionais são:

- Portaria Normativas n.º 13/2007 de referência nacional que dispõe a criação do “Programa de Implementação de Salas de Recurso Multifuncionais”
- Resolução n.º 4/2009 que dispõe sobre as diretrizes operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na educação básica, incluindo a elaboração e execução do plano de AEE.
- Resolução n.º 4/2010 que dispõe sobre as diretrizes nacionais gerais para a Educação Básica, estabelecendo que a educação especial deve ser parte integrante da educação regular e estar prevista no Projeto Político-Pedagógico.
- Decreto n.º 7611/2012 que dispõe sobre a Educação Especial e o Atendimento Educacional Especializado, colocando a educação especial e a garantia de um sistema educacional inclusivo, sem discriminação e baseada na igualdade de oportunidades como dever do Estado.
- Lei n.º 13005/2014 que dispõe sobre o Plano Nacional de Educação de 2014 a 2024 com garantia do atendimento das necessidades especiais na educação especial, um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, etapas e modalidades.

A constituição de 1988 em seu texto assegura o dever do Estado em garantir o atendimento educacional especializado, de preferência na rede regular de ensino. Com os direitos assegurados pela constituição em seu texto constitucional foram alcançados progressos para a inclusão tratados em convenções internacionais, conhecida como a declaração (1990), a declaração de Salamanca (1994) e a

convenção sobre os direitos das pessoas com deficiências (2006). Sob influência das tendências globais no triênio de 2007, 2008 e 2009 foram realizadas várias ações direcionadas à inclusão.

Com a implantação de várias políticas nacionais para rede pública de ensino o governo realizou ações de inclusão no qual envolvia o programa de implantação de salas de recursos multifuncionais, desde 2007 foi lançado ao nível nacional. Após o lançamento do programa foi instituída a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva inclusiva (PNEEPEI) no qual orienta o sistema de ensino a garantia em acesso ao ensino regular nas escolas comuns, apoiando a remoção de barreiras à aprendizagem, dando continuidade nos níveis elevados de ensino, ofertando o atendimento especializado de maneira complementar.

Desde o lançamento do programa houve um aumento expressivos de estudantes público-alvo da Educação Especial matriculados em salas comuns. Segundo o Ministério da Educação, o PNEEPEI é um instrumento utilizado no ambiente da educação inclusiva. A PNEEPEI é um eficiente instrumento de avanços conceituais, políticos e sociais, no âmbito da educação dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. (BRASIL, 2022).

As salas de recurso multifuncional são espaços expandidos para a realização do atendimento educacional especializado AEE. Nesses espaços são atendidos alunos que são público-alvo da Educação Especial, os educadores que nelas atuam devem possuir formação especializada. Eles são mediadores entre o aluno, os professores de sala de aula comum e as famílias.

A equipe pedagógica em conjunto com os professores das salas de recurso multifuncional deve refletir sobre os planejamentos e metodologias adequadas para os alunos com deficiências no ensino regular, possibilitando o desenvolvimento e apropriação dos conhecimentos científicos.

Os espaços educacionais que atendem o público alvo da educação especial devem possuir equipamentos e recursos pedagógicos adequados às necessidades educacionais de cada aluno. Referem-se a equipamentos de apoio técnico, tecnológico, físico e materiais específicos, permitindo acesso ao currículo dos alunos com necessidades educacionais especiais, como mobiliários anatômicos adaptáveis, ambientes com acessibilidade. Conforme a deliberação, as Salas de Recurso Multifuncional devem disponibilizar os seguintes recursos conforme a necessidade do

aluno.

I – sala de recursos multifuncionais em deficiência intelectual, deficiência física, neuro motora, transtornos globais do desenvolvimento, transtornos funcionais específicos; II – sala de recursos multifuncionais em surdez, visando à aprendizagem em LIBRAS, como primeira língua, e na modalidade escrita de Língua Portuguesa, como segunda língua; III – sala de recursos multifuncionais em deficiência visual, visando à aprendizagem da leitura e da escrita no sistema Braile, Sorobã, atividades da vida autônoma e social, orientação e mobilidade; IV – sala de recursos multifuncionais em altas habilidades ou superdotação (CEE, 2016, p. 11).

Quanto as adaptações dos conteúdos curriculares, refere-se às possibilidades educacionais de metodologias usando as tecnologias diversificadas, recentemente nomeadas de tecnologias assistivas, apropriadas às especificidades dos alunos. Em relação ao currículo, ele deve ser dinâmico, alterável, ampliável, com adaptações metodológicas de conteúdo, dos objetivos, de avaliação, de espaço físico, para permitir o efetivo atendimento aos alunos com deficiência intelectual ou física.

Partindo dessas considerações apresentaremos a seguir o relato de experiência do estágio da disciplina de OTPGE realizado na sala de recurso multifuncional do Colégio Estadual de Paranavaí que nos permitiu avaliar e analisar a realidade dessa modalidade de ensino, as ações desenvolvidas, os procedimentos e recursos pedagógicos, os conteúdos adaptados para serem aplicados de acordo às necessidades educativas dos educandos que são o público alvo da educação especial.

## 2.1 RELATÓRIO: VISITA E PARTICIPAÇÃO DAS ATIVIDADES DA SALA DE RECURSO MULTIFUNCIONAL

Ao chegarmos na sala as professoras não sabiam da nossa visita e elas ficaram surpresas e explicaram que fazem parte da turma alguns alunos autistas e é característica das pessoas que possuem essa síndrome não responderem bem às mudanças e não gostam de muito movimento.

No entanto, passado esse momento de desconforto para todos, as professoras demonstraram seu profissionalismo, contornando a situação e abrindo espaço para que pudéssemos observar o trabalho desenvolvido na sala.

Nesse dia estava sendo realizado as avaliações de algumas disciplinas que



os alunos atendidos tem dificuldades, dentre elas ciências e língua portuguesa.

O atendimento iniciou às 8h, por ser dia de avaliação os alunos foram atendidos individualmente. A prova era de pesquisa devido à dificuldade que eles têm para entender o conteúdo aplicado em sala de aula. A professora Deise<sup>4</sup> relatou que quando o aluno não consegue pesquisar ela o auxilia, a pesquisa é feita na internet utilizando o notebook e também o livro didático, a prova é impressa, pode ser feita a lápis ou a caneta.

Na primeira avaliação o aluno que estava recebendo atendimento, frequenta oitavo ano do ensino fundamental etapa II, ele tem TDH e hiperatividade, devido aos distúrbios apresentam dificuldades em matemática, ortografia, interpretação de texto, e raciocínio lógico.

O procedimento indicado é que os alunos matriculados na sala de recurso façam primeiro a prova na sala regular, o professor corrige e, caso seja necessário, ele encaminha a prova para a professora da sala de recursos, para que a avaliação seja feita novamente.

Observa-se que os alunos que frequentam as salas de recursos têm dificuldades de realizar as provas na sala de aula comum, devido ao tempo previsto para fazer a prova, ansiedade, barulho.

Nas provas os alunos foram orientados a transportar as respostas para o gabarito. Logo após a avaliação, para complementar a carga horária do aluno, a professora aplicou algumas atividades de alfabetização com exercícios de interpretação de texto ortografia auxiliando o em exercícios que o aluno apresenta dificuldade na sala de aula comum.

No intervalo de um aluno para o outro a professora fez um levantamento sobre o funcionamento das salas de recursos, destacou que as salas de recursos são espaços expandidos para a realização do atendimento educacional especializado (AEE).

Atualmente, segundo a professora Deise, a sala de recursos multifuncional do Colégio Estadual atende somente alunos do fundamental 2, mas já foi montado um projeto para iniciar nos próximos anos atendimento aos alunos do Ensino Médio.

As metodologias de ensino aplicadas são de acordo as dificuldades de cada aluno. A professora relatou antes de o aluno ser inserido na sala de recursos, o professor faz um diagnóstico detalhado sobre ele. Realiza uma avaliação do caso com a equipe pedagógica e apresenta o diagnóstico no conselho de classe. Após o

concelho o professor faz um relatório e anexa no diagnóstico, marca uma reunião com os responsáveis, apresenta o caso e convida os familiares para fazer uma consulta com os especialistas na área de saúde. O indicado é um neuropediatra e um psicólogo, que realizarão alguns exames que possam confirmar ou não o diagnóstico feito pela escola e atestar a especificidade de atendimento necessário.

Geralmente esses exames são custeados pelos responsáveis pela criança ou adolescente, porque pelo SUS, de acordo a professora, o processo pode ser feito, mas é demorado. Ela relatou que já houve situações em que a família não tinha recursos financeiros para efetivar as consultas e os exames, e diante da necessidade da criança, a escola fez algumas promoções para coletarem a verba e pagar a consulta.

A situação do diagnóstico no processo educativo é bastante complexa, pela variedade de fatores constantes no processo de aprendizagem, adaptação escolar e fatores de ordem interna: físicos, intelectuais, emocionais e externos diretamente ligados ao meio ambiente. O diagnóstico na educação, acompanhamento dos objetivos educacionais, sempre voltados para o processo de desenvolvimento integral da personalidade do aluno. (RICARDO, 2008, p. 20,21).

A avaliação médica poderá identificar a presença de algum distúrbio ou superdotação/altas habilidades. A professora Deise explicou que crianças ou adolescentes que possuem altas habilidades, não significa que eles apresentam resultados acima da média em todas as áreas do conhecimento. Ou seja, não é em todas as matérias que eles se sobressaem, as dificuldades que existem em outras disciplinas também são trabalhadas na sala de recurso multifuncional.

Os atendimentos são realizados no contra turno e a escola oferece almoço para os alunos que moram longe, facilitando assim o acesso e a permanência nas aulas de ambas as salas. Após o intervalo, chegou o segundo aluno para atendimento. Antes de chegar, a professora Deise nos informou que o mesmo já frequenta a sala de recursos multifuncional a um bom tempo, porém continua por questões de nota baixa e déficit de atenção. Um fator que parece contribuir para isso é que ele não toma os medicamentos corretamente.

Casos como o desse aluno, em que a família não faz o tratamento correto, segundo a professora Deise, é mais comum do que se espera. Principalmente quando percebem que houve algum progresso, suspende a medicação, resultando em mal desempenho na sala de aula (sic).

Consoante as considerações da professora, ações como esta por parte dos pais dificultam o trabalho da escola. Esse é um problema recorrente devido os pais não aceitarem que seus filhos precisam de tratamento e atendimento especializado na sala de recursos multifuncional. Muitas vezes eles acabam desligando (termo usado quando o aluno é retirado ou recebe liberação). Porém, caso o aluno apresente dificuldades novamente, os pais são informados, e se estiverem de comum acordo o aluno retorna para o atendimento especializado.

Quando estão aptos para frequentarem apenas a sala comum, a professora faz um documento de análise e libera o aluno das atividades da sala de recurso. Caso o aluno apresente dificuldades novamente, poderão retornar. Esse procedimento difere das salas especiais, porque nelas se o aluno for retirado pelos pais não poderão retornar.

Observamos o atendimento do segundo aulo do turno, ele teve dificuldades em realizar algumas questões da prova, a professora o ajudou a pesquisar, sanou as suas dúvidas e o assessorou até o termino da prova. Depois a professora indicou algumas atividades no caderno, e orientou como fazer as atividades de ortografia. Essas atividades tinham por objetivo trabalhar palavras, vírgulas sílabas e letras que o aluno troca ao escrevê-la. Ao terminar as atividades de português, ele fez atividades de operações matemáticas.

Nesse dia foram atendidos apenas dois alunos, havia um terceiro agendado, mas não compareceu. Quando o aluno falta, a professora liga para os responsáveis para registrar o motivo da ausência.

Sendo assim, após os atendimentos com tempo disponível a professora fez um relato sobre a sua formação e atuação. Ela tem formação em magistério, administração, graduada em matemática e pós-graduação em educação especial, concursada pelo município de Paranavaí e atualmente atua em sala de Educação Especial, e na SEED atua no curso técnico e na sala de recursos multifuncional.

As metodologias aplicadas são planejadas trimestralmente, correspondendo às expectativas do currículo e distribuídas de acordo os relatórios individuais de cada aluno, visando atender suas necessidades e sanar suas dificuldades.

O planejamento das atividades pedagógicas é um pré-requisito para um bom trabalho em sala de aula. Uma boa organização deve prever que, semanalmente, a coordenadora disponha de um horário de atendimento para cada professor avaliar o planejamento realizado com a turma, orientar e dialogar acerca do processo de ensino-

De acordo a professora muitos alunos têm dificuldades em ortografia, cada caso é observado e registrado em relatórios para que as atividades sejam elaboradas de acordo a dificuldade do aluno.

Para finalizar a professora apresentou as pastas onde são organizadas as atividades de todas as disciplinas, cada pasta correspondente a uma matéria. Tivemos acesso os materiais didáticos e psicopedagógicos e jogos, e aos relatórios dos alunos, planos de aulas e o cronograma das aulas.

As aulas acontecem todas as terças e quintas-feiras, o colégio tem duas salas de recursos e o aluno que não aceita trabalhar em grupo ou não se adapta é atendido individualmente. A hora atividade do professor acontece na última aula.

Por meio dessas observações compreendemos o funcionamento das salas de recurso multifuncional e o quanto é importante e se faz necessário a formação continuada desses profissionais que atuam com esse público-alvo.

A qualificação específica para educação especial capacita o docente ampliando o seu olhar para as necessidades emergentes, no qual elaborar os planos de ação terá uma sensibilidade e responsabilidade na organização de atividades conforme a especificidade de cada aluno, com metodologias específicas que possam estimular o aluno em busca do conhecimento e contribuir para a permanência do aluno no ambiente escolar.

### **3CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluimos que diante da experiência proporcionada, o estágio em OTPGE permitiu uma aproximação dos conteúdos teóricos com a prática, proporcionando um olhar mais amplo como futuras pedagogas, nos fez compreender os ricos processos de atuação na área de organização do trabalho pedagógico e da gestão escolar, nos estimulando na busca de conhecimentos que poderão reverberar em nossa atuação pedagógica no futuro.

O trabalho nos permitiu analisar o funcionamento das salas de recurso multifuncional que atendem o público alvo da educação especial no ensino fundamental etapa 2 e ensino médio.

Foi enfatizado o direito ao acesso à educação escolar comum e especializada para todas as crianças em idade escolar. O atendimento AEE, deve ser feito por

profissionais especializados formados na área multifuncional. A seleção e planejamento de materiais e conteúdo, é feita conforme a necessidade ou tipo de deficiência que cada aluno apresenta.

Os professores da sala comum, em conjunto com a equipe pedagógica e o professor da SRM da escola, analisam e elaboram um parecer sobre as dificuldades que o aluno tem apresentado, a partir dele, a família é informada e solicita-se uma avaliação específica junto ao profissional da área de saúde. Uma vez comprovada a necessidade de atendimento escolar especializado, será desenvolvido um plano de trabalho individualizado, com conteúdo e metodologias nas diversas áreas do conhecimento para que o educando se desenvolva integralmente.

Em nossa análise durante o estágio, observamos que, os profissionais oferecem aos alunos com deficiências ou transtornos possibilidades de participarem das atividades propostas, garantindo uma participação e direitos de aprendizagem igualitários para todos. Podemos concluir que a escola e os educadores estão à disposição de buscar novas soluções para cada tipo de necessidade de seus alunos.

O estágio supervisionado de OTPG é uma matéria essencial para nós discentes do curso de pedagogia, todas essas atividades contribuíram de forma única para uma melhor percepção do trabalho do professor pedagogo, das responsabilidades éticas e das questões da organização do ensino, bem como a rotina e função de um pedagogo nas escolas. Reconhecemos que o estágio supervisionado, trouxe grandes contribuições e que houve grandes resultado para nós, esperamos que tal trabalho continue avançando em qualquer que seja a modalidade para o desenvolvimento dos futuros pedagogos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto n.º 7611/2012, de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 2011.

BRASIL. Conselho da Educação. **Deliberação CEE/PR n.º 02/2016**. Dispõe sobre a sobre Normas para Mobilidade Educação Especial no Sistema Estadual de Ensino do Paraná. Curitiba, 2016.

BRASIL. **Lei nº 13.005, 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e da outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF. 2014.

BRASIL. **Portaria Normativas n.º 13/2007, de 24 de abril de 2007**. Dispõe sobre a criação do Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 2007.

BRASIL. **Resolução n.º 4, de 13 de julho de 2010**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica. Brasília, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação inclusiva**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/222-537011943/65721-ministro-apresenta-panorama-sobre-educacao-especial-e-discute-necessidade-de-atualizacao>. Acesso em: 11 dez. 22.

RICARDO, Julia. **Gestão Escolar como uma estrutura de articulação na qual todos os componentes da organização escolar se integram de forma recíproca**. MonografiaBrasil escola. 2008. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/gestao-escolar-espaco-para-participacao.htm> Acesso em: 5 dez. 2022.

Anais do II Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do curso de  
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí  
13, 14 e 15 de fevereiro de 2023

## **RESUMO SIMPLES**

## **SEGUNDO ANO**



## **A IMPORTÂNCIA DA MUSICALIZAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Hellen Simões dos Santos<sup>79</sup>  
Rita de Cassia Pizoli Oliveira<sup>80</sup>  
Maria Luiza Silva Borniotto<sup>81</sup>

**RESUMO:** Este resumo refere-se a experiência docente obtida ao longo do estágio curricular realizado no CMEI Tia Irene Martos Rocha, articulado pela disciplina de Estágio Supervisionado na Educação Infantil oferecida pelo curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná - Campus Paranavaí. O principal objetivo é compartilhar experiências e conhecimentos aprendidos com os estudos teóricos sobre Educação Infantil e as práticas realizadas durante o estágio no CMEI. O estágio foi planejado por etapas e desenvolvido a partir das aulas teóricas sobre a Educação Infantil que abordavam sobre os conteúdos sobre a função da pré-escola, periodização da Educação Infantil, relação entre cuidar e educar e a organização dos espaços. As etapas aconteceram na seguinte forma: 1) Entrevista com a diretora e a supervisora da creche sobre o histórico do lugar, relação dos alunos, dos professores, da família com a escola e a forma de funcionamento do CMEI; 2) Os três primeiros encontros serviram para observação da rotina, do trabalho da professora e contato e aproximação dos alunos do Infantil IV; 3) O quarto encontro objetivou uma intervenção com dramatização, contação de história e musicalização, a fim de estimular o desenvolvimento da linguagem oral dos alunos segundo sua atividade guia. Trabalhamos com a História "A descoberta da joaninha", utilizando ímãs como fantasias e acessórios; As crianças participavam atentamente e representavam os papéis dos personagens da história; 4) Houve uma intervenção com a organização de espaços coletiva em que todas as estagiárias dirigiam uma determinada atividade para a interação dos alunos, nos dedicamos às atividades motoras e matemáticas envolvendo pescaria; 5) Em um segundo momento, continuamos com as observações, tendo a série trocada, sendo nesse momento os alunos do Berçário II; 5) Durante os primeiros encontros, observa-se a rotina, os alunos e a forma de trabalhar das professoras. Com o fim das visitas o objetivo é documentar os acontecimentos da experiência associando-os à perspectiva teórica estudada anteriormente. Foram discutidos em sala qual é o papel do professor e do aluno quanto à prática na Educação Infantil, quais seriam os encaminhamentos necessários para que realmente ocorra o aprendizado dos conteúdos científicos pelos alunos, quais objetivos a serem alcançados, quais métodos utilizar e como avaliar o aprendizado do aluno. Por fim, o estágio supervisionado é de extrema importância para a formação integral do estudante universitário como profissional da educação, pois, não trata-se apenas de aprender as teorias construídas por grandes pensadores, mas é necessário ver bem de perto como a educação infantil acontece para podermos sintetizar de que forma a teoria interfere na prática pedagógica e

<sup>79</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), e-mail: helensimoesdossantos@hotmail.com.

<sup>80</sup> Professora Doutora em Educação/UEM; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), rita.pizoli@ies.unespar.edu.br.

<sup>81</sup> Professora Doutora em Educação e professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), mariaborniotto@gmail.com.

Anais do II Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do curso de  
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí  
13, 14 e 15 de fevereiro de 2023

como essa prática nos faz compreender a parte teórica integralmentepara construção de um diferencial que nos torna bons profissionais, dispostos a garantir a entrega de uma educação de qualidade para os pequenos alunos que estão em sua formação inicial.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Estágio Supervisionado; Prática Pedagógica;

## **A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO DOS ESPAÇOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A DOCÊNCIA NA PRÁTICA**

CAVALHEIRO, Rute Onofre da Silva<sup>82</sup>

PIZOLI, Rita de Cássia <sup>83</sup>

BORNIOTTO, Maria Luisa da Silva <sup>3</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo apresentar a experiência de estágio supervisionado em Educação Infantil, desenvolvido com as turmas do berçário 1 e 2; maternal 1 e 2; infantil 4 do Centro Municipal de Educação Infantil-CMEI Tia Irene, na cidade de Paranavaí-Paná. O presente estágio foi realizado em três etapas: Na primeira etapa do estágio foi necessário realizar o estudo e o planejamento sobre ações que teriam o intuito de apresentar atividades recreativas em diferentes espaços da escola. Dessa forma, exercemos a organização dos espaços como elemento de interação, autonomia e aprendizagem das crianças. Na segunda etapa, realizamos a produção dos materiais necessários para realização dessa ação e a busca dos conteúdos, objetivos, metodologias e recursos e por fim referências. Na terceira etapa trabalhamos com a atividade do painel e tapete sensorial no espaço externo, esses materiais foram feitos com os seguintes materiais: TNT, algodão, EVA, papel sulfite, casca de lápis de cor, tampa de garrafa PET, zíper, bolinha de isopor, macarrão, botões de flores, areia, tapete, linha de crochê, tecido, elástico, palito de churrasco e palha de aço. O objetivo foi estimular a concentração e a estratégia das crianças utilizando a visão, o tato, a audição e a coordenação motora. Esta atividade explora as emoções e a percepção das crianças por meio de diferentes materiais e amplia sua visão e conhecimento do mundo, bem como estimula o relacionamento com outras crianças estabelecendo relações sociais. Constatamos que a princípio, algumas crianças se interessavam a explorar as texturas e cores contrastantes, com as crianças menores não se percebia muita vontade de exploração ao painel, mas sua atenção se voltava ao tapete que continha elementos de seu interesse. As crianças menores tiravam as tampinhas de garrafa do tapete sensorial e colocavam nos buracos que havia na caixa de ovo. Foi observado também que ao fazer a mediação do nome dos elementos algumas crianças balbuciavam e outras denominavam o nome correspondente de forma fluente, era perceptível a necessidade de contato que as crianças tinham em relação ao novo mundo de componentes integrativas da ação pedagógica. Com as crianças de três anos, quando se fazia a relação das características do componentes sensoriais, as que já conheciam demonstravam boa assimilação como se procedeu com as crianças de dois anos ao fazermos as perguntas: "Isso é macarrão não é?"; "Onde a gente come macarrão?"; "Você já comeu macarrão?"; "Você gosta de macarrão?", perguntas como essas foram feitas às crianças que trouxeram a memórias de algo que já conheciam, mas agora, identificando a textura e ampliando sua visão da própria realidade. As crianças de quatro e cinco anos de idade

---

<sup>82</sup> Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), ruhonofre2442@gmail.com.

<sup>83</sup> Professora Doutora em Educação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), rita.pizoli@ies.unespar.edu.br.

<sup>3</sup> Professora Doutora em Educação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), mariaborniotto@gmail.com.

mostravam pouco interesse ao se depararem com o painel e o tapete sensorial, pois sua fase de desenvolvimento está na etapa da brincadeira de papéis e a atividade de interesse é observar a ação dos adultos e imitar quando se está brincando. Concluindo, podemos constatar que a atuação assertiva do professor na educação infantil é proporcionar espaços onde as crianças possam expandir sua visão cultural como sujeitos. Vimos também a importância da mediação e orientação do professor quanto ao aluno que precisa ser guiado no espaço a ele preparado. Momentos assim, permitem tanto que a criança forme sua personalidade como contribua para a nossa própria formação no processo em atividade de guia e ensino. Ao final desse percurso, constatamos que a prática do estágio atrelada ao estudo teórico refletido, proporciona espaço para que as crianças estejam em atividade de aprendizagem, assim como o estudante estagiário em processo de formação.

**Palavras-chave:** Educação infantil; Estágio; Formação.

## **BRINCADEIRA DE MERCADINHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

SILVA, Mariana Zanelato da<sup>84</sup>

PIZOLI, Rita de Cássia<sup>85</sup>

BORNIOTTO, Maria Luisa da Silva<sup>86</sup>

**RESUMO:** Este resumo refere-se ao relato de experiência da disciplina de Estágio Supervisionado na Educação Infantil, ofertado pela Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, Campus de Paranavaí. Tem como objetivo explanar algumas ações desenvolvidas no decorrer do Estágio Supervisionado em Educação Infantil e as implicações na formação docente. A atividade que foi desenvolvida no segundo bimestre foi a reflexão sobre a organização dos espaços na Educação Infantil. Compreendemos que o espaço é um componente na organização do ensino. Esse espaço, portanto, deve ser pensado considerando quem é a criança e com quem ela se relaciona nesse processo de aprendizagem. Buscando uma perspectiva de sucesso para a aprendizagem, é preciso que a organização deste espaço seja pensada como um ambiente acolhedor e prazeroso para a criança, ou seja, um lugar onde as crianças possam brincar e criar suas brincadeiras sentindo-se estimuladas. Diante disso, foi feito o planejamento e a preparação para a aplicação da atividade. Após estudo da teoria da periodização (Histórico-cultural), compreendemos que a fase de brincadeira de papéis é a fase em que as crianças começam a brincar da brincadeira de faz de conta. Dessa forma, ficamos responsáveis para encontrar os materiais necessários para a brincadeira “Mercadinho”, como: produtos de limpeza, embalagens de bolachas, macarrão, caixas de leite, caixinhas de creme de leite e leite condensado entre outros produtos que se encontra no mercado. Também providenciamos uma caixa registradora de brinquedo e dinheiro de mentira. O espaço utilizado para a brincadeira foi a brinquedoteca do CMEI, foram usadas as prateleiras onde ficam os brinquedos das crianças, e alguns colchonetes. Organizamos uma bancada com os produtos do mercadinho e uma mesa para a máquina registradora. No dia 25/08/2022 foi o dia da intervenção, chegamos no CMEI às 8h00 da manhã, a fim de arrumar os espaços antes das 9h00 que seria a hora das atividades pedagógicas das crianças. A atividade da intervenção começou com as crianças do maternal, crianças de 2 a 3 anos, imaginávamos que com elas a brincadeira seria mais o lúdico, como se elas estivessem ali somente para brincar, sem dar muito crédito aos que eles estavam fazendo ou pegando no mercadinho, mas o desenvolvimento delas na brincadeira nos surpreendeu, umas das meninas pegou uma caixinha de açúcar e olhou para mim e falou: “olha tia, agora eu vou comprar um açúcar”, e realmente era a caixinha de açúcar que ela estava na mão, e depois fez o mesmo com uma caixinha de feijão. Com essa atividade, portanto, tivemos a oportunidade de interagir com aquelas crianças e observar as fases em que elas estavam, e

---

<sup>84</sup> Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), mari.zanelat@gmail.com.

<sup>85</sup> Professora Doutora em Educação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), rita.pizoli@ies.unespar.edu.br.

<sup>86</sup> Professora Doutora em Educação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), mariaborniotto@gmail.com.

como elas se relacionavam com aqueles objetos. Mas o que chamou mais a atenção foi a atitude que elas tiveram com cada uma daquelas atividades. A forma como foi organizado o espaço para elas foi o que mais chamou a atenção durante as atividades, pois as coisinhas do mercado estavam sobre os olhares delas e elas conseguiam pegar os produtos. O que me chamou mais a atenção foi o desenvolvimento da fala das crianças, e o que cada uma delas sabiam sobre o mercado. Dessa forma, organizar brincadeiras de papéis proporciona a comunicação entre as crianças, ampliando seu vocabulário e entendimento do uso social dos objetos. Com as crianças do infantil 4 a atividade foi um sucesso, pois são crianças um pouco maiores, onde elas têm a idade entre 4 a 5 anos. Vale ressaltar que é nessa fase que a criança passa da atividade objetiva manipulatória para a fase da brincadeiras de papéis. A criança, agora, tem a necessidade de vivenciar situações, de explorar os modos de ações. Algumas das crianças demonstram com suas próprias ações o seu desenvolvimento, pois muitas delas souberam utilizar o espaço como se fosse na vida real. Havia um menino que utilizava a máquina registradora como se estivesse no mercado de verdade, e as meninas falavam como se fossem as próprias mães. Considerando esses apontamentos, concluímos que o desenvolvimento da brincadeira de papéis sociais como uma atividade lúdica, é marcada pela ação isolada com determinado objeto, o que consiste na vida da criança e que seu principal significado consiste em brincar de representar o homem, como assumir papel de uma pessoa adulta e de suas funções sociais de trabalho, as meninas nessa fase brincam de fazer comidinhas, de salão de beleza, os meninos brincam de motorista de ônibus e etc. É nessa fase portanto que começamos a perceber a importância do adulto na vida da criança, pois agora na brincadeira de papéis as crianças começam a se inserir em um novo sistema de relações.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Brincadeira de papéis; Estágio Supervisionado.

## **CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COM RECURSOS PROMOVENDO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM NO BERÇÁRIO**

MATOS, Beatriz<sup>87</sup>  
PIZOLI, Rita de Cássia<sup>88</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem o objetivo de refletir sobre a importância da mediação do professor para o desenvolvimento da linguagem oral. Parte das observações realizadas durante o Estágio Supervisionado na Educação Infantil. O problema que moveu a intervenção no estágio emergiu diante das observações de que as crianças passam muito tempo frente às telas, o que poderia ser substituído por contações de histórias, rodas de cantigas e até mesmo o diálogo. Era perceptível notar que as telas participavam do cotidiano das crianças, músicas, desenhos e histórias clássicas eram representadas na televisão durante todas as manhãs. Estudos médicos comprovam que a atenção de crianças na média de 2 a 3 anos são de 4 a 8 minutos de duração, podendo chegar aos 10. Percebemos que quando o limite de tempo que a criança consegue se concentrar quieta e imóvel acabavam, elas corriam pela sala, arrastavam as cadeiras e brincavam de se esconder debaixo das mesas. As crianças que não possuem muito tempo de concentração acabam realizando este "alvorço" na sala de aula, porém, o seu comportamento é intuitivo pois é preciso ter um direcionamento do docente em relação a atenção das crianças. O uso das telas nas creches além de possuir os riscos que a tecnologia carrega, como de atrapalhar o desenvolvimento do cérebro causando dificuldade de concentração, impulsividade, impaciência e confusão mental, também nos faz reconhecer a creche por sua função de guardiã, um lugar onde as crianças ficam protegidas até a chegada dos pais ou responsáveis, causando assim o afastamento do pedagógico e focando apenas no cuidado. Dangió e Martins (2015) afirmam que desde a origem humana o desenvolvimento da linguagem e fala são específicas da comunicação, inicialmente por meio da comunicação emocional direta, criança e adulto, posteriormente com a exploração de objetos e suas essências, e por conseguinte o uso de significações mais complexas. Antes da fala, a criança se comunica com choros, gritos e balbucios. Conforme os meses vão passando (se não houver empecilhos físicos) a fala aos poucos se manifesta na criança por meio dos estímulos oferecidos a ela. E para que ocorra esse desenvolvimento, a relação com o outro é essencial, o professor necessita oferecer um vocabulário enriquecedor aos seus alunos, por meio de cantigas, diálogos ou mediante a contação de história. A atividade guia na fase de desenvolvimento dos bebês, de acordo com a Teoria Histórico-cultural, é a comunicação emocional direta, "o olho no olho" entre professor-aluno. A relação entre o professor aluno é fundamental nesta fase, pois para a criança se comunicar no mundo ela precisa do outro. Durante as observações percebemos que a fala de algumas crianças estava atrasada, a dificuldade de formar palavras simples era visível, dado que no ato de pedir algo as crianças tinham hábito de apontar e não se expressar oralmente. O motivo do planejamento da intervenção

---

<sup>87</sup> Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), beatrizmatos05638@gmail.com.

<sup>88</sup> Professora orientadora Doutora em Educação e membro do Colegiado de Pedagogia (UNESPAR), rita.pizoli@ies.unespar.edu.br.

manifestou-se principalmente depois de analisar as atividades desenvolvidas durante dois dias de observação. No primeiro dia observamos a contação de história do clássico “Três porquinhos” e no outro dia em questão, observamos a contação de história da “Baleia na Banheira” de Susanne Straber. A primeira contação foi transmitida pela televisão, os alunos foram colocados de forma estratégica frente à tela para que sua atenção não fosse desviada do “alvo”. Porém como já citado acima as crianças se distraíam e andavam, olhavam para o lado ou até mesmo falavam com os colegas. Para a história da “Baleia na banheira” a professora fez um círculo com os alunos, trouxe fantoches com os personagens e contou de forma expressiva e gesticulada. Foi perceptível a diferença entre as duas metodologias utilizadas. A professora não precisou chamar atenção dos alunos durante a segunda estratégia, que foi de forma lúdica, envolvente, e com recursos, dessa forma percebemos que a atenção dos mesmos estava voltada para ela. Depois da história, os fantoches com as imagens dos animais foram passados de mão em mão para que os alunos observassem e interagissem com a professora com essa nova descoberta. Então, para a intervenção, planejamos um palco e organizamos as crianças em um círculo como a professora havia feito. A história “Peixinho e o Polvo” foi contada com o uso de fantoches, do peixe e do polvo para que assim, como observamos anteriormente elas pudessem tocar, e descobrir a nomenclatura dos animais. De forma gesticulada e expressiva trabalhamos com a história de amizade de duas espécies marinhas, ampliando o vocabulário das crianças, fazendo com que elas escutassem e ampliassem seus conjuntos de palavras e expressões. Concluímos que o toque é muito importante, que é preciso falar com as crianças e que a tela não proporciona essa experiência, portanto, a tarefa principal do professor nesta fase é se conectar com as emoções dos alunos, percebendo suas individualidades e oportunizando o seu desenvolvimento.

**Palavras-chave:** Educação infantil. Linguagem oral. Berçário.



## **ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A EXPERIÊNCIA DO ENSINO NA LINGUAGEM**

HILÁRIO, Caciane Andrade<sup>89</sup>

PIZOLI, Rita de Cássia<sup>90</sup>

BORNIOTTO, Maria Luísa da Silva<sup>91</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo apresentar a experiência de estágio supervisionado em Educação Infantil, desenvolvido com a turma do Infantil 4 do Centro Municipal de Educação Infantil-CMEI Tia Irene, na cidade de Paranavaí-Paná. Durante o estágio, realizamos primeiramente em sala de aula, estudos e planejamento das atividades propostas para a intervenção no CEMEI. Nossa intervenção aconteceu em 3 etapas, nas quais foram trabalhados a linguagem e sua oralidade na formação das rimas e sua acumulação, sendo tratada com a história "A CASA E SEU DONO". Essa atribuição foi necessária para observarmos qual era a fase de aprendizado que as crianças se encontravam e como seria a interação delas durante o percurso da nossa intervenção. A primeira etapa aconteceu com a apresentação da história com o suporte de alguns materiais didáticos visuais como cartazes, retratando as rimas bem marcadas para que as crianças tivessem o melhor acesso durante a contação. Na segunda etapa, questionamos as crianças com algumas perguntas sobre as palavras com o mesmo som, e se havia conexão e, sobretudo, rimas entre as frases. A terceira etapa, realizamos várias brincadeiras, utilizando pinturas no intuito de proporcionar às crianças criatividade e interação com os colegas. Foi realizada também a brincadeira no espaço fora da sala de aula, onde organizamos as crianças sentadas no chão em círculo com o objetivo de ativar a coordenação motora e atenção. Para isso, utilizamos a canção "CORRE COTIA". O aprendizado da linguagem tem como papel nessa canção, atrair a criança a participar como indivíduo que possa se sentir apto e, com vontade para aprender de forma natural e necessária para o seu desenvolvimento. Podemos perceber com essa intervenção que o trabalho com as rimas apresentou-se imprescindível devido ao interesse que as crianças demonstravam na realização das atividades, brincando e aprendendo ao mesmo tempo as palavras independente de seus significados (CORRÊA; DANGIO, 2016, p. 188). Concluímos com nossa intervenção que as atividades lúdicas propostas neste trabalho como a contação de história e brincadeiras, sendo bem planejadas e mediadas, com objetivos precisos pelo professor, podem tanto proporcionar desenvolvimento e aprendizado às crianças, como contribuir para uma formação docente mais voltada à realidade.

**Palavras-chave:** Educação infantil; Estágio; Formação.

---

<sup>89</sup> Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), Caciane.andrade179@gmail.com.

<sup>90</sup> Professora Doutora em Educação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), rita.pizoli@ies.unespar.edu.br.

<sup>91</sup> Professora Doutora em Educação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), mariaborniotto@gmail.com.

## **EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO: IMPLICAÇÕES PARA A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

DA SILVA, Sabrina Soares<sup>92</sup>  
PIZZOLI, Rita Cássia<sup>93</sup>  
BORNIOOTTO, Maria Luisa da Silva<sup>94</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo explicar as ações desenvolvidas no decorrer do Estágio Supervisionado na Educação Infantil e suas implicações na formação docente. No decorrer do ano foram três observações e intervenções, sendo desenvolvidas em quatro bimestres, sendo elas: Elaboração de um memorial onde apresentamos memórias do nosso processo de formação na educação infantil. Para além da elaboração do memorial, tivemos a leitura e discussão do texto “Quando a creche e a Universidade se encontram: histórias de estágio” (BROERING, 2012), e a realização da visita na instituição: CMEI Tia Irene Rocha Matos. Cabe ressaltar, que no primeiro dia na instituição, fomos recebidas pela equipe pedagógica, e, em roda de conversa realizamos perguntas sobre o campo de estágio. Após alguns dias de observação na sala do Maternal, elaboramos o projeto de intervenção utilizando como objeto a caixa sensorial e a contação de História com dramatização. Utilizamos a História “A descoberta da Joaninha”, com recursos confeccionados especialmente para a dramatização, como roupinhas, fantasias e acessórios. Também trabalhamos com musicalização. Na segunda intervenção, após aprofundamento do conteúdo “Organização dos Espaços como componente do ensino na Educação Infantil” planejamos atividades para explorar os diversos espaços dentro da instituição. Dessa forma, o trabalho desenvolvido com todas as crianças foi Caixa sensorial com frutas, onde foi possível trabalhar os órgãos dos sentidos permitindo a exploração de diversas frutas com texturas, tamanhos, odores e sensações diferentes. De acordo com Magalhães e Lazaretti (2019) o trabalho com atividades desse tipo proporciona mudanças significativas nas funções psíquicas, desenvolvimento da percepção visual, o pensamento e a linguagem por exemplo. Na última intervenção, realizada na turma do Maternal II trabalhamos a oralidade, leitura e escrita, aplicando a contação de história junto com a peça de teatro, utilizando fantoches, sendo contada de forma lúdica a história: “Menina Bonita do Laço de fita”, neste momento os alunos sentaram em círculo e puderam interagir com a contação de história onde possibilitou realizarmos diálogos de forma breve sobre questões raciais e desigualdades, logo após foi feita a pintura do livro onde usamos tinta nas mãos dos alunos para confeccionar os cabelos da “Menina Bonita do Laço de Fita”, para finalizar o processo de intervenção realizamos atividades que possibilitassem aos alunos desenvolvimentos de habilidades como a coordenação motora com brincadeiras.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Estágio Supervisionado; Formação Docente.

---

<sup>92</sup> Sabrina Soares da Silva graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), [sabrinasoares19@hotmail.com](mailto:sabrinasoares19@hotmail.com).

<sup>93</sup> Doutora em educação, professora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí).

<sup>94</sup> Professora Doutora em Educação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), [mariaborniotto@gmail.com](mailto:mariaborniotto@gmail.com).

## **TERCEIRO ANO**

## **A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO DOCENTE NA CONSTRUÇÃO DO ENSINO DA ALFABETIZAÇÃO**

GONÇALVES, Gabriela de Moraes<sup>95</sup>

PAULINO, Nayara Moraes<sup>96</sup>

MÁXIMO, Maria José<sup>97</sup>

**RESUMO:** O presente resumo apresenta as atividades reflexivas e práticas desenvolvidas na disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino da Alfabetização, numa turma do 1º ano do ensino fundamental, na escola campo de estágio, Escola Ayrton Senna da Silva, no qual foram contemplados aspectos referentes à alfabetização. Experiência de suma importância para nosso desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional, pois no decorrer desse percurso formativo tivemos acesso a conhecimentos necessários à nossa formação e atuação. Cabe salientar que o processo de formação docente no estágio supervisionado curricular é essencial para que o acadêmico se envolva com o processo de alfabetização, de modo crítico e reflexivo, diante de temáticas vistas de forma teórica no processo formativo. Condições que colabora para que o professor em formação assuma um perfil de estudo e reflexão, com vista à criação de estratégias metodológicas promotoras de aprendizagem em seu espaço profissional na educação, após conclusão do curso. Frente a essas considerações, este resumo tem como objetivo apresentar as vivências frente ao Ensino de Alfabetização. Na primeira etapa do estágio realizamos uma visita a escola campo de estágio. Na segunda etapa desenvolvemos atividades de observação, participação e aplicação de uma atividade de sondagem de nível de escrita, em um grupo de alunos, para obtermos a experiência prática da teoria estudada na universidade. Com o desenvolvimento das atividades desta etapa pudemos; conhecer os alunos e a professora, criar vínculos, investigar a rotina e a prática da professora da turma estagiada. Na sequência, na terceira etapa, foram desenvolvidas duas regências, para tanto, realizamos o planejamento das aulas, contemplando o conteúdo atribuído pela professora da turma, as orientações da proposta curricular da escola e da professora de estágio. Diante disso, pudemos desenvolver com os alunos métodos e estratégias aprendidas nos estudos e no estágio junto à professora da turma. Aprendemos por intermédio da disciplina e da vivência do estágio, diferentes métodos de alfabetização, mediações que faz os alunos buscarem o aprender, aplicação das propostas do método fônico e, principalmente, identificação dos princípios da concepção histórico-cultural de alfabetização no trabalho educativo, estabelecendo constantemente novos alicerces no campo da alfabetização. As análises alcançadas durante esta sequência do estágio supervisionado salientam para nossa formação elementos importantes para a compreensão do ensino e processo de alfabetização nos anos iniciais, isto é, no quesito complexidade, pois os estudos demonstram que este é um processo complexo, porém essencial na formação do aluno. Sendo assim,

---

<sup>95</sup> Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), gabrielamoraissgl@gmail.com.

<sup>96</sup> Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), nayaramoraiss17@outlook.com.

<sup>97</sup> Mestre em Ensino; Professor orientador e/ou supervisor do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná(UNESPAR/Pvaí), mj.maximo@hotmail.com.

o estágio possibilitou vivências e reflexões entre os conhecimentos teóricos e as práticas desenvolvidas com as crianças em processo de alfabetização, entre estes, conhecermos a realidade da profissão que optamos e a organização do ensino na alfabetização, seus conteúdos e metodologias, visando à aprendizagem do educando em suas inúmeras determinações. Para atuação na área da alfabetização é preciso aplicar metodologias que estimulem os alunos a desenvolver as atividades, pois, sem interesse não haverá apropriação do conteúdo. Para tanto, verificamos nos estudos a proposta do trabalho com diferentes tipos de gêneros textuais, estes permitem contemplar as fases indispensáveis do processo de domínio da língua escrita, a semântica e fonética, possibilitando ao aluno a aprendizagem e desenvolvimento. Concluímos que o estágio na alfabetização contribuiu para nós, futuras professoras, diante da possibilidade do estudo teórico e do contato com a realidade. Entendemos que a possibilidade de vivenciar atividades estudos, planejamento e intervenções numa turma em processo de alfabetização foi uma experiência rica a nós enquanto acadêmicas, assegurou uma bagagem única para nossa carreira docente, vivências que serviram de aprendizado por nós, futuras docentes em alfabetização, compreendemos a essencialidade dos estímulos e métodos que façam que nossos futuros educandos tenham desejo de aprender.

**Palavras-chave:** Estágio Docente. Ensino de Alfabetização. Formação Docente.

## **A INFLUÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOCENTE**

ROCHA, Natalia Ramos<sup>98</sup>

MENDONÇA, Patrícia Silva<sup>99</sup>

Orientadora: RODRIGUES, Adriana Aparecida<sup>100</sup>

**RESUMO:** O estudo tem por objetivo socializar as experiências e aprendizagens adquiridas durante as atividades teóricas e práticas desenvolvidas nas disciplinas de Ensino e Estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Estágio e Metodologia do Ensino da Alfabetização, que compõe o currículo do terceiro ano do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual do Paraná - Campus de Paranavaí. Vale frisar, que tais disciplinas tem como propósito conferir ao acadêmico um primeiro contato com o ambiente escolar, aproximando o graduando da sua futura carreira profissional. Neste relato, daremos destaque as ações desenvolvidas na disciplina de Ensino e Estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental que ocorreram de forma presencial nas turmas do 1º e 4º ano da Escola Municipal Dacia Figueiredo Fortes localizada no município de Paranavaí. Durante esse percurso, as vivências de estágio deu-se por meio das seguintes etapas: a) estudos teóricos sobre o estágio, formação docente e metodologias de ensino; b) observação e participação nos anos iniciais do ensino fundamental; c) elaboração de planos de aulas; d) aplicação de regência; e) elaboração e aplicação de oficina de jogos. Por meio das atividades práticas realizadas durante o estágio supervisionado tivemos a oportunidade de conhecer a docente e os alunos, verificar os recursos didáticos e estratégias utilizadas pela professora e refletir sobre a relação professor e aluno durante o processo de ensino e aprendizagem. Diante desse contexto, percebemos que os alunos conseguiam aprender e interagir melhor por meio das atividades lúdicas, por isso, durante as intervenções, realizamos diversas dinâmicas voltadas para a estimulação da oralidade, leitura e escrita. Sendo assim, conseguimos lidar de uma forma positiva com os alunos, trabalhando as dificuldades individuais e possibilitando que eles conseguissem se desenvolver e suprir suas necessidades. Frente a essas considerações, concluímos que a experiência do estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental nos fez compreender a importância do profissional da educação possuir uma base teórica para saber lidar com os desafios dentro da sala de aula. Assim, o estágio supervisionado influencia na construção de atitudes críticas e reflexivas a respeito do processo de ensino e aprendizagem, proporcionando a construção de atitudes e concepções questionadoras e transformadoras no que se refere ao ensino, portanto, esses foram aprendizados essenciais para a nossa formação enquanto futuras pedagogas.

**Palavras-chave:** Estágio supervisionado; Anos iniciais; Atividades práticas; Experiência.

---

<sup>98</sup> Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), nati.ramos10@hotmail.com.

<sup>99</sup> Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), patriciasilvaa95@gmail.com.

<sup>100</sup> Mestre em ensino; Professor orientador e/ou supervisor do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná(UNESPAR/Pvaí), drikarodrigues66@hotmail.com.

## A TEORIA ACOMPANHA A PRÁTICA

BUENO, Tatiane dos Santos <sup>101</sup>  
MÁXIMO, Maria José <sup>102</sup>

**RESUMO:** O presente resumo visa sintetizar as experiências adquiridas na Disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino da Alfabetização do 3º ano do Curso de Pedagogia. As atividades teórico-prática do estágio, que ocorreram durante o ano letivo de 2022, foram realizadas em duas escolas municipais, por consequência da mudança de período de aula na Universidade, inicialmente na Escola Municipal Santa Terezinha, numa das turmas de Educação infantil 5 de e concluídas na Escola Ayrton Senna da Silva, numa das turmas do 2º ano do ensino fundamental. Nestas modalidades é onde se inicia o processo sistematizado de alfabetização da criança. A principal importância do estágio supervisionado é a aquisição de experiência profissional, da relação entre teoria e prática, pois, durante esse período, a acadêmica pode refletir sobre o conhecimento teórico que adquiriu durante a graduação. Segundo Bianchi (2005), o estágio supervisionado é uma experiência em que o aluno mostra sua criatividade, independência e caráter. Essa etapa lhe proporciona uma oportunidade para perceber se a sua escolha profissional corresponde com sua aptidão técnica. O objetivo do estágio supervisionado é refletir as práticas vivenciadas no campo de estágio a partir dos conhecimentos teóricos, sendo assim, o acadêmico tem a visão de como é a realidade em sala de aula e nos espaços do ambiente escolar, de modo que, o formando, além de ter o contato com o ambiente escolar, terá conhecimento de mais uma das possíveis áreas de atuação do pedagogo, ou ir em busca de outros cursos que possam atender a necessidade do acadêmico. O Estágio Supervisionado voltado a Alfabetização possibilita observar o cotidiano da escola e da turma estagiada, ou seja, permite refletir sobre o processo educacional, e as possíveis soluções para situações-problemas enfrentadas no cotidiano escolar, buscando contextualizar a teoria estudada com a prática docente em sala de aula, verificando as metodologias de ensino utilizadas. O estágio em Alfabetização contribui de forma construtiva e significativa para a formação docente. A pesquisa e as intervenções realizadas nas turmas possibilitaram o contato com as diversas realidades de atuação do professor no espaço estagiado. No decorrer do ano, as atividades do estágio de Alfabetização, seguiram um cronograma preestabelecido. A) Visitas às escolas: B) Caracterização da escola: Educação infantil, Ensino Fundamental. C) Observações: da organização e desenvolvimento das aulas das professoras regentes de sala. D) Intervenções: foram desenvolvidas atividades com os alunos da sala em que estagiamos conforme a professora responsável da disciplina orientou – aplicação da sondagem e ficha de leitura, a fim de verificar o nível de escrita e leitura de um grupo de alunos. E) Planejamentos: de atividades, tanto das intervenções quanto para poder realizar as regências, atividades fundamentadas, nos estudos teóricos. Entre os conteúdos estudados destacamos: História da escrita; Métodos tradicionais; Psicogênese da escrita; Consciência Lexical; Desenvolvimento da Consciência fonológica; a proposta do trabalho com textos no processo alfabetização. Nas regências, dois dias com

<sup>101</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí).

<sup>102</sup> Mestre em Ensino; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), mj.maximo@hotmail.com.

Anais do II Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do curso de  
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí  
13, 14 e 15 de fevereiro de 2023

quatro aulas por dia, colocado em prática os conteúdos solicitados pela professora regente da turma, embasado nos conhecimentos teóricos adquiridos na universidade. Ao concluir esta etapa, podemos verificar, que não existe prática sem teoria, a prática docente acontece através da oportunidade de estagiar, conhecer realidades novas, ter o real contato com o que é ensinar e os elementos envolvidos no processo, o conteúdo, metodologia de ensino e o alunos, e assim podemos ter o prazer de estar tendo a certeza da escolha do curso Pedagogia.

**Palavras-chave:** Estágio; Prática; Alfabetização.



## **AS EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO DA ALFABETIZAÇÃO: OS DESAFIOS DO PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA**

STEINHEUSER, Andressa Buss  
SCHMITZ, Maria Eduarda Rohling  
MÁXIMO, Maria José

**RESUMO:** Este relato é decorrente da experiência do estágio curricular supervisionado da disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino de Alfabetização, do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná - Campus Paranavaí, realizado no decorrer do ano de 2022, em uma Escola Municipal localizada na cidade de Paranavaí. O estágio teve como principal objetivo articular a teoria e a prática sobre o ensino da alfabetização, garantindo novas experiências para nós estudantes. Essas vivências, contribuíram para aprimorar o nosso conhecimento sobre o processo de apropriação da leitura e da escrita, nos mostrando métodos que trazem os alunos como sujeitos ativos neste processo. Durante o percurso deste estágio, realizamos observações e intervenções na turma do 1º ano, onde tivemos a oportunidade de analisar o trabalho desenvolvido nesta turma, e também nos envolvemos ativamente, no desenvolvimento das atividades propostas à turma e com a professora regente. Primeiramente, fomos instruídas a nos apresentarmos à escola na qual iríamos realizar o estágio proposto, através de uma visita formal. Nesta, buscamos a autorização da diretora para a realização do estágio na instituição e já tivemos o primeiro contato com a turma. Neste primeiro contato, com a escola e a turma do 1º ano, fomos muito bem recebidas e já pudemos perceber que esta seria uma ação de estudo importantíssima para nossa formação enquanto professores-alfabetizadores. Após esta formalidade, retornamos à escola em outras datas, durante o ano, para realizarmos as 8 observações propostas pelo cronograma. Nessas observações, tivemos a oportunidade de conhecer: a rotina da sala de aula; os recursos e estratégias utilizados pela professora; a interação dos alunos durante as aulas, que se mostraram sujeitos ativos no processo de aprendizagem; o principal método de alfabetização utilizado pela professora. Durante essas observações, além de analisarmos o que foi citado acima, a professora nos deu a liberdade de auxiliarmos aqueles alunos que possuíam mais dificuldades e, além disso, em uma observação em específico, realizamos a aplicação de uma avaliação diagnóstica, a fim de identificar as hipóteses de escrita de um grupo de 4 alunos da turma, prática fundamentada na psicogênese da língua escrita de Emilia Ferreiro (1999). Essas práticas, contribuíram ainda mais para nossa formação, pois, pudemos interagir com as crianças de maneira ativa. Com o conhecimento da rotina e do perfil destes alunos, para darmos seguimento e concluirmos o estágio, realizamos duas regências com a turma observada para colocarmos tudo aquilo que foi aprendido em prática. Nessas regências, aplicamos dois conteúdos que foram propostos pela professora regente, sendo eles: a letra “s” com som de /z/ e dois s (ss) e produção textual, envolvendo o tema “bichos de estimação”. Com este conteúdo, as crianças foram capazes de compreender que “a escrita apresenta-se como um importante veículo de comunicação e disseminação de ideias e pensamentos” (DANGIÓ; MARTINS, 2015,

p. 216), atingindo assim, o nosso objetivo de ensinar a crianças que a escrita vai além do seu sentido fonético. Diante do que foi relatado, concluímos que este estágio contribuiu de maneira significativa para a nossa formação, assim, nos tornando capazes de assumirmos, futuramente, uma sala de alfabetização e cumprirmos o nosso papel de alfabetizadores, sempre pensando nos alunos como sujeitos ativos no processo de apropriação da leitura e da escrita e dando sentido ao que será ensinado.

**Palavras-chave:** Formação. Novas experiências. Alfabetização. Alunos como sujeitos ativos.

## DA TEORIA A PRÁTICA: ESTÁGIO NA ALFABETIZAÇÃO

PEREIRA, Laura Lucas<sup>103</sup>

PEREIRA, Luiza Lucas<sup>104</sup>

MÁXIMO, Maria José<sup>105</sup>

**RESUMO:** Este resumo refere-se ao relato de experiências na disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino de Alfabetização, ofertado pela Universidade Estadual do Paraná — Unespar, Campus Paranavaí e a instituição campus de estágio, Escola Municipal Cecília Meireles, na turma do 2º ano. Tem como objetivo explicar as ações e reflexões desenvolvidas no decorrer do estágio supervisionado em alfabetização e as implicações na formação docente. O estágio na alfabetização foi organizado e desenvolvido contemplando atividades de observação, planejamento, produção de planos de aulas e recursos pedagógicos, atividades de intervenção e reflexão. Sabendo disso, foram feitas oito observações da turma, a fim de acompanhar o perfil e conhecimento prévio dos alunos, assim como os encaminhamentos metodológicos e os recursos pedagógicos utilizados pela professora no desenvolvimento das aulas, subsídios para as duas regências. Durante o tempo com a turma do 2º ano, foi possível destacar alguns aspectos importantes que podem influenciar na personalidade e envolvimento dos alunos, como a rotina, a relação entre professor e aluno e, principalmente, as intervenções feitas pela regente. Ressaltamos o último fator citado que se mostrou muito significativo em nossa experiência a respeito da elaboração do plano de aula já que, na medida em que a professora ofertava atividades impressas, a produção era escassa ou limitada o que acaba atrapalhando na aprendizagem dado que, de acordo com Dutra (2022), a aprendizagem é consequência de uma relação com a leitura e a escrita. Por conseguinte, na elaboração dos planos para a aplicação da regência buscamos contemplar os eixos: oralidade, leitura e escrita, além da análise linguística. Por influência disso, a regência foi voltada a intervenções que pudessem ser convidativas, mas, de modo indispensável, com significados e necessidades, isto é, expor os alunos a atividades em que os mesmos possam compreender o motivo de estar vinculado ao processo de alfabetização e ser alfabetizado. Podemos afirmar, portanto, que o decurso de alfabetizar possui relação com esferas maiores do que a realização de atividades impressas, mas com organização, produção, leitura e escrita relacionadas a compressão dos fonemas e grafemas, a fim de dar sentido ao que está sendo feito. O que implica a compressão da indissociabilidade das fases semântica e fonética do processo de alfabetização. Contudo, o Estágio Supervisionado na Alfabetização, compete na visualização do que é exposto teoricamente e, grosso modo, visto na realidade e em como essas teorias podem ser adaptadas para o perfil, características, necessidades e lugares diferentes.

**Palavras-chave:** Estágio; Produção; Perfil; Alfabetização.

<sup>103</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), e-mail: lauralucasp@hotmail.com.

<sup>104</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Paranavaí), e-mail: luizap0895@hotmail.com.

<sup>105</sup> Mestre em ensino, Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), mj.maximo@hotmail.com.

## **DESCRIÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DA DISCIPLINA DE METODOLOGIA DO ENSINO DE ALFABETIZAÇÃO**

PEREIRA, Eliane Olivetti<sup>106</sup>  
PASSOS, Taynara da Silva<sup>107</sup>  
MÁXIMO, Maria José<sup>108</sup>

**RESUMO:** O Estágio Supervisionado faz parte do componente curricular do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual do Paraná - Unespar, para a formação docente, cingindo a teoria e a prática em uma relação processual. Deste modo, objetivamos expor, por meio deste relato, as experiências vivenciadas na turma do segundo ano do ensino fundamental na Escola Municipal Dácia Figueiredo Fortes, localizada na cidade de Paranavaí. O estágio realizado no segundo ano ocorreu como parte da disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino da Alfabetização. As atividades no campo ocorreram entre os meses de junho até o mês de novembro do ano de 2022. Efetuamos oito observações, nestas realizamos participações e intervenções, sendo uma delas uma prática de sondagem, desempenhada para identificar o nível de domínio da escrita, aplicada para quatro crianças, prática fundamentada na teoria da Psicogênese da Língua Escrita de Emília Ferreiro. De acordo com este referencial teórico, na sondagem, o professor identifica a hipótese de escrita de seus alunos de forma individualizada, contribuindo no processo de alfabetização, pois, a sondagem ajuda a verificar em que nível a criança se encontra e as causas das dificuldades, sejam na escrita ou na oralidade. Além das observações e participações, realizamos duas regências, como forma de encerramento dos estágios, colocando em prática todas as experiências adquiridas por meio teórico e prático na disciplina de Alfabetização, levando em consideração aspectos que relacionam a semântica e a fonética. A partir do contato com a sala de aula, acabamos definindo alguns aspectos a serem apontados, como: a relação professor e aluno, a atividade de ensino e aprendizagem, as metodologias utilizadas, o contexto social das crianças, entre outros. Aspectos que auxiliaram na mudança de visão a respeito da sala de aula e que nos fizeram enxergar a realidade que muitos profissionais experimentam dentro da instituição de ensino, compreendendo também sobre as inferências de uma boa dinâmica, métodos, currículo e respeito no ambiente educacional. Concluímos, considerando a realidade atual da instituição de ensino, onde realizamos nossa prática, que o papel do professor, além de buscar as melhorias necessárias para sua prática pedagógica dentro da sala de aula, que envolve o domínio do currículo e ação de planejar, é compreender quem é o sujeito do processo, ou seja, quem é a criança e o que precisa ser assegurado para que o aluno venha a aprender, nesta direção o professor precisa se mostrar comprometido com o processo de transmissão do conhecimento sendo atencioso, para que possa, desta forma, motivar o aluno na atividade de ensino. O estágio na alfabetização

---

<sup>106</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), elianeolivetti22@hotmail.com.

<sup>107</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), taynarapassos2015@hotmail.com.

<sup>108</sup> Mestre em ensino; Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), mj.maximo@hotmail.com.

Anais do II Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do curso de  
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí  
13, 14 e 15 de fevereiro de 2023

permitiu, para nós acadêmicas, um momento para colocarmos em prática os conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas, assim, tendo um contato direto com a situação da escola, dos alunos e professores. Com isso, pudemos observar nas aulas os métodos que são aplicados para ensinar as crianças que, por consequência, nos ajudaram no aprimoramento dos conhecimentos para a profissão e realização como profissionais na área da educação.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Ensino; Aprendizagem.

## **ESTÁGIO DE ALFABETIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE DOCÊNCIA NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

SILVA, Cláudia Maciel<sup>109</sup>

MOURA, Maria Natalia Soares<sup>110</sup>

FRANCIOLI, Fátima Aparecida de Souza<sup>111</sup>

**RESUMO:** O presente relato busca apresentar os trabalhos realizados na disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino da Alfabetização composta por uma carga horária de 144 horas teóricas e 100 horas de estágio supervisionado, realizado em uma escola do município de Paranavaí. Em todos os bimestres tivemos os estudos teóricos em sala de aula e o estágio no primeiro ano do ensino fundamental composto pela observação, inferências e regência no final do ano. O estágio na sala do primeiro ano sempre foi organizado de maneira que contemplasse a observação do trabalho da professora regente, a colaboração nas atividades realizadas com as crianças e uma atividade prática referente ao conteúdo teórico estudado no bimestre. O total da carga horária da disciplina foi assim organizada: no primeiro bimestre realizamos um estudo a respeito da história da escrita por meio de leituras norteadoras e um quadro sobre a história da escrita; um estudo dos métodos tradicionais de alfabetização (sintético, analítico e misto) culminando com a análise da cartilha Caminho Suave, baseada no método tradicional de ensino. Além disso, fizemos a primeira parte do estágio supervisionado na sala do 1º ano observando o trabalho da professora regente. O segundo bimestre foi destinado ao estudo do método construtivista e uma atividade com blocos lógicos para verificação desta metodologia como: separar, selecionar, classificar, etc. Ainda neste bimestre estudamos o método fônico, a consciência fonológica e a proposta de alfabetização e letramento. Quanto ao estágio supervisionado na sala do primeiro ano, além da observação fizemos a Sondagem ou Teste Cognitivo para observação dos níveis de desenvolvimento da escrita das crianças (pré- silábico, silábico, silábico alfabético e alfabético) referente ao método construtivista e a aplicação da ficha de leitura para observar os níveis de leitura das crianças, referente ao método fônico. No terceiro bimestre estudamos sobre o ensino das convenções gráficas na alfabetização - direção da escrita, espaçamento e segmentação das palavras, e sinais de pontuação. Para isso, observamos o caderno dos alunos do primeiro ano procurando identificar como se ensina essas convenções gráficas. Outro estudo realizado neste bimestre foi o ensino das relações entre as partes do texto e análise no interior das palavras. Neste caso, analisamos um texto informativo do livro "A Palavra Viva". No quarto e último bimestre as atividades desenvolvidas foram o estudo da BNCC sobre o processo de alfabetização com apresentação de atividades relacionadas ao Campo da Vida Cotidiana. Para finalizar o estágio supervisionado na classe do primeiro ano, fizemos dois dias de regência trabalhando com os conteúdos de linguagem indicados pela professora regente. O estágio supervisionado mostra-se

---

<sup>109</sup> Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), claudiamacielsilva@hotmail.com.

<sup>110</sup> Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), maria.nathalia.2001n@gmail.com.

<sup>111</sup> Professora Dra. do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), fras.francioli@hotmail.com.

de grande importância para os acadêmicos já que podemos vivenciar a prática em sala de aula, guiadas pelos embasamentos teóricos. Diante do fato de uma pos pandemia, tivemos a oportunidade de observar o trabalho pedagógico, intercalando o conteúdo teórico ao conteúdo prático. As experiências vivenciadas ao longo do estágio supervisionado aumentou o desejo de atuar em uma sala de aula. Concluimos que tal experiência, foi excepcional, ou seja, o estágio na sala de alfabetização permitiu a aproximação de conteúdos, metodologias e um olhar mais amplo como docentes e futuras educadoras nos estimulando a buscar novas oportunidades para nosso aprendizado.

**Palavras-chave:** Alfabetização, Estágio supervisionado, Anos iniciais.

## **ESTÁGIO NOS ANOS INICIAS: DESAFIOS E FLEXIBILIDADE PARA FORMAÇÃO DOCENTE**

ANDRADE, Érica Cardoso da Hora<sup>112</sup>

SOUZA, Gabriela Karen de<sup>113</sup>

RODRIGUES, Adriana Aparecida<sup>114</sup>

**RESUMO:** Este relato refere-se à prática de estágio curricular supervisionado para a docência nos anos iniciais do ensino fundamental, do curso de Pedagogia (UNESPAR/Campus Paranavaí). As práticas de estágio foram divididas com as seguintes etapas, sendo elas: a) estudos de conceitos à especificidade da prática docente nos anos iniciais do ensino fundamental; b) escolha da dupla de estágio em sala de aula c) reconhecimento do campo de estágio, no caso a Escola Municipal Dácia Figueiredo Fortes, localizado na no bairro São Jorge em Paranavaí, e entrega do cronograma de estágio da disciplina. Neste cronograma havias as datas exatas de estágio, com observações e participações, regência e aplicação de oficina. d) No dia 03 e 24 de junho, iniciamos as observações e participações com a turma do 3º ano A, dia 01/07 realizamos a nossa primeira regência e no dia 19/08 realizamos com a turma uma oficina de jogos; e) Retomamos os estudos teóricos e logo mais dia 16 e 30 de setembro, engrenamos na segunda etapa de estágios na turma do 4º ano A, nessa turma realizamos duas regências nos dias 21 de outubro e 04 de novembro, encerrando os estágios supervisionados no campo de estágio. Os resultados dessa experiência sintetizam que para a docência nos anos iniciais do ensino fundamental, o professor regente precisa estar muito bem preparado para lidar com os desafios, ou seja, ter flexibilidade com o aluno fora da escola devido problemas estruturais familiares que ultrapassam para dentro do ambiente escolar, criatividade para oferecer elementos que permitam o discente compreender, desenvolver e potencializar sua aprendizagem no período que se encontra para levar para a sua vida social. A relação entre professor e aluno deve ser de confiança e respeito para que as práticas pedagógicas se encaminhem com qualidade, as ações de ensino aprendizagem do professor com o aluno estimula a formação do seu psiquismo para entendimento do conteúdo ofertado. Portanto, o Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, trouxe para nós futuras profissionais na área, uma grande bagagem de conhecimentos que irá ajudar em nossas práticas e métodos, buscando sempre a efetiva aprendizagem dos alunos.

**Palavras-chave:** Desafios; Ensino fundamental; Flexibilidade; Aprendizagem.

---

<sup>112</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), [ericadahoraandrade@gmail.com](mailto:ericadahoraandrade@gmail.com).

<sup>113</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), [gabrielakareen@hotmail.com](mailto:gabrielakareen@hotmail.com).

<sup>114</sup> Graduada em Pedagogia e História (UNESPAR), Doutora em Educação (UEM); Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), [drikarodrigues66@hotmail.com](mailto:drikarodrigues66@hotmail.com).



## RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

MARTELO, Loraine Vitória Mendes<sup>115</sup>

TIBURCIO, Ester Francisca<sup>116</sup>

PERIN, Solange Conceição Bution<sup>117</sup>

**RESUMO:** O presente relato tem como objetivo apresentar os trabalhos desenvolvidos durante o ano letivo de 2022 na disciplina de Ensino e Estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O estágio supervisionado tem como propósito metodológico realizar nos acadêmicos a compreensão dos fundamentos teóricos estudados durante a licenciatura, agregando com a prática pedagógica. O estágio foi desenvolvido em três etapas que foram: observação, participação, realização do plano de aula e regência, resultando na carga horária de 100 horas práticas e 144 horas teóricas. Em vista disso, a disciplina proporcionou para nós, acadêmicas, experiências teóricas e práticas de como acontece a escolarização das crianças nos anos do ensino fundamental I. O estágio supervisionado foi realizado em dupla em uma escola do município de Paranavaí. No 1º semestre realizamos as observações e participações no 4º ano da Escola Municipal Getúlio Vargas. Após a experiência em sala de aula a professora da disciplina de estágio, realizava uma roda de conversa para que pudéssemos refletir sobre a aula observada, a nossa participação com os alunos e sobre a relação do conteúdo trabalhado com a aprendizagem dos alunos. O ponto principal da roda de conversa, era pensar sobre a metodologia aplicada pela professora da aula observada e se a(s) metodologia(s) foram suficientes para que houvesse a aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, no 1º semestre as aulas teóricas foram direcionadas para análise do plano de aula escola, observamos detalhadamente cada aspecto percorrido pelo plano. E após todo a análise fomos para as salas de aula realizar as duas regências no 4º ano. No 2º semestre realizamos mais duas observações e participações na mesma escola, Escola Municipal Getúlio Vargas, porém, na turma do 1º ano. As aulas teóricas foram fundamentadas em autores que tratam sobre o estágio e que nos possibilitava fazer o vínculo com a experiência prática que estávamos realizando na escola. Nas aulas estudamos temáticas diferentes, sobre o que passarmos para nossos alunos quando estivéssemos já em sala de aula, atuando como professoras. Tivemos estudos sobre língua portuguesa, matemática, oficina de como criarmos fantoches e fazermos uma contação de história para as crianças, tivemos também estudo sobre preparação de projetos pedagógicos. No 2º semestre aplicamos as duas regências, em dupla, divididas em 2 dias. Para finalizar essa etapa, apresentamos na sala da graduação as nossas experiências e debates que relacionaram a teoria com a prática. Desse modo, concluímos que a disciplina de estágio supervisionado é importante tanto na teoria quanto na prática, pois visa a formação acadêmica em licenciatura, destacando que a experiência em sala de aula como professoras, o contato com os

---

<sup>115</sup> Graduanda Loraine Vitoria Mendes Martelo do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), lorrainemartello@hotmail.com

<sup>116</sup> Graduanda Ester Francisca Tiburcio do Curso de pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), estertiburcio99@gmail.com

<sup>117</sup> Titulação; Professor orientador e/ou supervisor do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), orientadorousupervisor@email.com.

Anais do II Encontro Integrador do Estágio Supervisionado Curricular do curso de  
Pedagogia da UNESPAR - Campus de Paranavaí  
13, 14 e 15 de fevereiro de 2023

alunos e com suas dificuldades, a observação de uma professora experiente e a metodologia usada, possibilita-nos compreender que a prática sem a teoria não fundamenta a aprendizagem real e necessária para os alunos dos anos iniciais. Isto quer dizer que, pensar a formação intelectual sem a base do pensamento lógico que corresponde com a realidade do dia a dia do aluno, não é possível falar em aprendizagem dos alunos e de formação docente. Finalizamos com o relato de que foi gratificante nos empenharmos para uma boa aula, ver que as crianças puderam entender o que nós estávamos ensinando e presenciar o interesse e a compreensão demonstrados por elas sobre o conteúdo.

**Palavras-chave:** Estágio; Regência; Teoria, Prática.

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO CURRICULAR NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

SILVA, Maria Beatriz Sbrussi<sup>118</sup>  
FRANCIOLI, Fatima Aparecida de Souza<sup>119</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho refere-se a experiência do Estágio Supervisionado Curricular do curso de Pedagogia, direcionado na disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino de Alfabetização. O relato tem como objetivo apresentar as atividades desenvolvidas no decorrer do ano letivo de 2022. Em vista disso, a carga horária da disciplina corresponde a 144 horas de teoria desenvolvidas em sala de aula e 100 horas de estágio cumpridas no primeiro ano do ensino fundamental em uma escola do município de Paranavaí. O estágio, na sala do primeiro ano, foi organizado de maneira que contemplasse momentos de observação do trabalho da professora regente, inferências e regência no final do ano. Conforme o conteúdo teórico estudado em cada bimestre, uma atividade prática era planejada para ser aplicada com os alunos, no intuito de relacionar teoria e prática pedagógica. Dessa forma, o total da carga horária da disciplina foi assim organizado: No primeiro bimestre trabalhamos com a História da Escrita e elaboramos um quadro marcando os períodos do seu desenvolvimento. Além disso, foi proposto o estudo dos métodos de alfabetização tradicionais (sintético, analítico e misto) e a análise da Cartilha Caminho Suave. Neste primeiro bimestre, o estágio na escola municipal foi direcionado para observar o trabalho realizado pela professora regente. No segundo bimestre, estudamos os princípios do método construtivista que culminou com uma oficina a respeito dos Blocos Lógicos, verificando a metodologia desenvolvida pelo construtivismo: selecionar, separar, classificar entre outros. Em seguida, ocorreu o estudo do método fônico, da consciência fonológica e do processo de alfabetização e letramento. Enquanto isso, no estágio supervisionado na sala do 1º ano, aplicamos a Sondagem ou Teste Cognitivo com o intuito de observar os níveis de desenvolvimento da escrita das crianças (pré-silábico, silábico, silábico alfabético e alfabético) referente ao método construtivista. Para observar, na prática, o método fônico, aplicamos a ficha de leitura para constatar os níveis de leitura das crianças. No terceiro bimestre, o foco foi o estudo do ensino das convenções gráficas na alfabetização, com o propósito de identificar nos cadernos das crianças como foi o ensino dessas convenções gráficas (direção da escrita, espaçamento, segmentação das palavras e sinais de pontuação). Ainda neste bimestre, trabalhamos com diferentes gêneros textuais para aprender como se dá o ensino das relações entre as partes do texto e análise no interior das palavras. Os textos fazem parte do livro “A palavra viva”. Nesse momento, no estágio supervisionado, ocorria a observação e colaboração com o trabalho da professora regente. No quarto bimestre realizamos o estudo referente a BNCC sobre o processo de alfabetização com atividades relacionadas ao Campo de Vida Cotidiana. O estágio na sala do primeiro ano foi finalizado com dois dias de regência trabalhando com os conteúdos de linguagem indicados pela professora regente. Portanto, o estágio supervisionado apresenta-se

<sup>118</sup> Graduanda de Maria Beatriz Sbrussi da Silva do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), maria.beatriz.sbrussi@outlook.com

<sup>119</sup> Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí); fatima.francioli@ies.unespar.edu.br

como uma proposta que enrique e complementa a formação acadêmica pois, permite que, através dos embasamentos teóricos estudados, as estudantes do curso de pedagogia vivenciem uma prática que possibilite a aproximação desses conteúdos. Nessa perspectiva, a disciplina possibilita essa articulação entre os encaminhamentos metodológicos e a prática escolar, que contribuem para uma formação docente mais significativa e capacitada, afim de aplanar as noções e ideias reiventando práticas e metodologias a respeito das dificuldades e possibilidades apresentadas em sala de aula. Nesse sentido, nota-se a importância desse momento para a atuação docente das acadêmicas em seu futuro profissional.

**Palavras-chave:** Estágio, Alfabetização, Teoria e Prática, Observação, Regência.

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO- VIVÊNCIAS E CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DOCENTE**

ARDUINI, Ana Beatriz Paiva<sup>120</sup>  
ARAÚJO, Andressa dos Santos<sup>121</sup>  
RODRIGUES, Adriana Aparecida<sup>122</sup>

**RESUMO:** O presente resumo tem como principal objetivo relatar experiências vivenciadas na disciplina de Estágio nos anos iniciais, prática que contribui imensuravelmente para formação no âmbito educacional como futuras pedagogas e/ou professoras. O propósito desse relato pedagógico também se baseia em apresentar as situações frequentadas no decorrer do ano, a fim de expor e contribuir com nossa trajetória. O estágio foi distribuído em quatro observações, três regências e uma oficina nas turmas na Escola Dácia Figueiredo Fortes, em Paranavaí (PR), onde frequentamos duas turmas, sendo elas, 4º ano e 2º ano. Foi possível relacionar especificidades de cada turma e compreender diversas metodologias adotadas pelas professoras regentes, o que contribuiu para a nossa atuação profissional em particular de maneira precisa e eficaz, podemos perceber, durante as observações, como se reajustar enquanto docente em sala de aula, como lidar com uma quantidade avantajada de alunos, como planejar a aula e traçar objetivos de aprendizagem, atribuir o lúdico e introduzir brincadeiras/jogos educativos que correlacionem com o conteúdo a ser trabalhado, de que maneira contribuir com a formação do aluno, a fim de torna-lo um sujeito ativo na sociedade, fora outras diversas contribuições. Primeiramente, observamos a turma do 4º ano, nessa classe aplicamos uma regência e uma oficina, em ambas, abordamos a Matemática. Nossa expectativa era poder trabalhar o conteúdo proposto (frações) de maneira prazerosa e didática, com o propósito de favorecer o conhecimento da turma, assim como a professora regente propôs nas aulas que observamos. Aliando os conhecimentos adquiridos na faculdade com as vivências do estágio nos anos iniciais, propomos um bingo de frações de maneira dinâmica com os alunos, começando pela explicação do que era fração e suas funções, tirando dúvidas, introduzindo exercícios para auxiliar na compreensão do conteúdo, e, por fim, iniciando o bingo das frações. Logo após, realizamos uma oficina com jogos matemáticos, nesse período, a principal intenção era auxiliar em algumas operações matemáticas na qual a turma estava com dificuldade, como por exemplo, dividir e multiplicar, de uma maneira mais dinâmica, divertida e prazerosa. Encaminhando para o encerramento das observações e estágios na turma do 4º ano, fomos em seguida para o 2º ano A, no qual abordamos o sistema monetário com as crianças nos dois dias de regência. Em um deles, propomos um mercado, disponibilizados cédulas de dinheiro impressas em sulfite e levamos alguns itens reais para os alunos comprarem de acordo com a quantia de dinheiro que obtiveram no decorrer da aula, as crianças poderiam comprar geladinho, balas, chicletes e pirulitos. Essa atividade em específico auxiliou para que pudessemos acrescentar a junção de

<sup>120</sup> Graduanda de Maria Beatriz Sbrussi da Silva do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), anabeatrizpaivaarduini@gmail.com.

<sup>121</sup> Graduanda de Maria Beatriz Sbrussi da Silva do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), andressa\_araujo212001@hotmail.com.

<sup>122</sup> Graduada em Pedagogia e História (UNESPAR), Doutora em Educação (UEM); Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), drikarodrigues66@hotmail.com.

um conteúdo trabalho em sala e sua função na vida cotidiana, por esse motivo, a proposta do mercado contribuiu para essa associação, além dos alunos e professora regente demonstrarem muito ânimo com a dinâmica. Em suma, foi extremamente significativo poder atrelar a teoria estudada todos esses anos no curso de Pedagogia com a prática em sala de aula, isso agrega com que tipo de profissionais seremos no meio educacional, estabelecendo em nós, acadêmicas, uma análise crítica das situações que presenciamos de ensino e aprendizagem, tanto na disciplina de estágio supervisionado quanto em todas as outras matérias trabalhadas durante o curso, uma formação que permite ampliar nosso olhar como profissionais e que nos dá condições para nos prepararmos para nossa futura carreira como pedagogas.

**Palavras-chave:** Formação, Vivência, Estágio, Prática, Teoria.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA: ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS

COTTINI, Ana Beatriz Silva<sup>123</sup>  
SOARES, Letycia Medeiros<sup>124</sup>  
RODRIGUES, Adriana Aparecida<sup>125</sup>

**RESUMO:** Este relato apresenta as experiências vivenciadas no estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental. No decorrer das aulas da disciplina podemos perceber a importância do estágio supervisionado para a formação acadêmica, pois o estágio permite que o estudante articule a teoria da sala de aula com a prática do dia-a-dia escolar. É no estágio supervisionado que podemos ver como realmente é a rotina escolar, e durante as observações aprendemos muitas coisas que só a vivência cotidiana em uma sala proporciona. É nas observações que também refletimos sobre a metodologia adotada pelo professor durante as aulas, os recursos utilizados e sua postura em sala de aula. Durante as regências podemos colocar em prática tudo aquilo que aprendemos, recursos, metodologias, atividades e refletir se os alunos gostaram, o que não deu certo e o que podemos melhorar. O estágio foi realizado na Escola Municipal Dácia Figueiredo Fortes, inicialmente com uma turma de 2º ano e posteriormente com o 4º ano. Os estágios acontecem de 15 em 15 dias, sendo que a cada duas visitas de observação e participação, nos futuros docentes aplicamos uma regência. A aula ministrada tinha como conteúdo algo que a professora regente estava trabalhando naquele contexto. Ocorreu também um projeto de oficina matemática, no qual passamos o dia com os alunos aprendendo através de jogos matemáticos, confeccionado por nós docentes. Foram realizadas 4 regências, sendo que 2 no 2º ano e 2 no 4º do ensino fundamental I. Durante este período, foi possível compreender que a escola é um local não só de apropriação cultural, mas é local de produção de cultura, ou seja tudo aquilo que criam dentro da escola passa a ser considerado cultura material escolar, por isso ao pensar nas nossas práticas pedagógicas, devemos considerar a cultura destes alunos, suas características sociais, econômicas, entre outros aspectos. Outro aspecto que nos contribuiu para a nossa formação como docente, foi a relação professor aluno, muitas vezes aquilo que observamos ali, serve como incentivo para não reproduzir algumas práticas pedagógicas. Concluímos que por meio da prática dos estágios supervisionados, passamos por diferentes experiências, por diferentes práticas, considerando estes momentos como processos formativos, como pedagogos, como educadores, como alunos, como seres sociais e culturais, pois o impacto desta experiência, nos orienta no caminho como docentes ou na mudança de rumos as nossas vidas.

**Palavras-chave:** Estágio, Vivências, Observação, Metodologia.

---

<sup>123</sup> Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), cottinianabeatriz@gmail.com.

<sup>124</sup> Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), Letyciamedeiros45@gmail.com.

<sup>125</sup> Graduada em Pedagogia e História (UNESPAR), Doutora em Educação (UEM); Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), drikarodrigues66@hotmail.com.

## **RELATO DOS ESTUDOS REALIZADOS NA DISCIPLINA DE ESTÁGIO E METODOLOGIA DO ENSINO DE ALFABETIZAÇÃO**

ALBUQUERQUE, Tatiane Martins<sup>126</sup>

BARBOSA, Leyla de Araújo<sup>127</sup>

FRANCO, Sthefanye Evangelista<sup>128</sup>

FRANCIOLI, Fátima Aparecida de Souza<sup>129</sup>

**RESUMO:** Este relato tem por finalidade descrever o que estudamos na disciplina de Estágio e Metodologia do Ensino de Alfabetização, referente ao ano letivo de 2022 no 3º ano do curso de Pedagogia, retratando nossas experiências no campo de estágio supervisionado na sala do primeiro ano de uma escola municipal. A carga horária da disciplina corresponde a 144 horas de teoria desenvolvidas em sala de aula e 100 horas de estágio cumpridos na escola. O estágio, na sala do primeiro ano, foi organizado de maneira que contemplasse momentos de observação do trabalho da professora regente, inferências e regência no final do ano. Conforme o conteúdo teórico estudado em cada bimestre, uma atividade prática era planejada para ser aplicada com os alunos, no intuito de relacionar teoria e prática pedagógica. Dessa forma, o total da carga horária da disciplina foi assim organizado: No primeiro bimestre estudamos a História da Escrita e elaboramos um quadro marcando os períodos do seu desenvolvimento. Em seguida, estudamos sobre Métodos Tradicionais de Alfabetização (sintético, analítico e misto) finalizando com a análise da Cartilha Suave, o que permitiu compreender o processo sócio histórico da construção da escrita, seus fundamentos e conceitos, observando a prática docente nas salas do 1º ano do ensino fundamental. Neste primeiro bimestre, o estágio na escola municipal foi direcionado para observar o trabalho realizado pela professora regente. No segundo bimestre, estudamos os princípios do método construtivista que culminou com uma oficina a respeito dos Blocos Lógicos, verificando a metodologia desenvolvida pelo construtivismo: selecionar, separar, classificar entre outros. Em seguida, ocorreu o estudo do método fônico, da consciência fonológica e do processo de alfabetização e letramento. No estágio, na sala do primeiro ano, aplicamos a Sondagem ou Teste Cognitivo, para observar os níveis de desenvolvimento da escrita e leitura das crianças. Em relação ao método fônico, aplicamos a ficha de leitura para constatar os níveis de leitura dos alunos. O terceiro bimestre, foi destinado ao estudo das Convenções gráficas (direção da escrita, espaçamento, segmentação das palavras e sinais de pontuação), cujo objetivo era o de identificar, nos cadernos das crianças, como foi o ensino das convenções gráficas. Em seguida, estudamos como identificar em um gênero textual, a análise das relações entre as partes do texto e análise das relações no interior das palavras. O gênero escolhido foi um texto informativo da obra “A Palavra Viva”. Por fim, no

---

<sup>126</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), tatianepietro13@gmail.com

<sup>127</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), pedagogialeyla@gmail.com

<sup>128</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), sthefanyefranco@gmail.com

<sup>129</sup> Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), fatima.francioli@ies.unespar.edu.br



quarto bimestre, realizamos o estudo da BNCC sobre o processo de alfabetização com apresentação de atividades relacionadas ao Campo da Vida Cotidiana. Observamos que o conceito de competência, adotado pela BNCC, marca a discussão pedagógica e social das últimas décadas inferido no texto da LDB. Concluimos o estágio com dois dias de regência trabalhando com os conteúdos de linguagem indicados pela professora regente. Diante das observações, inferências e regência, foi possível equiparar teoria e práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, compreendendo, desse modo, como se dá os níveis de desenvolvimento da criança, sua consciência fonológica, a alfabetização e letramento. No decorrer de todo o processo, no que tange a vivência de estágio supervisionado no primeiro ano, concluimos que há uma latente necessidade de planejamento, formação continuada, e conhecimento acerca dessas metodologias, devido ao fato de que cada aluno tem um nível de desenvolvimento. Sendo assim, o professor deve segmentar suas aulas e proporcionar os conteúdos de acordo com as necessidades de seus alunos, levando em conta o contexto social ao qual estão inseridos, bem como suas necessidades específicas.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Observação; Teoria e prática; Ensino e aprendizagem.

## **VIVÊNCIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL: CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOCENTE**

CONCEIÇÃO, Flávia Rodrigues<sup>130</sup>  
MIRANDA, Pérola Pires<sup>131</sup>  
RODRIGUES, Adriana Aparecida<sup>132</sup>

**RESUMO:** Este resumo refere-se a um relato de experiência desenvolvido na disciplina curricular de Ensino e Estágio nos anos Iniciais do Ensino Fundamental, no terceiro ano do curso de Pedagogia, oferecido pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar), campus de Paranavaí. Segundo, Pimeta e Lima (2005), o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social, no qual se desenvolvem as práticas educativas. Para isso o objetivo deste, é socializar as experiências adquiridas por meio do elo entre teoria e prática fornecida pela disciplina. O estágio contemplou estudos que nos trouxeram conhecimentos a respeito dos anos iniciais do Ensino Fundamental de forma teórica e prática por meio de vivências na Escola Municipal Dácia Figueiredo Fortes. Neste sentido, o estágio supervisionado nos proporcionou momentos destinados a estudo teórico; observação e participação em sala de aula; pesquisas metodológicas e elaboração de planos de aula e atuação prática em sala de aula. Nosso primeiro contato com o campo de estágio ocorreu por meio de observações participativas realizadas nas aulas da turma do 3º ano, na qual, tivemos a experiência pedagógica também por meio de uma regência e a união entre o lúdico e o conhecimento por meio de uma oficina de jogos pedagógicos relacionados aos conteúdos de língua portuguesa dispostos nos documentos legais que nos orientaram como a Base Nacional Comum Curricular e o Referencial Curricular de Paranavaí. No segundo momento nossa experiência foi direcionada a sala do Infantil V, onde realizamos duas observações participativas e propomos encaminhamentos metodológicos práticos por meio de duas regências. Estas vivências nos aproximaram com a realidade de uma escola de periferia, visto que por meio dela foi possível conviver e observar o processo de ensino e aprendizagem, ou seja, nos aproximar da educação enxergando por uma perspectiva do aluno e do professor. Contudo, o estágio supervisionado nos aproximou do conhecimento prático a respeito dos anos iniciais do Ensino Fundamental enquanto fase da Educação Básica essencial do processo de alfabetização e letramento. Ademais, pelo estágio adquirimos o conhecimento sobre a prática docente e vivenciar esta realidade nos permite uma reflexão sobre nossa possível atuação enquanto profissional. Neste sentido, aproximamo-nos da atuação prática reconhecendo a importância dessa etapa da educação básica, ampliando nosso conhecimento científico a respeito da mesma.

**Palavras-chave:** Ensino Fundamental, Vivências, Estágio Curricular, Processo.

---

<sup>130</sup> Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), flavsss55r@gmail.com.

<sup>131</sup> Graduando(a) do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), perolamiranda2001@gmail.com.

<sup>132</sup> Graduada em Pedagogia e História (UNESPAR), Doutora em Educação (UEM); Professora orientadora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Pvaí), drikarodrigues66@hotmail.com.